



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

Património Cultural como recurso educativo: Estudo com crianças do 1º ano de escolaridade

Helena Isabel Osório Pinto Bernardo Mesquita



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Helena Isabel Osório Pinto Bernardo Mesquita

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

Património Cultural como recurso educativo: estudo com crianças do 1º ano de escolaridade

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Gonçalo Nuno Ramos Maia Marques

novembro de 2019

Trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico intitulado: "Alto Minho Cultural Heritage Supported by New Media", com referência NORTE-01-0145-FEDER-024177 | Promotor: Instituto Politécnico de Viana do Castelo.



1 Agradecimentos

“Cada sonho que você deixa para trás, é um pedaço do futuro que deixa de existir.” (Steve Jobs)

O presente relatório trata-se de um culminar de um ciclo de estudo, ciclo este que requereu muito esforço, muita dedicação, um ciclo que teve como finalidade a concretização de um sonho de criança. Certo é que este percurso não teria sido tão risonho se não tivesse tido as pessoas fantásticas que tive sempre do meu lado. Não poderia então deixar passar este momento sem um agradecimento do fundo do coração. Chegou a hora de agradecer, é neste momento que as palavras começam a falhar e as lágrimas teimam em cair.

Quero agradecer ao professor doutor Gonçalo Marques, o meu orientador que desde o início confiou em mim e nas minhas capacidades, mesmo quando eu já não acreditava, pela transmissão da sua sabedoria ao longo deste ciclo de estudo, pelas palavras de incentivo e por a grande transmissão de valores, do que é ser um excelente professor.

A todos os docentes da prática de ensino supervisionada, em especial à professora doutora Joana Oliveira, e à professora doutora Ana Raquel Aguiar, por todas as palavras de incentivo e todo o carinho demonstrado.

Agradeço também aqueles a quem devo tudo, os meus pais, Fernando e Maria João, sem eles nada disto seria possível, sem eles nunca conseguiria realizar o meu grande sonho. Obrigada de coração por os seres humanos lindos que são e por os valores que sempre me transmitiram. Obrigada por terem dado o melhor de vocês, obrigada por todo o carinho e toda a dedicação.

Ao meu amor Pedro, companheiro de todas as horas, o meu conselheiro. Aquele que amparou todas as minhas quedas, que secou as minhas lágrimas, que sempre acreditou que eu conseguia, quando eu já não acreditava mais e nunca me deixou desistir, foi ele o meu braço direito e esquerdo em todas as ocasiões. Obrigada por toda a paciência, por todas as horas dispensadas. Obrigada por me fazeres lutar por os meus objetivos.

Ao Leonardo, o meu irmão, aquele que sei que em qualquer circunstância estará sempre do meu lado e orgulhoso do meu percurso. Aos meus primos João e Sérgio, que também eles são como irmãos e também estes estão orgulhosos daquilo que eu consegui alcançar.

Às minhas princesas Margarida e Leonor, dois dos grandes amores da minha vida. Que mesmo sem terem consciência de tal com os seus beijinhos e abraços davam força para eu continuar a lutar por o meu grande sonho.

Aos meus queridos tios, por todo o carinho demonstrado e por sempre me tratarem como uma filha e por a vossa preocupação. Em especial, às minhas “mães de coração”, as minhas tias “la” e Anabela, por o amor que sempre demonstraram por mim, sei que estão orgulhosas do meu percurso. Também ao meu tio Tó e à minha tia Paula, (tios do coração) sempre que precisava de algum material, eles davam a volta ao mundo para os conseguir arranjar.

Ao velhinho do meu coração, o meu avô João, que quando o final do ano letivo se aproximava, perguntava sempre quando era a última vez que ia para Viana. E agora na reta final a pergunta dele era, quando esta investigação estava pronta. Meu velhinho, a “tese” está pronta!

À Marta, a minha eterna companheira de casa durante estes cinco anos em Viana do Castelo, que tantas e tantas vezes dispensou do seu “sono de beleza” para me ajudar nos trabalhos manuais.

À professora cooperante por todo o carinho, e transmissão de sabedoria no decorrer deste ciclo. Aos pais e aos alunos com quem tive a oportunidade de me cruzar.

Por último, mas não menos importante, dedico este trabalho às minhas duas estrelinhas, que estejam onde estiverem sei que estão orgulhosos da menina deles. A minha querida avó Fernanda e o meu avô Cesário.

A todos um grande obrigada!

2 Resumo

O presente relatório desenvolveu-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, numa turma do pré-escolar ao longo de 15 semanas e numa turma do 1º ano de escolaridade, ao longo de 14 semanas. O relatório apresenta-se dividido em três partes essenciais, ou seja, a primeira parte diz respeito à descrição dos dois contextos educativos, aqui são expostas as diversas áreas e conteúdos programáticos que foram implementados. Numa segunda parte, é apresentado o projeto de investigação desenvolvido e a terceira e última parte, diz respeito a uma reflexão acerca das práticas de ensino supervisionadas tanto em contexto Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O estudo surgiu através de um projeto realizado por o Instituto Politécnico de Viana do Castelo em parceria como Instituto Politécnico de Bragança – intitulado “Novos Media ao serviço do Património Cultural do Alto Minho” (NMSPCAM), financiado pela FCT – em que os dois institutos realizaram atividades conjuntas de experimentação dos novos media como recurso educativo, sendo este estudo parte integrante da componente empírica e experiencial desse mesmo projeto. O estudo centrou-se, fundamentalmente, na área científico-pedagógica do Estudo do Meio Social e contou com a colaboração de 24 crianças. Apontando para o paradigma interpretativo, as opções metodológicas do presente estudo têm por base uma metodologia de investigação qualitativa, com base numa perspetiva exploratória. A recolha dos dados desta investigação foi realizada com base numa observação naturalista e participante, registos audiovisuais, questionários, entrevistas e documentos dos alunos. Para realizar a análise de dados, foram definidas diversas categorias e diversos descritores de forma a conseguir avaliar a formação cultural dos alunos e o envolvimento no projeto.

Os resultados obtidos na investigação demonstram que os alunos, apesar da sua tenra idade, já vão conhecendo o Património Histórico e Cultural Vianense e mesmo que, por vezes, não saibam o nome, conseguem identificar o local onde determinado monumento se localiza.

Palavras Chave: Novos Media, Património do Alto Minho, Educação Histórica e Patrimonial

3 Abstract

This report was developed within the scope of Supervised Teaching Practice II (PES II), the Pre-School Education and Elementary School Teaching, in a class of pre-school over 15 weeks and in a 1st grade class over 14 weeks.

The report is divided into three essential parts, that is, the first part concerns the description of the two educational contexts, which exposes the various areas and syllabus that have been implemented. In the second part, we present the research project developed and the third and last part, concerns a reflection on supervised teaching practices in both preschool and elementary school. The study came about through a project carried out by the Polytechnic Institute of Viana do Castelo in partnership with the Polytechnic Institute of Bragança - entitled "New Media serving the Alto Minho Cultural Heritage" (NMSPCAM), funded by the FCT - in which the two institutes conducted joint activities of experimentation of the new media as an educational resource, this study being an integral part of the empirical and experiential component of this same project. The study focused mainly on the scientific-pedagogical area of the Study of the Social Environment and had the collaboration of 24 children. Pointing to the interpretative paradigm, the methodological options of the present study are based on a qualitative research methodology, based on an exploratory perspective. The data collection for this research was based on naturalistic and participant observation, audiovisual recordings, questionnaires, interviews and student documents. To perform the data analysis, several categories and several descriptors were defined in order to be able to evaluate the students' cultural background and involvement in the project. The results of the research show that students, despite their young age, already know the Vianense Historical and Cultural Heritage and even if they sometimes do not know the name, can identify the place where a particular monument is located.

Key words: New Media, Alto Minho Heritage, Historical and Heritage Education

Índice

1	Agradecimentos	i
2	Resumo.....	iii
3	Abstract	iv
1.	Introdução.....	1
2.	CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	3
2.1	Caraterização contexto 1	4
2.1.1	Caraterização do meio local	4
2.1.2	Caraterização do Agrupamento/Jardim de Infância	4
2.1.3	Caraterização da sala e rotinas diárias.....	5
2.1.4	Caraterização do grupo	6
2.1.5	Percurso da intervenção e educativa no Pré-Escolar.....	8
2.1.6	Projeto de Empreendedorismo.....	13
2.2	Caraterização do contexto 2	15
2.2.2	Caraterização do meio local	15
2.2.3	Caraterização do Agrupamento/Escolas	16
2.2.4	Caraterização da sala de aula e horário escolar.....	17
2.2.5	Caraterização da turma	19
2.2.6	Percurso da intervenção e educativa no 1º CEB.....	20
2.2.7	Áreas de Intervenção	21
3.	CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO	25
3.1	Trabalho de investigação	26
3.1.1	Orientação para o problema	26
3.1.2	Problema e questões orientadoras.....	27
4.	Fundamentação teórica	29
4.1	A importância dos novos média na aprendizagem	29
4.2	Nativos Digitais.....	40
4.3	Educação Histórica e Patrimonial no 1ºCEB.....	48
5.	Metodologia	58
5.1	Opções metodológicas	58
5.2	Construtivismo	60
5.3	Aula oficina.....	62
5.4	Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	63
5.5	Observação.....	65

5.6	Registos audiovisuais	67
5.7	Desenhos dos alunos.....	67
5.8	Questionários	72
5.9	Entrevista	72
5.10	Participantes.....	73
6.	Intervenção Educativa.....	74
7.	Procedimentos de Análise de dados	74
7.1	Calendarização do Estudo	75
8.	Apresentação e análise de dados.....	77
9.	Reflexão das atividades.....	101
9.1	Atividade 1: Quiz- “Quem quer ser mais vianense?”	101
9.1.1	Reflexão sobre a exploração da atividade	101
9.1.2	Análise da atividade	102
10.	Atividade 2: “À descoberta de Viana do Castelo”	106
10.1	Reflexão sobre a exploração da atividade	106
10.2	Análise da atividade	108
11.	Atividade 3: “ViAna História de Viana do Castelo em Banda Desenhada”	112
11.1	Reflexão da exploração da atividade	112
11.2	Análise da atividade:	113
12.	Análise dos desenhos dos alunos.....	116
12.1	Análise da 1ª aula de investigação “Quiz”	116
12.2	Análise desenhos sessão de videomapping	125
12.3	Análise da 2ª aula de investigação “À descoberta de Viana do Castelo”	131
12.4	Análise da 3ª aula de investigação	138
13.	Entrevista à Professora Cooperante	145
13.1	Análise da entrevista	146
14.	Conclusões.....	148
14.1	Limitações do estudo e recomendações para futuras intervenções	152
15.	CAPÍTULO III- REFLEXÃO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	153
15.1	Reflexão final da PES	154
16.	Bibliografia	159
17.	Anexos.....	163
17.1	Anexo 1- Carta à AO NORTE	163
17.2	Anexo 2- livro	164

17.3	Anexo 3: autorização encarregados de educação	180
17.4	Anexo 4: questionário uso das tecnologias educativas em contexto (s) pedagógico (s).....	181
17.5	Anexo 5: O que sabes sobre o Património Cultural?	183
17.6	Anexo 6: Literacia Patrimonial Local e os Novos Media	186
17.7	Anexo 7: Reflexos da aprendizagem usando novos media	189
17.8	Anexo 8: Desenho aluno A.E	191
17.9	Anexo 9: Desenho aluno B.R	191
17.10	Anexo 10: Desenho da aluna C.S.....	192
17.11	Anexo 11: Desenho aluno D.T	192
17.12	Anexo 12: Desenho do aluno D.R.....	193
17.13	Anexo 13: Desenho aluno E.Q.....	193
17.14	Anexo 14: Desenho da aluna F.G	194
17.15	Anexo 15: Desenho do aluno G.R.....	194
17.16	Anexo 16: Desenho do aluno H.S	195
17.17	Anexo 17: Desenho da aluna I.V	195
17.18	Anexo 18: Desenho do aluno I.G	196
17.19	Anexo 19: Desenho do aluno J.P	196
17.20	Anexo 20: Desenho da aluna L.I	197
17.21	Anexo 21: Desenho da aluna L.R.....	197
17.22	Anexo 22: Desenho da aluna L.B.....	198
17.23	Anexo 23: Desenho da aluna L.C	198
17.24	Anexo 24: Desenho da aluna L.P	199
17.25	Anexo 25: Desenho do aluno M.V.....	199
17.26	Anexo 26: Desenho da aluna M.F.....	200
17.27	Anexo 27: Desenho do aluno M.C.....	200
17.28	Anexo 28: Desenho do aluno M.P	201
17.29	Anexo 29: Desenho do aluno P.M.....	201
17.30	Anexo 30: Desenho do aluno R.F	202
17.31	Anexo 31: Desenho do aluno T.B	202
17.32	Anexo 32: Desenho do aluno D.T.....	203
17.33	Anexo 33: Desenho do aluno L.I.....	203
17.34	Anexo 34: Desenho do aluno M.P	204
17.35	Anexo 35: Desenho do aluno R.F	204
17.36	Anexo 36: Desenho do aluno A.E	205

17.37	Anexo 37: Desenho do aluno B.R.....	205
17.38	Anexo 38: Desenho da aluna C.S.....	206
17.39	Anexo 39: Desenho do aluno D.T.....	206
17.40	Anexo 40: Desenho da aluna D.R.....	207
17.41	Anexo 41: Desenho do aluno E.Q.....	207
17.42	Anexo 42: Desenho da aluna F.G.....	208
17.43	Anexo 43: Desenho do aluno G.R.....	208
17.44	Anexo 44: Desenho da aluna H.S.....	209
17.45	Anexo 45: Desenho da aluna I.V.....	209
17.46	Anexo 46: Desenho do aluno I.G.....	210
17.47	Anexo 47: Desenho do aluno J.P.....	210
17.48	Anexo 48: Desenho da aluna L.I.....	211
17.49	Anexo 49: Desenho da aluna L.R.....	211
17.50	Anexo 50: Desenho da aluna L.B.....	212
17.51	Anexo 51: Desenho da aluna L.C.....	212
17.52	Anexo 52: Desenho da aluna L.P.....	213
17.53	Anexo 53: Desenho do aluno M.V.....	213
17.54	Anexo 54: Desenho da aluna M.F.....	214
17.55	Anexo 55: Desenho do aluno M.C.....	214
17.56	Anexo 56: Desenho do aluno M.P.....	215
17.57	Anexo 57: Desenho do aluno P.M.....	215
17.58	Anexo 58: Desenho do aluno R.F.....	216
17.59	Anexo 59: Desenho do aluno T.B.....	216
17.60	Anexo 60: Desenho do aluno A.E.....	217
17.61	Anexo 61: Desenho do aluno B.R.....	217
17.62	Anexo 62: Desenho da aluna C.S.....	218
17.63	Anexo 63: Desenho do aluno D.T.....	218
17.64	Anexo 64: Desenho da aluna D.R.....	219
17.65	Anexo 65: Desenho do aluno E.Q.....	219
17.66	Anexo 66: Desenho da aluna F.G.....	220
17.67	Anexo 67: Desenho do aluno G.R.....	220
17.68	Anexo 68: Desenho da aluna H.S.....	221
17.69	Anexo 69: Desenho da aluna I.V.....	221
17.70	Anexo 70: Desenho do aluno I.G.....	222

17.71	Anexo 71: Desenho do aluno J.P	222
17.72	Anexo 72: Desenho da aluna L.I	223
17.73	Anexo 73: Desenho da aluna L.R	223
17.74	Anexo 74: Desenho da aluna L.B	224
17.75	Anexo 75: Desenho da aluna L.C	224
17.76	Anexo 76: Desenho da aluna L.P	225
17.77	Anexo 77: Desenho do aluno M.V	225
17.78	Anexo 78: Desenho da aluna M.F	226
17.79	Anexo 79: Desenho do aluno M.C	226
17.80	Anexo 80: Desenho do aluno M.P	227
17.81	Anexo 81: Desenho do aluno P.M	227
17.82	Anexo 82: Desenho do aluno R.F	228
17.83	Anexo 83: Desenho do aluno T.B	228
17.84	Anexo 84: Guião de entrevista à professora cooperante	229
17.85	Anexo 95: Respostas da professora cooperante	230
17.86	Anexo 96: Exemplo de planificação	232

Índice de figuras

Figura 1: Máquina de pequenar	14
Figura 2: Horário da turma	18
Figura 3: Construção da Identidade	54
Figura 4: Gráfico de percentagem de idade dos alunos.....	77
Figura 5: Gráfico de percentagem de sexo dos alunos.....	77
Figura 6: Gráfico materiais tecnológicos que existiam na sala de aula.....	78
Figura 7: Gráfico de uso dos materiais.....	78
Figura 8: Gráficos diapositivos tecnológicos que os alunos tinham em casa.....	79
Figura 9: Gráfico como utilizavam os materiais.....	80
Figura 10: Gráfico de percentagem se os alunos consideravam importante o uso das novas tecnologias.....	80
Figura 11: Gráfico de percentagem como os alunos achavam que as tecnologias podem ajudar a aprender.....	81
Figura 12: Gráfico de percentagem identificação do templo de Santa Luzia.....	82
Figura 13: Templo de Santa Luzia.....	82
Figura 14: Gráfico identificar Misericórdia.....	83
Figura 15: Misericórdia de Viana do Castelo.....	84
Figura 16: Gráfico identificar Sé Catedral de Viana do Castelo.....	84
Figura 17: Sé Catedral de Viana do Castelo.....	85
Figura 18: Gráfico identificar estátua Caramuru.....	85
Figura 19: Estátua Caramuru.....	86

Figura 20: Gráfico identificar Navio Gil Eannes.....	86
Figura 21: Navio Gil Eannes.....	87
Figura 22: Gráfico identificar Hospital Velho.....	87
Figura 23: Hospital Velho.....	88
Figura 24: Gráfico identificar Forte de São Tiago da Barra.....	89
Figura 25: São Tiago da Barra.....	89
Figura 26: Gráfico identificar monumentos que os alunos conhecem.....	90
Figura 27: Gráfico identificar lendas de Viana do Castelo.....	91
Figura 28: Gráfico identificar conhecimento e valorização do património histórico.....	91
Figura 29: Gráfico identificar onde os alunos adquiriram conhecimento sobre a história e o património do alto Minho.....	93
Figura 30: Gráfico identificar fontes que utilizavam para aprender sobre história e património.....	94
Figura 31: Gráfico identificar as aprendizagens que os alunos poderiam retirar do jogo.....	95
Figura 32: Gráfico de percentagem identificar o gosto por Estudo do Meio.....	95
Figura 33: Gráfico identificar razão pelo gosto do Estudo do meio.....	96
Figura 34: Gráfico identificar como os jogos digitais podem fazer interessar mais os alunos por Estudo do meio.....	96
Figura 35: Gráfico identificar que aprendizagens retiraram do jogo digital.....	98
Figura 36: A responder no Quiz.....	100
Figura 37: Apresentação de diferentes peças do traje vianense pela investigadora.....	103
Figura 38: Apresentação de diferentes peças do traje vianense pela investigadora.....	103

Figura 39: Aluno a jogar.....	105
Figura 40: Aluno no jogo.....	105
Figura 41: Aluno a concluir o jogo.....	106
Figura 42: Exploração da obra de Banda Desenhada “À Descoberta de ViAna do Castelo”	111
Figura 43: Exploração da obra de Banda Desenhada “À Descoberta de ViAna do Castelo”	113
Figura 44: Desenho do aluno B.R.....	115
Figura 45: Desenho do aluno D.T.	117
Figura 46: Desenho da aluna D.R.	118
Figura 47: Desenho do aluno M.V.	120
Figura 48: Desenho do aluno T.B.	121
Figura 49: Desenho do aluno D.T.....	123
Figura 50: Desenho da aluna L.I.....	125
Figura 51: Desenho do aluno M.P.....	126
Figura 52: Desenho do aluno M.F.....	128
Figura 53: Desenho do aluno E.Q.....	130
Figura 54: Desenho do aluno J.P.....	131
Figura 55: Desenho da aluna L.I.....	133
Figura 56: Desenho do aluno L.C.....	134
Figura 57: Desenho da aluna M.F.....	135
Figura 58: Desenho da aluna F.G.....	138
Figura 59: Desenho do aluno G.R.....	139

Figura 60: Desenho da aluna I.V.....	140
Figura 61: Desenho do aluno M.C.....	141
Figura 62: Desenho do aluno P.M.....	142

Índice de quadros

Quadro 1: Evolução da estrutura de WebQuest.....	35
Quadro 2: Taxonomia de Podcasts.....	38
Quadro 3: Calendarização do estudo.....	76
Quadro 4: Conclusão do estudo.....	100

Abreviaturas:

PES- Prática de ensino supervisionada

INE- Instituto Nacional de Estatística

JI- Jardim de Infância

CEB- Ciclo do Ensino Básico

EE- Educadora Estagiária

ACEP- Associação Cultural de Educação Popular

EC- Educadora Cooperante

AO NORTE- Associação de Produção e Animação Audiovisual

EE's- Educadoras Estagiárias

DVD- Digital Versatile Disc

AEC's- Atividades de Enriquecimento Curricular

PTT- Professora Titular de Turma

ELI- Equipas Locais de Intervenção Precoce

TF- Terapia da Fala

PE- Professora Estagiária

FCT- Fundação para a Ciência e Tecnologia

NMSPCAM- Novos Media ao Serviço do Património Cultural do Alto Minho

WWW- World Wide Web

SMS- Short Message Service (Serviço de Mensagens Curtas)

TIC's- Tecnologias da Informação e Comunicação

CNE- Conselho Nacional de Educação

1. Introdução

“A educação é claramente o fator que irá conduzir melhorias na economia a longo prazo. No futuro, software e tecnologia irão permitir que as pessoas aprendam muito mais com seus colegas.” (Mark Zuckerberg)

O presente relatório de estágio surge como o culminar do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, no âmbito da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada II (PES II). Esta dissertação tem como intencionalidade refletir sobre o percurso desenvolvido no decorrer do ano letivo 2018/2019, nesta prática pedagógica foi desenvolvido um projeto de investigação na área do Estudo do Meio Social.

Uma vez que vivemos na era da tecnologia, ou seja, uma criança logo que nasce, começa logo a conviver com a tecnologia, temos que assumir que a sociedade e o ensino se encontram em tamanha evolução que nem sempre o aluno compreende o porquê de o professor ainda ensinar de uma forma “ultrapassada”, tal como o professor, não consegue compreender tanto gosto pela tecnologia por parte dos alunos. Deste modo, a Professora Estagiária desenvolveu com os alunos um projeto que tinha como base aprender sobre o património cultural local através das novas tecnologias, com alunos do 1º ano de escolaridade, este projeto foi uma mais valia tanto para os alunos, como para os professores, isto porque, conseguiram verificar que é possível aprender através de jogos interativos.

O presente relatório encontra-se organizado em três capítulos distintos são eles: a caracterização do contexto educativo, o trabalho de investigação e uma reflexão sobre o percurso efetuado.

O primeiro capítulo, dirigido à caracterização do contexto educativo, tem como pontos principais, o meio local em que o contexto estava inserido, a descrição da sala e da turma, tal como são referidas as temáticas/matérias abordadas ao longo das implementações.

O segundo capítulo, este tem como intencionalidade, abordar o trabalho de investigação realizado, ou seja, a apresentação da pertinência do estudo, o problema e questões de investigação. É ainda apresentada a fundamentação teórica, aqui é exposta a revisão da literatura que sustenta o trabalho de investigação a nível científico. Em seguida, é apresentada a metodologia de trabalho adotada, as diferentes opções metodológicas, a caracterização dos participantes e os diferentes instrumentos de recolha de dados, são também apresentados os dados recolhidos e discussão/análise dos resultados obtidos. Por fim, é apresentada uma conclusão do estudo.

No que diz respeito ao terceiro capítulo, aqui é apresentada uma reflexão sobre o percurso efetuado no decorrer do mestrado, em contexto de Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

2. CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

2.1 Caraterização contexto 1

Neste capítulo vai ser apresentada a caraterização do contexto educativo onde foi realizada a PES II em contexto de Educação Pré-Escolar, a caraterização do agrupamento, do jardim de infância, da sala e das rotinas, do grupo de alunos, o percurso da intervenção educativa e por fim, o projeto de empreendedorismo desenvolvido com os alunos.

2.1.1 Caraterização do meio local

O contexto educativo onde foi realizado a PES, está inserido num agrupamento de escolas, da rede pública, localizado numa freguesia do concelho de Viana do Castelo.

A freguesia tem uma área de cerca de 2,32km² e 10 645 habitantes, de acordo com os dados do INE em 2011. A população desta freguesia predomina na faixa etária dos 25 anos de idade aos 64 anos de idade, o que equivale a 56,4% da população, em contrapartida, a população com menos idade é dos 15 anos de idade aos 24 anos de idade, com uma percentagem de 10,6% (INE 2011). Nesta freguesia, o setor de trabalho predominante é o terciário, em segundo encontra-se o secundário e por fim o primário que é pouco representativo.

2.1.2 Caraterização do Agrupamento/Jardim de Infância

O agrupamento onde o JI se encontra inserido conta com 6 escolas, 2 jardins de infância, 3 escolas do 1º CEB e 1 escola do 2º e 3º CEB. Os Jardins de Infância, contam com um total de 216 alunos, provenientes de diferentes meios sociais. A oferta formativa deste agrupamento vai desde o ensino Pré-Escolar ao 3º Ciclo do Ensino Básico.

Existem unidades de atendimento especializado/multideficiência, destinado a alunos com deficiências a nível motor, cognitivo, sensorial e de comunicação.

O JI a nível interior, conta com 4 salas, 1 sala de educadoras, 1 casa de banho para adultos, 2 casas de banho para crianças, 1 refeitório, 1 cozinha, 2 salas de arrecadações e 1 biblioteca. Num pavilhão adjacente tinha 1 ginásio e mais 1 casa de banho, o espaço exterior era amplo e encontrava-se dividido em 3 espaços, tinha 1 horta e 1 galinheiro,

encontram-se também algumas estruturas de madeira e 1 caixa de areia, nos dias de chuva era impossível às crianças brincarem no recreio, uma vez que os espaços cobertos eram insuficientes, para o número de crianças com que o JI contava. O ginásio funcionava também como prolongamento de horário, onde as crianças ficavam com as auxiliares e as animadoras, neste mesmo espaço encontravam-se diversos recursos materiais, era permitido às crianças usarem ou brincarem livremente.

Relativamente à equipa educativa o JI contava com 4 educadoras e 1 coordenadora, em relação ao pessoal era constituído por 2 animadoras em que a sua função era criar atividades de animação e apoio à família, 5 assistentes operacionais, 2 cozinheiras e 1 tarefeira.

2.1.3 Caraterização da sala e rotinas diárias

A sala do jardim de infância onde foi realizada a PES, estava organizada de forma a estimular a autonomia do grupo, era uma sala com bastante luz natural, devido à quantidade de janelas, possuía ainda aquecimento para o inverno. Esta sala, encontrava-se dividida em várias áreas, como: a área da expressão plástica, onde as crianças podiam fazer pintura, desenho, modelagem, recortes e colagens, existia também a área dos jogos, onde as crianças podiam fazer jogos de tabuleiro, tinha ainda a área dos livros e quadro e por fim, a zona do faz de conta composta por a cozinha e o quarto.

Todos os materiais da sala encontravam-se em locais acessíveis às crianças de modo a que as crianças pudessem utilizar sem dificuldade.

Por norma a reunião em grande grupo era feita no momento do acolhimento, atividade que era muito enriquecedora para as crianças, pois era nesse momento que estas podiam falar livremente de temas do seu interesse, mas nem sempre era fácil, porque tratava-se de uma turma muito barulhenta e facilmente perdiam a atenção e ficava muito ruído na sala.

No que diz respeito às atividades de motricidade, o grupo tinha à 4ª feira de tarde no polivalente do JI, ou no exterior, dependendo as condições climatéricas.

As aulas de educação musical tinham lugar à 3ª feira da parte da tarde e à 6ª feira de manhã, com duração de 30 minutos cada sessão, com uma professora facultada pela autarquia.

No 1º período as crianças com idades iguais ou superiores a 5 anos tinham ainda a manhã de 5ª feira dedicada à patinagem, num pavilhão que não pertencia ao JI.

À 2ª feira antes do almoço, as crianças tinham também direito à hora do conto na biblioteca do JI, por uma professora bibliotecária vinda de outra escola do agrupamento.

2.1.4 Caraterização do grupo

O grupo de crianças era constituído por 25 crianças, 14 rapazes e 11 raparigas, sendo que 13 no ano letivo seguinte iriam transitar para o 1ºCEB e 4 poderiam ou não transitar, uma vez que eram condicionais, ou seja, faziam os 6 anos até 31 de dezembro de 2019. Tratava-se de um grupo heterogéneo, uma vez que era constituído por crianças de diferentes idades, 4 crianças com 6 anos de idade, 16 crianças com 5 anos de idade e 5 crianças com 4 anos de idade, destas 25 crianças 18 crianças acompanhavam o grupo do ano anterior e as restantes vieram de outros Jardins de Infância ou de outras salas do mesmo JI.

No que diz respeito ao nível sócio económico das famílias, a grande maioria destas crianças eram oriundas de um seio familiar de classe médio/alto, estando na base as habilitações académicas dos encarregados de educação licenciados ou mestres.

O grupo era bastante desafiador, ativo e irrequieto, nunca podendo haver momentos de grande espera, a grande maioria do grupo mostrou-se assíduo e pontual, tanto na presença às aulas, como na realização de atividades e tarefas.

A caraterização do grupo, tinha como base a descrição facultada pela educadora titular da turma e as observações do grupo, tendo como suporte as áreas e conteúdos defendidos nas orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar.

No que diz respeito à Formação Social e Pessoal, o grupo participava nas atividades propostas, mas alguns dos membros que o integravam, tinham muitas dificuldades a respeitar regras entre pares, era notória a necessidade de trabalhar a autonomia, a

socialização e o sentido de responsabilidade, uma vez que muitas destas crianças estavam habituadas a ser o centro das atenções e não serem contrariadas.

A nível da área da Expressão e Comunicação, no domínio da Educação Física, era uma área que o grande grupo gostava, era notório um maior desenvolvimento nas crianças de 6 anos, nas crianças de 5 anos havia algumas sem grandes dificuldades na realização das tarefas propostas, mas outras com algumas dificuldades, pois não estavam tão desenvolvidas. No grupo das crianças com 4 anos de idade tratava-se de um grupo muito heterogéneo, uma vez que tinham crianças com muita força física e com grande aptidão para a educação física motora. No que diz respeito à motricidade fina, muitas das crianças mostravam dificuldade na manipulação da tesoura e pincéis.

No domínio da Educação Artística, subdomínio da Música, era uma área que tal como a motricidade também demonstram muito interesse, uma das técnicas por vezes utilizada para acalmar o grupo e captar a sua atenção era através da música.

No que diz respeito ao domínio da Linguagem Oral, algumas crianças demonstravam dificuldades em pronunciar as palavras, uma vez que omitiam ou trocavam fonemas. A grande maioria do grupo participava por iniciativa própria nos diversos momentos de comunicação oral e eram criativas nas suas produções, onde demonstravam imaginação na descrição de acontecimentos.

No domínio da Matemática, muitas das crianças mais velhas não tinham qualquer dificuldade em associar o número à quantidade, tal como em saber se um número era maior ou menor do que outro, a grande maioria do grupo tinha também facilidade em identificar as diferentes cores, tal como em reconhecer as figuras geométricas.

As crianças de 6 anos não tinham qualquer dificuldade em marcar a sua presença e dos restantes colegas, já no grupo das crianças de 5 anos havia crianças que por vezes tinham mais dificuldade em marcar o respetivo grafema e interseção das linhas e colunas. No grupo das crianças de 4 anos era um grupo heterogéneo, uma vez que havia crianças sem qualquer dificuldade na marcação das presenças, como havia crianças com muitas dificuldades, que por vezes necessitavam de ser ajudadas.

Relativamente ao conhecimento do mundo, todas as crianças da sala tinham uma grande preocupação com a reciclagem do lixo e em colocar as cascas da fruta num

determinado balde, para o que chefe da sala, no final do dia com a ajuda da educadora ou auxiliar de sala, leva-se ao combustor que se encontrava na horta do JI. O grupo mostrava também um grande interesse por atividades experimentais, querendo sempre participar e responder quando alguma pergunta surgia e questionado quando não percebiam o porquê de a atividade ser assim.

2.1.5 Percurso da intervenção e educativa no Pré-Escolar

Durante o 1º semestre a PES concretizou-se num Jardim de Infância da rede pública escolar, 3 dias por semana durante 15 semanas, sendo que as 3 primeiras semanas foram de observação, e as restantes 12 semanas reservaram-se à regência com o par pedagógico. A regência, uma vez que foi organizada em par pedagógico, durante as 12 semanas realizaram-se de forma intercalada, correspondendo a 6 semanas para cada EE, a intervenção ocorria de 2ª feira a 4ª feira, à exceção de 2 semanas de intervenções que foram completas. Relativamente ao horário, este iniciava-se às 9:15 minutos até às 15:30 minutos, havia uma pausa de almoço das 12:15 minutos até às 13:30 minutos.

As 3 primeiras semanas foram de observação, estas tiveram como principal objetivo conhecer as dinâmicas de grupo, os níveis de desenvolvimento e os interesses dos mesmos. Permitiu ainda, conhecer as características individuais de cada criança, a diferença de idades e as relações entre elas. Foi também possível através das observações entender as metodologias e os métodos adotados pela educadora e como esta lidava com diferentes obstáculos e as rotinas a que as crianças estavam habituadas, para que mais tarde ao implementar ter em conta o ritmo a que estas estavam acostumadas. Nestas mesmas semanas as EE's, sentaram-se sempre na roda com as crianças e nos momentos em que estas se encontravam a fazer atividades as EE's participavam ajudando as crianças de modo a criar uma maior afinidade e proximidade com estas.

A 1ª semana de implementação foi condicionada devido à realização de uma palestra sobre as lancheiras escolares, sendo assim durante a semana as várias atividades foram de encontro à temática da Alimentação Saudável, trabalhou-se a Área da Expressão e Comunicação (domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; domínio da Educação Artística; subdomínio da Música; subdomínio das Artes Visuais; domínio da Matemática,

abordando números e operações; no domínio da Educação Física), na Área do Conhecimento do Mundo (domínio da Abordagem às Ciências).

Na Área da Expressão e Comunicação, foi trabalhado o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita através de um diálogo sobre a Semana da Alimentação e a leitura de um livro sobre os alimentos “A cesta da Dona Maricota”, no domínio da Educação Artística - no subdomínio da Música as crianças ouviram e cantaram uma música sobre a alimentação saudável, no subdomínio das Artes Plásticas, as crianças tiveram a possibilidade de construir alimentos, através de técnicas de pintura, modelagem e colagem para uma roda dos alimentos elaborada por todas as crianças da escola. Na Área do Conhecimento do Mundo, foi realizado um jogo de associação, em que o grupo tinha de identificar frutos e legumes e colocar no cesto correspondente, ainda nesta atividade, foi também trabalhado o domínio da Matemática, através da contagem dos frutos e legumes e referir se havia mais frutos ou legumes, tal como identificar as cores, trabalharam ainda sequências através da execução de espetadas de fruta. No domínio da Educação Física foram feitos diversos jogos de estratégia, deslocamentos e equilíbrios.

Na 2ª semana de implementação foram trabalhadas 2 áreas que são estas, a Área da Expressão e Comunicação (domínio da Educação Artística – subdomínio da Música, subdomínio das Artes Visuais; domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; domínio da Educação Física) e a Área do Conhecimento do Mundo. No subdomínio da Música as crianças ouviram e cantaram uma música, no domínio da Linguagem Oral e Comunicação Escrita ouviram uma história de inspiração para o projeto de empreendedorismo e houve a leitura de adivinhas sobre castanhas por parte da EE. No subdomínio das Artes Visuais o grupo fez um desenho individual sobre o seu sonho e pintaram uma castanha através da técnica digitinta). Na Área do Conhecimento do Mundo as crianças tiveram a possibilidade de reconhecer e tocar em ouriços e castanhas e plantar uma castanha. Para finalizar no domínio da Educação Física as crianças fizeram jogos de deslocamentos e equilíbrios.

Foi na 3ª semana de implementação que decorreu a semana intensiva, esta ficou marcada pelo dia do pijama e a importância da higiene oral, devido a este fator a temática da semana esteve também relacionada com as famílias, e as áreas abordadas nesta semana foram a Área de Expressão e Comunicação (domínio da Linguagem Oral e Abordagem à

Escrita; domínio da Educação Artística – subdomínio das Artes Visuais, subdomínio da Música; domínio da Expressão Física) e a Área do Conhecimento do Mundo (Abordagem às Ciências; Conhecimento do Mundo Social).

Nas Áreas de Expressão e Comunicação, no domínio da Linguagem Oral e Comunicação Escrita realizou-se a leitura do livro “O livro da família” de Todd Parr, as crianças participaram num diálogo sobre os diferentes tipos de família, nesta semana houve também a leitura de uma história “Porque há tantas pedras no fundo do rio” através do Kamishibai, uma técnica japonesa de contar histórias, as crianças tiveram ainda de escrever uma carta à empresa AONORTE (Anexo 1) para o projeto de empreendedorismo. Ainda em relação ao domínio da Linguagem Oral e Comunicação Escrita iniciou-se um diálogo sobre a higiene oral e a leitura de um livro “O menino que detestava escovas de dentes”, realizaram exercícios de associar alimentos a dentes com ou sem caries, no subdomínio das Artes Visuais as crianças com a ajuda da EE, construíram um caça sonhos tal como pintaram o desenho de um pijama com tintas guache e através da técnica de impressão pintaram um dente. No subdomínio da Música tiveram a possibilidade de ouvir e cantar uma música sobre a higiene oral, no domínio da Educação Física as crianças tiveram a possibilidade de fazer jogos de perícias e manipulação como de deslocamentos e equilíbrios. Ao nível do Conhecimento do Mundo Social as crianças apresentaram a sua árvore genealógica aos restantes colegas. Para complementar algumas destas atividades as crianças levaram para casa um pequeno seixo, onde os pais tinham de escrever uma palavra que para eles simbolizasse o significado de família.

Na 4ª semana de implementação foram abordadas diversas áreas, tal como a Área de Expressão e Comunicação (domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; domínio da Educação Artística – subdomínio das Artes Visuais, subdomínio do Jogo Dramático/Teatro; domínio da Educação Física), Área do Conhecimento do Mundo (Introdução à Metodologia Científica). No que corresponde ao domínio da Linguagem Oral as crianças participaram num debate com a EE sobre o projeto de empreendedorismo, no subdomínio das Artes Plásticas o grupo com a ajuda da EE montaram a máquina de “pequenar” segundo o protótipo eleito e pintura da mesma, isto integrado no projeto de empreendedorismo. Nesta semana, no que diz respeito ao subdomínio do jogo

dramático/teatro as crianças participaram num teatro “O Autómato” e o teatro de Natal na ACEP. Na área do Conhecimento do Mundo, foi realizada uma atividade experimental sobre o magnetismo, “atrai e não atraí” foram mostrados diferentes materiais para a realização desta experiência. No domínio da Educação Física foram realizados jogos de Deslocamento e Equilíbrios.

A 5ª semana de implementação, teve como temática os reis, foram abordados também temas referentes às férias de Natal visto ser a 1ª semana de aulas de 2019, trabalhou-se a Área da Expressão e Comunicação (domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; domínio da Educação Artística – subdomínio das Artes Visuais, subdomínio da Música). No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita as crianças dialogaram sobre as férias e o seu Natal. A Educadora Cooperante desde o início do ano tinha implementado na sala que a 6ª feira era o dia da partilha e desse modo as crianças todas as 6ª feiras levavam um brinquedo de casa para partilhar com os restantes colegas da sala, assim sendo, nesta semana as crianças tiveram a possibilidade de apresentar um aos colegas, no subdomínio das Artes Plásticas o grupo realizou um desenho individual sobre o melhor do seu Natal, pintaram e colaram adereços na coroa que usaram para o cantar das janeiras, durante a semana recortaram e pintaram também os 3 reis magos. No subdomínio da Educação Musical ouviram e cantaram uma música tradicional do cantar das janeiras, acompanhando a música através de sons produzidos pelo nosso corpo e identificação de diferentes tons.

Na última semana de implementação foi abordado a Área do Conhecimento do Mundo (Introdução à Metodologia Científica), a Área da Expressão e Comunicação (domínio da Educação Artística – subdomínio das Artes Visuais; domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; domínio da Matemática – números e operações; Organização e Tratamento de Dados; domínio da Educação Física). Na Área do Conhecimento do Mundo, foram realizadas atividades experimentais “O que mantém mais tempo o cubo de gelo?”, nesta atividade foi perguntado ao grupo onde achavam que fundia mais rápido um cubo de gelo utilizando vários materiais. Durante a semana foi realizada outra atividade experimental, “Mais, menos, ou a mesma água?” esta atividade consistia em as crianças dizerem em que recipiente achavam que tinha mais água. No subdomínio da Música, as

crianças cantaram as janeiras em outras escolas, no subdomínio das Artes Plásticas o grupo fez um desenho e revestiu o molde de um boneco de neve com tecidos, no que diz respeito às Artes Visuais, a EE mostrou um vídeo sobre o que é ser empreendedor. No domínio da Matemática realizaram-se atividades de análise de um pictograma, reconhecimento de medidas e quantidades, no domínio da Educação Física as crianças puderam jogar jogos de deslocamentos e equilíbrios. Por ser a última semana de estágio, a EE fez com que as crianças bolinhos de coco para um lanche partilhado com toda a escola.

Em todas as semanas de implementação, nas rotinas diárias, foram abordadas diversas áreas, tal como: Área da Formação Pessoal e Social (interdependência e autonomia), Área da Expressão e Comunicação (domínio da Matemática), Área do Conhecimento do Mundo (Abordagem às Ciências; Conhecimento do Mundo Social), Área da Expressão e Comunicação (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita).

No domínio da Área da Formação Pessoal e Social, a nível da interdependência e autonomia, as crianças autonomamente pousavam os seus casacos e mochilas no seu cabide e vestiam a sua bata. A nível da área da Expressão e Comunicação, no domínio da Matemática uma criança contava o número de crianças que estava na sala, se havia mais rapazes ou raparigas e qual a diferença, também todas as 2ª feiras as crianças falavam sobre as novidades do seu fim de semana. No Conhecimento do Mundo, no relógio do tempo era marcado como se encontrava o tempo naquele dia, ou seja, se estava sol, se chovia, se estava nublado ou se estava trovoada.

Finalizado este ciclo de estágio, pude verificar que foram trabalhadas as diversas áreas de conteúdo, sendo que o domínio menos trabalhado foi o domínio da Expressão Musical, uma vez que as crianças já tinham contacto com a música duas vezes por semana, com uma professora fornecida pela Câmara Municipal. Pude ainda verificar que as crianças gostavam sempre de falar das suas vivências, tal como esperavam ansiosamente pelo dia em que iam ter a motricidade, participando sempre com entusiasmo e empenho nas tarefas propostas. Na hora da motricidade por vezes nem sempre era fácil controlar o grupo, pela euforia das crianças. Ao longo das sessões tentei sempre criar atividades que fossem de encontro aos gostos e necessidades do grupo.

Ao longo de ciclo de estágio, pude assistir a uma palestra sobre as lancheiras escolares, participação das diversas visitas de estudo, assistir à festa de Natal e fui convidada pela EC para assistir a um projeto que estava a ser desenvolvido com os encarregados de educação.

No final deste estágio, posso dizer que este estágio foi uma mais valia, tanto para o meu crescimento pessoal como profissional.

2.1.6 Projeto de Empreendedorismo

O projeto de empreendedorismo, foi realizado ao longo das 12 semanas de regência, entre mim e o meu par pedagógico, tendo como base o manual de Educação Empreendedora.

Para dar início ao projeto, começamos por ler uma história de um menino empreendedor e reproduzimos uma música. De seguida, perguntamos a cada criança qual era o seu sonho, após as crianças responderem, foi lhes pedido que fizessem um desenho relacionado com o sonho. Ficamos então com 2 grandes grupos, o grupo dos animais e o mundo da fantasia.

Após diálogo com o grupo, foi verificada que o grupo que ganhava era o “mundo da fantasia”, onde as crianças queriam ser ou ver alguma personagem, até que uma criança disse que podiam criar uma “máquina de pequenar” e através dessa máquina cada um podia ser o que queria. Depois outra criança disse que podíamos também ir ao cinema ver um filme. Então outra criança disse que podíamos fazer nós um filme, mas que tínhamos de ter a ajuda de alguém. Decidimos então fazer uma carta a pedir ajuda à AO NORTE, para a criação do filme, depois da carta feita e devidamente decorada pelas crianças, a EE digitalizou a carta e enviou para a AO NORTE, mas a resposta não chegava, todos os dias verificávamos a caixa de email e nunca havia resposta. Uma vez que o tempo já começava a ficar escasso, a EC ligou para a AO NORTE, porque no ano anterior a turma já tinha trabalhado com a associação. A associação respondeu afirmativamente e um técnico da AO NORTE veio até ao JI para saber o que pretendíamos fazer e deu algumas sugestões para que o projeto tivesse sucesso. De seguida, foi pedido às crianças que fizessem um protótipo

da máquina de pequenar, após todas as crianças fazerem, foi realizado um sorteio, para saber qual a máquina selecionada. Começamos então juntamente com as crianças a fazer os textos que cada uma teria de dizer e quais os adereços que cada criança achava que o caracterizava como a personagem escolhida.

Posto isto, as EE's arranjaram caixas de cartão para a construção da máquina segundo o protótipo e as crianças pintaram essas mesmas caixas.

Este projeto teve um grande impacto no grupo, porque todas as semanas perguntavam quando íamos construir a máquina e após a construção da máquina perguntavam quando o senhor realizador vinha fazer o filme, podendo deste modo estas crianças desenvolver competência empreendedoras e criativas.

Após todos os adereços feitos pelas EE's e todas as falas, foi-nos dito pela AO NORTE que o vídeo não podia ter mais de 10 minutos, por isso que não podiam falar todas as crianças, teria de se eleger um porta voz entre todas as crianças. Aqui as EE's com a ajuda da EC, escolhemos as crianças que tinham uma maior facilidade em falar. Como não podiam falar todas as crianças, pensamos em criar um vídeo "caseiro" feito pelas EE's mas como verificamos que não iria atingir os resultados esperados, pela nossa falta de formação na criação de vídeos, decidimos criar um livro (anexo 2) onde cada criança tinha a sua fala e a sua caracterização.

Como resultado deste projeto, realizou-se um vídeo com a ajuda da AO NORTE, a "Máquina de Pequenar", realizada pelas EE's e por os alunos e o livro também realizado por as EE's.



Figura 1: Máquina de Pequenas

Em suma, este foi um contexto no qual tive a possibilidade de aprender muito e essencialmente a possibilidade de conseguir lidar com os alunos e com os diferentes feitios, uma vez que se tratava de uma turma muito heterogénea e muito agitada.

2.2 Caraterização do contexto 2

Neste capítulo vai ser apresentada a caraterização do contexto educativo onde foi realizada a PES II no contexto de 1ºCEB, a caraterização do meio local, a caraterização do agrupamento, e da escola, a caraterização da sala de aula e horário escolar, caraterização da turma e percurso da intervenção educativa.

2.2.2 Caraterização do meio local

O contexto educativo aqui caraterizado também pertence a um agrupamento de escolas de rede pública escolar, igualmente localizado numa das freguesias do concelho de Viana do Castelo.

A freguesia tem uma área de 7,47 km² de área, com cerca de 1309,5 hab/km², 9782 habitantes de acordo com os dados do INE 2011. A faixa etária predominante nesta freguesia é dos 25 aos 64 anos de idade, com uma percentagem de 58,5%, seguindo-se a

faixa etária dos 0 aos 14 anos de idade com 17,2%, depois a faixa etária >65 anos de idade com 14,0% e por fim a população menos predominante encontra-se em idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos de idade com 10,2%. O setor predominante nesta freguesia é o terciário, seguindo-se o secundário e por fim o primário.

Como aspetos patrimoniais, esta freguesia conta com igrejas paroquiais e capelas, uma casa e quinta ocupadas na segunda invasão francesa, uma azenha datada de 1819 com corpos retangulares e quatro arcos de volta abatida, uma casa de turismo e um solar.

Esta freguesia anualmente contava com várias tradições festivas, estas ligadas com comemorações religiosas.

2.2.3 Caraterização do Agrupamento/Escolas

O agrupamento onde esta escola se encontrava inserido, é o mesmo do contexto anterior, assim sendo a caraterização do mesmo encontra-se no ponto anterior. Tal como no contexto anterior, também este contexto acolhe alunos de diversos meios sociais e em consequência disso diferentes vivências, o que é notório nas crianças. Tal como no JI também aqui existiam áreas de atendimento especializadas/multideficiência, as quais eram destinadas a alunos com deficiência a nível motor, cognitivos, sensorial e de comunicação.

A escola do 1º CEB contava com 190 alunos de 8 turmas, 2 de cada ano de escolaridade. No respeitante à estrutura do edifício a escola tinha 2 pisos, contanto com 8 salas de aula, 1 sala de ciências experimentais, 1 biblioteca, 2 casas de banho para crianças em cada piso femininas e masculinas, 1 sala de arrumos para os materiais de educação física, 1 sala de professores, 2 casas de banho para adultos (1 masculina e 1 feminina), 1 cozinha, 1 refeitório, 1 sala de arrumos das funcionárias e 1 sala para a educação física. Cada sala de aula conta com 1 computador portátil e 1 quadro interativo ou 1 retroprojektor. A biblioteca só se encontrou em funcionamento quase no final do ano letivo, porque se encontrava em obras e a sala das ciências experimentais também não se encontra em funcionamento, porque os materiais da biblioteca estavam lá arrumados. Na sala de professores havia 2 computadores de livre acesso aos professores e 1 impressora. Na sala reservada à educação física tinha 1 televisão, 1 leitor de DVD e 1 coluna. O espaço exterior

representava uma dimensão significativa com diversas partes, 1 parte com baloiços, outra com um campo de futebol/basquetebol, 1 horta de cultivo, 1 zona de sombra com mesas e 1 zona de brincadeira livre, nos dias de chuva é impossível as crianças brincarem no recreio, porque não existe espaço suficiente para os 190 alunos, por isso nesses dias ouviam um filme na sala de educação física, ou levavam 1 livro de casa para ler.

Relativamente à equipa educativa, havia 8 professores titulares de turma, 2 professoras bibliotecárias, sendo que uma só ia à escola algumas vezes, 1 professor de educação física e 1 professor de atletismo que iam à escola só no horário estipulado para as turmas de 1º e 2º anos. A escola contava ainda com professores para lecionar as AEC's, as quais são da responsabilidade de uma empresa. Na escola existiam 2 professores de apoio, a coordenadora da escola e 1 outro professor que dá apoio nas diversas escolas do agrupamento. A escola contava ainda com 1 professora do ensino especial.

Tal como dito anteriormente na direção da escola havia 1 professora, esta exercia funções de professora de apoio. No que diz respeito ao pessoal não docente havia 3 cozinheiras, 2 ajudantes de cozinha e 5 auxiliares, só 4 se encontram a exercer funções, porque 1 auxiliar estava de licença de maternidade.

2.2.4 Caracterização da sala de aula e horário escolar

A sala de aula onde decorreu a PES situava-se no 1º andar do edifício. Tratava-se de uma sala bem arejada, com boa iluminação, as janelas tinham boas dimensões o que contribuía eficazmente para uma boa circulação do ar e entrada de luz natural. A sala de aula encontrava-se equipada com sistema de aquecimento, possuía também diversos materiais didáticos, o que facilitava a aprendizagem dos alunos. Os materiais eram: 1 projetor, 1 rádio, 3 quadros (ardósia, interativo e magnético), tinha ainda diversos placares de cortiça, onde eram afixadas as diversas materiais lecionadas, os aniversários dos alunos e os trabalhos realizados por os mesmos. A sala contava ainda com material didático para lecionar a área da matemática como: colar de contas, ábacos verticais, material multibase, entre outros.

No que diz respeito à organização do espaço, a sala estava organizada por 3 filas de mesas duplas. Assim sendo, a maioria das crianças estavam sentadas em pares exceto 1

aluno que se encontrava mais distanciado do restante grupo, por o seu comportamento e se distrair facilmente. Cada criança tinha a sua própria caixa, onde arrumavam os seus materiais e livros, mas no momento da aula a caixa estava sempre em cima da mesa.

Na sala existiam ainda 3 armários, onde eram guardados os materiais e os processos dos alunos, tal como as capas. Um dos armários era reservado para as cartolinas, havia ainda 1 mesa no final da sala que era de apoio para guardar materiais.

No que diz respeito ao horário da turma, apresentado o quadro 1, todos os dias os alunos entravam às 9:15 minutos e saíam às 15:45 minutos, exceto os alunos que tinham AEC'S esses saíam às 17:30 minutos. Diariamente, o intervalo da parte da manhã decorria das 10:45 minutos às 11:15 minutos e o da parte da tarde das 15:45 minutos às 16:15 minutos. O horário de almoço era das 12:15 minutos às 13:45 minutos. Visualizando o quadro 1, é visível que nem todas as áreas curriculares tinham a mesma carga horária, sendo que o Português e a Matemática eram as áreas de maior carga horária, ou seja, 7 horas por semana cada unidade curricular. O Estudo do Meio e as Expressões Artísticas tinham apenas 3 horas de carga horária cada.

As aulas de Música e de Educação Física eram lecionadas por professores externos à escola, as aulas de Educação Física eram alternadas, numa semana tinham Atletismo e na outra Educação Física.

O Apoio ao Estudo era aproveitado para a consolidação de matérias das diversas áreas, onde os alunos tinham mais dificuldade. A Oferta Complementar era dedicada à exploração das Ciências Experimentais.

	2.ª FEIRA	3.ª FEIRA	4.ª FEIRA	5.ª FEIRA	6.ª FEIRA
9:15-9:45	Port.	Port.	Mat.	Port.	Port.
9:45-10:15	Port.	Port.	Mat.	Port.	Port.
10:15-10:45	Port.	EAFM	Mat.	Port.	Port.
10:45-11:15	intervalo				
11:15-11:45	Mat.	OF. Comp.	Port.	Mat.	Mat.
11:45-12:15	Mat.	OF. Comp.	Port.	Mat.	Mat.
12:15-13:45	Almoço				
13:45-14:15	Mat.	Mat.	Port.	Mat.	Est. Meio
14:15-14:45	Mat.	Ap. Est	Est. Meio	Mat.	Est. Meio
14:45-15:15	EAFM(FM)	Ap. Est	Est. Meio	EAFM(Mus)	Est. Meio
15:15-15:45	EAFM(FM)	Ap. Est	Est. Meio	EAFM(Mus)	EAFM
15:45-16:30	intervalo				
16:30-17:30	AEC	AEC	AEC	AEC	AEC

Figura 2: Horário da turma

2.2.5 Caraterização da turma

A turma era constituída por 24 alunos, 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 6/7 anos, exceto um aluno que já tinha completado os 8 anos. Era uma turma muito barulhenta e irrequieta.

A maioria dos alunos eram de nacionalidade portuguesa, exceto 2 que era de nacionalidade brasileira, chegaram a Portugal em junho de 2018, esses dois alunos tinham frequentado a escola no seu país de origem o Brasil, um deles só frequentou uns meses, este aluno aprendeu a ler no momento em que a PTT ensinou as vogais, o aluno fazia uma leitura coerente e conseguia ler sem dificuldade textos pequenos.

O outro aluno com 8 anos também frequentou a escola no Brasil 1 ano e 6 meses, mas quando veio para Portugal vinha muito traumatizado com a escola e com muito baixa autoestima. Era um aluno que chorava muito facilmente quando lhe era dito alguma coisa. No decorrer do 1º período, esse aluno foi se integrando na turma, deixou de ser tão agressivo com os colegas e quase deixou de chorar, era aluno apresentava muitas dificuldades a nível da Matemática e revelava também algumas dificuldades a nível do Português. A sua leitura ainda era bastante silabada necessitando de ajuda. Um outro aluno no ano transato, ou seja, no Pré-Escolar foi acompanhado pela ELI e frequentava sessões de terapia da fala, o aluno tinha dificuldades de articulação de palavras, por esse motivo, a sua compreensão nem sempre era fácil, tal como não era fácil ele compreender os outros, ou seja, o que lhe era dito ou pedido. O aluno apresentava muitas dificuldades na área do Português, na leitura e escrita, em contrapartida este aluno era excelente na área da Matemática. Era um aluno que necessitava de muitos estímulos visuais, ou seja, que evocassem o som de algumas letras aprendidas, lia muito silabado as palavras e pequenas frases. Mais 2 das alunas da turma frequentavam sessões de TF, uma delas tinha muitas dificuldades a nível de aprendizagem e encontrava-se muito desfasada do restante grupo. Identificava apenas algumas palavras com as consoantes (p, t e l) as que conseguia ler globalmente.

O restante grupo era muito homogéneo, liam e escreviam dentro dos espectável para a sua idade e ano de escolaridade que frequentavam.

2.2.6 Percurso da intervenção e educativa no 1º CEB

Durante o 2º semestre a PES foi realizada numa Escola Básica de rede pública escolar, 3 dias por semana durante 13 semanas, as 3 primeiras semanas foram de observação, e as restantes 10 semanas reservaram-se à regência com o par pedagógico. As regências organizadas em par pedagógico, durante as 10 semanas realizaram-se de forma intercalada, ficou cada PE com 5 semanas, as intervenções ocorriam de 2ª feira a 4ª feira, com exceção de 2 semanas de intervenções, estas foram completas, ou seja, de 2ª feira a

6ª feira. No que diz respeito ao horário, tinha início às 9:15 minutos e terminava às 15:45 minutos, havia uma pausa de almoço das 12:15 minutos até às 13:45 minutos.

As 3 primeiras semanas foram de observação, estas tiveram como principal objetivo conhecer o grupo, ou seja, o seu desenvolvimento e os seus principais interesses e dificuldades. A nível individual, foi possível conhecer a personalidade de cada um, as suas dificuldades e as suas atitudes. Através das observações, foi igualmente possível observar os métodos e forma de trabalho adotados por a Professora Cooperante, uma vez que se tratava de uma turma muito barulhenta.

Durante estas 3 semanas houve a oportunidade de participar em algumas atividades promovidas pela Professora Cooperante, aqui houve uma possibilidade de começar a interagir com a turma e criar uma maior afinidade com o grupo.

2.2.7 Áreas de Intervenção

Antes de planificar qualquer atividade foi necessário ter em conta diversos aspetos, ou seja, tentar respeitar sempre o método de trabalho da Professora Cooperante, uma vez que era uma turma de 1º ano e não queríamos criar estranheza aos alunos. Deste modo, todas as semanas eram realizadas reuniões com a Professora Cooperante, para que nos fosse dado feedback das atividades que planeávamos fazer, de modo a saber se o grau que era exigido estava ao nível dos alunos e se iam ao encontro do que a Professora Cooperante pretendia.

Na 1ª semana de implementação, a nível do Português foram lecionados 3 dos domínios do programa da disciplina. A nível da Oralidade, foi trabalhado o questionamento, ou seja, a PE questionava os alunos e era esperado que estes respondessem. Na Iniciação à Educação Literária, foi abordado e estudado um poema tradicional. A nível da Leitura e Escrita foi lecionado o grafema /s/. No que diz respeito à Matemática foi abordado o domínio Números e Operações, nesta semana foram lecionados os números até 20 e no domínio da Organização e Tratamento de Dados, era pedido aos alunos que organizassem dados numa tabela. A nível do Estudo do Meio nesta

semana foi estudado o Bloco 1- À descoberta de si mesmo, onde foi lecionado o tempo e os dias da semana e o Bloco 3- À descoberta do ambiente natural, aqui foi feita a observação de uma experiência de uma maçã. A nível da Educação Artística, foram elaborados um origami e um acróstico para o dia do pai.

Na 2ª semana, na área do Português, no domínio da Oralidade, foram explorados os mesmos aspetos da 1ª semana de implementação. No que diz respeito à Leitura e Escrita foi lecionado o caso de leitura “ce” e “ci”. Como Iniciação à Educação Literária, foi explorado um trava-línguas, os alunos tinham de o decorar, de modo a o saber dizer. Na área da Matemática foi explorado o domínio Números e Operações, os números até 30, esta semana foi uma semana de revisões para a ficha de avaliação de matemática. No Estudo do Meio, foi abordado o Bloco 3- À descoberta do ambiente natural, nesta aula foi plantado um feijão, ainda no mesmo bloco foram abordadas as Estações do Ano. No que diz respeito à Educação Artística, foram pintados desenhos para elaborar um mural para a sala de aula. Nesta semana foi lecionada também a Educação Física por mim, lecionei o Bloco 4, o bloco de jogos, foi feito o jogo “o rabo da raposa”, “o jogo das cadeiras” (neste caso utilizei arcos), “o jogo das baratinhas”, “o jogo de imitação”, “o jogo do tubarão” e por fim uma atividade de regresso à calma “os dorminhocos”.

Na 3ª semana de implementação, na área do Português foram explorados os mesmos domínios das semanas anteriores, no domínio da Oralidade, voltaram a ser explorados os mesmos aspetos. No domínio da Leitura e Escrita foi lecionado o caso de leitura “az”, “ez”, “iz”, “oz” e “uz”. Na Iniciação à Educação Literária, foi lecionada uma história infantil. A nível da Matemática, no domínio Números e Operações foram lecionados os números de 30 a 40. A nível do Estudo do Meio foi explorado o Bloco 5- À descoberta dos materiais e objetos, foi feita uma atividade experimental “O que mantém mais tempo um cubo de gelo?” No que diz respeito à Educação Artística foi realizado um acróstico para o dia da mãe.

Na 4ª semana, a nível do Português voltaram a ser abordados os mesmos conteúdos a nível da Oralidade, no que diz respeito à Leitura e Escrita foram lecionados os grafemas que faltavam, ou seja, o /k/, o /w/ e o /y/ e o alfabeto ordenado. No que diz respeito à

Iniciação e Educação Literária, foram explorados textos populares. Na área da Matemática, voltou a ser abordado o domínio Números e Operações, foram lecionados os números de 60 a 80. A nível do Estudo do Meio foi explorado o Bloco 5- À descoberta dos materiais e objetos, com a atividade experimental “O que acontece à água quando passamos de um recipiente para o outro?” foi também explorado o Bloco 2- À descoberta dos outros e instituições, aqui foi dado a conhecer às crianças através de um “quiz” os monumentos, a gastronomia e as tradições vianenses. Nesta aula, os alunos tiveram ainda a possibilidade de ver trajes vianenses que a Professora Estagiária levou para a sala de aula, foi também mostrado peças em filigrana. Foi também explorado o Bloco 3- À descoberta do ambiente natural, aqui foi explorado os cuidados a ter com as plantas e os animais, e foi falado da reciclagem. No respeitante à Educação Artística, foi pedido às crianças para pintarem o alfabeto ilustrado.

Na última semana da minha colega, implementei uma atividade de Estudo do Meio, Bloco 2- À descoberta dos outros e instituições, implementei com as crianças um jogo sobre a cidade de Viana do Castelo “À descoberta de Viana do Castelo”. Na minha última semana, a semana intensiva, a nível do Português, foram trabalhados os quatro domínios do programa da disciplina, a Oralidade, a Iniciação à Educação Literária, Leitura e Escrita e Gramática. A Oralidade, através do questionamento onde os alunos respondiam o essencial. No que diz respeito à Iniciação à Educação Literária, foram explorados textos tradicionais. Quanto à Leitura e Escrita foram lecionados os casos de leitura “an”, “en”, “in”, “on”, “un” e “am”, “em”, “im”, “om”, “um”. Relativamente à gramática foi lecionado o plural de palavras terminadas em “am”, “em”, “im”, “om” e “um”. Na área da Matemática foi explorado o domínio Números e Operações, e Geometria e Medidas. Esta semana, foi uma semana destinada a revisões, uma vez que ia ser feita ficha de avaliação na semana seguinte e alguns dos alunos estavam com algumas dificuldades nas somas e subtrações dos números maiores. No domínio Números e Operações, foram feitas revisões dos números até 80. A nível da Geometria e Medidas foi lembrado o tempo, o dia, o ano, o mês e os dias da semana. Relativamente ao Estudo do Meio, foi explorado o Bloco 3- À descoberta do ambiente natural, aqui foi introduzido a noção de dia e noite “O porquê do dia e da noite”, através de um modelo de demonstração. Foi ainda explorado neste bloco

o facto da duração do dia e da noite não ser sempre igual. O Bloco 2- À descoberta dos outros e instituições voltou a ser explorado, através de uma história de banda desenhada sobre a cidade de Viana do Castelo, no final, foi dada a possibilidade aos alunos de cantar a canção “Havemos de ir a Viana” de Amália Rodrigues. No que diz respeito à Educação Artística foi pedido às crianças para pintar um desenho sobre o Dia Mundial da Criança e que fizessem um desenho sobre a comemoração do dia.

No decorrer das sessões de implementação tentei sempre apresentar a matéria de formas diversificadas, com o intuito de cativar o grupo e desta forma reter as suas atenções. Quando por exemplo era levado um jogo para a sala, os alunos ficavam eufóricos e com vontade de jogar sempre mais. No que diz respeito à matemática tentei sempre que possível levar para a sala de aula problemas. Quando era pedido aos alunos para resolver um problema, era sempre pedido que explicassem o seu raciocínio e se possível que apresentassem mais que uma forma de resolver o problema. Foi tido sempre em conta a articulação entre conteúdos, ou seja, se estava a ser lecionado o caso de leitura “ce” e “ci”, as personagens dos problemas matemáticos eram as mesmas do texto de português, tentávamos sempre articular os conteúdos.

Finalizado este ciclo de estudo posso concluir que o estágio em 1º CEB foi uma mais valia para o meu crescimento quer a nível pessoal como profissional, foi a minha primeira experiência como professora, a minha primeira experiência com uma turma do 1º CEB, o que acarreta uma maior responsabilidade, porque os alunos tem um programa facultado pelo ministério da educação e este tem que ser cumprido de modo a os alunos adquirirem conhecimentos para posteriormente serem avaliados.

3. CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

3.1 Trabalho de investigação

O presente capítulo tem como finalidade a apresentação da orientação para um problema, tal como a sua definição e as questões orientadoras. É feita uma revisão da literatura, após a revisão da literatura é apresentada a metodologia de trabalho, a apresentação e análise de dados e para finalizar, as conclusões.

3.1.1 Orientação para o problema

As 3 primeiras semanas de observação no contexto educativo onde foi desenvolvida a prática pedagógica, foi uma mais valia para a investigadora, uma vez que permitiu contactar com o público alvo com quem se ia desenvolver a investigação. Nesta fase, a investigadora, conseguiu ter uma perceção de como era o seu público alvo, ou seja, quais as necessidades e interesses de cada aluno. Nesta fase foi ainda possível verificar a forma de trabalho da professora cooperante, de modo a que os alunos não fossem sentir uma grande diferença relativamente ao método de ensino, isto porque, é muito importante para o desenvolvimento dos alunos o saber transmitido em sala de aula, tal como a envolvimento no seio escolar, de modo a que os alunos consigam alcançar o sucesso.

Um dos grandes problemas da atualidade, deve-se a facto de a sociedade se encontrar muito ligada as tecnologias e em parte dependentes, principalmente as gerações mais novas.

Nos dias que correm, quase no momento em que a criança nasce contacta logo com as novas tecnologias, mais que não seja, para ver filmes de modo a “acalmar”. A criança como é “criada” neste ambiente acaba por ficar demasiado ligada ao mundo virtual e deste modo, acaba por perder o contacto com pessoas reais, isto porque vão dando mais valor aos amigos virtuais, sendo aqui perdidos valores como a socialização, a interação, como nos diz Gonçalves, “As novas tecnologias influenciam o comportamento dos alunos, diariamente: desde o aparecimento da internet nas escolas...” “A tecnologia subjacente aos recursos didáticos consolida e enriquece a própria experiência do aluno.” (Gonçalves, 2012).

O grande problema da atualidade, é os alunos usarem maioritariamente as novas tecnologias essencialmente para lazer, ou seja, para jogos não pedagógicos. Deste modo muitos dos professores consideram não ser relevante o uso das novas tecnologias como técnica de ensino.

De forma a contrariar a ideia que os próprios alunos tinham que através de um jogo não era possível estudar o meio social, a professora investigadora levou para a sala de aula 2 jogos que tinha, como intencionalidade dar a conhecer aos alunos do 1º ano de escolaridade o Património Cultural e Material do Alto Minho. Este jogo foi produzido por alunos e bolseiros da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) do Instituto Politécnico de Viana do Castelo no âmbito do projeto financiado “Novos Media ao Serviço do Património Cultural do Alto Minho” (NMSPCAM).

Deste modo, as crianças puderam adquirir conhecimento e puderem ainda verificar que através de jogos também é possível aprender. Através de um questionário, a investigadora, pode verificar que todos os alunos consideravam que se o estudo do meio fosse lecionado através de jogos, seria mais fácil a compreensão das diferentes matérias.

3.1.2 Problema e questões orientadoras

Quando se quer realizar um trabalho de investigação, é essencial demarcar o que se pretende saber, ou seja, qual a intencionalidade do trabalho, de modo a conseguir chegar ao resultado esperado. Mas nem sempre é fácil, uma vez que por vezes aparecem diversos obstáculos difíceis de contornar.

“Um trabalho de investigação que se pretenda realizar poderá surgir de uma dúvida/problema à qual o investigador pretende encontrar resposta. Assim, ele poderá ir à procura de algo que lhe possa interessar investigar, ou pode ainda acontecer por acaso, onde o contexto sugere ao investigador um trabalho de pesquisa que se apresente interessante e relevante.” (Sousa, 2016)

A autora citando Giglione e Matalon defende que independentemente do estudo que está a ser realizado, ou mesmo que se pretenda realizar, existem fases pelas quais todas as

investigações passam e deste modo é importante formular e definir o problema, os objetivos a atingir, e que se pretende estudar. No decorrer da investigação vão sempre aparecendo contratempos, estes podem até mudar o rumo da investigação, mesmo que tudo esteja devidamente planeado e estruturado.

Sousa citando Quivy e Campenhoudt diz-nos que para conseguirmos iniciar um trabalho de investigação no ramo das ciências sociais é necessário traduzir o projeto da investigação numa questão-problema central, onde se diga aquilo que se pretende saber e seja visível os principais objetivos que se pretende alcançar. Quivy e Campenhoudt citado por Sousa diz-nos que “qualidade de clareza, de exequibilidade e de pertinência” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p.44)

Com este trabalho pretendia saber o que os alunos do 1º ano de escolaridade sabiam sobre o Património Cultural e Material do Alto Minho e a ideia que tinham sobre o jogo digital, ou seja, a ideia primordial era: Que contributo podem os jogos digitais ter no ensino do Estudo do Meio social?

Para responder a esta questão foram ainda utilizadas questões chave de ajuda a desmistificar a questão central, foram elas:

1. Que perceções revelam as crianças sobre o Património Histórico Local?
2. Como perspetivam a aprendizagem de conteúdos relacionados com o passado do meio local recorrendo a novas tecnologias de informação e comunicação?
3. Existem mudanças entre as conceções iniciais e as finais, aquando da conclusão do presente estudo?

Paralelamente, foram também definidos tópicos que estruturaram e orientaram a fundamentação teórica/revisão de literatura. Foram eles:

- 1- “Uso das tecnologias educativas em contexto(s) pedagógico(s).”
- 2- “O que sabes sobre o nosso Património Cultural?”
- 3- “Literacia Patrimonial Local e os Novos Media”.
- 4- “Reflexos da aprendizagem usando novos media”

4. Fundamentação teórica

Nesta secção vai ser apresentada uma fundamentação teórica, através da discussão de autores e respetivas teses/trabalhos/publicações, que sustentam o trabalho de investigação e deste modo permite que haja uma compreensão mais facilitada do mesmo. Para isto, foram definidos alguns tópicos centrais, que enquadram e orientam essa mesma revisão: importância dos novos media na aprendizagem, a importância dos nativos digitais e a Educação Histórica e Patrimonial no 1ºCEB.

4.1 A importância dos novos média na aprendizagem

A internet é utilizada por adultos essencialmente para fazer pesquisas e manter o contacto por correio eletrónico, enquanto os jovens utilizam mais a internet para descarregar filmes e músicas, fazer telefonemas ou mesmo registarem-se nas redes sociais, por exemplo o Facebook, segundo o centro italiano da aprendizagem, adaptado para português pela seguranet. Para os adultos, a internet é vista como um motor de trabalho, mas para os jovens ou crianças é mais utilizada para diversão, porque podem manter o contacto com os seus amigos e fazer novas amizades e também jogar diversos jogos.

Mas a internet também apresenta alguns obstáculos/desvantagens, como por exemplo: os jovens por vezes isolam-se do mundo real, isto é, o importante é o mundo virtual e os seus amigos virtuais. Nas pesquisas, ou mesmo em redes sociais podem ser encontradas informações falsas, serem influenciados por comportamentos e valores menos corretos. Existe também o risco de *cyberbullying*¹.

“No seu uso da internet, os jovens podem experimentar ao assumir múltiplas identidades e aprender sobre temas passados e presentes a uma velocidade que nenhuma enciclopédia pode alguma vez superar.” (Papuzza, Marzotti, Medici, & Russo, 2011)

¹ Conjunto de ameaças, coações ou outros atos de intimidação ou de humilhação exercício de forma continuada sobre uma pessoa considerada mais fraca ou mais vulnerável e feito através da internet

“A internet representa uma enorme fonte de conhecimento e informação. Mesmo entre os jovens, as estatísticas mostram que uma das principais razões para se começar a usar a internet é a pesquisa, uma prática também encorajada pela escola.” (Papuzza et al., 2011)

“Mesmo para um adulto, nem sempre é fácil distinguir entre informação verdadeira e duvidosa. No entanto, se os jovens falharem em desenvolver uma abordagem crítica em relação à informação que encontraram na internet, podem ficar especialmente vulneráveis a conteúdos enganosos e falsos. Do mesmo modo, enquanto a escola agora aceita a internet como uma importante fonte de informação, os professores nem sempre prestam atenção suficiente à forma como os seus alunos obtém e analisam de forma crítica essa mesma informação.” (Papuzza et al., 2011)

Desde muito cedo, as crianças começam a jogar jogos de vídeo, porque estes satisfazem as suas necessidades e correspondem aos padrões comportamentais próprios do(s) grupo(s) em que se insere(m). Noutros quadros geracionais, estas necessidades eram satisfeitas por outras atividades. Nos dias que correm, os jogos de vídeo permitem aos jovens assumir riscos e se desafiarem a si e aos outros.

“Nos Estados Unidos a televisão é utilizada essencialmente como actividade de lazer, enquanto que a Internet tem o potencial, tal como a imprensa, de transformar a aprendizagem, o lazer e a forma como é vivenciada a experiência profissional.” (Castells & Cardoso, 2006)

Em 2000 o World Internet Project fez um estudo sobre a internet, porque acreditavam que esta teria mais impacto do que a televisão.

A WWW (World Wide Web), foi fundada em 12 de março de 1989, pelo físico britânico Tim Berners-Lee que é considerado o pai da Web, é de salientar que apenas em 1990 a WWW conseguiu ter sucesso.

Castells diz-nos que o avanço da tecnologia se sentiu de uma forma muito forte nos Estados Unidos, mas este não é o único país com grande avanço nas tecnologias. Na Escandinávia, os níveis de acesso à internet têm sido maiores. A América só começava a entrar naquele momento na tecnologia wireless. Os europeus e os asiáticos utilizavam o

telemóvel para aceder à internet e enviar SMS, mas nos Estados Unidos ainda estavam a ser dados os primeiros passos.

O autor diz-nos também que nos países onde foram realizados estudos, existe uma relação direta entre a maior utilização da internet relacionada com menor tempo de visualização de televisão, porque os utilizadores aos poucos ganham mais experiência na internet, ficando mais ligados a esta plataforma e percebendo que, através dela, os seus hábitos de consumo são satisfeitos.

Castells diz-nos que a internet se transformou num meio de comunicação acessível ao público desde a década de 90 principalmente depois do desenvolvimento dos browsers. As pessoas usam a internet à procura de informação. O Word Internet Project tenta reconhecer a Internet como uma fonte de informação e entretenimento, tenta também perceber a forma como se modifica a utilização da internet e de que forma pode “afetar” os novos media.

Inicialmente a internet assumiu-se como uma fonte de informação, mas também usada como entretenimento. Segundo Castells na sua obra: “A galáxia Internet reflexões sobre internet, negócios e sociedade”, no capítulo “A realidade social da virtualidade da internet”, diz-nos que a utilização da internet são essencialmente instrumentais e encontram-se muito ligada com a família, o trabalho e a vida diária de quem a utiliza (Castells, 2004). Onde podemos encontrar uma maior taxa de uso da internet é no correio eletrónico, pelo facto de ser utilizado como ferramenta de trabalho e um meio de comunicação:

“Os jogos de papéis (role playing) e a construção de identidade como base da interação on-line constituem uma parte muito reduzida da sociabilidade baseada na Internet, e é um tipo de actividade que tende a concentrar-se especialmente em círculos de adolescentes.” (p. 147)

No capítulo “A internet e as culturas alternativas”, o autor refere que nos anos 1960 e 1970, a ligação informática em rede foi utilizada para os seus próprios fins e na maioria dos casos em busca da inovação tecnológica, tendo tido as universidades um papel fulcral no apoio às redes comunitárias.

Se a internet não tivesse tido ajudas a nível de contribuição cultural e tecnológica de Boulder, Colorado; Blacksburg Eletronic Village; Cleveland FreeNet ou Chetbuco Suite em Halifax, Nova Escócia, era muito provável que o aspeto da internet fosse muito diferente e não seria acessível a toda a gente, ou se fosse seria de uma forma mais gradual.

A internet, à medida que se vai tornando na principal fonte de informação das diversas pessoas do planeta é necessário avaliar a credibilidade da informação que é publicada na internet. A cada dia que passa a internet continua a crescer como fonte de informação.

Pereira (2000) afirma, que o conceito Educação para os Media diz respeito a um conjunto de teorias e práticas que tem como objetivo desenvolver a consciência crítica e a capacidade de iniciativa em relação aos meios de comunicação social.

A compreensão dos media é também envolvida como uma realidade socialmente construída, que tem por base um trabalho de construção, de representação, de seleção, de hierarquização, isto é, de construção a nível social. A Educação para os Media tem como principal objetivo, educar para o espírito crítico.

Pereira (2000) apresenta quatro princípios que permitem justificar a importância de educação para os media:

- No primeiro, diz-nos que os media desempenham um papel fulcral tanto na vida social, como política, como cultural das sociedades modernas e tem uma importância significativa para o dia-a-dia dos cidadãos, especialmente das crianças e que as escolas e os agentes educativos devem tirar partido das novas tecnologias.
- No segundo, diz-nos que o desenvolvimento das TIC deixa ver a importância gradual dos novos media, no presente o no futuro. Muitos investigadores defendem que é essencial preparar as pessoas, essencialmente as crianças e conviverem autonomamente com um ambiente mediático omnipresente.
- No terceiro diz-nos que a escola e a família até então eram os únicos transmissores de saberes, com a chegada dos media estes passaram a desempenhar um papel fulcral na transmissão de conhecimento.

- No quarto, diz que a realidade apresentada por os media é produzida pelas instituições e pelos profissionais que usam os media.

Para abordar os media a autora usa seis dimensões que são elas: as instituições mediáticas, as categorias de textos que produzem, as tecnologias que recorrem, as linguagens que utilizam, as representações e as audiências. As instituições mediáticas dizem respeito a quem comunica e porque o fazem, as categorias de textos que produzem tem a ver com o tipo de texto se expõe. As tecnologias a que recorrem é como é produzido, as linguagens que utilizam dizem respeito ao saber o que significa, as representações, como é retratado um determinado assunto, e as audiências que significado é atribuído ao texto por quem o recebe.

A tecnologia dos jogos é também muitas vezes utilizada para que as crianças possam aprender, ou seja, os jogos ajudam a estimular a coordenação da visão/tacto e obrigam a qua haja um determinado tipo de raciocínio. Nos jogos online, é permitido o contacto com outros jogadores, porque podem socializar com os outros.

Segundo Gonçalves (2012), citando Damásio,

“Os usos das TIC’s em contextos educativos abarcam um vasto conjunto de áreas, desde o simples uso do computador ou de um vídeo como suplemento expositivo, até ao uso de tecnologias colaborativas para aumentar os índices de colaboração e participação de estudantes, temporal ou especialmente separados”.

Segunda a autora, as tecnologias não substituem as pedagogias a serem utilizadas, mas transformam o dia a dia do ensino. Os professores continuam a ser fulcrais no sucesso dos alunos.

As tecnologias para Pappuzza, “Ajudam a afastar o aborrecimento, dão-lhes uma sensação de igualdade em relação aos outros e são uma forma de socializarem”. (Pappuzza et al., 2011).

“As novas tecnologias influenciam o comportamento dos alunos, diariamente: desde o aparecimento da internet nas escolas e implementação do Plano Tecnológico para a Educação com a introdução do Magalhães no 1º ciclo, que se propunha a incentivar o uso do computador como uma ferramenta de apoio ao estudo e na realização de

trabalhos escolares. A tecnologia subjacente aos recursos didáticos consolida e enriquece a própria experiência do aluno.” (Gonçalves, 2012)

Apesar dos media terem um papel importante nas aprendizagens, é fundamental o papel dos pais para o sucesso da educação para os media, pois é em casa que os alunos consomem mais tempo estas tecnologias. É essencial que os pais e as escolas estejam em constante ligação para ajudar as crianças a saber transformar o conhecimento captado através da comunicação social e na internet.

A educação para todos é o primeiro objetivo mundial da UNESCO. O perfil dos alunos à saída para a escolaridade obrigatória, não tem como base uma tentativa uniformizadora, mas sim criar um quadro de referência em que exista liberdade, responsabilidade, valorização do trabalho, consciência de si próprio, inserção familiar e comunitária e participação na sociedade que nos rodeia.

À educação são colocados novos desafios pelo mundo atual, isto porque o saber científico e tecnológico estão-se a desenvolver a um ritmo muito elevado.

No que diz respeito às ligações entre o individuo e a sociedade em conjunto entre o passado e o futuro, à escola são colocados diversos desafios, os quais levantam várias questões. Os sistemas educativos cooperam com a evolução de competências e valores nos alunos relativamente ao século em que estamos. É na escola que os alunos adquirem diversas literacias.

O perfil dos alunos tem como objetivo que os alunos construam e consolidem uma cultura científica e artística de base humanística. (ME, 2017)

No final da escolaridade obrigatória, ou seja, os doze anos de ensino, os alunos devem ser capazes de: na base humanista, que os alunos formulem uma sociedade mais justa, centralizada no ser humano; no saber, este é o centro do processo educativo, tendo a escola a responsabilidade de passar aos alunos o saber científico; a aprendizagem, estas são fulcrais no processo educativo; a inclusão, a escolaridade obrigatória é para todos os alunos, independentemente do seu nível socioeconómico ou cultural e cognitivo e motivacional; a coerência e flexibilidade, através da gestão flexível do currículo e como o

trabalho dos professores e educadores é possível explorar diferentes temas atendendo as aprendizagens; adaptabilidade e ousadia, diz respeito à adaptação dos novos contextos e estruturas; a sustentabilidade, os alunos à saída da escolaridade obrigatória devem ter presente a consciência sustentável; a estabilidade, é esperado que os alunos saibam ter estabilidade para se adequarem ao sistema.

As competências na área de Informação e comunicação dizem respeito à seleção, análise, produção e divulgação de produtos, de experiências e de conhecimento, em diferentes formatos.

As competências associadas a Informação e comunicação implicam que os alunos sejam capazes de: pesquisar, selecionar informação importante de forma crítica e autónoma, através de diversas ferramentas; devem conseguir com a informação a transformar em conhecimento; cooperar em diversos contextos educativos corretamente e em segurança.

É esperado que os alunos pesquisem sobre conteúdos escolares e temas que lhes interesse. Com base nas diversas informações disponíveis, como a internet, os media, os livros, as revistas, jornais... Através destas fontes de informação é possível avaliar e validar a informação recolhida.

Relativamente ao saber científico, técnico e tecnológico aqui os alunos devem conseguir compreender os fenómenos e processos que digam respeito a tomar decisões relativamente à cidadania; deve saber utilizar diferentes materiais e instrumentos de forma a conseguir criar, transformar...; deve também conseguir usar operações técnicas, com uma metodologia de trabalho adequada; conseguir adequar a ação de transformação e adequação, quer em contextos naturais, tecnológicos, socioculturais, atividades experimentais, projetos e aplicações práticas...

A internet disponibiliza uma vasta quantidade de informação, sobre muitas temáticas, podemos encontrar de tudo, desde uma determinada coisa que seja muito recente, até uma coisa muito antiga. Mas nem tudo o que encontramos na internet é bom, isto porque existe muita facilidade em se publicar online, por isso temos de avaliar a credibilidade e qualidade do que encontramos.

Mesmo que o professor não se sinta à vontade para criar recursos online, pode tirar partido dos recursos já existentes.

Carvalho citando Adojaan & Sarapuu (2000), Schrock (2002), Treadwell (2006), e outros autores não referidos diz-nos que quando um professor utiliza um recurso já existente, deve ter em atenção se este se encontra de acordo com as orientações curriculares e se o website foi criado com o intuito de apoiar o ensino, sendo que deve dizer a que nível de ensino se adequa.

Segundo Carvalho, a WebQuest² foi criada em 1995 por Bernie Dodge e Tom March para motivar os professores a usarem a tecnologia e ser tirado partido da informação disponível na internet. A WQ tem evoluído com o decorrer dos anos, a autora diz-nos que segundo Carvalho (2007), os recursos começaram a aparecer como uma componente e por isso há tantas WQ estruturadas.

Dodge (1995)	Dodge (1997;1998)	Dodge (1999)
Introduction	Introduction	Introduction
Task	Task	Task
Information sources	Process	Process
Process	Resources	Evaluation
Guidance	Evaluation	Conclusion
Conclusion	Conclusion	Teacher Page

Quadro 1- Evolução da estrutura da WebQuest. Fonte: Carvalho, 2007

A autora diz-nos que a estrutura que se encontra em vigor da WQ apresenta cinco componentes: a Introdução, a Tarefa, o Processo, a Avaliação e a Conclusão, mas Dodge (1999a) propunha ainda a página do professor, o qual é importante, mas que a autora acha que no menu WQ do aluno não deve aparecer.

No que diz respeito à introdução, esta deve ser motivadora a nível temático e

² WebQuest- é uma metodologia de pesquisa na Internet, voltada para o processo educacional, estimulando a pesquisa e o pensamento crítico. É um modelo extremamente simples e rico para dimensionar usos educacionais da Web.

cognitivo, isto porque, a temática desperta o aluno para o assunto e a cognitiva tira partido dos conhecimentos prévios e sugere os aspetos a ser focados.

Dodge (1999b) citado por Carvalho, a tarefa é o elemento mais importante, uma vez que indica o produto apresentado.

O Processo diz-nos as fases ou as etapas que devemos seguir ou consultar. Aqui devem ser dadas instruções com pormenor de como os alunos devem fazer.

A avaliação, aqui deve dizer como o desempenho dos alunos foi avaliado, devem também referir se a avaliação é em grupo ou individual e deve incluir os indicadores qualitativos e quantitativos.

Na conclusão, é facultado um resumo da experiência tida pela WQ e devem ser explicadas as vantagens da realização do trabalho. Deve igualmente despertar curiosidade em pesquisas futuras, pode ser colocada uma pergunta, um problema a ser resolvido...

Segundo Prensky (2010) citado por Carvalho, diz-nos que o vídeo é a maneira que se tem tornado mais usual de espalhar conhecimento. Diz-nos ainda que por dia são colocados no youtube 150.000 vídeos. Sendo estes vídeos de curta duração uma forma de partilhar ideias, opiniões, emoções e sentido de humor em torno do planeta. Algumas das pessoas partilham os seus vídeos, de modo a receber feedback de outros. Nestes vídeos divulgados temos de ter em atenção o conteúdo publicado, tal como referido anteriormente. Nos vídeos divulgados no youtube, é possível denunciar o vídeo caso este seja impróprio e também podemos dar o nosso feedback, dizermos se gostamos ou não.

Bauer, (2009), Li et al., (2009) e Oliveira (2009) citados por Carvalho, diz-nos que os docentes, têm preferido vídeos com uma duração inferior a cinco minutos, mesmo quando são eles a executá-los.

Segundo Prensky (2010), citado por Carvalho, refere que a grande maioria dos adolescentes preferem o youtube à televisão.

Koumi (2006) citado por Carvalho, apresenta a importância e os valores que as técnicas de vídeo podem ter para o ensino:

- Pode servir de apoio para a aprendizagem e criação de conhecimento (imagens animadas, ilustração de conceitos com exemplos reais...);
- Pode providenciar experiências impossíveis, até mesmo mostrar locais inacessíveis (locais perigosos e distantes, vistas aéreas)
- Pode estimular sentimentos e motivações em dois sentidos:
 - ◆ Estimular a determinação, a motivação e a atuação (estimular a vontade para aprender, incitar a ação);
 - ◆ Estimular os sentimentos e as atitudes (assegurar e encorajar a autoconfiança, surge empatia por pessoas, desencoraja o isolamento do estudante que está distante);

Ao selecionar um vídeo que seja bom, não é o suficiente para o explorar, quando um docente utiliza um vídeo numa aula, antes tem de haver uma boa planificação para o integrar e explorar, como nos diz a autora citando (Carvalho 1993). Uma boa planificação, tem como base três fases distintas, as quais acompanham o visionamento e a exploração do vídeo, são elas: a fase de introdução, visualização e compreensão e exploração. A fase de introdução inovadora, não deve ser mais longa do que o vídeo, nem tão pouco deve dizer tudo sobre o conteúdo.

Em 2004, Adam Curry e Dave Winner emitiram o primeiro programa de rádio na internet e então surgiram os podcasts³, ideia que as escolas têm usado e criado as suas próprias rádios. O podcast inicialmente era em áudio e de seguida passou para vídeo.

Segundo a autora, os meios de comunicação social, como as emissoras de rádio e televisão têm facultado diversos podcasts nas suas páginas de internet, os quais podem ser usados em contexto educativo. Existem muitos podcasts disponíveis para utilizar, basta escolher e o professor ter criatividade para o usar.

Inicialmente eram os professores que faziam os podcasts, na atualidade há uma

³ Podcast é um **arquivo digital de áudio transmitido através da internet**, cujo conteúdo pode ser variado, normalmente com o propósito de transmitir informações.

dinâmica colaborativa entre os professores e os alunos na produção destes materiais. Os podcasts podem ser utilizados em visitas de estudo para dar orientação aos alunos, do que estão a ver e o que fazer como aconteceu na cidade de Bracara Augusta (Carvalho, 2013).

Tipo	Formato	Duração	Autor	Estilo	Finalidade
Expositivo / Informativo	Áudio	Curto ≤5'	Bibliotecário/ Professor/ Educador	Formal	Informar
	Vídeo			Informal	Analisar Motivar/sensibilizar
Feedback/ Comentários	Vodcast Screencast	Moderado ≥5' e ≤15'	Aluno(s)		Resumir/sintetizar Refletir Questionar
Instruções/ Orientações	Enhanced Podcast	Longo ≥15'	Outro		Incentivar7desafiar Explicar Divulgar Etc.

Quadro 2 - Taxonomia de *Podcasts* (adaptado de Carvalho & Aguiar, 2010) Fonte: Carvalho (2013)

Relativamente aos tipos de podcasts há três tipos de categorias: o expositivo/informativo, aqui o conteúdo é apresentado, como por exemplo a análise de uma obra. Este tipo é o que mais se usa em contexto educativo. O feedback /comentários, como o próprio nome indica centra-se em feedback em trabalhos já apresentados, este por norma não é reutilizado. As instruções/ orientações aqui são dadas instruções para executar uma determinada tarefa.

No podcast foram introduzidas imagens, porque os alunos sentiam falta delas. Segundo a autora, os alunos preferem os de curta duração, até cinco minutos, sendo que os moderados são entre cinco e quinze minutos e os de longa duração duram mais do que quinze minutos. O podcast deve captar a atenção do destinatário, por isso deve ter uma estrutura com princípio, meio e fim.

Wiley (2000) citado por Carvalho, diz-nos que qualquer recurso digital pode ser usado como ajuda à aprendizagem. Podemos usar diversos formatos como: imagens, músicas, apresentação, vídeo, exercício interativo.

Com base nas diferentes abordagens sobre o uso da internet, é possível reparar

semelhanças nas reflexões dos autores.

A internet começou a ser usada como fonte de informação e entretenimento, atualmente os media estão presentes no dia-a-dia de todos os indivíduos, tanto a internet como os novos media para além de serem uma enorme fonte de conhecimento e informação, a velocidade com que se pode obter todo este conteúdo é um dos fatores favoráveis para ser utilizada na aprendizagem. É de salientar que os media têm a capacidade de transformar a aprendizagem e desenvolver o espírito crítico. Os autores Papuzza, Marzotti, Medici, & Russo (2011), Pereira (2000) e Castells & Cardoso (2006) seguem a mesma linha de argumentação.

Os autores Gonçalves (2012) e Carvalho (2013), nas suas reflexões sobre o uso dos media nas aprendizagens, defendem que pode ser usado qualquer tipo de tecnologia como auxílio a assimilação de conhecimentos, como por exemplo imagens, músicas, vídeos. Os alunos podem e devem utilizar as novas tecnologias tanto para criar conhecimento como para auxiliar nas atividades desenvolvidas pelos professores, mas estas não substituem as pedagogias, apenas transformam a forma de aprender, através das novas tecnologias é mais fácil os alunos prestarem atenção.

4.2 Nativos Digitais

Esta expressão está registada como sendo da autoria do divulgador e pedagogo Marc Prensky que, em 2001, escreve o texto “Digital Natives, Digital Immigrants” em que, pela primeira vez, é utilizado o termo “Nativos Digitais”.

“It is amazing to me how in all the hoopla and debate these days about the decline of education in the US we ignore the most fundamental of its causes. Our students have changed radically. Today’s students are no longer the people our educational system was designed to teach. Today’s students have not just changed incrementally from those of the past, nor simply changed their slang, clothes, body adornments, or styles, as has happened between generations previously. A really big discontinuity has taken place. One might even call it a “singularity” – an event which changes things so fundamentally that there is absolutely no going back. This so-called “singularity” is the arrival and rapid

dissemination of digital technology in the last decades of the 20th century.”
(Prensky, 2001)

Na citação acima transcrita, o autor diz-nos que os alunos mudaram radicalmente, já não são os mesmos para os quais o nosso sistema de educação foi criado. Os alunos não mudaram unicamente em termos de avanço em relação aos alunos do passado, não foram só as roupas ou os estilos que mudaram, mas sim, as formas de pensar, agir e aprender. Esta mudança foi tão drástica devido à chegada e à propagação da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX. O mundo digital em que vivemos transformou a vida das pessoas, porque o acesso à informação é facilitado e, estas gerações são as primeiras que nasceram já, plenamente, na era da tecnologia. O autor intitula as pessoas que nasceram nesta época como “Nativos Digitais” e quem não nasceu, mas adotou a maioria desses aspetos por “Imigrantes Digitais”.

O termo “nativos digitais” foi também adotado por Palfrey e Gasser no livro Nascidos na era digital. Utilizam a designação para mencionar as pessoas nascidas após 1980 e que têm habilidade para usar as tecnologias digitais. Para estes dois autores os que não se enquadram no grupo Nativos Digitais, “(...) precisam conviver e interagir com esses nativos e, além disso, precisam aprender a conviver em meio a tantas inovações tecnológicas, são os chamados imigrantes digitais (PALFREY; GASSER, 2011).” Citado por... (Santos, Scarabotto, & Matos, 2011)

Prensky, compara os “Imigrantes Digitais” aos imigrantes que mudaram de país, em que estes aprendem, adaptam-se ao ambiente, mas mantêm-se sempre ligados ao seu país, no caso dos “Imigrantes Digitais”, o passado “não tecnológico”, digamos assim.

Alves no artigo: “Games e educação – construção de novos significados” reflete sobre a utilização dos jogos eletrónicos na educação, a importância destes no auxílio da aprendizagem e criação de conhecimento, pois os jogos eletrónicos podem ser um fenómeno cultural na sociedade atual (Alves, 2008).

A autora afirma que o aparecimento dos jogos eletrónicos para a cultura, atualmente, vai além do entretenimento e é necessária uma mobilização por parte de investigadores para entrar nesta nova realidade. Nas universidades, os jogos eletrónicos começam a surgir

como objetos de investigação e podem contribuir para as aprendizagens e criação de conhecimento e também para novas práticas pedagógicas para responder às necessidades dos Nativos Digitais.

Existem atualmente várias pesquisas relativas aos jogos, em diversas áreas como por exemplo em comunicação, psicologia e educação, isto vai criar diferentes pontos de vista. Por este motivo é necessário delinear uma metodologia considerando todos os problemas e especificidades dos jogos e dos medias.

Prensky diagnostica a grande dificuldade que educadores e professores têm em se adaptar às novas literacias emergentes: “our Digital Immigrant instructors, who speak an outdated language (that of the pre-digital age), are struggling to teach a population that speaks an entirely new language” (Prensky, 2001).

O grande problema da Educação, na atualidade, é devido aos educadores/professores continuarem a usar métodos didáticos já ultrapassados. O estudante atualmente tem imensos recursos tecnológicos para usar, são estes recursos que vão influenciar o modo de estudar, aprender e produzir conhecimento o que, necessariamente, vai também influenciar o método pedagógico do professor e a forma como este se tem de preparar e acompanhar uma literacia cada vez mais digital, tanto ao nível da aprendizagem, como do ensino. Estas implicações ainda não foram completamente assimiladas, não apenas pelo facto de o corpo docente estar a envelhecer - no caso Português, segundo o CNE, – mas também porque a carreira docente e as suas vicissitudes, levam a uma grande instabilidade e, nem sempre, uma possibilidade de “investir” nestes métodos, que exigem mais tempo de implementação.

Segundo Alves citando Aarseth (2003, p. 14), considera que existem três formas de aquisição de conhecimentos em relação ao jogo:

- É possível estudar (se estiverem disponíveis), as regras e as mecânicas do jogo.
- Observar outros indivíduos a jogar ou ler os relatórios e críticas sobre o jogo.
- Jogar o jogo.

Defende que estas três formas são válidas, mas que jogar o jogo é a melhor para o compreender.

A autora utiliza o termo “labirinto” como metáfora para a aprendizagem através dos meios de comunicação e jogos tecnológicos.

Alves citando Leão, diz-nos que existe três tipos de “labirintos”:

- O primeiro “labirinto” não oferece liberdade de escolha, só há um caminho a seguir.
- O segundo tem dois caminhos que se podem seguir, sendo necessário ter atenção às metodologias e estratégias usadas, para não escolher o errado.
- O terceiro transforma-se constantemente, podemos seguir várias direções porque todos os caminhos estão abertos, dependendo da escolha de cada um.

A autora diz-nos que a mediação dos jogos educativos no cenário pedagógico ainda se encontra no segundo labirinto, porque existe uma grande desconfiança e resistência por parte dos educadores, professores e mesmo dos pais, porque querem ensinar como foram ensinados e como aprenderam e não conseguem ver o potencial pedagógico dos novos media e dos jogos eletrónicos. Em relação aos educadores e professores, estes ainda acham que é uma perda de tempo e pensam que ao utilizá-los não vão conseguir acabar o programa.

Prensky, faz uma critica aos “Imigrantes Digitais” e aos “Educadores Imigrantes Digitais”, pois estes não apreciam as novas habilidades nem as novas capacidades dos “Nativos Digitais”, como referido anteriormente estão habituados à rapidez, eles estão e estiveram conectados desde a maior parte da sua vida, por isso as “velhas” palestras, a forma de ensinar passo a passo, lentamente e individualmente, segundo o autor já não funciona com estes novos alunos.

Até então, todo o saber estava centrado no professor e na escola, o professor era visto como o detentor do saber. Com o surgimento das novas tecnologias, o aluno pode verificar que o professor não é a única fonte de saber, agora também é possível aprender através das novas tecnologias, como por exemplo na visualização de um vídeo na internet, a jogar um jogo, as próprias experiências quer a jogar ou no dia a dia são também objeto e fonte de conhecimento... tendo então o professor que se adaptar à escola do presente e às novas tecnologias. Porque na atualidade é mais fácil captar a atenção de um aluno através

das novas tecnologias, do que através de uma aula tradicional em que a aula é centrada no professor, ou seja, o professor dá a matéria e o aluno apenas ouve.

Considerando os “labirintos” apresentados por Alves e os modelos de aulas apresentados por Barca, o primeiro “labirinto” corresponde ao modelo de “aula-conferência”, este baseia-se no ensino tradicional onde o ensino é centrado no professor, e o aluno não possuía nenhum conhecimento, ou seja, o professor debitava matéria e os alunos apenas tinham de a aprender e decorar. O segundo “labirinto”, é alusivo ao modelo de “aula-colóquio”, apesar de o saber poder ser partilhado o ensino continua a ser centrado no professor e nos seus materiais. O modelo “aula-oficina” corresponde ao terceiro “labirinto”, baseia-se no construtivismo social, onde os alunos são os criadores do seu próprio conhecimento, apesar de serem os alunos os criadores do conhecimento, o professor tem um papel muito importante no acompanhamento e desenvolvimento dos alunos enquanto agentes sociais. Tanto Barca como Alves, defendem que o terceiro “labirinto” / “aula-oficina” são o melhor caminho a seguir no que toca à aprendizagem e desenvolvimento do aluno, neste modelo existe diversas alternativas pedagógicas em que tanto o professor como o aluno são desafiados a aprender e ambos geram conhecimento. Infelizmente, o primeiro “labirinto” / “aula-conferência” ainda é bastante praticado, apesar de vários profissionais considerarem este modelo ultrapassado.

Santos, Scarabotto, & Matos (2011), vão de encontro ao que o Prensky afirma, estes acham que o professor enfrenta um grande desafio ao adaptar os recursos tecnológicos no processo de ensino, outro dos grandes problemas é que muitos professores ainda não se adaptaram às novas tecnologias. A forma de trabalho dos professores é muito diferente, da forma como os alunos adquirem conhecimento. Isto porque existem barreiras entre quem ensina e quem aprende e por consequência disso, a mensagem nem sempre passa. O cansaço e o envelhecimento do grupo docente também não facilitam na transformação de velhos hábitos e comportamentos, o que fica aliado a uma grande dificuldade de novos investimentos por parte do Estado, isto porque os estados não dispõem de grandes quantias monetárias, para a compra de novos materiais tecnológicos para as escolas. A grande maioria das escolas os materiais tecnológicos que possuem já estão todos muito ultrapassados, devido ao facto de serem muito antigos e deste modo ultrapassados.

Também o sinal da internet nem sempre é o melhor, o que por vezes dificulta a utilização da mesma.

“Desta forma, distanciam-se das necessidades e demandas dos screenagers que nasceram a partir da década de oitenta, que interagem com os controles remotos, joysticks, mouse, internet, pensam e aprendem de forma diferenciada. Aprendem com a descontinuidade, aceitam que as coisas continuem mudando sem se preocupar com um final determinístico (Rushkoff, 1999).” (Alves, 2008).

Os jogos eletrónicos, atualmente, vão aparecendo como sendo novos media e atingem segundo Manovich citado por Alves, “objetos culturais”, estes começam a ser utilizados na aprendizagem.

“A parceria dos games com a educação pode efetivar a aparecimento do labirinto do ciberespaço, proposto por Leão (2002), na medida em que a imersão nesse universo ampliará uma multiplicidade de possibilidades pedagógicas que se transformam constantemente, tomando como referência os diferentes sujeitos do processo ensino-aprendizagem.” (Alves, 2008)

Prensky, defende que é importante reconsiderar a metodologia e o conteúdo lecionado, os educadores/professores têm de se adaptar às novas linguagens, e às novas habilidades dos Nativos Digitais, em relação à matéria a lecionar, o autor afirma que existem duas: o “legacy” (legado), que inclui o tradicional (escrever, ler, raciocínio lógico...) e o “future” (futuro), que inclui o tecnológico e digital, mas também a ética, política, sociologia e línguas...). Estes conceitos podem-se relacionar aos “labirintos” apresentados por Alves, na medida em que, ambos nos remetem ao aluno do passado e ao aluno do futuro.

Prensky, debate-se com um problema que é o facto de os educadores/ professores não estarem preparados para ensinar o conteúdo “future” e também por estes não estarem preparados para articular o “legacy” com o “future”. Apesar de não estarem preparados, o autor afirma que estes têm de inventar a adaptação dos materiais à nova linguagem dos alunos, por exemplo através de jogos de computador. O autor dá ainda como exemplo que na Matemática devem-se focar no futuro (estatísticas, raciocínio binário), em vez de tabuadas e conceitos (mais ligadas a um ensino tradicional). Este foca-

se também na Geografia onde dá o exemplo que os alunos conseguem decorar os nomes de pokemons e as histórias destes, mas não conseguem fixar países, capitais e as histórias dos mesmos porque são apresentados de uma forma maçadora.

Alves citando Johnson (2005), diz-nos que a cada história se desenvolvem duas modalidades de trabalho intelectual que são estas a sondagem e a investigação.

A sondagem consiste em aprender ao explorar o jogo, ao tentar decifrar as regras, os desafios, aprender através do erro, sem a necessidade de seguir um manual. Por outro lado, a investigação telescópica baseia-se no facto do jogador ter de estabelecer ligações entre os diferentes factos, determinar prioridades, tomar decisões e por fim desenvolver diversas estratégias.

Alves recuperando as ideias de Gee (2004), afirma que os jogos permitem os jogadores:

- Explorar e aprender o mundo de uma nova forma.
- Aprender a trabalhar em grupo.
- Desenvolver competências para aprendizagens futuras e resolução de problemas.
- Aprender a interpretar o ambiente que o envolve e as diferentes relações com diversos grupos.

Através destas competências pode-se afirmar que os jovens conseguem ganhar habilidades para que haja sucesso no processo de ensino e na aprendizagem. Os jogos eletrónicos promovem uma aprendizagem dinâmica e interativa, as crianças desenvolvem o raciocínio lógico, melhoram a coordenação motora, a atenção, a criatividade, aperfeiçoam a capacidade de solucionar problemas, o pensamento rápido e eficaz e também nos próprios jogos podem surgir situações de conflitos em que seja necessário estes resolverem o que faz com que estes cresçam, e desenvolvam até a formação profissional nos diferentes níveis de ensino, pois estes vão aprender a lidar com problemas que podem surgir na vida real. É de salientar que os jogos não servem apenas para divertimento, como afirma Alves “não é apenas animar o fazer pedagógico, mas implicar os alunos na interação com os objetos de conhecimento, desenvolvimento de distintos conceitos, articulando a teoria com a prática”.

Num sentido próximo do exposto por Alves, Prensky afirma que “We need to invent Digital Native methodologies for *all* subjects, at *all* levels, using our students to guide us.” (Prensky, 2001). Ambos os autores focam a importância e a necessidade absoluta de transformação de comportamentos e atitudes de todos os agentes educativos, rumo a uma aprendizagem globalmente satisfatória e próxima do tempo que vivemos.

Nesse sentido, nesta citação o autor defende que precisamos inventar metodologias ativas de ensino e aprendizagem para os Nativos Digitais, em todas as disciplinas, e para todos os níveis, usando os nossos estudantes para nos ajudar. “So if Digital Immigrant educators *really* want to reach Digital Natives – i.e. all their students – they will have to change.” (Prensky, 2001).

Prensky afirma também que, se os educadores Imigrantes Digitais realmente querem alcançar os Nativos Digitais – quer dizer, todos seus estudantes – eles terão de mudar.

Tanto o Nativo Digital, como o Imigrante Digital partilham saberes. Enquanto o Imigrante Digital tem mais cuidado e se adapta às tecnologias do universo digital, o Nativo Digital encontra-se inserido no universo digital desde o nascimento. Prensky defende então que em relação ao desaparecimento dos Imigrantes Digitais:

“Em algum momento, é claro, todos terão nascido na era digital. Estamos a caminho de algo novo: a era do *Homosapiens digital* ou a era do indivíduo com sabedoria digital. Para compreender o mundo será preciso usar ferramentas digitais para articular o que a mente humana faz bem com o que as máquinas fazem melhor. Nesse futuro, a diferença da idade e as diferenças entre nativos e imigrantes certamente serão menos relevantes (Prensky apud Guimarães, 2010, online).

Relativamente aos Imigrantes Digitais, existem uns que estão mais dispostos a interagir com as TIC's e outros que não estão tão dispostos, tal como nos Nativos Digitais existem os que estão mais ligados às novas tecnologias e outros menos, relativamente à sabedoria digital Prensky também defende que esta pode ser compartilhada tanto por Imigrantes Digitais, como por Nativos Digitais.

“A presença dos games e das demais mídias no cenário pedagógico cria a possibilidade do diálogo contínuo entre alunos e professores, aproximando-se assim, do desejo de aprender desses sujeitos que no atual contexto, vivem em diferentes espaços de aprendizagem.” (Alves, 2008)

Com base nas reflexões dos autores abordados neste tópico sobre os nativos digitais, é possível observar que todos seguem a mesma linha de pensamento. Defendem que os alunos mudaram completamente a sua forma de pensar, agir e aprender, assim sendo, todos os educadores/professores devem inovar e até mesmo inventar metodologias de ensino, Prensky (2001) e Alves (2008) vão mais além, deve existir uma transformação radical tanto nas atitudes como nos comportamentos dos professores, para assim corresponder às novas necessidades dos alunos. Todos os autores apoiam o uso de jogos eletrónicos como novas práticas pedagógicas, estes jogos podem fascinar os alunos e assim, tornar as aprendizagens mais dinâmicas e interativas desenvolvendo nos alunos o raciocínio lógico, a coordenação motora, a atenção e também a criatividade.

4.3 Educação Histórica e Patrimonial no 1ºCEB

Este ponto faz uma reflexão sobre as práticas da Educação História entre os 3 e os 6 anos de idade, como também sobre experiências nos domínios da Didática da História e do Património Local.

Marques, diz-nos que o sentimento de passado numa criança não é algo natural – visto que esta vive essencialmente o momento presente, o “aqui e o agora” – e que através da abordagem de conteúdos históricos na Educação de Infância e da descoberta subtil que as crianças vão fazendo permite que estas consigam adquirir um sentimento sobre o passado. (Marques, 2016).

Cooper citado por Marques,

“os conceitos de mudança e de tempo são construções abstratas – quase “anti-naturais” pela forma como a criança com 3 anos de idade, chegando ao Jardim de Infância, não tem, ainda, uma ideia formada de alteridade (s) social e temporal – além de que não se fazem, “por decreto”, mas vão-se fazendo, com persistência, no decurso do processo de crescimento”

As crianças podem desenvolver facilmente o raciocínio em aspetos ligados à História e passado do meio local onde vivem quando confrontadas pelos educadores/professores sobre coisas básicas como as tradições, nos itinerários diários as crianças ao passar por monumentos e marcos importantes do meio local, estes chamam a atenção das crianças,

o que as faz perguntar sobre estes, desenvolvendo também o raciocínio.

No ensino pré-escolar nem sempre é fácil explicar factos históricos às crianças, devido à sua complexidade e à baixa idade das crianças, por isso quanto mais estimulante e didático for a forma de ensino mais facilmente chegam até às crianças. Ou seja, se programarmos visitas aos locais históricos e mesmo levar artefactos e outros materiais para a sala de aula conseguimos captar a atenção das crianças e ensiná-las mais facilmente.

Para então promover o conhecimento histórico na primeira infância, é necessário tomar outra postura, Marques citando Lee (2006), Cooper (2006) e Barca e Solé (2012) “a primeira e principal prioridade é escutar as crianças, as suas curiosidades, saberes e inquietações e, daí, partir para a construção de novas realidades, de “novos” passados, ainda que sejam próximos, afectivos ou relacionais.” (Marques, 2016).

Segundo Marques, é importante uma mudança paradigmática na comunidade educativa para que a História no Jardim de Infância seja valorizada. As bases do Raciocínio pedagógico apresentado por Marques (2016) são:

- Em primeiro, é necessário ter a noção que as crianças devem ter um papel ativo na produção do seu próprio conhecimento
- Em segundo, acontecimentos históricos devem ser cruzados com os momentos marcantes na vida das crianças
- Em terceiro, o Educador deve tentar desenvolver nas crianças a crítica, a curiosidade e a investigação

A Educação Histórica infantil, segundo Marques deve seguir as filosofias dos movimentos *High Scope*, *Reggio Emilia* e *Movimento da Escola Moderna Portuguesa*:

- *High Scope*- o Educador deve organizar e planear as rotinas, estas rotinas devem ter um momento próprio para o dia da semana ou do mês, deve também ser um momento para se enquadrar momentos históricos do calendário, como feriados, eventos festivos ou até mesmo as estações do ano.
- *Reggio Emilia*- Neste modelo, a pedagogia passa por explorar objetos e edifícios com diferentes evidências históricas, consta-se que a observação em grande grupo

é importante e pode trazer muitas vantagens porque podem todos dialogar sobre o objeto/edifício, desenvolvendo assim o espírito crítico, e também produzindo um conhecimento mais completo.

- *Movimento da Escola Moderna Portuguesa*- caracteriza-se por uma aprendizagem onde se aprende através de uma história, de uma imagem, de um artefacto, isto é, através de ouvir, observar, sentir, cheirar. Deve-se também debater em grande grupo momentos históricos.

Marques apresenta um modelo de trabalho dividido em três fases, que pode e deve ser seguido, para qualquer temática.

- 1ª FASE: Construção do Diálogo em grande grupo

Marques sugere nesta primeira fase, apresentar um objeto às crianças para que estas possam tocar, sentir e perceber a importância deste. Num primeiro momento, o autor sugere em que sejam as crianças a trazer objetos que tenham em casa.

- 2ª FASE: Apropriação dos artefactos e criação de novos significados

Nesta fase, deve-se organizar tarefas em pequenos grupos, mas também pensar em tarefas para promover a colaboração de todos os alunos.

- 3ª FASE: Comunicação dos resultados

No fim do trabalho deve-se partilhar com mais pessoas, através de exposições, meios de comunicação para que o trabalho e empenho das crianças sejam valorizados e também para contribuir para o desenvolvimento da Educação Histórica e patrimonial, para outros verem e adaptarem e construir atividades com outras crianças.

Nas últimas décadas, vários países mostraram interesse na temática do património associado à educação, relacionado com os conceitos de didática do património ou educação patrimonial. No caso de Portugal, existem diversas investigações que articulam a Educação Histórica e Educação Patrimonial.

Segundo Solé, a memória e identidade relacionam-se com o passado, e o património surge também associado a estes conceitos. Estes conceitos “identidade e memória são inseparáveis, dependem uma da outra.” (Solé, 2017). Afirmar ainda que, existem “mecanismos que contribuem para preservar a memória coletiva, através do património material (museus, monumentos, escolas, arquivos e comemorações), ou património imaterial (leis, a língua, hábitos e costumes), e isto contribui para a preservação do passado no presente.” (Solé, 2017).

O património material e imaterial é de extrema importância e revelam-se fundamentais na criação de identidades coletivas na atualidade. O património assume um papel preponderante na identidade de uma comunidade, permite também consultar e conhecer o passado, através da memória, da nossa consciência histórica, fazendo parte do nosso presente em vez de ser uma recordação. A consciência histórica, pode ser “entendida como a capacidade para inter-relacionar fenómenos do passado e do presente e construir identidades e uma cidadania crítica a partir da relação entre o presente e o passado” (Solé, 2017)

“[o] património tem uma história, é a expressão de uma comunidade, da sua cultura nas suas especificidades e convergências ao longo do tempo, sendo por isso um fator identitário” (Barca e Pinto 2014, citado por Solé, 2017)

Pinto diz-nos que anteriormente os currículos tradicionais tinham por base a apresentação da herança nacional, para os alunos era uma fonte de saber, em que estes recebiam a matéria e tinham de a memorizar.

As “fontes primárias” só eram utilizadas para despertar curiosidade no aluno, suscitar interesse, causar admiração e em alguns casos ilustrar casos. Atualmente ainda se verifica uma forte aposta nas fontes escritas ao contrário do que seria esperado, ou seja, as fontes patrimoniais ainda são poucos utilizadas denota-se uma desconfiança por parte dos educadores/professores.

Pinto defende que para uma utilização do património de uma forma consistente é importante “proporcionar recursos e atividades desafiadoras, usar fontes patrimoniais de forma a contribuir para o desenvolvimento da compreensão dos conceitos históricos pelos alunos e a interpretação dos contributos culturais, sociais e económicos de diversos grupos nas suas comunidades.” (2011)

O património pode ter um grande papel educativo no ensino da História, os educadores/professores devem aproveitar o património local ou até mesmo nacional para que os alunos observem o espaço, tenham contacto com as fontes patrimoniais, para que estes consigam interpretá-las, compará-las e produzir conhecimento histórico através destas fontes. O património quanto utilizado como um recurso para o ensino pode também estimular o respeito por todas as culturas, e ajuda na compreensão da identidade de uma comunidade a nível local e mundial.

Nos estudos apresentados pela autora, estes demonstraram o potencial do património na aprendizagem e no ensino da história, este consegue criar nos alunos uma consciência histórica. É importante compreender os valores do património para assim lhe dar o devido valor e desenvolver um pensamento de preservação e valorização.

Segundo Solé, no capítulo “Educação histórica e educação patrimonial- novos desafios”: “As alterações no entendimento do conceito de “património” e do próprio conceito de “património cultural” relacionam-se com as transformações e modificações a respeito do que se entende por “património” e “cultura” e da inter-relação entre estes dois conceitos, numa pesquisa histórica.”, isto porque o aumento do património tem sido alvo de acompanhamento por uma grande quantidade de formas de difusão patrimonial e procedimentos metodológicos ligados à educação tanto a nível formal, como a nível informal e não formal. A nível formal está ligado à educação regulada e aos currículos escolares, a nível informal e não formal, são aproveitados os contributos das novas tecnologias de informação e comunicação, as TIC.

Solé diz-nos que a relação entre Património e Educação é necessária e cada vez está mais presente, tanto no seio escolar, como em diversas instituições de promoção e preservação, como por exemplo os museus, isto porque é benéfico para o turismo nos diferentes setores: económico, cultural, social e político.

A autora diz-nos que conceitos que se relaciona com o património são os seguintes: a memória e a identidade, sendo que estes conceitos não os podemos separar, porque um depende do outro. Diz nos também que diversos estudiosos defendem que existem mecanismos que ajudam na preservação da memória coletiva com base no património,

este património são: os museus, os monumentos, as escolas, os arquivos e comemorações ou então o património imaterial, como as leis, a língua falada, os hábitos e diferente costumes, contribuindo tudo isto para uma preservação do passado e do presente.

Segundo Seixas citado por Solé diz-nos que o autor sugere o seguinte: “o passado comum, preservado pelas instituições, tradições e símbolos, é um instrumento crucial- na construção das identidades coletivas no presente”. E citando David Lowenthal “O património está em todo o lado – nas notícias, nos filmes, nos mercados- em tudo desde as galáxias aos genes”.

Segundo filósofo Rüsen (2007) Solé diz-nos que este afirma não ser fácil distinguir os conceitos “memória histórica” e “consciência histórica”, porque as duas representam e apresentam o passado, mas existem algumas diferenças como: a memória encontra-se mais ligada aos princípios práticos, os quais orientam a mente humana, enquanto que a consciência histórica passa por uma representação do passado de forma a explicar o presente, o passado é importante para o presente, isto porque está ligado às mudanças temporais e procura a verdade, isto porque a relação que existe entre o passado e o presente é imediato na memória e interferida na consciência histórica. A memória encontra-se mais ligada à imaginação e a consciência histórica relacionada com a cognição. O passado encontra-se preso à memória e a consciência histórica aponta para o futuro.

Ramón López Facal no capítulo “Educación patrimonial y construcción de identidades democráticas” diz-nos que a Educação Patrimonial tem as seguintes utilidades: identidades democráticas na sociedade atual, porque aqui a cidadania, a democracia e a identidade são tidos como valores fundamentais.

O autor diz-nos que a educação patrimonial constitui uma dimensão muito importante para ele, porque com base nesta perspetiva partimos da necessidade de formar cidadãos, não cabe uma conceção estudiosa e histórica do património, não pode unicamente limitar-se ao património material, histórico-artístico. Diz-nos também que a construção da identidade cívica se concretiza sempre de forma contextualizada no território específico e em um determinado ambiente cultural e social. Cada pessoa constrói a sua identidade com base no contexto em que vive, tendo os fatores imateriais mais

influência que os fatores materiais.

Segundo Liceras e Morón citados por Facal “Cualquier território puede se percebido por la gente que vive en él o lo visita, resimensionándolo como patrimonio natural y/o cultural.” Facal dá o seguinte exemplo, que numa zona rural, muitas pessoas não entendem a importância de algumas construções associadas às duras condições de trabalho. Mas quando existe uma intervenção informada, a população pode começar a ver o património com outros olhos.

O autor entende a educação patrimonial como uma ferramenta para a construção da identidade e convivência, porque a valorização do que consideramos património tem uma dimensão ética.

Quando aprendemos a valorizar o património natural, isto permite-nos desenvolver uma experiência estética individual, no que diz respeito ao ponto de vista social, é importante que saibamos preservar o património que temos.

Para a construção da identidade Facal apresenta o seguinte esquema:

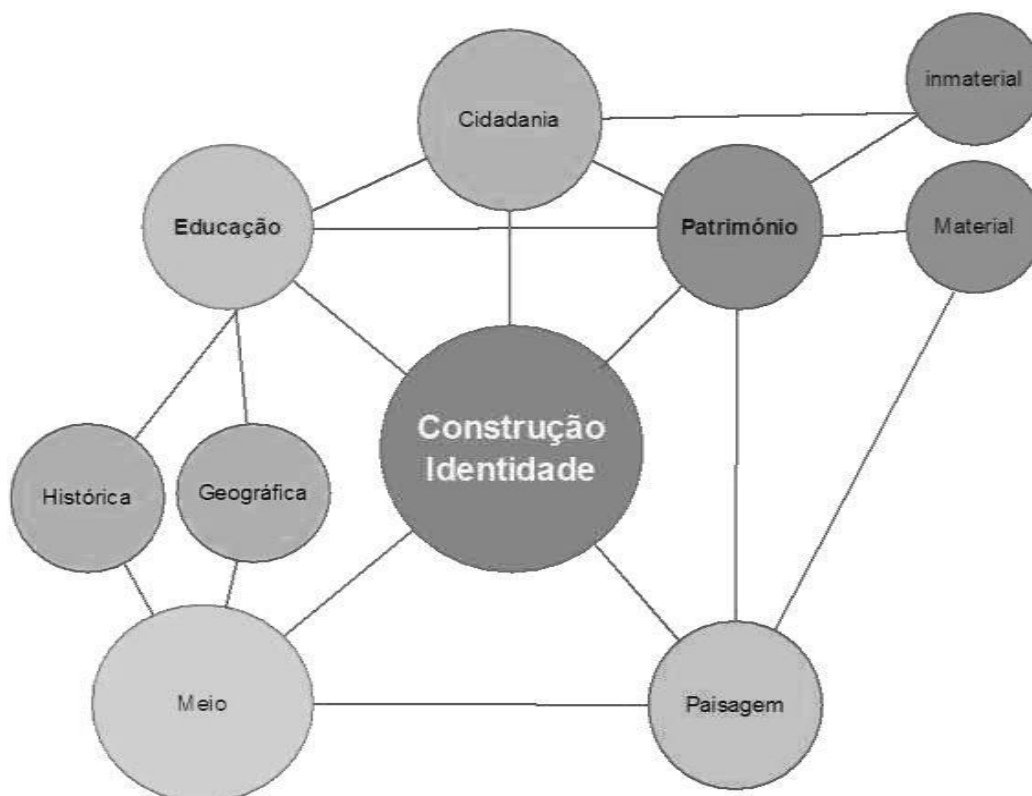


Figura 3: Construção da identidade. Fonte: Facal (2015)

Tânia Martinez Gil no capítulo “La educación patrimonial y la construcción de identidades”, “Historia, cultura, patrimonio e identidade, ¿una relación educativa?”, refere que o património cultural é o que podemos denominar como a parte visível da cultura, esta diz-nos que é como um grande iceberg, que apenas podemos ver uma pequena parte, porque a parte maior está submersa. Quando se analisam os elementos patrimoniais ao pormenor há sempre muita coisa que podemos descobrir, cabe a nós nos questionarmos sobre o que observamos.

A identidade pode definir-se de muitas formas, desde a identidade cultural à identidade política social o nacional. A identidade cultural pode ser muito mais profunda do que a identidade política o nacional segundo Taylor, 1981 citado por Gil.

A cultura proporciona-nos a base da nossa primeira e fundamental identidade, a memória coletiva é a que reforça nossos laços de identidade.

A autora defende que se materializa a memória coletiva, dando-se conta da memória que deixamos dos seres humanos, para os outros. Hernandez e Santacana, (2009) citados por Gil “Nuestras vidas son un conjunto acumulativo y selectivo de recuerdos.”

Segundo Isabel Barca no capítulo “Educação patrimonial e consciência intercultural”,

“A expressão “Educação Patrimonial” implica assumir a necessidade de desenvolvimento de uma “literacia patrimonial” - em espaços escolares, museológicos e em muitos outros- que permita a cada um de nós entender os vestígios do passado para além da simples contemplação acrítica.” (2015)

A autora defende que a principal finalidade da Educação Patrimonial é fornecer certeza acerca do mundo e que haja uma contribuição para a evolução dos humanos, com base nos vestígios do passado que podemos observar, a Educação Patrimonial pertence essencialmente ao dinamismo de diferentes pessoas.

Barca defende que uma vez que estamos na era da globalização e por esse motivo não podemos só dar importância ao nosso património. Para defender a sua ideia, Barca utiliza uma citação de Santacana (2015) “Uma obra de arte ou mesmo uma memória mais

modesta de um passado que se revela pessoalmente significativo induz uma carga emocional que importa considerar e valorizar.”

A autora diz ainda que nos podemos servir da carga emocional do ser humano, para tirarmos partido da apreciação do património enquanto manifestação da criação humana na sua diversidade.

Segundo Helena Pinto, no capítulo de livro “Articulando Património e Educação: os contributos da Educação Patrimonial”, esta diz-nos que temos assistido a um progressivo interesse sobre a preservação e divulgação do património, tanto material como imaterial, cultural ou natural. O interesse inicialmente foi centrado nos monumentos com maior importância histórica, nos dias que correm já se alargou a abordagens ambientalistas e ao intangível, como por exemplo reconstrução de bairros antigos, voltar a utilizar monumentos históricos e edifícios industriais ou rurais, preservar conhecimentos artesanais e costumes de um determinado local...

No que diz respeito às instituições de educação formal, estas dão importância aos museus, a locais patrimoniais, como espaços e recursos educativos. Os bens patrimoniais têm como base a construção de projetos na área do Património, com estimulação para os jovens

“Para além do seu papel como guardião de património, o Museu pode constituir-se um ambiente de aprendizagem de enorme potencial, permitindo o uso dos objetos como fontes históricas e a sua interpretação como evidências do passado.” (Pinto, 2015)

Os museus enquadram-se em contexto de estudo não formais, porque são atividades e programas organizados fora do sistema escolar, mas com a finalidade de atingir determinados objetivos educativos, enquanto que a educação formal se trata de um ensino oficial regulamentado o sistemático.

A realização de atividades ligadas ao património histórico-cultural de uma determinada comunidade pode ajudar na aprendizagem de conceitos históricos, o que envolve compreensão de coisas acontecidas anteriormente defendidas por especialistas no assunto e a experimentação de procedimentos metodológicos que permite aos alunos

interpretar diferentes fontes históricas, segundo (Ashby, Lee & Shemilt, 2005) o que facilita a compreensão da evidência histórica.

Segundo Nakou (2003) citado por Pinto (2015)

“lembra que os museus podem oferecer um ambiente educativo privilegiado para diversas áreas do conhecimento, nomeadamente a História, estimulando o pensamento histórico dos alunos, uma vez que se rodeiam de fontes materiais enquanto evidência da vida de uma comunidade humana no passado. Enquanto no ambiente escolar as crianças tendem a reproduzir acriticamente a informação, nos museus as crianças parecem ‘ver’ os objetos em termos históricos.”

A autora defende ainda que podemos desenvolver a Educação Patrimonial em diferentes idades, mas que poucas escolas incluem a Educação Patrimonial no projeto educativo. O currículo tradicional concentrava-se essencialmente na herança nacional, sendo a história tratada como um corpo de informação para ser aceite e memorizada por os alunos, as fontes primárias só eram usadas para despertar curiosidade, interesse, admiração e para ilustrar alguns casos. Nos dias que correm o ensino da história ainda não é tão usado as fontes patrimoniais quanto a autora desejava.

Os autores deste tópico com a temática educação histórica e patrimonial, como nos anteriores, seguem a mesma linha de raciocínio. A criança quando chega ao jardim-de-infância não tem o sentimento de passado, em parte pela sua tenra idade, mas os autores, sobretudo Marques (2016) defende que os educadores ao confrontar as crianças sobre coisas básicas relativos à história como por exemplo um monumento importante da cidade faz com que estas desenvolvam o seu raciocínio, Pinto (2011) vai mais longe, para esta o património tem um papel fundamental no ensino da História e para estimular as crianças os professores devem utilizar o património local e nacional para que estas possam compará-las e possam produzir o seu próprio conhecimento histórico.

Todos os autores, com ênfase para Solé (2012), Pinto (2011) e Facal (2015) defendem o uso do património para a criação da memória e identidade coletiva e individual, este é de extrema importância, permite conhecer o passado através da nossa consciência histórica. Barca (2015) e Marques (2016) por sua vez afirmam que não podemos nos focar

apenas no nosso património, mas também incluir qualquer obra de arte, tradições, memórias para assim haver um maior número de fontes.

5. Metodologia

Neste capítulo vão ser apresentadas as opções metodológicas utilizadas na investigação, tal como a descrição dos participantes envolvidos no estudo e quais os instrumentos utilizados nas diferentes técnicas de recolha de dados. Em seguida será descrita a intervenção educativa e os processos para a análise de dados.

5.1 Opções metodológicas

O presente estudo tem como base um paradigma de investigação qualitativo em educação. Segundo Amado, “Não existe uma maneira única de apresentar a “verdade” na investigação qualitativa” (Amado, 2014, p.389), isto porque o investigador tem como tarefa “convencer a comunidade científica” (Amado, 2014, p.389) daquilo que ele defende.

Investigar é sobretudo ir à procura de respostas para clarificar um determinado problema ou determinadas questões delineadas, é um processo complexo, no qual o investigador deve determinar as opções metodológicas dependendo do problema que analisar. Segundo Bogdan e Biklen, uma investigação deve “tirar conclusões que sejam de crucial importância para a educação ou para a sociedade, em geral” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 88).

A epistemologia da modernidade tem como característica mais importante a compreensão da “verdade” como forma de reflexo e representação. O conhecimento constrói-se através de dados certos “a partir dos quais é possível derivar logicamente conclusões que podem ser rigorosamente testadas” (Hammersley, 2008, p. 42) citado por (Amado, 2014, p. 32)

O autor considera que os pioneiros desta epistemologia foram o racionalismo cartesiano e o empirismo de John Locke, estes têm percursos distintos, o primeiro ligado à razão enquanto que o segundo à experiência, neste “o conhecimento reflete uma realidade exterior ao sujeito pensante e que, no fim de uma caminhada metaforicamente realizada, a ‘verdade’ se torna acessível” (Amado, 2014, p. 32). O autor afirma ainda que na primeira metade do século XIX, o método experimental sobrepõe-se à explicação científica, adquirindo um caráter exclusivo e único. É de constatar que a complexidade dos variados fenómenos humanos não pode ser explicada apenas casualmente, é necessária uma compreensão alargada, integrando a cultura, a história, a língua de uma determinada sociedade.

Apesar dos dois paradigmas de investigação manterem a ideia de verdade como representação do mundo, são diferentes na compreensão do ser humano, tendo em conta o que foi apresentado, e face à necessidade de compreender o contributo que o Património Cultural tem para a construção da identidade e para a consciência cultural dos alunos, utilizei o paradigma fenomenológico-interpretativo.

O paradigma fenomenológico-interpretativo é muitas vezes confundido com a investigação qualitativa. O termo qualitativo, como afirma Amado citando Denzin e Lincoln (2003, p. 13), “implica uma ênfase na qualidade das entidades estudadas e nos processos e significações que não são examináveis experimentalmente nem mensuráveis, em termos de quantidade, crescimento, intensidade ou frequência”. (Amado, 2014, p. 40)

Segundo o autor, a posição dos investigadores qualitativos pode ser identificada como sendo social-construtivista, os investigadores qualitativos tendem a procurar respostas a diversas questões como, por exemplo, a experiência social é criada, e lhe é dada um sentido, estes destacam a relação entre o que é estudado e o investigador.

Segundo Bodgan e Biklen, definem a investigação qualitativa em 5 pontos fundamentais, o investigador é o principal instrumento e a recolha de dados deve ser feita no ambiente natural, segundo, a investigação qualitativa é de carácter descritiva, outro ponto é que esta metodologia deve-se focar no caminho a seguir e não no fim que tem de atingir. No seguinte ponto, os dados recolhidos devem servir para ser retiradas conclusões

e não para afirmar ou negar ideias. Por fim, os autores realçam o facto de cada ser humano ser diferente, e numa determinada situação cada pessoa reage de maneira diferente, fazendo com que o investigador capture as diferentes perspetivas. (Bodgan & Biklen, 1994)

O ponto principal nesta investigação é compreender o que os seres humanos fazem nas suas ações, em relação aos outros e aos mais variados contextos com que interagem, isto é, analisar as suas opiniões, as perspetivas e o conhecimento. Nesse sentido, “procuram-se os fenómenos tal como são percebidos e manifestados pela linguagem; e, ao mesmo tempo, reconhece-se que essa significação é contextual, isto é, constrói-se e estabelece-se em relação a outros significantes.” (Amado, 2014, p. 41). Estes fenómenos abordados pelo autor, são tão complexos que é difícil simplificar, o ser humano é bastante complexo, é impossível transformar os seus atos em variáveis manipuláveis, por esse motivo a investigação hipotético-dedutiva não é suficiente.

Do lado oposto, encontra-se a investigação qualitativa, essa sim, contém um vasto leque de objetos e objetivos, assenta numa visão holística da realidade que se tem a investigar, sem deixar de parte a parte cultural, socioeconómica, histórica, tenta atingir resultados através da análise e compreensão de variados processos indutivos e inferenciais. Esta usa várias estratégias, e métodos como a investigação das experiências de vida, a linguagem, a comunicação e várias dinâmicas subjetivas da sociedade e da cultura.

Esse paradigma assenta numa perspetiva construtivista, onde a aprendizagem é vista como desenvolvimento e não como resultado, sendo que são os alunos que levantam questões e gerem as suas hipóteses.

5.2 Construtivismo

Segundo Becker, o construtivismo defende a que nada no mundo já tomou a sua plenitude do saber, ou seja, nada está completamente pronto, nada chegou ao seu limite, isto porque, o conhecimento pode sempre evoluir. O conhecimento vai-se construindo no dia a dia, ou seja, com a interação no mundo social e físico. (Becker, 2009)

Deste modo, esta perspectiva coloca o aluno como o protagonista no processo de ensino, porque se acredita que o aluno é capaz de adquirir a sua aprendizagem. Sendo que o professor deve sempre orientar o estudo do aluno.

Como refere Fosnot “o construtivismo é uma teoria sobre a aprendizagem e não uma descrição do ensino” (Fosnot, 1996, p. 52). Para a autora, na perspectiva construtivista não se pode criar um documento que defina como irão ser lecionadas as aulas de ensino-aprendizagem, isto porque o aluno enquanto constrói o seu conhecimento, diferentes obstáculos podem aparecer e deste modo, o professor tem que estar preparado para os conseguir contornar. Estes obstáculos são vistos pela autora como essenciais ao processo de ensino-aprendizagem, porque faz com que os alunos aprendam. Deste modo, as concepções alternativas são, também, um elemento de construção de aprendizagens: “O desequilíbrio facilita a aprendizagem. Os “erros” precisam de ser entendidos como resultado das concepções dos alunos (...)” (Fosnot, 1996, p. 52).

Através dos obstáculos no processo de aprendizagem dos alunos, conseguimos ter uma noção das ideias prévias dos alunos e através delas conseguimos ainda desenvolver o processo de ensino aprendizagem numa outra direção, seja ela, mais fácil ou mais complicada. A grande maioria das vezes, estas ideias prévias são resultado das vivências/experiências dos alunos, às quais o professor deve ter sempre em consideração, isto porque vai motivar os alunos a trabalharem e se debruçarem sobre o tema, tal como aconteceu no estudo realizado, nas aulas destinadas ao estudo, os alunos ficavam sempre motivados porque lhes era sempre dada a possibilidade de falarem sobre as suas vivências. “O diálogo no seio de uma comunidade engendra um pensamento posterior.” (Fosnot, 1996, p. 53). Deverá ainda ser dada aos alunos a oportunidade de partilharem os seus conhecimentos e experiências, isto porque, ajuda na aprendizagem dos alunos, porque os alunos são estimulados e ficam motivados, podendo haver lugar para a criação de novos pensamentos e daí decorrerem novas aprendizagens.

Tendo em conta a envolvimento de uma aula construtivista, seguimos neste estado, como estratégia de dinamização pedagógico-didática, os contributos do modelo de aula-oficina que, em seguida, apresentaremos.

5.3 Aula oficina

Na base do que foi explicado anteriormente, é essencial salientar que todo o processo de investigação e intervenção teve como base a técnica didática de aula-oficina, uma vez que foi dada uma grande importância ao papel do aluno, ou seja, o professor não foi tomado como o detentor de todo o conhecimento/sabedoria. Foi utilizada esta técnica de ensino, para que as experiências dos alunos fossem valorizadas e deste modo os cativar e levar à construção de novas aprendizagens, numa base dialógica e interativa. Esta estratégia de trabalho pedagógico-didático foi concebida e conceptualizada por Isabel Barca, Professora da Universidade do Minho e especialista em Educação Histórica.

Ainda nos dias que correm vai sendo muito utilizado o tipo de aula colóquio, onde o aluno é visto como: “tábua rasa” e o professor: “conferencista e ator” e o meio de avaliação são os testes escritos (Barca, 2004). “O modelo de ‘aula-conferência’ proposta pelo paradigma tradicional baseia-se numa lógica do professor como detentor do verdadeiro conhecimento, cabendo aos alunos – por normas e catalogadas como seres que ‘não sabem nada’, ‘não pensam’” (Barca, 2004, p.132). Segundo Pais (1999) citado por Barca (2004) “(...) este modelo de aula expositiva não é já considerada correta, embora haja indícios de ser ainda largamente praticada.”. Com efeito, a aula “magistral” foi, tradicionalmente, aquela que vigorou no plano das práticas didáticas, durante vários séculos: nela o Professor era o centro de todo o saber e o aluno apenas recebia e reproduzia, acriticamente, o que o “Mestre” dizia.

Segundo Barca, o aluno é ativo na sua formação pelas suas ideias prévias e experiências e o professor tem um papel de investigador social e organiza atividades. O saber pode ser adquirido de diferentes formas, ou seja, do senso comum, da ciência e da epistemologia, aqui a forma de avaliação não passa só por teste, mas também por material produzido por os alunos e pelo diálogo. (Barca, 2004)

Segundo Barca, quando o professor pretende utilizar a aula-oficina é importante que tenha em vista 3 pontos muito importantes, ou seja, inicialmente deve fazer um levantamento das ideias prévias, isto para que ter uma consciência do que os alunos sabem e do que não sabem, este levantamento de ideias prévia pode ser feito através de questionamentos, diferentes tipos de comunicação e pequenas tarefas. Num segundo momento, deve haver um desenvolvimento da aprendizagem, aqui devem ser dadas as

diversas ferramentas para a construção do conhecimento dos alunos. No final, deve ser tido em conta um momento de reflexão e síntese da aprendizagem dali retirada. (Barca, 2004)

5.4 Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Depois das decisões já apontadas anteriormente serem tomadas, como um problema, a metodologia a ser seguida e as questões para a investigação, é essencial a escolha das técnicas e instrumentos de recolha de dados, de modo a que posteriormente possa haver uma análise cuidada das informações recolhidas. Segundo Amado, para fazer uma investigação qualitativa não nos podemos cingir a uma breve aplicação de uma técnica ou um conjunto de técnicas, isto porque, a investigação qualitativa tem atrás de si uma visão do mundo, das pessoas e da ciência. (Amado, 2014)

O autor diz-nos ainda que a análise de dados é central na investigação e que quando recolhemos dados, os devemos tratar da forma mais fidedigna possível, isto porque, “não basta recolher dados, é preciso saber analisá-los e interpretá-los (não sendo possível fazer uma coisa sem outra)” (Amado, 2014)

A análise de dados pode ser feita de diferentes formas. Sendo o nosso estudo de natureza qualitativa, foram objeto de análise características do discurso e do pensamento das crianças, da própria dinâmica de sala de aula e do desenvolvimento das atividades, em si. Nesse sentido, a análise de conteúdo complementada com outras estratégias, revelou-se fundamental para o enriquecimento do estudo.

Globalmente, depois de recolhidos, os dados são tratados com a introdução de categorias de análise que possibilitam uma leitura mais global e conjunta da informação, tendo em conta dois níveis centrais:

- *a priori* – usando mecanismos de categorização já testados noutros estudos
- *a posteriori* – com base nos dados recolhidos e na sua especificidade, são definidas categorias de análise

Pires (2008 p.75) citado por (Amado, 2014) defende que

“na realidade é muito difícil aos analistas de discursos se aterem a uma só técnica – como é difícil uma só técnica não recorrer a outras técnicas em seus mecanismos de análise- uma vez que todos, para dar coerência ao discurso que retrata a realidade, se utilizam dos mesmos significantes: a língua”.

Quando a utilizar uma técnica de recolha de dados é essencial ter um bom conhecimento das perspetivas e técnicas que dizem respeito à análise e, deste modo, é exigida muita atenção para conseguir contrariar o senso comum e tirar conclusões precipitadas, como nos referem Goetz e LeCompte (1988, p.243) citados por Amado “A análise de conteúdo permite o confronto e comparação de várias narrativas, ao passo que a análise holística é mais pertinente quando nos debruçamos sobre um relato apenas e intencionalmente tomado em profundidade.” (Amado, 2014, p.177)

O autor defende ainda que a análise do conteúdo pode ser uma técnica flexível e adaptável às estratégias e técnicas de recolha de dados, isto porque, é uma técnica que aposta de forma clara na possibilidade de fazer inferências interpretativas a partir de conteúdos expressos.

Uma vez que havia uma limitação do tempo para a execução da investigação – limitada à realização da própria Prática de Ensino Supervisionada – os dados foram recolhidos de diversas formas e, assim, quando a investigadora fosse fazer a análise poderia ter uma maior variedade de informações.

Este trabalho trata-se de uma investigação qualitativa, que ocorreu de forma naturalista e aqui a investigadora adaptou um papel participante. A investigadora utilizou as técnicas de recolha de dados que mais se adequavam ao grupo foram elas: observações, registos áudio visuais (fotografias e vídeos), documentos produzidos pelos alunos (desenhos), entrevistas e questionários.

5.5 Observação

Segundo Aires a observação é considerada uma técnica direta de recolha de informação. Aires (2015 p.24). Adler & Alder (1994) citado por Aires afirma que esta técnica de recolha de dados existe desde que o homem precisou de estudar o mundo na sua generalidade. Dentro da observação existem vários tipos, ou seja, a observação científica, a que nos permite ter uma visão mais aprofundada da realidade e do modo de articular a informação, sendo uma “poderosa ferramenta” para a investigação. O observador não pode, nem deve estimular ou manipular o ser humano a dar determinada resposta. A observação qualitativa é de carácter essencialmente naturalista. (Aires, 2015)

Coutinho diz-nos que a observação possibilita o investigador a “documentar atividades, comportamentos e características físicas”. Coutinho (2014, p. 136) Também é possível o investigador decidir o papel que vai ter na investigação, ou seja, se vai ser participante, ou não participante, isto é, apenas observa os intervenientes no processo de investigação.

Tal como Coutinho nos diz “o investigador parte para o terreno apenas com uma folha de papel onde regista tudo o que observa”. (Coutinho, 2014, p. 137) Efetivamente, quando um investigador está a recolher dados deve ter sempre em seu poder uma folha e uma caneta para que possa registar tudo aquilo que observa e deste modo quando for analisar os dados ter tudo o que necessita. Dentro das observações existem as observações estruturadas e as não estruturadas, sendo que, nas estruturadas, o investigador tem como base uma grelha detalhada do que pretende observar e a de cariz não estruturado, o observador vai observando pormenorizadamente tudo o que acontece e não tem como base nenhum documento elaborado com a intencionalidade de avaliar os dados recolhidos. No presente estudo, a recolha de dados com base nesta técnica deu-se em diferentes contextos e variados momentos, mas nunca foi utilizada uma grelha de forma estruturada de observação.

Dentro do observador existem dois tipos, o observador puro, ou seja, este tipo de observador não se envolve com os intervenientes e existe o observador que se envolve com os intervenientes – ou seja, o observador participante. Segundo Amado, este tipo de

observador sente a necessidade de se envolver com os intervenientes e a situação estudada, o que acaba sempre por afetar a investigação e acaba o investigador por ser afetado. O autor diz-nos ainda que a expressão “participante” deve ser vista de duas formas, ou seja,

“(…) o observador deve ‘participar’ na vida do ‘observador’, exigindo, por isso, uma longa permanência no local. O tempo destinado a essa permanência é sempre definido em função de alguns critérios como os objetivos da pesquisa, a disponibilidade e experiência do observador e a sua aceitação pelo grupo observado” (Amado, 2014, p. 153),

quando o observador deve participar como informante, “É importante que os informadores ‘nativos’, em determinada altura do processo, reconheçam os motivos pelos quais se torna importante colaborarem na investigação.” (Amado, 2014, p. 153). O tipo de investigador mais utilizado no nosso estudo foi o investigador participante. O tipo de investigador vai definir o tipo de observação. Amado diz-nos ainda que a presença do observador pode resultar em “alterações, enviesamentos, perturbações do que pretende observar.”

As sessões de observação ocorreram no decorrer da investigação essencialmente nas tarefas para esse efeito. No decorrer do estudo sempre que o tema Educação e Património Histórico era explorado, foi perceptível uma ligação constante entre a investigadora e o grupo envolvente no estudo. Essa ligação era importante porque a qualquer momento podiam surgir novas considerações. Um exemplo disso, foi no momento em que eram mostradas imagens aos alunos sobre determinado monumento eles reconheciam e sabiam distinguir a localização, apesar de por várias vezes não saberem o nome do monumento, mas sabiam onde se localizava, ou quando tinham lá passado, ou mesmo visitado.

5.6 Registos audiovisuais

Os registos audiovisuais foi uma técnica de recolha de dados utilizada no decorrer da investigação, isto porque numa sala de aula são muitas as coisas a acontecer ao mesmo tempo e para o investigador é difícil conseguir assimilar tudo da melhor forma.

Através dos vídeos conseguimos ter uma realidade como se determinada ação se estive a decorrer no momento, o investigador caso tenha dúvidas pode consultar o vídeo sempre que bem o entender. Através desta técnica conseguimos ter uma perceção que das intervenções do grupo em análise, quer verificar a linguagem verbal e não verbal, o que nem sempre é fácil observar quando estamos em observação direta.

Através do registo fotográfico foi utilizado, pois mostra registos de momentos importantes em que podemos verificar a envolvimento do público alvo.

É importante referir que tanto o registo de vídeo, como fotográfico não interferiu no comportamento dos alunos, uma vez que por vezes nem se apercebiam do material áudio, por se encontrar no fundo da sala.

Este tipo de instrumento de recolha de dados encontra-se conexo ao tipo de investigação qualitativa por facultar dados descritivos. “quando o professor utiliza regularmente a máquina fotográfica na sala, o seu uso como instrumento de investigação insere-se na rotina da aula, não sendo, por tal, um recurso intrusivo” (Máximo-Esteves, 2008 p. 91).

5.7 Desenhos dos alunos

Os desenhos dos alunos também foram uma das técnicas de recolha de dados, isto porque o estudo deu-se numa turma de 1º ano de escolaridade, em que os diferentes grafemas e casos de leitura ainda não tinham sido dados na totalidade, assim sendo ainda não dominavam bem o processo de escrita, decidiu-se então que o desenho seria o mais adequado, isto porque permitiu ao investigador analisar de diferentes formas e ajudar as crianças a desenvolverem a sua criatividade. O desenho pode ser visto como uma forma de expressão, quando o domínio da linguagem oral e escrita ainda não se encontram muito

desenvolvidos. A forma como um desenho é interpretado, os estereótipos utilizados para a realização das diferentes produções gráficas e outras formas desenhadas pelas crianças pode ser tido em conta pelo educador/professor como um sinal de alerta. Assim, o grafismo é uma componente do desenvolvimento do ser humano, essencialmente nas crianças, que na esmagadora maioria das vezes utilizam o desenho como forma de expressão das suas emoções e sentimentos. Deste modo, uma criança quando desenha passa para o papel a sua visão sobre o mundo, e permite ao adulto avaliar quais os conhecimentos, habilidades e o modo como se relaciona com objetos pessoais (Passarinha, 2012)

Esta técnica de recolha de dados foi de extrema importância. Sempre que era elaborada uma tarefa, era pedido aos alunos que fizessem um desenho sobre a mesma e assim estes foram registando as suas ideias e conceções.

Segundo Vigotski, “No aparece repentinamente, sino con lentitud y gradualmente, ascendendo desde formas elementales y simple a otras más complicadas, en cada escalón de su crecimiento adquiere su propia expresión, a cada período infantil corresponde su propia forma de creación.”(Vigotski, L.S., 1986, p.15), com esta expressão, o autor quer nos dizer que, no que diz respeito à imaginação e realidade, não aparece repentinamente, mas sim de forma lenta e gradual, ou seja, que começa com umas formas mais elementares e simples e posteriormente outras mais complicadas. Segundo o autor, cada faixa etária tem a sua própria expressão no desenho, ou seja, enquanto a criança vai crescendo vai aprimorando no desenho, também com o desenvolver da faixa etária, a criança vai adquirindo conhecimentos entre a realidade e a ficção havendo quatro fases distintas. Na primeira fase, o autor diz-nos que esta engloba sempre elementos que pertencem à realidade, ou seja, da experiência do dia a dia do homem. A segunda fase, não se realiza entre elementos de construção de fantasia e realidade, mas sim entre produtos preparados da fantasia e determinados fenómenos completos da realidade. A terceira fase, vai de encontro ao lado emocional da criança, nesta fase, a criança desenha com base no sentimento, ou seja, desenha imagens relacionadas com sentimentos. Na quarta fase, a criança descreve aquilo que vê, mas aqui a criança pode já fazer uma criação.

Relativamente à imaginação da criança e do jovem, o autor diz-nos que a imaginação da criança varia consoante as vivências que esta tem, as suas estimulações estimulam em muito o seu processo criativo.

O autor considera que a infância se trata da época em que deve existir maior fantasia, pois enquanto vai crescendo a sua capacidade de imaginação e de fantasia vai diminuindo. Mesmo a experiência da criança sendo mais reduzida do que a experiência dos adultos, as crianças conseguem ser muito mais criativas, isto porque para elas não existem “filtros”.

No que diz respeito às cores usadas pelas crianças, estas têm diferentes significados, consoante as idades das crianças, ou seja, o vermelho é comum quando a criança tem menos de 6 anos de idade, esta cor indica energia e espírito positivo. Depois dos 6 anos de idade o uso desta cor pode indicar agressividade e falta de controlo emocional. Para que seja mais perceptível uma leitura psicológica desenvolvimentista da relação da criança com o uso da cor, seguimos a proposta apresentada pelas colegas Dina Manso da Silva e Inês Raquel Fernandes Ribeiro.

O uso do laranja indica que a criança aprecia novidade e coisas feitas com rapidez. Esta criança prefere jogar jogos de grupo, espírito de equipa e de competição, essencialmente se lhe for atribuído poder de liderança, trata-se ainda de uma criança agitada, impaciente e extrovertida.

Relativamente ao amarelo, esta cor indica alegria de viver e de atividade. Esta criança é muito expressiva, otimista, exigente consigo própria e com os outros, é ainda muito ambiciosa. A criança que utiliza esta cor tem facilidade em atingir os objetivos, porque tem potencial.

O branco, esta cor raramente é escolhida por crianças, isto porque, normalmente é deixado o branco do papel. Esta criança não quer e não deseja nenhum entrave aos gestos.

O azul, simboliza a paz, a harmonia, a tranquilidade, sinal de introversão e pessimismo. A criança que usa esta cor gosta de realizar as suas tarefas ao seu ritmo e não gosta de pressa.

O verde, quando usado muitas vezes é sinal de maturidade, esta criança compreende o que lhe é explicado e gosta de experimentar coisas novas.

Relativamente ao castanho, esta cor simboliza conforto e segurança, a criança é rigorosa, paciente e lenta a reagir. Quando esta cor é predominante no desenho pode significar uma má adaptação familiar.

O cinzento, significa um período de transição entre o passado e o futuro. Esta criança é indecisa e influenciável, isto porque responde ao que as pessoas pretendem ouvir, ou seja, não tem opinião própria.

O preto, esta cor pode representar melancolia e angústia, pode ainda ser sinal de confiança e mostra que a criança não tem medo do futuro.

O rosa, a criança que usa esta cor procura doçura e ternura. Gosta de conhecer e contactar com coisas agradáveis e fáceis. É ainda uma criança que se adapta facilmente.

O roxo, indica momentos de entusiasmo, adapta-se a diversas situações, adotando diferentes posturas, ou seja, introvertida e extrovertida.

O uso de uma só cor indica falta de motivação, esta criança necessita de ser descoberta.

O uso da cor indica a representação do real.

No que diz respeito à proporcionalidade segundo Kaufman (1992) citado por Silva, as figuras pequenas traduzem insegurança, timidez e baixa autoestima. Indica ainda sentimento de inadequação, inferioridade e eventuais problemas nas relações. Relativamente às figuras grandes é sinal de segurança, de força. Caso estas figuras sejam desproporcionais, significa defesa, compensatório de forma a camuflar sentimentos de impotência e de inferioridade.

Quando o desenho é feito no tamanho adequado, a criança encontra-se bem-adaptada com o seu meio.

Relativamente ao traço, quando a criança usa um traço contínuo, pode ser sinal de espírito dócil e sereno. As linhas quando aparecem de forma clara e precisa, a criança não se importa com a harmonia.

O uso das linhas a tracejado, algumas das vezes não têm qualquer significado especial, isto porque a criança pode apenas ter começado a desenhar por impulso a determinado momento e reparar que o traço não estava a seguir o destino que desejava. A criança pode estar ainda a viver uma fase de hesitação e ter consciência das novas necessidades.

O traço oblíquo, este aparece quando a criança necessita de desenhar um relâmpago ou um foguete.

Relativamente à amplitude, as linhas que ocupam uma grande parte da página são sinal de energia e extroversão. As linhas curtas, são sinal de falta de energia, inibição e introversão.

Segundo Salvado (1982), citado por Silva, a força do traço encontra-se associada à força dos impulsos.

No que diz respeito à distribuição do espaço, quando a criança utiliza a parte superior da folha é sinal de imaginação, criatividade, procura do saber e curiosidade. O uso da parte inferior da folha, encontra-se diretamente relacionada com as necessidades físicas e com os materiais que a criança possa ter.

O uso do lado esquerdo, encontra-se relacionado com o passado, aqui pode ser representado algo mau, ou por o contrário algo muito bom que liga a criança ao seu passado. Quando a criança usa o centro, significa o presente, ou seja, mostra que a criança se encontra aberta a tudo o que a rodeia, no momento não existem grandes tensões, mesmo pensando no passado ou no futuro. Por fim, o uso do lado direito indica uma visão da criança sobre o futuro.

5.8 Questionários

Segundo Amado, os questionários podem ser muito úteis no que diz respeito à pesquisa qualitativa, isto porque “permite uma expressão livre das opiniões dos respondentes, ainda que o questionário contemple alguns itens orientados.” (Amado, 2014, p. 271) Com as respostas do público em análise, conseguimos verificar qual a experiência dos mesmos.

O questionário é utilizado essencialmente quando participa um grande número de pessoas num estudo, porque existe uma maior facilidade no tratamento de dados.

No caso em concreto os questionários tiveram como finalidade apurar o que os alunos sabiam sobre o Património Histórico e Cultural da cidade de Viana do Castelo.

5.9 Entrevista

No presente estudo foi realizada uma entrevista à professora titular de turma. Considerou de extrema importância inquirir a professora titular de turma, de modo a apurar a opinião que esta tinha sobre as novas tecnologias e a forma como são utilizadas em contexto de sala de aula.

Com as respostas, conseguimos apurar informações muito relevantes para a investigação, ou seja, conseguimos ter um contacto com diferentes realidades e diferentes pontos de vista.

Segundo Ghiglione e Matalon a entrevista trata-se de “uma conversa tendo em vista um objetivo” (Ghiglione & Matalon 2001, p. 65). Ludke e André defendem que através da entrevista conseguimos obter a informação que desejamos de forma direta e imediata “praticamente qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (Ludke & André 1986, p.34). Segundo Estrela a entrevista é essencial para “fornecer pistas para a caracterização do processo de estudo”, (Estrela, 2008, p.33) tem o poder de adquirir as suas próprias características, que são importantes para os temas abordados.

Esta técnica de recolha de dados pode ser uma estratégia predominante, pode ainda ser usada como um conjunto de outras técnicas. A entrevista tem como função saber o que as pessoas sabem sobre determinado assunto e a sua opinião “dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam” (Bogdan & Bilklen, 1994, p.34).

No decorrer da entrevista é essencial que os entrevistados possam “expressar-se a sua própria realidade, na sua própria linguagem, com as suas características conceptuais e os seus próprios quadros de referência” (Quivy & Campenhoudt 1998, p.73).

5.10 Participantes

O presente estudo desenvolveu-se no decorrer da PES II, onde, enquanto professora estagiária, tive a possibilidade e a responsabilidade de assumir enquanto professora e investigadora.

Os alunos que participaram neste estudo tinham todos autorização dos encarregados de educação (anexo 3) para participarem na investigação. O estudo foi realizado numa turma do 1º ano de escolaridade, numa escola do distrito de Viana do Castelo. A turma era constituída por vinte e quatro alunos, treze do sexo masculino e onze do sexo feminino, os alunos tinham idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos, exceto um que tinha 8 anos de idade.

No decorrer da investigação, os alunos demonstraram interesse, motivação por todas as atividades realizadas, mas sobretudo pelo tema do património cultural e pela participação no jogo “À descoberta de Viana do Castelo”.

Este projeto de investigação teve por base dar a conhecer aos alunos o património e as lendas de Viana do Castelo, focando apenas os pontos mais importantes e de conhecimento popular. Devido ao interesse dos alunos pelo tema, o projeto mostrou ser uma mais valia para todas as crianças porque ficaram a conhecer melhor a história da sua cidade e os monumentos.

6. Intervenção Educativa

A intervenção educativa referente ao estudo em análise decorreu ao longo de 14 semanas, entre os meses de fevereiro e maio de 2019, os quais coincidiram com a PES II.

As 3 primeiras semanas tiveram como finalidade observar o contexto educativo e a turma onde se desenvolveu o estudo. As semanas de observação foram essenciais para a PE, enquanto investigadora escolher as atividades para o grupo em questão.

A investigação teve como objetivo principal saber o que os alunos sabiam sobre a história de Viana do Castelo e as suas lendas, tal como saber como os alunos lidavam com um jogo digital, como a história só começa a ser lecionada no 3º ano de escolaridade, foi essencial criar atividades apelativas, de modo a conseguir captar a atenção de alunos do 1º ano de escolaridade.

Por fim, são apresentadas as tarefas que foram realizadas com grupo e a análise dos dados recolhidos.

7. Procedimentos de Análise de dados

Depois dos dados recolhidos, chega o momento de nos debruçarmos sobre eles, para que os possamos trabalhar e analisar.

Segundo Sousa, a triangulação dos dados é uma metodologia de investigação que tem como objetivo a recolha de dados de diferentes fontes e diferentes origens, com a intencionalidade de serem estudados e comparados entre si. (Sousa, 2005)

Bogdan e Biklen e também Bardin dizem-nos que todos os dados que recolhemos precisam de ser organizados, codificados e categorizados, de modo aumentar a compreensão dos dados e permitir a sua análise e compreensão, isto porque, não existe uma só forma de analisar os dados. (Bodgan & Biklen, 1994), (Bardin, 2007).

Segundo Bodgan e Biklen, a análise de dados planifica-se na organização e sistematização dos dados recolhidos durante o estudo tendo como objetivo a questão

problema a que se procura dar uma resposta. (Bodgan & Biklen, 1994). A sistematização dos dados possibilita ao investigador a clarificação e compreensão os materiais recolhidos e os dados, possibilitando a partilha e a comunicação dos mesmos. “a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrão, descoberta de aspetos importantes, que deve ser apreendido e decisão sobre o que vai ser transmitido.” (Bogdan & Biklen, 1994, p.205)

Os autores Bodgan e Biklen dizem-nos que a primeira análise de dados deve ainda ser realizada no decorrer da investigação, isto porque permite ao investigador verificar se os dados estão a ter o resultado esperado e assim consegue orientar o seu olhar e mesmo a recolha se torna mais fácil e consequentemente mais eficaz (Bodgan & Biklen, 1994). Coutinho diz-nos ainda que quando vamos analisar dados devemos ter em atenção os seguintes pontos: “a) organizar e descrever os dados de forma clara; b) identificar o que é típico e atípico; c) trazer à luz, relações e/ou padrões; d) encontrar respostas para o problema” (Coutinho, 2011, p.132)

7.1 Calendarização do Estudo

Considera-se essencial descrever a forma como prosseguiu toda a investigação, emoldurando as diversas etapas no decorrer do tempo. O presente estudo, foi desenvolvido entre fevereiro e novembro de 2019. A primeira fase teve como base um aglomerado de tópicos, ou seja, estes ajudaram no início deste estudo, inicialmente começou-se por uma pesquisa bibliográfica de acordo com a investigação em educação, a observação do público alvo, ou seja, do grupo de crianças. De seguida, a caracterização do contexto educativo, onde a PES II foi realizada. Foram ainda definidos o problema, a questão de investigação, a revisão da literatura, embora esta tenha sido construída e reformulada de forma a sustentar a fundamentação teórica, as diferentes opções metodológicas e o tema que estava a ser estudado.

Depois, foram realizados os pedidos de autorização aos encarregados de educação para que os alunos pudessem participar no estudo e o trabalho cumprisse todos os requisitos legais de uma dissertação, ou seja, os dados iriam ser devidamente codificados

e o anonimato preservado. Depois dos pedidos de autorização realizados, começou-se por realizar os questionários aos alunos, de modo a conseguir verificar o que os alunos conheciam do Património Cultural de Viana do Castelo, tanto a nível material como imaterial. Foram ainda implementadas as atividades. No final das atividades implementadas, foi realizada uma entrevista à professora cooperante. Uma vez que todos os dados já estava todos recolhidos, foi a vez de os começar a analisar, ou seja, as observações, as notas de campo, as gravações de vídeo, as fotografias, os desenhos, os questionários, tudo isto fruto das aulas de implementação do estudo. No final de cada atividade, a professora investigadora tinha o cuidado de refletir sobre as atividades, de modo a verificar se a investigação estava a tomar o rumo correto e se os alunos estavam a gostar das atividades, caso não gostassem, conseguir tomar um novo rumo.

No seguinte quadro, irá ser apresentada a calendarização do estudo de forma sintetizada.

Datas Etapas da investigação										
	fev.19	mar.19	abr. 19	mai.19	jun.19	jul.19	ago. 19	set.19	out.19	nov.19
Pesquisa bibliográfica										
Observação do grupo										
Caraterização do contexto educativo										
Definição do problema e questões de investigação										

Revisão da literatura										
Questionários aos alunos										
Implementação das atividades										
Entrevista à professora cooperante										
Recolha de dados										
Análise de dados										
Conclusões										

Quadro 3: Calendarização do estudo

8. Apresentação e análise de dados

Nesta secção da dissertação vão ser apresentados os diversos dados recolhidos, com base numa exposição detalhada, de modo a refletir e conseguir responderes as questões realizadas anteriormente.

Os dados recolhidos, são apresentados de forma cronológica, ou seja, são apresentados consoante foram recolhidos, desta forma, é possível conseguir ter uma melhor visão do processo de investigação. Começa-se por apresentar os questionários realizados aos alunos, sendo que estes não foram realizados em momentos de implementação, ou seja, nos intervalos os alunos eram chamados para responder aos questionários, uma vez que tinham de ser realizados de forma individual, por se tratar de uma turma do 1º ano de escolaridade.

No decorrer da investigação, foram realizados 4 questionários a 24 crianças e mais 1 questionário a 4 das 24 crianças, isto porque, essas 4 crianças assistiram à projeção de *videomapping* realizada no edifício dos antigos Paços do Concelho, situado na Praça da República da cidade de Viana do Castelo.

Estes questionários, foram respondidos por crianças com idades compreendidas entre os 6 anos de idade o os 8 anos de idade numa turma do 1º ano de escolaridade do 1ºCEB. Nessa turma havia 12 crianças com 6 anos de idade, 11 com 7 anos de idade e 1 com 8 anos de idade, sendo que a turma era maioritariamente do sexo masculino, como 13 membros masculinos e 11 membros femininos.



Figura 4: Gráfico de percentagem de idade dos alunos

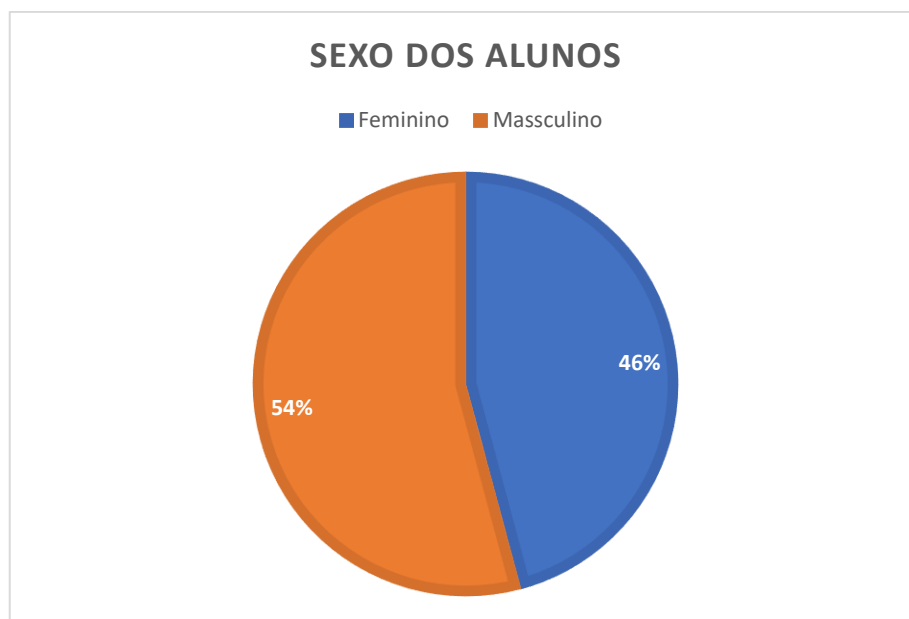


Figura 5: Gráfico de percentagem de sexo dos alunos

No questionário 1 “Uso das tecnologias educativas em contexto(s) pedagógico(s)” (ver anexo 4), na primeira questão era perguntado aos alunos quais os materiais tecnológicos que existiam na escola, 24 alunos identificaram o quadro interativo, tal como os computadores. Apenas 9 dos alunos identificaram os tablets, 14 dos alunos identificaram o rádio, 10 alunos identificaram o leitor de DVD e 10 alunos a televisão.

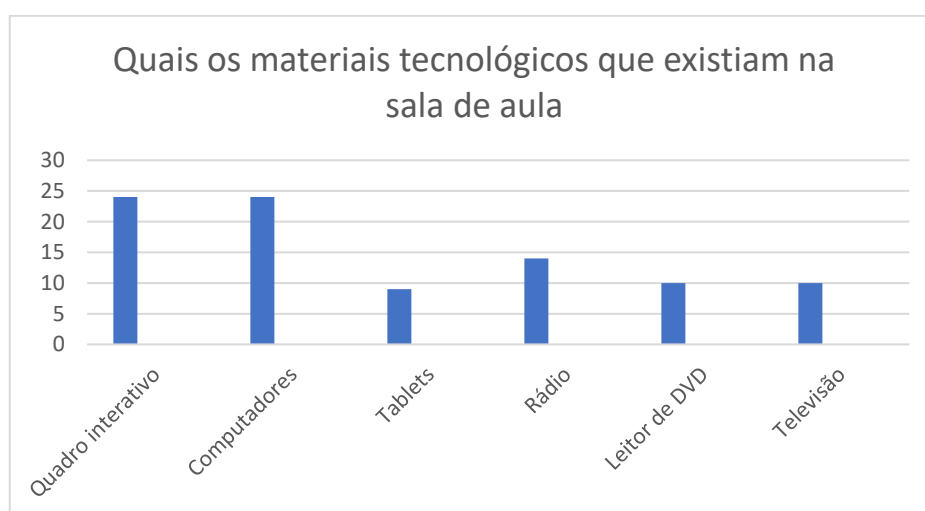


Figura 6: Gráfico materiais tecnológicos que existiam na sala de aula

De seguida, era perguntado aos alunos se costumavam desenvolver atividades na escola utilizando aqueles materiais, aqui os 24 alunos da turma responderam que sim, 8 dos alunos responderam que utilizavam estes materiais para ajudar a compreender a matéria, 15 dos alunos responderam que utilizavam para esclarecer dúvidas e mostrar páginas do livro, 1 aluno respondeu que usava o computador para jogar na biblioteca e esclarecer dúvidas.

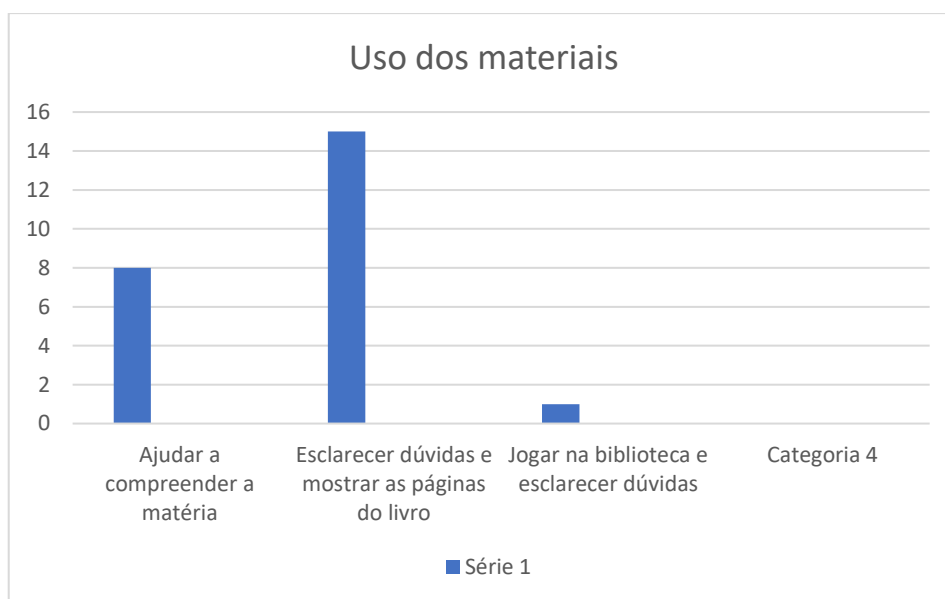


Figura 7: Gráfico de uso dos materiais

Na pergunta seguinte do questionário, era perguntado aos alunos quais os dispositivos tecnológicos que tinham em casa, 18 dos alunos responderam que tinham computador, 20 responderam que tinham tablet, 21 dos alunos tinham smartphone, 19 disseram que tinham televisão, 8 playstation, 2 DVD e 1 BOX. De seguida, os alunos foram questionados para que usavam os dispositivos tecnológicos, 2 alunos responderam que era apenas para jogar, 3 apenas para ver vídeos, 8 alunos responderam que usavam para jogar e ver vídeos, 4 dos alunos responderam que era para jogar, ver vídeos e ver matérias da escola, 6 dos alunos usavam para jogar e ver matérias da escola, 1 aluno respondeu que usava as novas tecnologias para ver vídeos, matérias da escola e falar com familiares.

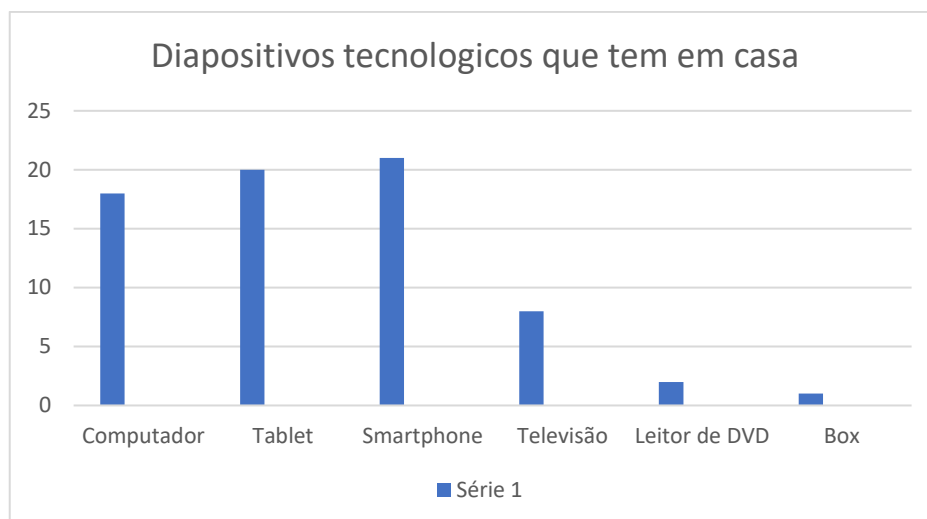


Figura 8: Gráfico diapositivos tecnológicos que os alunos tinham em casa

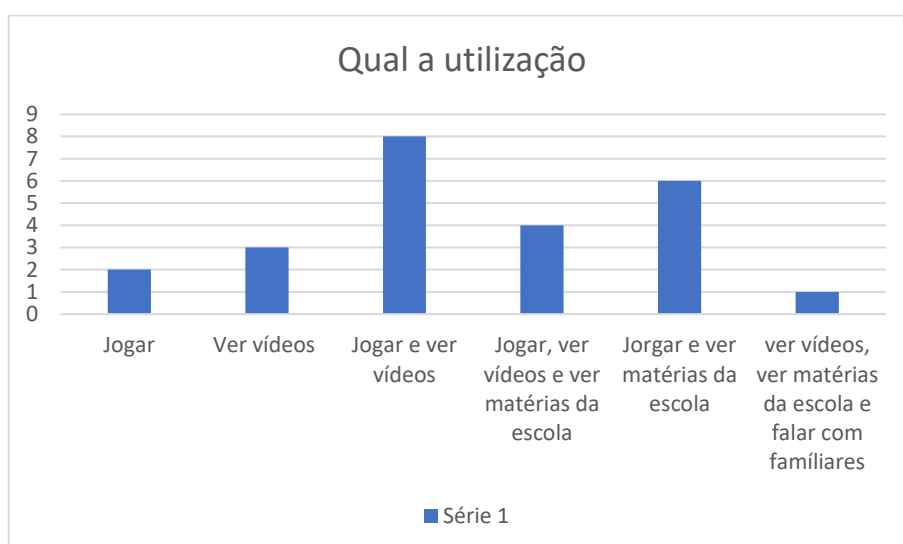


Figura 9: Gráfico como os alunos utilizam os materiais

Na seguinte questão era perguntado aos alunos se consideravam importante a utilização dos novos media e das tecnologias na aprendizagem, sendo que 19 dos alunos responderam que sim e 5 responderam que não achavam importante. 18 dos 19 alunos que responderam que sim defendiam que seria uma forma de aprender mais fácil e o outro aluno defendia que era uma forma diferente de aprender. Dos 5 anos que responderam que não achavam importante o uso das novas tecnologias. 2 alunos responderam que

afetava a visão, outro respondeu que não ajudava em nada, um outro aluno não respondeu e outro aluno disse que apenas jogava e via vídeos de brincar.

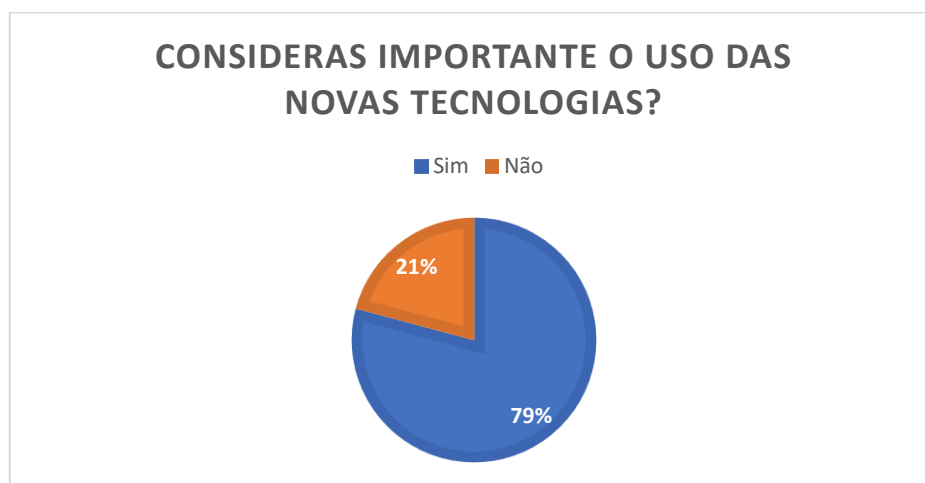


Figura 10: Gráfico de percentagem se os alunos consideravam importante o uso das novas tecnologias

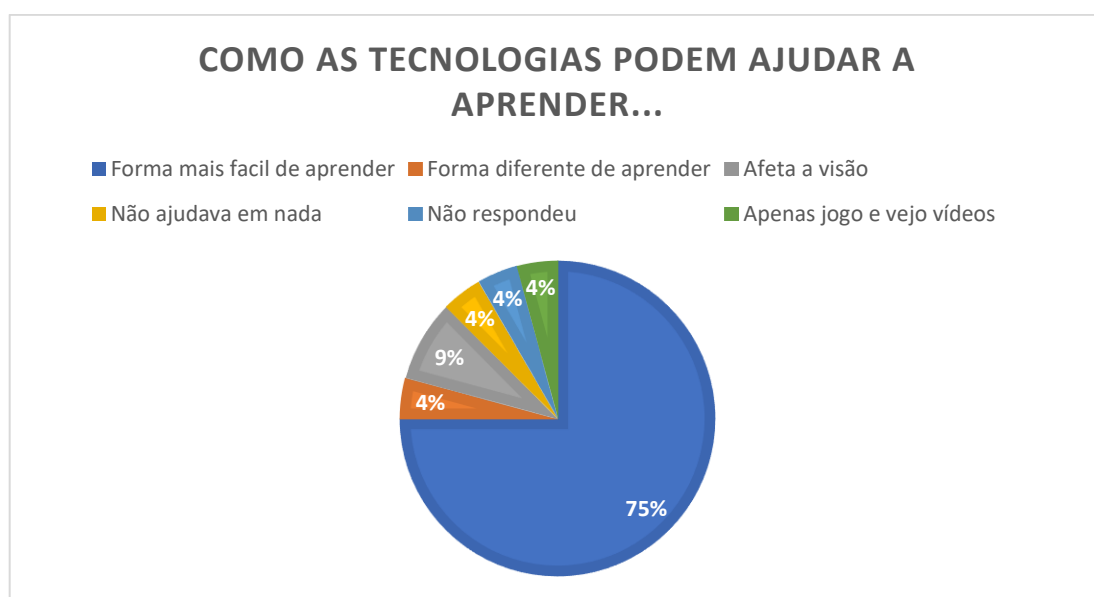


Figura 11: Gráfico de percentagem como os alunos achavam que as tecnologias podem ajudar a aprender

Ao questionário 2, intitulado de “O que sabes sobre o nosso Património Cultural?” (anexo 5) responderam 13 alunos do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades

compreendidas entre os 6 anos e os 8 anos de idade, ou seja, 12 dos alunos tinham 6 anos de idade, 11 tinham 7 anos de idade e apenas 1 aluno tinha 8 anos de idade.

A primeira pergunta deste questionário tinha como base averiguar os conhecimentos dos alunos sobre os monumentos de Viana do Castelo. A primeira imagem que aparecia era o templo religioso de Santa Luzia, aqui 5 crianças identificaram como “igreja”, 1 criança identificou como “igreja do monte”, ou seja, não sabia o nome, mas sabia identificar onde se situava. 8 das crianças identificaram como “Santa Luzia”, 3 das crianças identificaram como “Igreja de Viana do Castelo”, 1 criança não sabia, 1 criança identificou como “castelo”, 1 criança identificou como “cemitério”, 1 criança identificou como “missa” e por fim, 3 crianças identificaram como “igreja de Santa Luzia”. Estes dados revelam alguma confusão – natural da idade e do momento curricular em que se encontram – que não deve ser excessivamente valorizada, visto que grande parte das ideias construídas sobre elementos do Património Histórico e Cultural não foram ainda aprofundados, em contexto escolar, com crianças de tão tenra idade. De todas as formas, pelo que pudemos recolher, verificamos que existem conhecimentos transmitidos pela família, por eventuais visitas de estudo e percursos na cidade que resultaram em primeiros sinais de conhecimento histórico e identitário, muitas vezes empíricos.

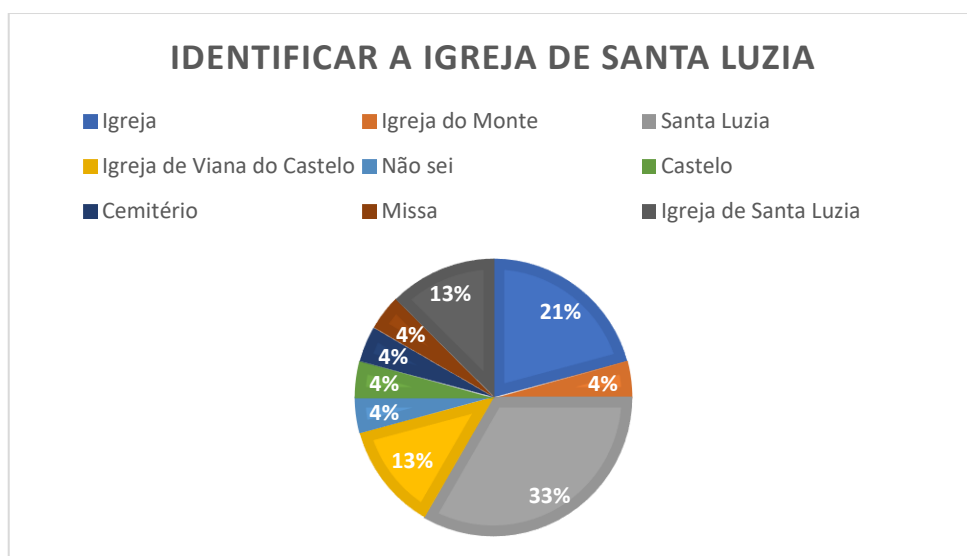


Figura 12: Gráfico de percentagem, identificação do templo de Santa Luzia



Figura 13: Templo de Santa Luzia

De seguida, aparecia uma segunda imagem, a Misericórdia de Viana do Castelo, aqui 19 das crianças responderam que não sabiam o nome, mas 2 referiram que já tinham visto, 1 crianças identificou como “construção”, 1 identificou como “prisão”, 1 como “câmara”, 1 como “igreja” e 1 como “hotel”. Segundo o programa de Ciências da Natureza do 6º ano de escolaridade citado por Menino e Correia,

“É cada vez mais consensual que as concepções alternativas que os alunos trazem para a sala de aula devem construir o ponto de partida para todas as aprendizagens escolares. O professor deve ser capaz de detectar e de as utilizar para promover aprendizagens formais significativas.” (Menino & Correia, n.d.).

Segundo os autores, todo o trabalho feito na aula, deve ser feito de modo a estimular os alunos a que apresentem, que questionem e testem as suas ideias e convicções, de modo a que a aprendizagem seja facilitada, em vez de ser um entreve. Defende ainda que o professor tem como função, identificar as ideias dos alunos e tomando como base essas ideias, os alunos consigam experienciar diversos “factos e fenómenos”. Tal como foi feito nesta investigação, a professora/ investigadora tentou partir sempre do que os alunos já conheciam e sabiam, para depois conseguir desenvolver o projeto.

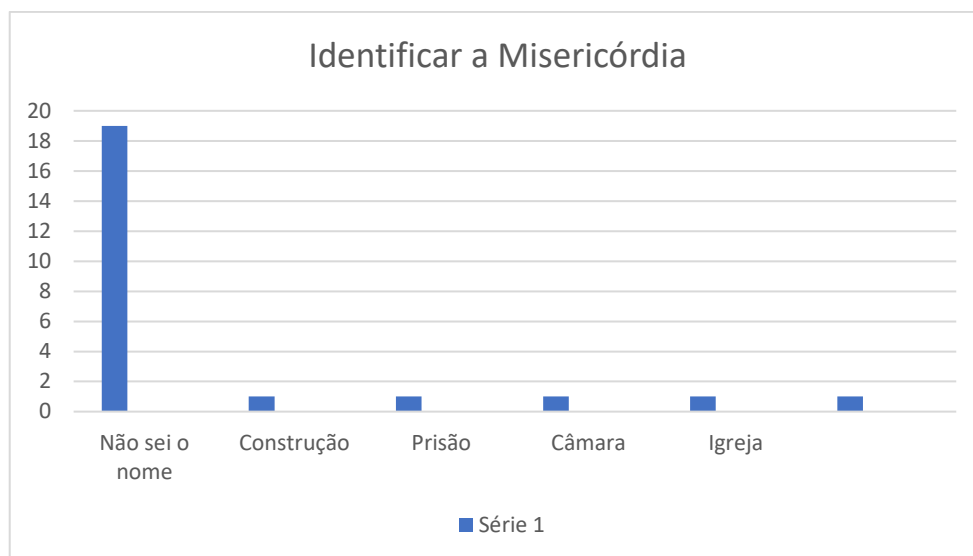


Figura 14: Gráfico de identificação da Misericórdia de Viana do Castelo



Figura 15: Misericórdia de Viana do Castelo

A terceira imagem correspondia à Sé Catedral de Viana do Castelo. Aqui 2 crianças identificaram como “torre”, 8 crianças identificaram como “castelo” e 1 dessas crianças referiu que “esse castelo” se situava perto da loja Lego. 6 das crianças não sabiam responder de que monumento se tratava, 1 criança respondeu que era a “igreja da praça”, 4 crianças responderam que a imagem correspondia “à igreja”, 1 criança respondeu

“ponte”, por fim 1 aluno respondeu que se tratava de uma “igreja parecida como um castelo”.

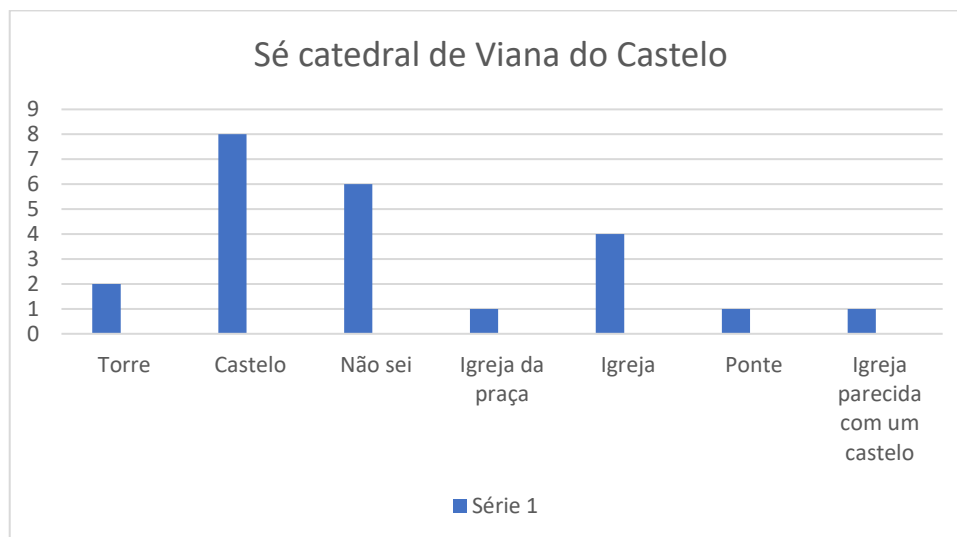


Figura 16: Gráfico identificar a Sé Catedral de Viana do Castelo



Figura 17: Sé Catedral de Viana do Castelo

Na quarta imagem correspondente à estátua “Caramuru”, nenhum dos inquiridos conseguiu identificar a estátua. Assim sendo 22 dos alunos inquiridos responderam que se

tratava de uma estátua, 1 defendia que era uma estátua do mar, 2 alunos referiram que se trata de uma estátua de 2 homens, 1 aluno referiu que a estatua correspondia a 1 homem e uma mulher e 1 aluno ainda disse que esta estátua agora se encontrava na Praia Norte porque a mudaram para lá. 2 dos alunos responderam que não sabiam.

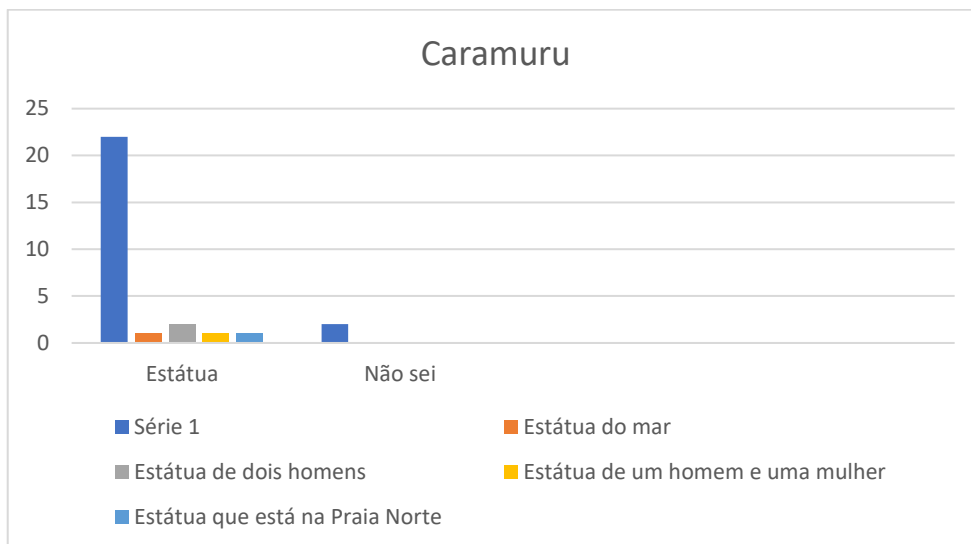


Figura 18: Gráfico de identificação estátua Caramuru



Figura 19: Estátua Caramuru

A quinta imagem correspondente ao Navio Gil Eannes, a grande maioria conseguiu identificar sem dificuldade, ou seja, 11 dos alunos responderam que a imagem correspondia ao “navio Gil Eannes”, 5 dos inquiridos responderam que era o “Gil Eannes” e 8 dos alunos identificaram a imagem como “barco”.

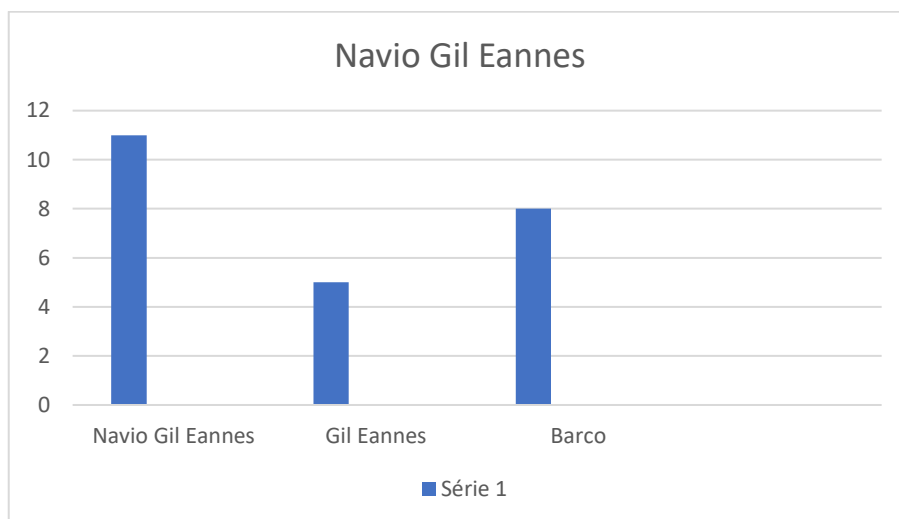


Figura 20: Gráfico a identificar o Navio Gil Eannes



Figura 21: Navio Gil Eannes

Na penúltima imagem, correspondente ao Hospital Velho, a grande maioria teve dificuldade em identificar. Deste modo, 12 dos alunos responderam “casa” e 1 referiu ainda que a casa seria abandonada, 8 dos alunos referiram não saber do que se tratava a imagem e 1 referiu que nunca tinha visto, apenas 2 crianças referiram que se tratava do hospital

velho, 1 criança referiu seria uma “prisão” e 1 referiu que a imagem corresponderia à “igreja”.

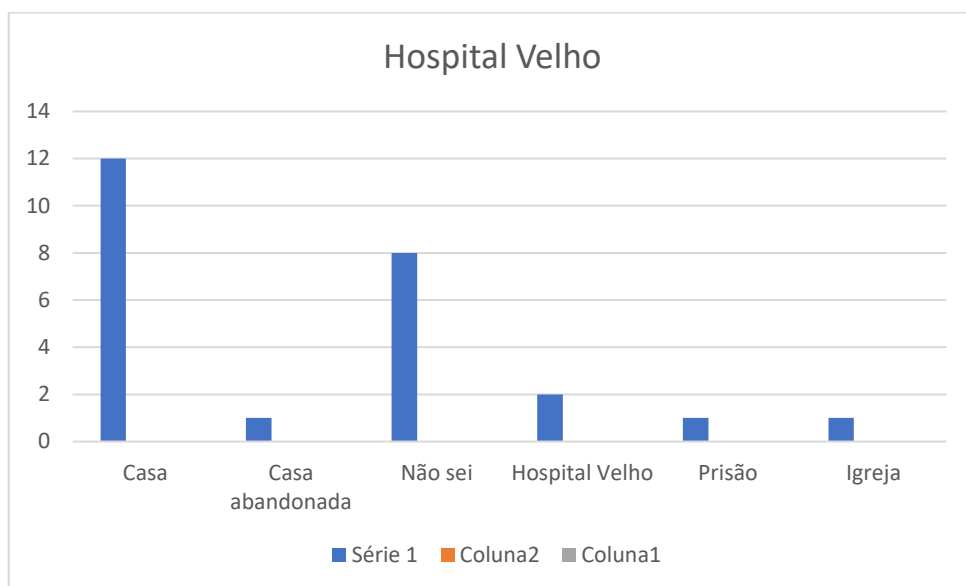


Figura 22: Gráfico a Identificar o Hospital Velho



Figura 23: Hospital Velho

Na última imagem, correspondente ao forte de São Tiago da Barra, a maioria dos inquiridos responderam que não sabiam a que monumento se referia. Assim sendo, 8 alunos responderam que não sabiam, 7 responderam que seria o “castelo”, 2 inquiridos responderam que se tratava do “Castelo de São Tiago da Barra”, 1 aluno respondeu que seria o “Forte”, 5 alunos responderam que seria a “Cidade” e 1 aluno respondeu que era o “Campo de futebol”. De facto, muitos vianenses referem-se a Santiago da Barra como “o Castelo de Viana”. Em 1848, Dona Maria II eleva Viana da Foz do Lima à categoria de cidade, atribuindo-lhe a designação de Viana do Castelo. Apesar, de ponto de vista do conhecimento da castelologia, sabermos que, estruturalmente, o edifício militar é, na realidade, de fisionomia de um Forte ou Fortaleza, datável do período das Guerras da Restauração – como aliás, outros que lhe são próximos territorialmente – pelo que, nesta época, já não existem no sentido medieval e do início da modernidade, castelos com a mesma arquitetura e organização. Segundo Reis,

“Consta na história que entre os anos de 1566 a 1568, D. Sebastião ordena a construção de um pequeno forte de forma quadrangular, envolta da Roqueta, para defender a jóia mais preciosa da vila, como sendo os corsários, entenda-se navios. Mas esta atitude de defesa do rei é o resultado de dois acontecimentos que viriam a alterar” (Reis, 2008)

Reis citando Moreira “(...) o ritmo expansivo do porto de Viana e ameaçar o desenvolvimento urbano e sócio-económico.(Moreira, 2005, p.56)” (Reis, 2008)

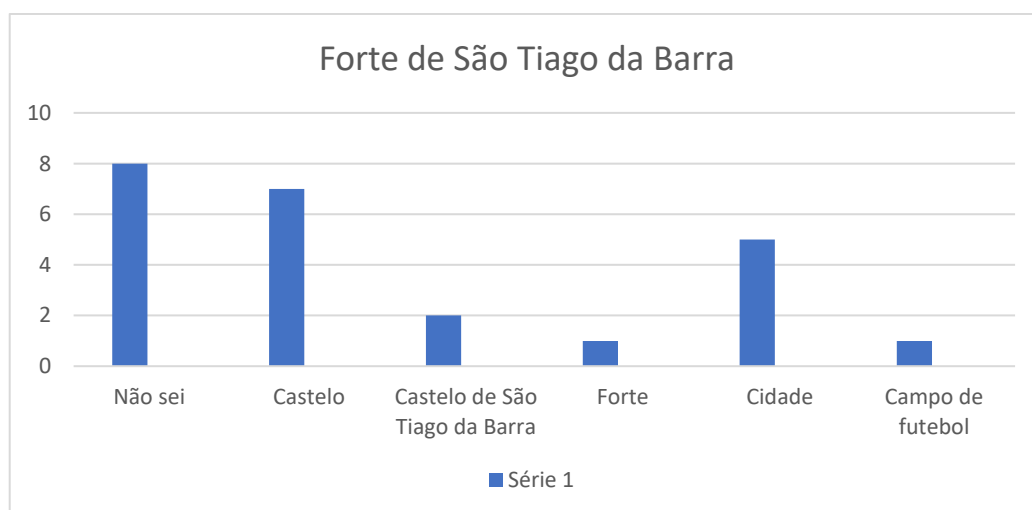


Figura 24: Gráfico a identificar o forte de são Tiago da Barra



Figura 25: São Tiago da Barra

Na pergunta seguinte, era perguntado aos alunos outros monumentos de Viana do Castelo que conhecessem, aqui a maioria dos alunos respondeu que não conhecia mais nenhum, isto é, 16 dos alunos inquiridos responderam “não sei”, 1 aluno respondeu que conhecia a “Praça da República e o Chafariz”, 1 aluno respondeu que conhecia a “Praça da República e a Junta na Praça”, 1 aluno respondeu que conhecia os “moinhos e as casas abandonadas”, 1 aluno respondeu que conhecia a “igreja da Meadela”, 1 aluno referiu a “igreja da Sagrada Família, 1 aluno referiu “igrejas”, 1 aluno estátuas e por fim 1 outro aluno referiu o “museu onde danço”.

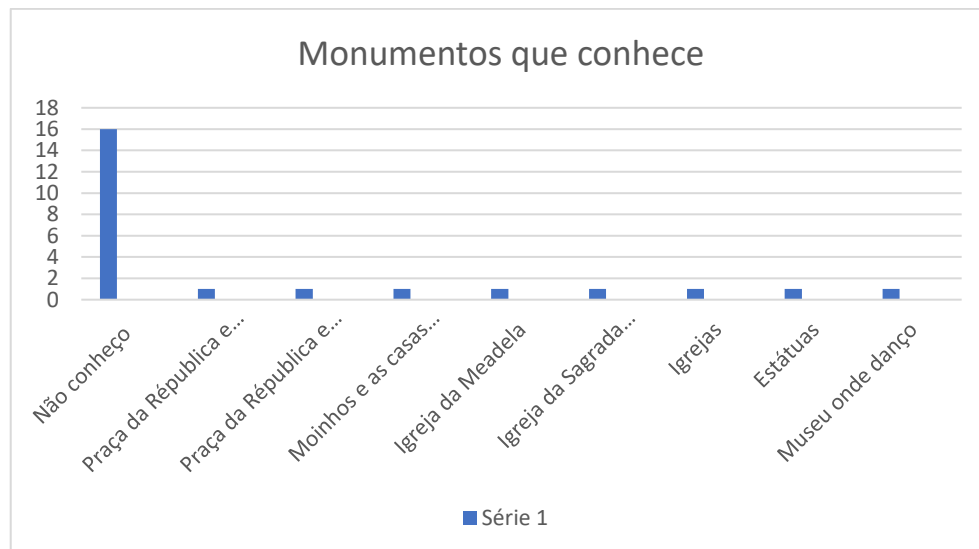


Figura 26: Gráfico a identificar os monumentos que os alunos conhecem

De seguida, os alunos eram questionados se conheciam alguma lenda associada à cidade de Viana do Castelo. 21 dos alunos responderam que não conheciam nenhuma lenda e 3 responderam que conheciam. Dos 3 alunos que conheciam lendas associadas a Viana do Castelo, 1 conhecia a lenda dos cabeçudos, 1 conhecia a lenda de Viana e 1 conhecia a lenda a festa da Agonia.

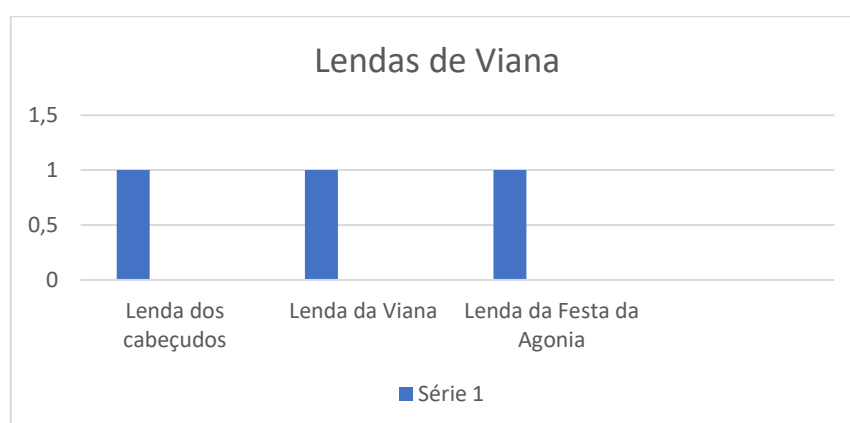


Figura 27: Gráfico a identificar as lendas de Viana do Castelo

Por fim, os alunos foram questionados se achavam importante conhecer e valorizar o Património, resposta a que os 23 alunos responderam que achavam importante conhecer e valorizar o Património. 20 dos alunos defendiam que seria bom para “conhecer a história”, 1 defendia que era importante para “conhecer coisas bonitas da cidade”, 1 aluno não sabia justificar o porquê de ser importante, 1 aluno referiu que era importante para “conhecer a história de Jesus” e 1 referiu que era importante porque “gosto de ver monumentos”.

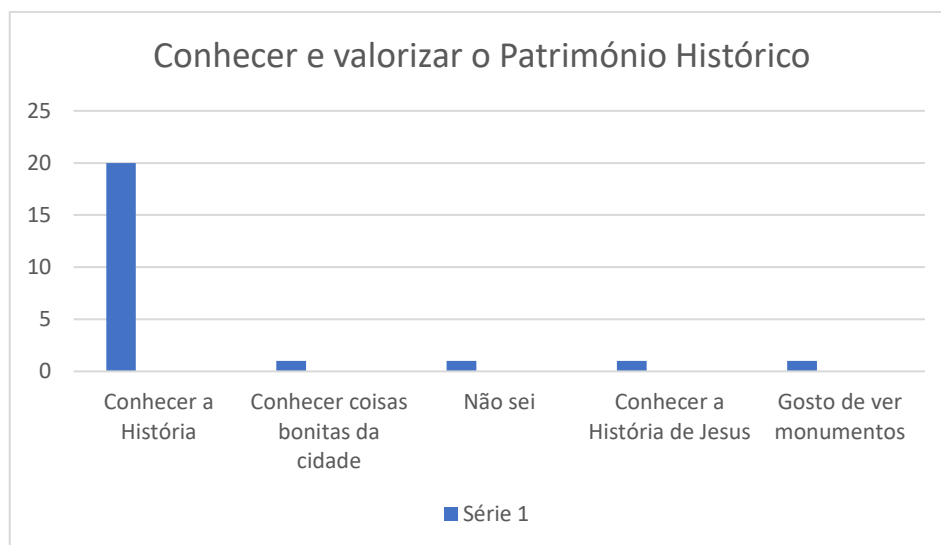


Figura 28: Gráfico a identificar conhecimento e valorização do Património Histórico

Relativamente aos 4 alunos que assistiram à sessão de *videomapping* estes tinham idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos de idade, 3 com 6 anos de idade e 1 com 7 anos de idade, 3 eram do sexo masculino e 1 do sexo feminino.

Estes alunos foram questionados se foi a primeira vez que assistiram a uma projeção de *videomapping*, ao que 3 dos alunos responderam que sim e 1 respondeu que não, de seguida, foram questionados se gostaram e os 4 alunos responderam que sim. Depois foi perguntado aos alunos o que acharam mais interessante, 1 aluno respondeu “foi tudo bonito, outro aluno respondeu “O Barco Gil Eannes”, outro respondeu “As Estátuas” e o outro respondeu “A lenda de Viana”. Foi ainda perguntado aos alunos se acharam importante o facto de ser projetado num monumento da cidade, ao que os 4 alunos responderam que sim, foi-lhes perguntado o porque e 2 responderam “porque Viana tem uma lenda gira” e 2 responderam “para aprender mais sobre a cidade”.

Por fim, estes alunos foram questionados se consideravam que esta seria uma forma de aprender, os 4 alunos responderam que sim, de seguida foi-lhes perguntado o porque, 2 responderam “porque aprender é bom” e os outros 2 alunos não souberam responder.

Ao questionário 3 intitulado de “Literacia Patrimonial Local e os Novos Media” (anexo 6) responderam 24 alunos, 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades

compreendidas entre os 6 e os 8 anos de idade, 12 dos alunos tinham 6 anos de idade, 11 tinham 7 anos de idade e apenas 1 tinha 8 anos de idade.

Na primeira pergunta deste questionário, foi perguntado aos alunos onde adquiriram conhecimentos sobre a História e o Património Cultural de Viana do Castelo e do Alto Minho, 2 alunos responderam que foi em visitas de estudo, visitas a museus e informação do professor, 1 aluno respondeu que foi através de livros, visitas a museus, visitas de estudo, informação do professor e interesse próprio, 1 aluno respondeu que foi através de livros, visitas a museus e informação do professor, 3 alunos responderam que foi através de visitas a museus, bibliotecas e informação do professor, 2 alunos responderam que foi através de visitas de estudo e informação do professor, outros 3 alunos responderam que foi através de visitas de estudo, visitas a museus, informação da família e informação do professor. 2 alunos responderam que adquiriram conhecimento com base em visitas de estudo, informação da família e informação do professor, 1 aluno referiu que foi através de livros, visitas a museus, bibliotecas e informação do professor, 1 outro aluno referiu que o seu conhecimento tinha como base livros, visitas a museus, bibliotecas, informação da família e informação do professor, 1 aluno referiu que foi em visitas a museus, internet, bibliotecas, visitas de estudo, informação da família, informação do professor e interesse próprio, 1 aluno referiu foi através de informação da família e informação do professor, 2 outros alunos responderam que foi através de livros, visitas a museus, internet, informação da família, informação do professor e interesse próprio. 1 aluno referiu que o seu conhecimento vinha de visitas a museus, internet, bibliotecas, informação do professor e interesse próprio, 1 aluno respondeu que foi através de livros, visitas a museus, internet, bibliotecas, informação do professor e interesse próprio. 1 aluno respondeu que foi através de visitas a museus, internet, informação da família e informação do professor. Por fim, 1 aluno respondeu que o seu conhecimento se devia a visitas a museus, informação da família, informação do professor e interesse próprio.



Figura 29: Gráfico a identificar onde os alunos adquiriram conhecimento sobre a História e o Património do Alto Minho

De seguida, foi perguntado aos alunos quais as fontes que usavam para a aprendizagem Histórica e Patrimonial, onde 20 dos alunos responderam que utilizavam apenas jogos, 1 aluno respondeu que utilizava jogos, *Youtube* e *Facebook*, 2 alunos responderam que usavam o *Youtube* e jogos, 1 aluno usava o *Facebook* e jogos.



Figura 30: Gráfico a identificar fontes que utilizavam para aprender sobre História e Património

Depois foi perguntado aos alunos se alguma vez usaram jogos digitais na aprendizagem curricular, ao que os 24 alunos responderam que sim e os jogos que jogaram foram o “Quiz e À descoberta de Viana do Castelo”.

Na pergunta seguinte era perguntado aos alunos quem lhes falou do jogo digital, ao que os 24 alunos responderam que foi o professor, ou seja, a professora estagiária, depois era perguntado que tipo de aprendizagens achavam que o jogo digital podia proporcionar, ao que 13 alunos responderam “saber a história de Viana”, 1 aluno respondeu “aprendi sobre o Gil Eannes”, 4 alunos responderam “monumentos de Viana e curiosidades”, 5 alunos responderam “ensinar de forma divertida” e 1 aluno não soube responder.

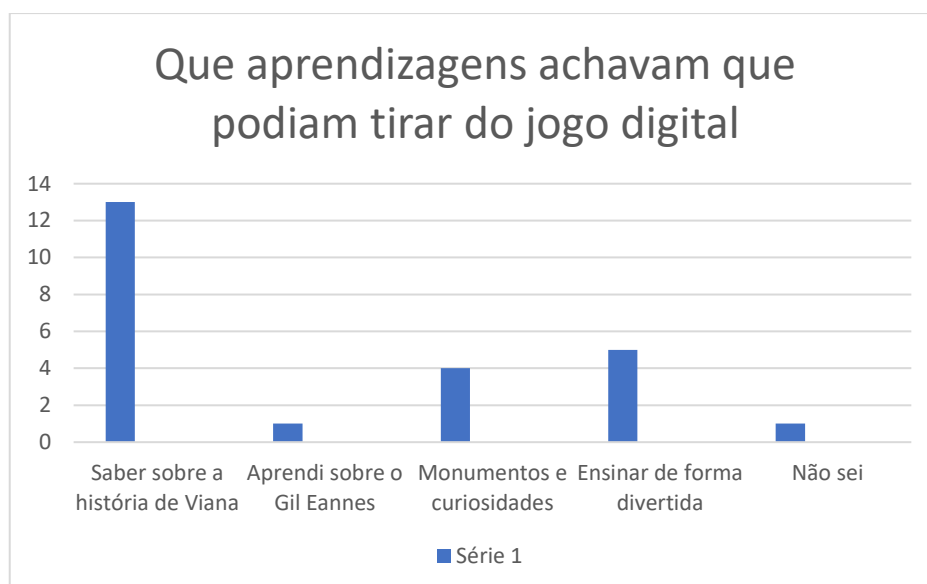


Figura 31: Gráfico a identificar as aprendizagens que os alunos poderiam retirar do jogo

Depois era perguntado aos alunos se gostavam da disciplina de Estudo do Meio, 23 alunos responderam que sim e 1 aluno respondeu que não, para justificar a sua resposta 8 alunos responderam “É divertido”, 6 responderam “aprendo sobre muitas coisas”, 4 responderam “por causa das atividades”, 2 responderam “estou quase a acabar os autocolantes”, 3 responderam “É fácil”. O aluno que respondeu que não gostava de Estudo do Meio justificou que não gostava “É chato”.



Figura 32: Gráfico de percentagem a identificar o gosto por Estudo do Meio

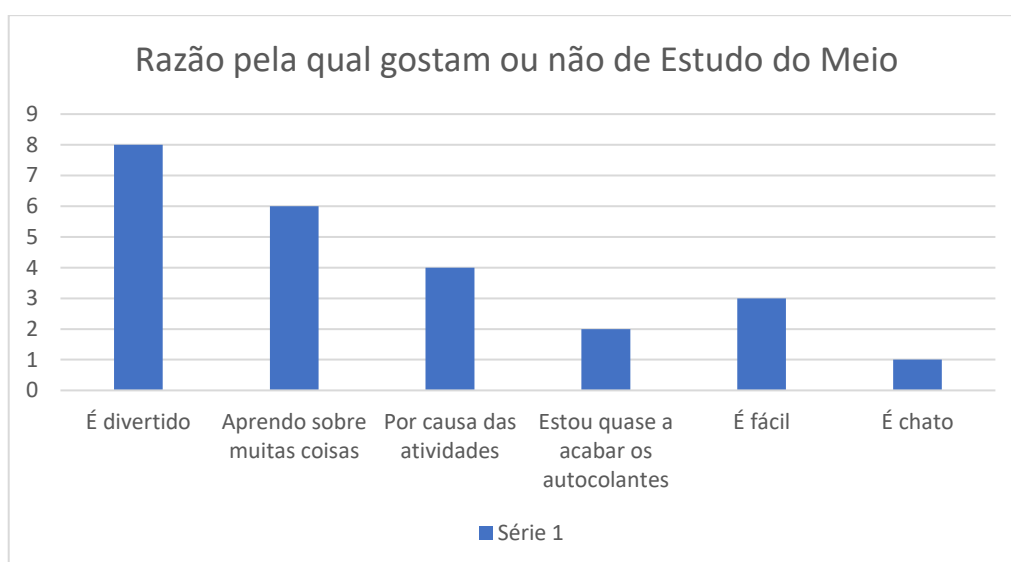


Figura 33: Gráfico a identificar a razão pelo gosto do Estudo do Meio

Na última pergunta, era perguntado aos alunos se estes achava que os jogos digitais sobre História e Património Local os fariam interessar mais por a aprendizagem da disciplina de Estudo do Meio, ao que 22 dos alunos responderam que sim e 2 responderam que não, 7 alunos justificaram: “aprendia melhor”, 13 diziam que era uma “forma divertida de aprender”, 2 alunos não souberam justificar a sua ideia e 2 responderam: “gosto de jogos”.

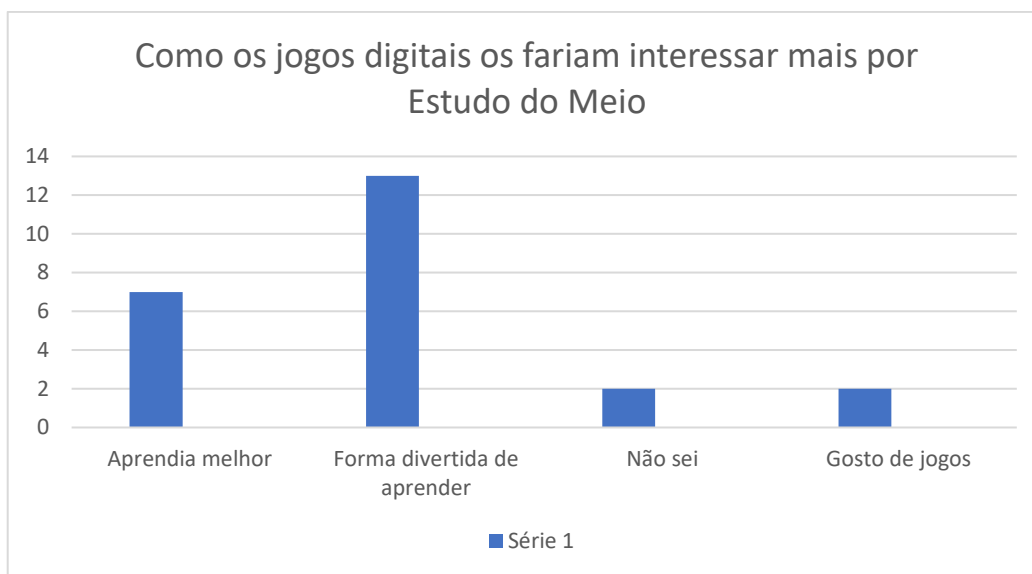


Figura 34: Gráfico a identificar como os jogos digitais podem fazer interessar mais os alunos por Estudo do Meio

Ao questionário 4 intitulado de “Reflexos a aprendizagem usando novos media” (anexo 7) responderam 24 alunos, 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos de idade, 12 dos alunos tinham 6 anos de idade, 11 tinham 7 anos de idade e apenas 1 tinha 8 anos de idade.

Na primeira pergunta, foi perguntado aos alunos se gostaram de usar o jogo como ferramenta de aprendizagem, ao que os 24 alunos responderam que sim, depois foi pedido para justificar as respostas, 6 alunos responderam “foi divertido” e 18 responderam “É giro e aprendi sobre Viana”.

De seguida, os alunos eram questionados sobre a aprendizagem retirada do jogo, ao que 9 alunos responderam “Conhecimento do Património do Alto Minho, experiência de viagem no tempo, forma lúdica de aprender, possibilidade de novos conhecimentos, adrenalina e desafio”. 3 alunos responderam: “Conhecimento do Património do Alto Minho, experiência de viagem no tempo, forma lúdica de aprender, possibilidade de novos conhecimentos, adrenalina, desafio e empatia histórica”. 1 aluno respondeu: “forma lúdica de aprender e adrenalina”, 2 alunos responderam: “Conhecimento do património do Alto Minho, forma lúdica de aprender e adrenalina.”, 2 alunos responderam: “conhecimento do património do Alto Minho, forma lúdica de aprender, possibilidade de aquisição de novos

conhecimentos, consolidação de conhecimentos e adrenalina.” 1 aluno respondeu: “conhecimento do Património do Alto Minho, forma lúdica de aprender, possibilidade de novos conhecimentos e empatia histórica.”, 2 alunos responderam: “Conhecimento do Património do Alto Minho, Forma lúdica de aprender, possibilidade de aquisição de novos conhecimentos e adrenalina.” 1 aluno respondeu: “Conhecimento do Património do Alto Minho, experiência de viagem no tempo, forma lúdica de aprender, possibilidade de aquisição de novos conhecimentos e desafio.”, 2 alunos responderam: “Conhecimento do Património do Alto Minho, Experiência de viagem no tempo, forma lúdica de aprender, possibilidade de aquisição de novos conhecimentos, consolidação de conhecimentos e adrenalina.” 1 aluno respondeu: “Conhecimento do Património do Alto Minho, Experiência de viagem no tempo, forma lúdica de aprender, possibilidade de aquisição de novos conhecimentos, adrenalina e desafio.”

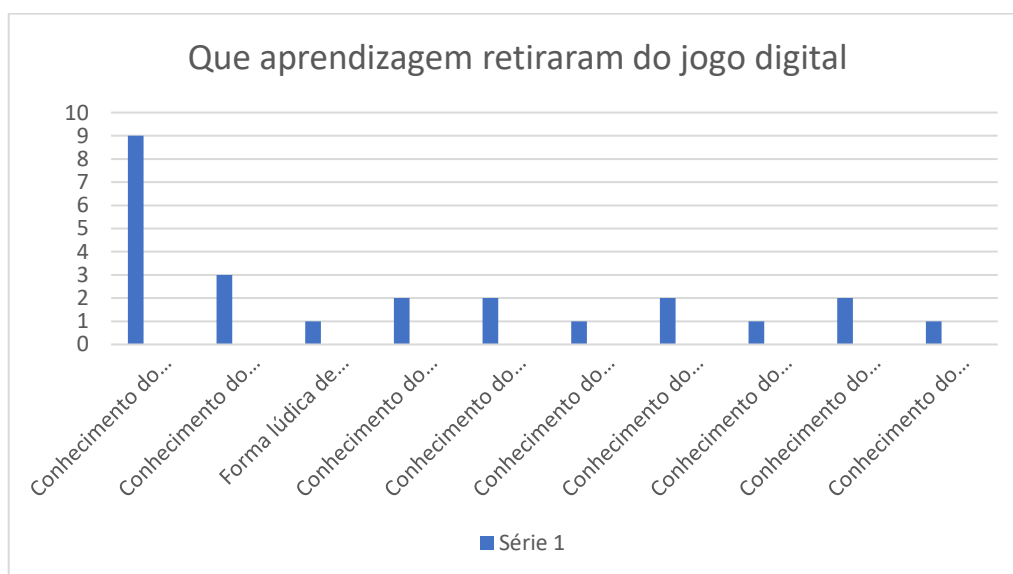


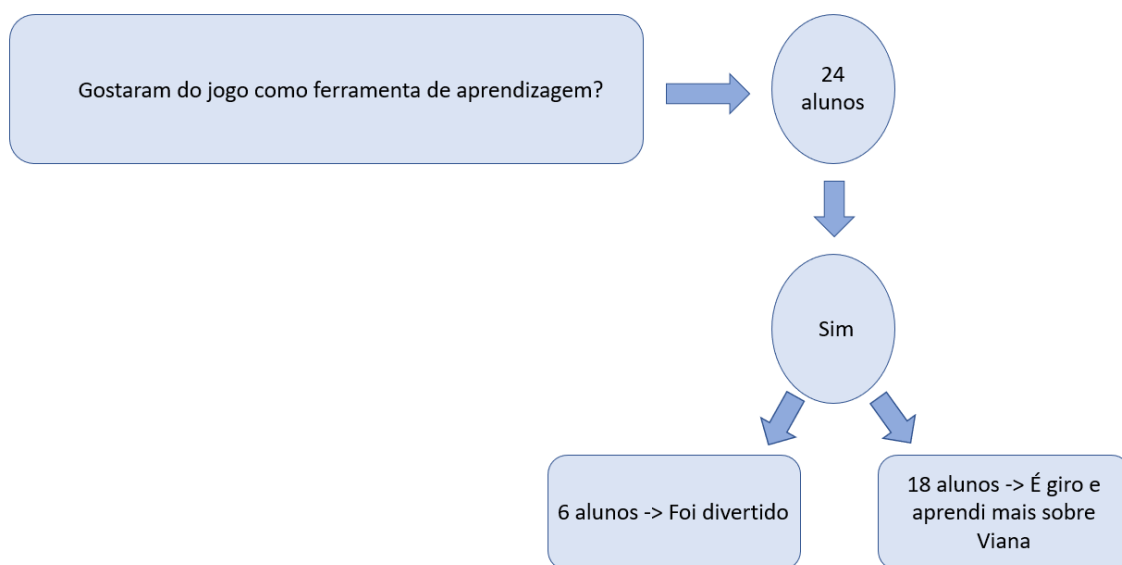
Figura 35: Gráfico a identificar que aprendizagens retiraram do jogo digital

Aos 4 alunos que assistiram à sessão de *videomapping* foi-lhes perguntado se gostaram de assistir, os 4 responderam que sim, depois foi-lhes perguntado se foi a primeira vez que assistiram a algo assim, 3 responderam que sim e 1 respondeu que não. Depois foi-lhes perguntado que novos conhecimentos e aprendizagens retiraram da

projeção ao que 2 responderam “aprendi mais sobre a lenda de Viana” e 2 responderam: “Aprendi sobre Viana e a sua história”.

Na última pergunta, era perguntado aos alunos se achavam que este tipo de atividade ajudava a gostar mais da história da região, ao que 22 alunos responderam que sim e 2 alunos responderam que não. Para justificar as respostas 16 alunos responderam: “É uma forma de aprender”, 6 responderam: “porque podemos aprender coisas do passado, 1 aluno respondeu: “porque não assisti e não sei como é” e 1 aluno respondeu: “não sei”, ou seja, não soube justificar a sua opção.

Como conclusão deste estudo os alunos foram questionados se tinham gostado do jogo como ferramenta de aprendizagem, as respostas serão esquematizadas num quadro abaixo:



Quadro 4: Conclusão do estudo

9. Reflexão das atividades

9.1 Atividade 1: Quiz- “Quem quer ser mais vianense?”

9.1.1 Reflexão sobre a exploração da atividade

A primeira atividade desenvolvida teve como base averiguar o que os alunos sabiam sobre a cidade de Viana do Castelo, não só em relação aos monumentos, mas também em relação à gastronomia da cidade e os seus costumes, seguindo sempre a linha metodológica de Barca, “a aula-oficina” iniciei a investigação por fazer um levantamento das ideias prévias dos alunos sobre o tema.

Como a PE/investigadora já tinha feito antes um inquérito aos alunos já sabia quais os monumentos de Viana que estes alunos conheciam e os que não conheciam. No decorrer da atividade, tal como em todas as outras, foi evidente o interesse dos alunos e a vontade de participar e responder.

Apesar dos alunos estarem muito motivados e interessados no decorrer da atividade, alguns alunos demonstravam estranheza pela atividade em si e mesmo por falarmos do património Vianense na sala de aula, isto porque, não era o habitual das aulas e mesmo o facto da aula ser dada com base num jogo – o que também constituía uma novidade de abordagem pedagógico-didática.

Uma vez que se tratava de uma turma do 1º ano de escolaridade, ainda não sabiam ler e escrever na totalidade, isto porque, ainda não tinham sido lecionados todos os grafemas e todos os casos de leitura, a PE/investigadora achou que a melhor forma para recolher dados dos alunos seria através de desenhos, deste modo, no final da atividade, pediu aos alunos que fizessem um desenho onde salientassem o que acharam mais importante e o que mais gostaram. Aqui a PE teve a possibilidade de ir passando por diferentes lugares e assim conseguiu ter uma maior e melhor perceção do que os alunos aprenderam e do que mais tinham gostado. Foi esta uma forma de registo de todo o processo de aprendizagem, podendo mais tarde analisar e assim proceder à análise de comparação na fase final do projeto.



Figura 36: Alunos a responder às perguntas do Quiz

9.1.2 Análise da atividade

Para iniciar a aula, a professor estagiária/ investigadora começou por apresentar aos alunos um PowerPoint intitulado de “Quem quer ser mais Vianense?”. O primeiro slide do PowerPoint é alusivo à cidade e aos seus costumes, isto porque, a primeira página era um lenço dos namorados. De seguida, era mostrada a imagem do templo de Santa Luzia, foram dadas aos alunos 3 opções para o nome do monumento, ou seja, “Mosteiro dos Jerónimos”, “Templo de Santa Luzia” e “Torre dos Clérigos”, depois dos alunos responderem era clicado em cima da opção que os alunos respondiam, se respondessem certo, o PowerPoint remetia para um slide que reproduzia o som das palmas e aparecia o Manel e a Maria a dançar em Gift e tinha ainda um visto verde, se os alunos errassem na resposta, o PowerPoint remetia para um slide que reproduzia o som de um estrondo e tinha o símbolo de um “x” vermelho, tinha ainda uma seta que dizia aos alunos para tentarem outra vez, sendo que em todos os slides acontecia o mesmo. No slide seguinte era perguntado qual era a dança tradicional de Viana do Castelo, as opções eram: “o malhão”, “o rancho” e “o vira”. Depois foi mostrada uma imagem da Sé Catedral de Viana do Castelo, foi perguntado aos alunos de que monumento se tratava, aqui tinham como

opções de resposta: “Sé Catedral de Viana do Castelo”, “Igreja da Misericórdia” e “Igreja da Senhora da Agonia”. Em seguida, foi mostrada a imagem da estátua do Caramuru, onde alguns dos alunos referiram imediatamente que esta estátua tinha sido mudada de sítio e agora se encontrava na praia Norte. Aqui foi perguntado qual o navegador natural de Viana do Castelo que casou com a filha do chefe dos índios no Brasil, as opções de resposta eram: Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama e Caramuru (Diogo Álvares Correia). Para o PowerPoint não ser sempre igual, ou seja, aparecer pergunta acompanhada da imagem que correspondia ao monumento, ou estátua, na pergunta seguinte, a professora estagiária/investigadora decidiu colocar um Gift de duas figuras tipicamente vianenses a dançar, ou seja, do Manel e da Maria com a seguinte pergunta: “Qual o navio que em tempos era um hospital no mar?”, depois dos alunos responderem era clicado numa seta e aparecia a imagem do Navio hospital Gil Eannes.

Posto isto, era mostrado aos alunos a imagem dos antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo e era perguntado aos alunos como este monumento era, as opções de resposta que os alunos tinham eram as seguintes: “Sé Catedral de Viana do Castelo, Castelo de Santiago da Barra e Paços do Concelho.” De seguida a professora estagiária/investigadora decidiu novamente colocar uma adivinha acompanhado do Gift do Manel e da Maria, a adivinha era: “Vinham de longe para as comer, podemos encontrá-las no Natário, ao que os alunos deveriam responder “bolas de Berlim do Natário”, após os alunos responderem aparecia a imagem das bolas. Posteriormente aparecia uma imagem da torta de Viana e era perguntado aos alunos “que doce típico é este?”, as opções de resposta que os alunos tinham eram: “bola de Berlim, torta de Viana ou Pastel de Nata”. De seguida foi mostrado um parto tipicamente vianense, o Bacalhau à Margarida da Praça, aqui novamente os alunos tinham 3 opções de resposta, eram elas: “Bacalhau à Margarida da Praça, Francesinha ou Torta de Viana”. Depois foi mostrada uma imagem dos trajes típicos de Viana do Castelo, aqui os alunos eram questionados: “Estes tajes são típicos de...”, tinham como opções de resposta, “Aveiro, Vila Real e Viana do Castelo”. Para finalizar a atividade, a PE/investigadora colocou novamente o Gift do Manel e da Maria com a seguinte adivinha: “À volta do pescoço a decorar faz o povo deslumbrar...”, ao que os alunos deviam responder os colares de ouro. O último slide do PowerPoint terminava

também com o lenço dos namorados e com a pergunta: “E agora, já conhecem melhor Viana do Castelo?”

É de salientar que os alunos reconheceram o templo de Santa Luzia, mas não sabiam qual era a dança típica de Viana do Castelo, achavam que era o “Malhão”, a grande maioria reconheceu a Sé Catedral de Viana do Castelo, não sabiam qual o navegador natural de Viana do Castelo que casou com a filha do chefe do índio no Brasil, depois de ter sido mostarda esta imagem a PE/investigadora contou uma curiosidade sobre Diogo Álvares Correia (Caramuru), ou seja, que este quando chegou à tribo de índios tirou uma pistola e deu um tiro para o ar e como os índios não sabiam o que era uma pistola, nem qual era a sua utilidade, acharam que Diogo Álvares Correia (Caramuru) era um “Deus”, que tinha poderes especiais e como prémio casaram-no com a filha do chefe da tribo, história esta que os alunos acharam muita piada e no decorrer da investigação iam sempre falando dela. Na adivinha do Navio hospitaleiro Gil Eannes, os alunos souberam identificar de que navio se tratava.

Quando foi projetada a imagem dos Antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo, a grande maioria dos alunos teve dificuldade em identificar de que monumento se tratava, inicialmente disseram eu se tratava do Castelo de Santiago da Barra, principalmente por o facto das ameias, que geralmente associam a castelos. Na adivinha “vinham de longe para as comer, podemos encontrá-las no Natário”, a grande maioria dos alunos respondeu sem dificuldade. Posteriormente, foi mostrado um doce típico de Viana, a torta de Viana, ao que os alunos responderam sem dificuldade a resposta e alguns deles disseram ainda que era o seu doce favorito. Depois foi mostrado outro prato tipicamente vianense, ao só mostrar a imagem os alunos não sabiam do que se tratava, mas depois de ler as opções, os alunos conseguiram adivinhar, porque foram excluindo as opções que não podiam ser. Relativamente aos trajes, os alunos não tiveram nenhuma dificuldade em identificar a que cidade estes pertenciam. Na última adivinha, em que era perguntado o que se usava à volta do pescoço como adorno e fazia deslumbrar, os alunos tiveram dificuldade em adivinhar a resposta.

No decorrer desta atividade, foi evidente o grande entusiasmo e euforia dos alunos, sempre que acertavam uma resposta, havendo mesmo alunos que imitavam o gift quando acertavam. A investigadora no decorrer desta sessão tentou sempre encaminhar a aula, de modo a conseguir alcançar os objetivos propostos, ou seja, conhecerem mais e melhor o património e a história vianense.

Por fim, foi pedido aos alunos que fizessem um desenho sobre a aula e o que acharam mais importante. Neste momento foi permitido à investigadora circular por os diversos lugares da sala e tirar as respetivas notas do que os diferentes alunos desenharam.



Figura 37: Apresentação de diferentes peças do traje Vianense pela Investigadora



Figura 38: Apresentação de diferentes peças do traje Vianense pela Investigadora

10. Atividade 2: “À descoberta de Viana do Castelo”

10.1 Reflexão sobre a exploração da atividade

Uma vez que já tinham sido realizados o segundo questionário: “O que sabes sobre o nosso Património Cultural?” (anexo 5), a primeira atividade “Quem quer ser mais Vianense” e a sessão de videomapping já tinha sido projetada no edifício dos antigos paços do Concelho da cidade de Viana do Castelo, a investigadora pode verificar que os alunos já reconheciam alguns dos mais importantes monumentos da cidade de Viana do Castelo e a lenda de Viana do Castelo. A PE/investigadora partiu então para a exploração do jogo didático sobre os monumentos e as lendas da cidade a que os alunos reagiram muito bem e queriam jogar sempre mais.

Uma vez que a escola não dispunha de materiais suficientes de modo a que os alunos conseguissem realizar o jogo todos ao mesmo tempo, a PE/investigadora achou que o melhor seria dividir a turma em pequenos grupos de 3 alunos, isto porque também só haviam 3 computadores disponíveis para os alunos puderem trabalhar e também por o facto de conseguir estar alguém sempre a acompanhar a criança no jogo, uma vez que se tratava de uma turma do 1º ano de escolaridade e ainda não sabiam ler, para saber quais os diferentes passos a seguir e nem todos os alunos possuíam a mesma desenvoltura em relação ao jogo digital. Os alunos foram então acompanhados por a PE/ investigadora e por dois criadores do jogo digital. Esta sessão foi muito enriquecedora, uma vez que alguns dos alunos puderam aprender mais sobre a história e a lenda da cidade e outros tiveram a possibilidade ainda de consolidar conhecimentos. No final foi ainda facultado o nome do jogo aos alunos, para que esses o pudessem descarregar para o seu smartphone, ou para o tablet e deste modo pudessem jogar nas suas casas.

No final, foi proposto que cada aluno desenhasse o que considerava mais importante do que tinha observado e jogado. A professora investigadora teve ainda a possibilidade de passar por o lugar de cada aluno e assim conseguir apurar o que cada um desenhou e o que considerava mais importante. Nesta atividade a investigadora pode verificar que o monumento de eleição dos alunos era o Navio Gil Eannes, também derivado ao facto de o jogo digital ser passado no barco.

Tal como a atividade anterior, também esta foi muito positiva, isto porque os alunos cada vez se mostravam mais motivados quer no jogo, quer na aquisição de novos conhecimentos relativamente à cidade.



Figura 39: Aluno a jogar



Figura 40: Aluno no jogo



Figura 41: Aluno a concluir o jogo

10.2 Análise da atividade

O fator chave desta intervenção no âmbito da investigação teve como intuito testar o jogo elaborado por alunos da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viana do Castelo em parceria com o Instituto Politécnico de Bragança, este jogo foi uma mais valia para a motivação dos alunos no decorrer da atividade.

Esta atividade tinha como finalidade a transmissão de novos conhecimentos aos alunos, ou seja, um dos parâmetros que Barca refere nas bases da aula oficina, com base nos dados recolhidos nesta atividade, a investigadora pode constatar que nem todos os alunos reagiram da mesma forma ao jogo digital, isto porque, uns reagiram com muita euforia e não conseguiam deixar de o demonstrar, enquanto que outros já reagiam mais à base de calma e concentração no jogo digital. O jogo digital também foi uma mais valia para os alunos porque foi uma possibilidade de os alunos alargarem horizontes e deste modo conseguirem adquirir novos conhecimentos. Esta atividade foi então dividida em 8 rondas, com 3 alunos cada, com cerca de 15 minutos.

A primeira roda constituída por, 2 raparigas e 1 rapaz, D.R, J.P e L.C. A aluna D.R, começou por questionar a PE/investigadora “Não devia de ser uma menina?”, a aluna fez esta pergunta porque como ela era uma rapariga e era ela que estava no jogo não estava a compreender o porque de aparecer um rapaz, ao que a professora investigadora respondeu “Sim, podia ser uma menina, mas no momento em que iniciaste o jogo escolheste um menino.” Quando apareceu a tela do jogo (anexo), a aluna conseguiu logo identificar a “Santa Luzia” / “Barco Gil Eannes”. Mais à frente depois de a aluna ver a história da Sé Catedral de Viana do Castelo a aluna respondeu: “Os incêndios foram uma tristeza”, como na tela tinha sempre uma sombra do boneco do jogo a aluna referiu que aquele boneco se tratava de “um espírito”. Quanto ao aluno J.P este não verbalizou durante todo o jogo e demonstrava uma grande concentração, em contrapartida a aluna L.C delirava com o jogo e mostrava uma grande expressividade. A aluna referiu ainda: “Estou quase a ganhar”, quando a aluna D.R disse que o som era bonito a L.C respondeu: “pois é”. Quando a aluna chega ao final do jogo, ou seja, atinge o ponto do templo de Santa Luzia a aluna refere muito euforicamente: “Música se o meu sangue”, relativamente à música “Havemos de ir a Viana”. Nesta ronda acabou 1 aluno e 2 não acabaram.

Na segunda ronda, jogou 1 rapaz e duas raparigas, R.F, H.S e L.I, o aluno R.F no decorrer do jogo mostrou um sorriso rasgado, e conseguiu sem dificuldade identificar o “Barco Gil Eannes” e a “Santa Luzia”, este aluno mostrou alguma confusão em distinguir o rio do mar. A aluna H.S não conseguiu identificar os principais lugares de Viana do Castelo, mas mostrava um grande entusiasmo no jogo, no final referiu “Já fui a Santa Luzia”. A aluna L.I, demonstrava uma postura curiosa perante o jogo, e referiu “Já fui ao Gil Eannes”, esta aluna mostrou ainda uma adaptação cautelosa perante o teclado. Nesta ronda acabaram 2 alunos e 1 não acabou.

Na terceira roda, jogaram 2 raparigas e 1 rapaz, o M.P, a L.R e a L.B. O M.P era um aluno que verbalizava pouco, no início do jogo reconheceu o barco Gil Eannes e na altura em que apareceu a lenda de Viana referiu “senhora de uma casa pequena e um homem que aparece”. Quanto à aluna L.R, esta aluna era muito entusiástica e referia “estou sempre a morrer” e “quero jogar mais!!!”, esta aluna conseguiu identificar o hospital velho e o navio Gil Eannes, ela referiu: “Já fui ao museu Gil Eannes e peguei nas colheres”. A aluna L.B não

conhecia a lenda de Viana e referiu: “Já conheço a Sé”, “Salta melhor do que eu” relativamente ao boneco do jogo, demonstrava ainda um grande envolvimento e concentração, “As moedas é para ficar rica”. Nesta ronda nenhum dos alunos acabou o jogo.

Na quarta ronda jogaram 2 rapazes e 1 rapariga, o A.E, o M.V e a C.S. O A.E tratava-se de um aluno muito atento e concentrado que referiu não conhecer a lenda de Viana, “o hospital era para ajudar as pessoas”, relativamente ao hospital velho e “depois a igreja ficou nova”, relativamente à Sé Catedral de Viana do Castelo, isto porque esta sofreu 2 grandes incêndios. O Aluno M.V reconheceu o barco Gil Eannes e disse ainda “os pescadores iam para o hospital”, isto porque, o barco Gil Eannes, funcionava como um hospital no mar de apoio aos pescadores da pesca do bacalhau. Este aluno tinha um grande espírito de competição com o colega do lado, o aluno A.E. O aluno referiu: “já fui a Santa Luzia” e como as moedas não eram todas do mesmo tamanho surpreendeu-se com o tamanho de uma e disse “olha o tamanho desta moeda!!”, Este aluno tinha uma grande destreza a nível de jogos digitais, isto porque conseguiu chegar ao fim por 3 vezes. A aluna C.S reconheceu Santa Luzia, referiu: “Conheço a lenda contada por o meu irmão”, “quando fui à médica vi o Gil Eannes”, “Lembro-me do hospital velho”, era uma aluna que demonstrava um conhecimento profundo do património, isto também porque a aluna fazia parte de um grupo de escuteiros. Nesta ronda todos os alunos acabaram o jogo.

Na quinta roda, jogaram 3 rapazes, o M.C, o G.R e O B.R. O M.C reconheceu o barco Gil Eannes e referiu “O pescador ia ao amor”, aqui o aluno demonstrou reconhecer a essência da lenda de Viana do Castelo. O G.R, reconheceu o templo de Santa Luzia e referiu: “O Gil Eannes era para os médicos que iam para o mar quando as pessoas se afogavam”, aqui o aluno demonstra saber para da história do navio hospitaleiro e para que ele servia. Referiu ainda “igreja teve dois incêndios”, relativamente à Sé catedral de Viana do Castelo, era um aluno que demonstrava uma grande concentração no jogo. O aluno B.R reconheceu o barco Gil Eannes, e quando reparou que o jogo tinha como fundo o navio Gil Eannes disse: “o jogo é no Gil Eannes!!” era um aluno que verbalizava pouco e tinha espírito de competição. Nesta roda nenhum dos alunos acabou o jogo.

Na sexta ronda, também jogaram 3 rapazes, o T.B, o I.G. e o D.T. O aluno T.B tratava-se de um aluno muito reservado e com muitas dificuldades de verbalização, este e referiu “A história de Viana é um amor” e “Forte: que é isso?” “São hospitais!!” Este aluno demonstrava muita dificuldade na compreensão e em consequência muita dificuldade em verbalizar. O aluno I.G. não conhecia a lenda de Viana, referiu nunca ter entrado no navio Gil Eannes, possuía uma grande habilidade no jogo e verbalizava pouco. O aluno D.T era um aluno que conhecia muito bem o território vianense, conheceu o navio Gil Eannes e referiu: “já o vi muitas vezes!”, “há um restaurante chinês à beira do Gil Eannes”, tratava-se de um aluno com grande concentração e envolvimento, quando apareceu o hospital velho referiu “cá está o hospital!”. Nesta ronda acabaram 2 alunos e 1 não acabou.

Na sétima ronda, jogaram 3 raparigas, a L.P, a F.G e a M.F. A aluna L.P reconheceu o barco Gil Eannes e a Santa Luzia, referiu: “Já entrei no Gil Eannes com o meu infantário.” A aluna F.G, não conhecia a lenda de Viana e referiu: “o Gil Eannes servia para ajudar as pessoas a não morrerem afogadas”. A aluna M.F reconheceu o Gil Eannes, não conhecia a lenda de Viana, referiu: “já visitei o Gil Eannes”, e enquanto jogava comentou: “Já não tenho vidas outra vez...”. Nesta ronda nenhuma das três alunas conseguiu chegar ao final do jogo.

Na oitava e última ronda, jogaram 2 rapazes e 1 rapariga, o P.M, a I.V e o E.Q, o P.M, reconheceu a Santa Luzia, o navio Gil Eannes e o Forte, o aluno demonstrou ainda reconhecer a lenda de Viana do Castelo isto porque, referiu “Lenda fala dos pescadores”. A aluna I.V não conhece a lenda de Viana, é uma aluna que verbaliza pouco, mas joga bem e é muito concentrada. O E.Q não conhece a lenda de Viana do Castelo, mas reconheceu o navio Gil Eannes, este aluno é *youtuber* e é através do *youtube* que apresenta as suas táticas de jogo. Um aluno dotado de uma literacia digital impressionante, conseguiu acabar o jogo em 8 minutos e jogou por 3 vezes. É de salientar que dois destes alunos eram de nacionalidade brasileira e encontravam-se em Portugal à menos de 1 ano, daí não conhecerem muito do património vianense. Destes 3 alunos apenas 1 não conseguiu acabar.

11. Atividade 3: “ViAna História de Viana do Castelo em Banda Desenhada”

11.1 Reflexão da exploração da atividade

Não desvinculando as linhas metodológicas adotadas, o construtivismo e a aula oficina, depois da implementação das atividades e realizados os questionários é de extrema importância avaliar a forma como as novas tecnologias e as novas vivências melhoram o ensino e as perspectivas dos alunos no que diz respeito à fase inicial da investigação.

Deste modo, através da exploração da obra de Inês Madeira “ViAna História de Viana do Castelo” em Banda Desenhada, foi possível verificar os conhecimentos que os alunos tinham adquirido ao longo da investigação. É importante referir que sempre foi dada a possibilidade aos alunos de exprimirem os seus sentimentos e opiniões perante o projeto/as atividades implementadas.

No meu ponto de vista, foi uma mais valia adotar esta estratégia, isto porque, os alunos sentiam-se mais integrados e entusiasmados no decorrer das atividades. É ainda importante salientar que os alunos gostavam de falar dos monumentos da cidade e quando não sabiam o nome tinham curiosidade em perguntar.

Depois de explorada a obra de banda desenhada foi pedido aos alunos desenharem um monumento da cidade que mais gostavam, ao que a grande maioria da turma desenhou vários monumentos e quando a professora investigadora perguntou o porque referiram que todos os monumentos da cidade eram muito bonitos e assim sendo, gostavam de todos.

Relativamente aos monumentos que foram apresentados nas atividades anteriores e aos monumentos que foram apresentados na história de banda desenhada, os alunos conseguiram identificar todos.



Figura 42: Exploração da obra de Banda Desenhada “À Descoberta de ViAna do Castelo”

11.2 Análise da atividade:

A atividade em análise teve como intencionalidade verificar o que os alunos conheciam de Viana do Castelo e que conhecimentos retiraram da investigação. Assim sendo, pode verificar que nenhum dos alunos conhecia a citânia de Santa Luzia, isto porque, estas ruínas se encontram um pouco distanciadas da cidade, em contrapartida deliraram em saber a lenda do “rio Lethes”, ou seja, que segundo a lenda quem passasse o “rio Lethes”, o rio do esquecimento, quem o passasse esquecia tudo e deste modo ninguém o atravessava por medo, até que a certa altura, o comandante Décimo Júnio Bruto atravessou o rio para provar que era apenas um mito e assim depois de atravessar o rio da outra margem começou a chamar por o nome dos seus soldados, para que estes verificassem que ele não se tinha esquecido de nada.

Os alunos ficaram ainda muito surpreendidos com a forma de “ovo” que havia na cidade, ou seja, a zona em que todos viviam antigamente e o tempo que a muralha levou a construir. Posto isto, apareceu a estátua do símbolo da tradição marinheira, ao que alguns dos alunos reconheciam e sabiam onde se situava, mas não sabiam o nome.

Quando foi referida a “Sé catedral de Viana do Castelo”, a grande maioria dos alunos referiu logo que esta igreja perto da loja lego sofreu dos incêndios, mas que um foi muito grave e a igreja teve de ser reconstruída.

De seguida, foi referido o hospital velho ao que alguns alunos referiram que já tinha aparecido uma imagem dele tanto no questionário, como no jogo “À descoberta de Viana do Castelo”. Relativamente à estátua de homenagem à cidade os alunos não fizeram grande referência, provavelmente por uma questão de não conhecerem e esta estátua se encontrar um pouco “escondida”, isto é, não se encontrar no centro histórico.

Posto isto, foi apresentada a lenda de Viana do Castelo, o que não foi novidade para nenhum dos alunos, porque já tinha sido referida tanto na sessão de *videomapping*, como no jogo “À descoberta de Viana do Castelo”. Em seguida, foi referida a festa da Nossa Senhora da Agonia e a Igreja onde são realizadas as festividades, todos os alunos conseguiram identificar a festa e a importância que esta tem para o povo vianense. Foi ainda referido o museu do traje, ao que os alunos referiram que ali se encontravam “roupas” iguais à do Manel e da Maria. Depois foram mostrados o chafariz e os antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo, o que a grande maioria dos alunos reconheceu, os alunos que assistiram à sessão de *videomapping* referiram que foi neste edifício que o vídeo de Viana tinha sido projetado.

Em seguida, foi apresentada a ponte Eiffel, ao que 3 alunos referiram que se era a “ponte velha”, ponte assim reconhecida por os cidadãos de Viana do Castelo, depois de ser construída a ponte da A28 que também liga a cidade de Viana a Darque. A ponte Eiffel, construída por Gustavo Eiffel teve como intencionalidade de o comboio passar por a cidade e ligar Viana do Castelo a Darque, isto porque, anteriormente a ligação entre Viana e Darque era feita por uma ponte de madeira, que foi destruída com o tempo e dela só restam os pilares.

Quando foi a vez de aparecer o navio Gil Eannes, aqui todos os alunos conseguiram identificar o navio, ou seja, disseram que era aqui que o jogo se desenrolou e que este navio era utilizado como apoio aos marinheiros na pesca do bacalhau, isto é, quando algum se magoava no mar.

Depois foi a vez da estátua situada na Praça da Liberdade, aqui os alunos conheciam o monumento, mas não sabiam o nome. De seguida, foi ainda apresentada a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, avenida esta que todos os alunos conheciam, mas não sabiam o nome, sabiam apenas que era a avenida. Foi ainda mostrada a estátua do Manel e da Maria, as crianças novamente deliraram e lembraram—se de como estes faziam no jogo “quiz” e começaram a imitar.

No que diz respeito ao teatro Sá de Miranda, 4 alunos referiram que já lá tinham ido dançar e que este era muito bonito. Posto isto, foi a vez do elevador de Santa Luzia, ao que alguns dos alunos referiram que já tinham andado com os seus familiares, e outros referiram que tinham ido com a escola. Para finalizar a apareceu a imagem do templo de Santa Luzia, todos os alunos conseguiram identificar este monumento.

Depois do livro de banda desenhada ser explorado com os alunos e serem retiradas notas de como os alunos reagiam aos diferentes monumentos, foi a vez da professora estagiária/ investigadora mostrar diferentes peça do traje Vianense. Aqui foi dada a possibilidade de os alunos verem na realidade e de tocar, isto porque as peças do traje vianense foram passadas por todos aos alunos, nesta parte da atividade, os alunos rapazes, ficaram um pouco “desiludidos”, porque não havia peças femininas.

Para finalizar a atividade a investigadora colocou a música da grande Amália Rodrigues, “Havemos de ir a Viana”, enquanto os alunos desenhavam o seu monumento favorito, ao mesmo tempo, estes iam cantando.



Figura 43: Exploração da obra de Banda Desenhada “À Descoberta de ViAna do Castelo”

12. Análise dos desenhos dos alunos

Nesta secção vão ser analisados apenas alguns dos desenhos realizados por os alunos os restantes irão ser colocados em anexo, foi decidido realizar apenas a análise de alguns dos desenhos, isto porque, a dissertação tem um número limitado de páginas e ao realizar a análise de todos iria passar em muito o limite, um outro ponto, foi porque muitos dos alunos desenharam a mesma coisa, então foi escolhido um de cada.

Para realizar a análise utilizou-se a técnica proposta por Silva, 2017.

12.1 Análise da 1ª aula de investigação “Quiz”

No final da primeira sessão, o quiz, pediu-se aos alunos que fizessem um desenho, o aluno A.E. desenhou o Navio Gil Eannes e o Manel e a Maria (anexo 8), o aluno B.R. desenhou o Manel e a Maria e os Antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo (anexo 9), a aluna C.S. desenhou o Manel e a Maria e o Navio Gil Eannes (anexo 10), o aluno D.T. desenhou o Manel e a Maria e o Navio Gil Eannes (anexo 11), a aluna D.R. desenhou a igreja de Santa Luzia, o Manel e a Maria e o Navio Gil Eannes (anexo 12), o aluno E.Q. desenhou

o Manel e a Maria (anexo 13), a aluna F.G. desenhou a Maria e o Manel e o navio Gil Eannes (anexo 14), o aluno G.R. desenhou a Maria e o Manel e o navio Gil Eannes (anexo 15), a aluna H.S. desenhou a Maria e o Manel e o navio Gil Eannes (anexo 16), a aluna I.V. desenhou a Maria e o Manel e o Barco Gil Eannes (anexo 17), o aluno I.G. desenhou a Maria e o Manel e o navio Gil Eannes (anexo 18), o aluno J.P. desenhou o Navio Gil Eannes (anexo 19), a aluna L.I. desenhou a Romaria da Nossa Senhora da Agonia (anexo 20), a aluna L.R. desenhou a aula (anexo 21), a aluna L.B. desenhou a Romaria de Nossa senhora da Agonia (anexo 22), a aluna L.C. desenhou a torta de Viana, o Navio Gil Eannes e o Manel e a Maria (anexo 23), a aluna L.P. desenhou o Manel e a Maria e os corações de Viana (anexo 24), o aluno M.V. desenhou o Navio Gil Eannes, o Manel e a Maria, a Muralha e a Igreja de Santa Luzia (anexo 25), a aluna M.F. desenhou o Manel e a Maria e o Navio Gil Eannes (anexo 26), o aluno M.C. desenhou a Igreja de Santa Luzia e o Manel e a Maria (anexo 27), o aluno M.P. desenhou o navio Gil Eannes e o Manel e a Maria (anexo 28), o aluno P.M. desenhou o Navio Gil Eannes (anexo 29), o aluno R.F. desenhou os Antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo (anexo 30), o aluno T.B. desenhou o navio Gil Eannes (anexo 31). Para a análise dos desenhos escolheu-se 5 destes desenhos, que irão ser apresentados abaixo.



Desenho 1 (figura 44, anexo 9)

Desenhista: B.R., menino como 7 anos de idade.

Impressão geral: tranquilidade e sentimento de bem-estar

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: O aluno fez todo o desenho com traços contínuos. O aluno na realização do desenho, teve em atenção desenhar diversos pormenores, como por exemplo o movimento das mãos do Manel e da Maria, tal como diversos pormenores do traje vianense, no pormenor deste desenho podemos verificar que se trata de um aluno empenhado e perfeccionista. No que diz respeito à amplitude, as linhas traçadas têm alguma amplitude, que são sinal que se trata de um aluno extrovertido e com muita energia, tal como o aluno era.

Distribuição do espaço: Segundo Silva citando Debiene, apud Méredieu, 2001, o aluno na parte superior da folha desenhar o sol, as nuvens e o monumento onde foi projetada a sessão de Videomapping, os Antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo, desenhar na parte superior da folha é sinal de imaginação, procura de saber e curiosidade. Como já referido anteriormente estas características estavam muito presentes no aluno. Na parte superior o aluno desenha ainda na parte inferior da folha o Manel e a Maria, a parte inferior da folha encontra-se diretamente ligado com as necessidades físicas do aluno e os materiais que a criança possa ter. Este aluno desenha essencialmente no lado esquerdo da folha, este lado encontra-se relacionado com o passado, aqui pode ser representado algo mau ou em contrapartida algo muito bom que liga a criança ao passado.

Cores: ao observar este desenho, conseguimos perceber que o aluno usou as cores que representam o real.

Proporcionalidade: O aluno B.R relativamente à proporcionalidade, desenhou numa proporcionalidade adequada, daí podermos considerar que se trata de um aluno bem-adaptado ao meio.

Este aluno na aula relativa ao “quiz”, a primeira sessão de investigação desenhou como elementos o Manel e a Maria e os Antigos Paços do Concelho da cidade de Viana do Castelo.



Desenho 2 (figura 45, anexo 11)

Desenhista: D.T., menino como 6 anos de idade.

Impressão geral: tranquilidade e sentimento de bem-estar

Indicadores específicos/ Categorias:

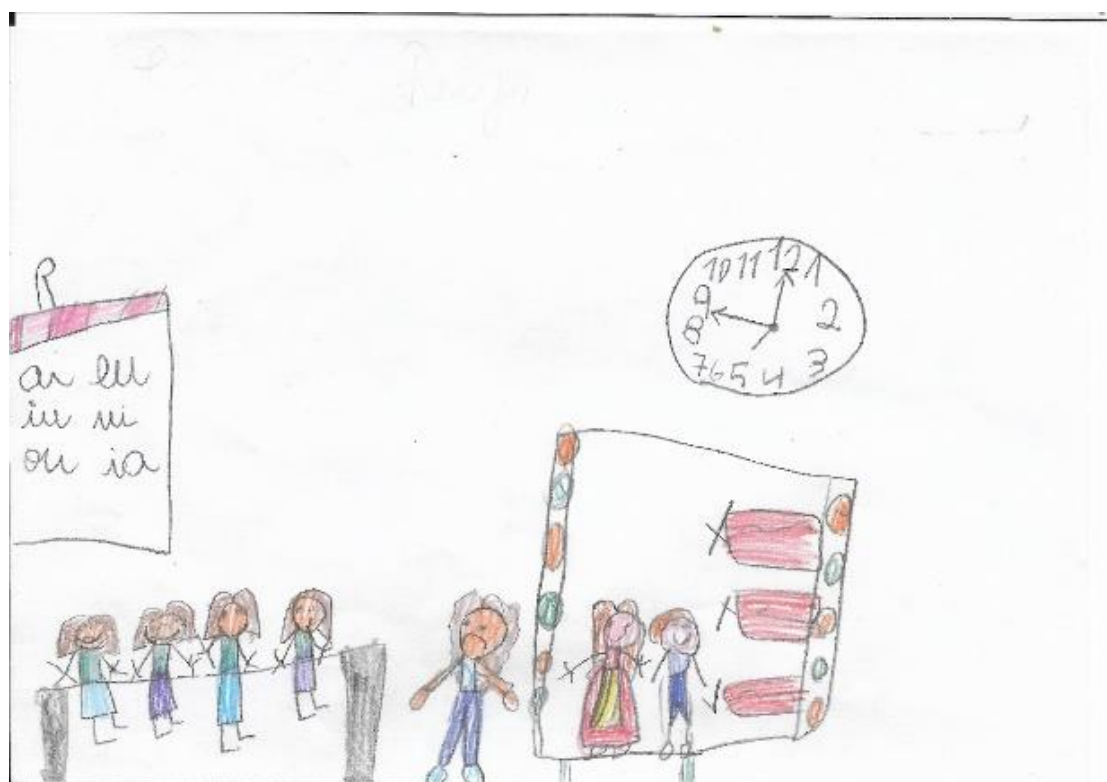
Traço: O aluno D.T. realizou todo o desenho à base de traços contínuos. Na elaboração deste desenho, o aluno teve em atenção a elaboração de muitos pormenores, como podemos verificar no Navio Gil Eannes, podem ainda verificar-se pormenores no traje do Manel e da Maria, com base num desenho com tanto pormenor podemos constatar que se trata de um aluno muito perfeccionista e muito empenhado. Relativamente à amplitude, o aluno desenha linhas com bastante amplitude, sendo estas associadas a um aluno extrovertido e com muita energia.

Distribuição do espaço: O aluno para executar o seu desenho usa apenas o parte inferior da folha, o uso da parte inferior encontra-se diretamente relacionada com as necessidades físicas e os materiais que o aluno possa ter. O aluno utiliza essencialmente o lado direito da folha o que nos indica uma visão sobre o futuro.

Cores: Ao observar este desenho, conseguimos perceber que o aluno usou as cores que representam o real. É ainda perceptível que o aluno utiliza o vermelho no navio, o uso desta cor é indicador de energia e espírito desportivo, pode ainda ser sinal de agressividade e falta de controlo emocional.

Proporcionalidade: No que diz respeito à proporcionalidade, este aluno desenhou a Maria e o Manel desproporcionais ao navio Gil Eannes, ou seja, o navio Gil Eannes encontra-se mais pequeno do que o Manel e a Maria, quando as imagens são desproporcionais, isto é, grandes sinalizam uma defesa compensatória de forma a camuflar sentimentos de impotência e inferioridade.

Este aluno na aula relativa ao “quiz”, a primeira sessão de investigação desenhou como elementos o Manel e a Maria e o Navio Gil Eannes.



Desenho 3 (figura 46, anexo 12)

Desenhista: D.R., menina como 7 anos de idade.

Impressão geral: tranquilidade e sentimento de bem-estar

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: A aluna D.R. realizou o desenho com base em traços contínuos. A aluna ao realizar o desenho teve em atenção os diversos pormenores, o que é visível no quadro, no relógio, na representação do quiz e mesmo na representação do investigadora, isto porque, para o final do jogo, os alunos começaram a ficar muito agitados, e como a aluna sabia que quando a turma fazia muito barulho a professora estagiária ficava triste com os meninos, ela desenhou a professora triste porque os meninos tinham feito muito barulho “aqui desenhei a professora Helena triste porque nos portamo-nos mal”, por a aluna ter desenhado tão pormenorizadamente, é sinal que a aluna é perfeccionista e empenhada. Relativamente à amplitude, a aluna utilizou a página quase na sua totalidade, o que indica energia ou extroversão.

Distribuição do espaço: A aluna na execução do desenho usou essencialmente a parte inferior da folha e a parte central, este uso do centro mostra que a aluna se encontra aberta a tudo o que a rodeia e no momento não há grandes tensões em relação ao passado ou ao futuro.

Cores: Ao observar este desenho, conseguimos perceber que o aluno usou as cores que representam o real. É ainda perceptível que a aluna o azul, a utilização desta cor representa paz, harmonia, tranquilidade, sinal de introversão e pessimismo, a criança que usa esta cor gosta de fazer as coisas ao seu ritmo e não gosta de pressas.

Proporcionalidade: Relativamente à proporcionalidade a aluna desenhou as figuras num tamanho adequado, é sinal de que esta se encontra bem-adaptada ao seu meio.

Na aula relativa ao “quiz”, a primeira sessão de investigação a aluna desenhou a aula.



Desenho 4 (figura 47, anexo 25)

Desenhista: M.V., menino como 7 anos de idade.

Impressão geral: confusão, agressividade e tristeza

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: O aluno M.V. realizou o seu desenho em traços contínuos, que significa espírito dócil e serena. O aluno ao realizar este desenho teve em atenção alguns pormenores, o que é visível no galo sinalizador do Norte no cimo das igrejas, a âncora no navio Gil Eannes e as próprias janelas. O uso de alguns pormenores é sinal de perfeccionismo e empenho. Relativamente à amplitude usa linhas grandes, sinalizadoras de energia e extroversão.

Distribuição do espaço: O aluno utilizou essencialmente o centro da folha, isto é sinal de que se encontra aberto a tudo o que o rodeia e de momento não existem grandes tensão em relação ao passado ou ao futuro.

Cores: As cores que este aluno utiliza são o azul e o amarelo, a utilização do azul representa paz, harmonia, tranquilidade, sinal de introversão e pessimismo, a criança que usa esta cor

gosta de fazer as coisas ao seu ritmo e não gosta de pressas. A utilização do amarelo é sinal de alegria de viver, de atividade, é uma criança mais expressiva do que as outras e otimista, exigente consigo e com os outros e muito ambiciosa, tem facilidade em atingir objetivos porque tem potencial.

Proporcionalidade: O aluno desenhou o seu desenho de forma desproporcional, ou seja, desenhou figuras grandes, é sinal de segurança, força, defesa, compensatória de forma a camuflar sentimentos de impotência e inferioridade.

Na aula relativa ao “quiz”, a primeira sessão de investigação este aluno desenhou o Navio Gil Eannes, o Manel e Maria, a Muralha e a Igreja de Santa Luzia.



Desenho 5 (figura 48, anexo 31)

Desenhista: T.B., menino como 7 anos de idade.

Impressão geral: Agitação

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: O aluno T.B. realizou o desenho à base de traços contínuos, se bem que o aluno já tinha realizado um desenho e depois apagou. Este aluno teve o cuidado de desenhar diversos pormenores, como por exemplo a cruz no barco, as janelas posteriores do barco e os risquinhos da rampa de acesso, uma vez que o barco se encontra no rio, o aluno desenhou ainda os peixes do rio, com base nos pormenores realizados podemos dizer que o aluno é perfeccionista e empenhado. No que diz respeito à amplitude, o aluno desenhou em quase toda a página, sinal de energia ou extroversão.

Distribuição do espaço: No que diz respeito à distribuição do espaço, este aluno usou essencialmente a parte central da folha, sinal de que este aluno se encontra aberto a tudo o que o rodeia, ou seja, novas coisas. No momento atual para este aluno não havia grandes tensões em relação ao passado nem ao futuro.

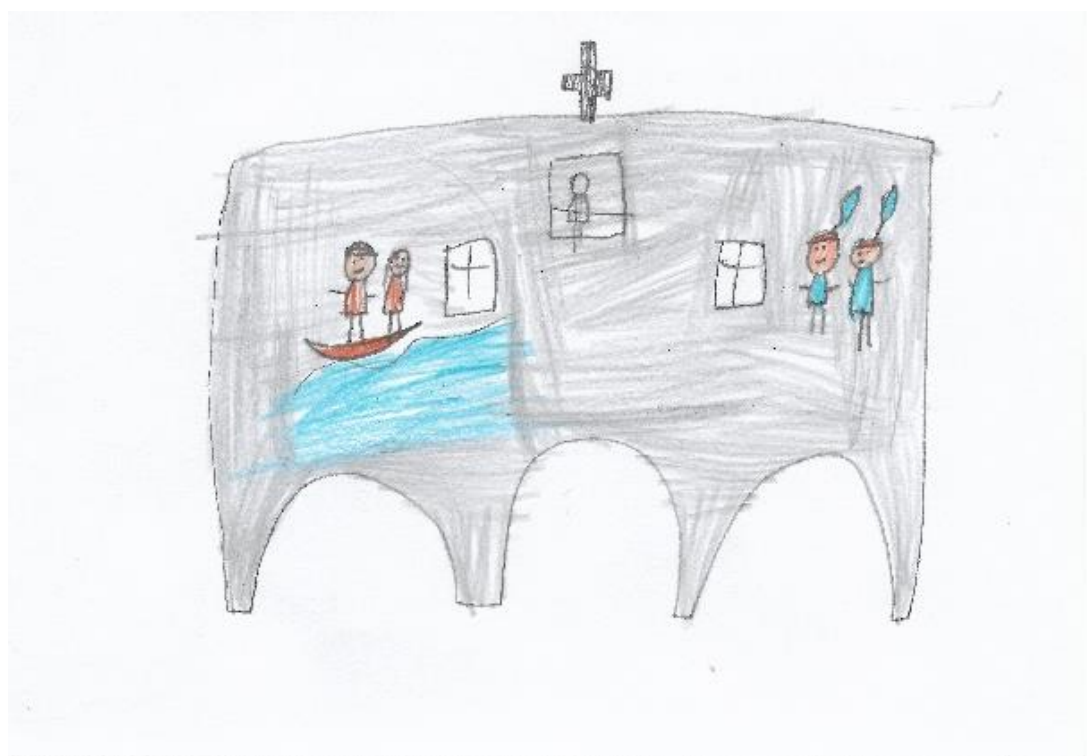
Cores: Na realização deste desenho, é visível que o aluno não utilizou as cores que representam a realidade, assim sendo, na parte inferior do barco o aluno utilizou o rosa e o roxo, o uso da cor rosa é sinal de que este aluno procura doçura e ternura, este aluno gosta de conhecer e contactar com coisas agradáveis e fáceis e facilmente se adapta. O uso da cor roxa significa que este aluno tem momentos de entusiasmo, adapta-se a diferentes situações e consegue adotar diferentes posturas, tanto é introvertido como extrovertido. Utiliza também o azul, esta cor é símbolo de paz, harmonia, tranquilidade, sinal de introversão e pessimismo a criança que utiliza esta cor gosta de fazer as suas coisas ao seu ritmo e não gosta de pressa. O vermelho também se encontra presente neste desenho, o uso desta cor é indicador de energia e espírito desportivo, pode ainda indicar agressividade e falta de controlo emocional. Outras duas cores visíveis são o verde e o amarelo, o amarelo é significado de alegria de viver, de atividade a criança que utiliza esta cor é mais expressiva do que as restantes, é também otimista, exigente consigo e com os outros e muito ambiciosa, tem facilidade em atingir os seus objetivos porque tem potencial. Por fim, o verde esta cor quando é usada muitas vezes é sinal de maturidade, compreende o que lhe é explicado e gosta de experimentar coisas novas.

Proporcionalidade: No respeitante à proporcionalidade, este aluno desenhou as figuras num tamanho adequado, é sinal de que esta se encontra bem-adaptado ao seu meio.

Na aula relativa ao “quiz”, a primeira sessão de investigação o aluno desenhou o Navio hospitaleiro Gil Eannes.

12.2 Análise desenhos sessão de videomapping

Aos 4 alunos que foram assistir à sessão de videomapping foi-lhes pedido que realizassem um desenho sobre o que mais gostaram da sessão. O aluno D.T. desenhou a lenda do Caramuru (anexo 32), a aluna L.I. desenhou o Caramuru a dar um tiro para o ar na tribo dos índios (anexo 33), o aluno M.P. desenhou o momento em que apareceu a doença em Viana do Castelo, ou seja, a peste negra (anexo 34) e o aluno R.F. desenhou o senhor com a tocha (anexo 35). Abaixo irão ser analisados os 4 desenhos dos alunos.



Desenho 6 (figura 49, anexo 32)

Desenhista: D.T., menino com 6 anos de idade.

Impressão geral: tranquilidade e sentimento de bem-estar

Indicadores específicos/ Categorias:

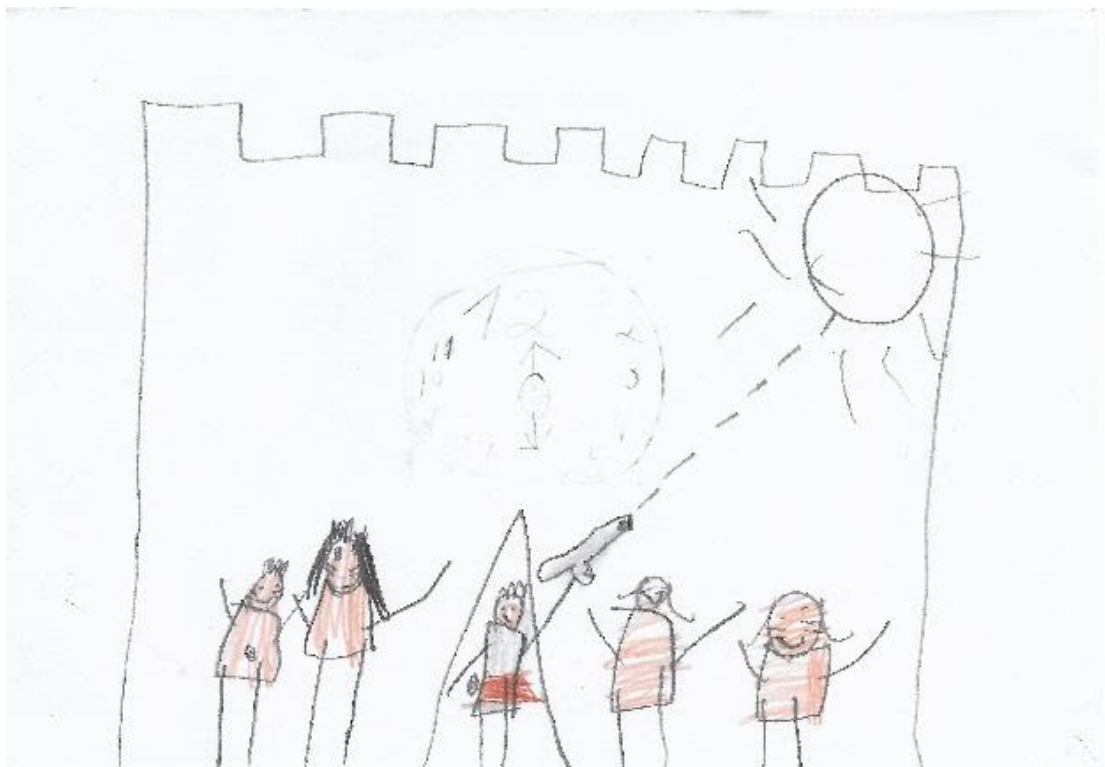
Traço: O aluno D.T. realizou o desenho com traços contínuos. O aluno em questão desenhou diversos pormenores, como por exemplo uma estatueta que se encontra esculpido na parede frontal do edifício, a cruz de pedra na parte superior e as janelas. Nos índios, este aluno teve o cuidado de desenhar as penas que adornavam a cabeça. Através do pormenor deste desenho podemos constatar que estamos perante um aluno muito perfeccionista e empenhado, relativamente à amplitude o aluno utilizou quase toda a página, isto indica energia ou extroversão.

Distribuição do espaço: Relativamente à distribuição do espaço este aluno usou apenas a parte central da folha, deste modo, podemos constatar que o aluno se encontra aberto a tudo o que o rodeia, isto é, coisas novas. No momento em que o desenho foi realizado, para o aluno não havia grandes tensões em relação ao passado nem ao futuro.

Cores: Relativamente às cores, este aluno utilizou as cores correspondentes à realidade, podemos ainda realçar que este aluno utilizou o azul. O uso desta cor é simbologia de paz, harmonia, tranquilidade, sinal de introversão e pessimismo, esta criança gosta de fazer coisas ao seu ritmo e não gosta de pressa.

Proporcionalidade: No respeitante à proporcionalidade, este aluno desenhou as figuras num tamanho adequado, é sinal de que esta se encontra bem-adaptado ao seu meio.

Relativamente à visualização da sessão de videomapping, o aluno desenhou a lenda do Caramuru e o devido edifício onde a sessão foi reproduzida.



Desenho 7 (figura 50, anexo 33)

Desenhista: L.I. menina com 6 anos de idade

Impressão geral: tranquilidade e sentimento de bem-estar

Indicadores específicos/ Categorias:

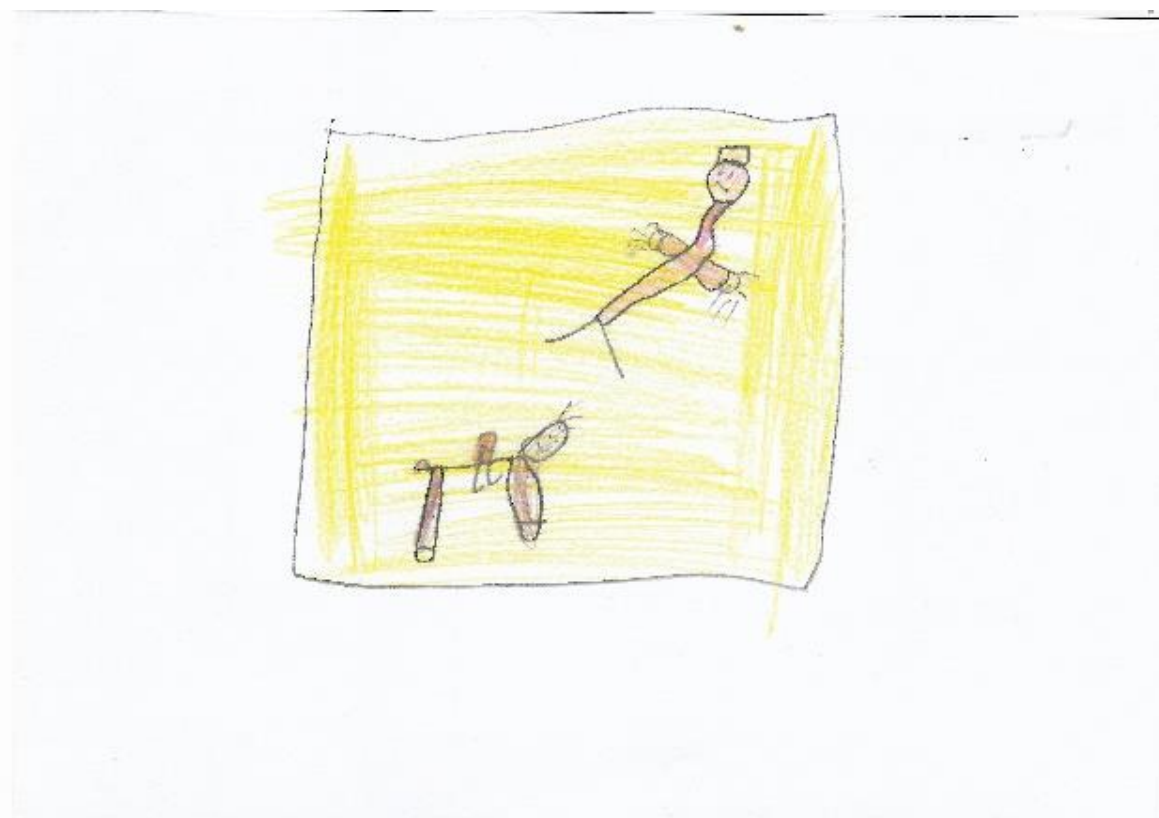
Traço: A aluna L.I. realizou a grande maioria do desenho com traços contínuos, esta aluna desenhou traços interrompidos apenas para desenharmos o tiro dado por o Diogo Álvares Correia (Caramuru) na tribo de índios no Brasil. Neste desenho não nos conseguimos aperceber de muito pormenor, só mesmo o pormenor da trajetória do tiro. O relógio meio apagado, podemos analisar como se a aluna quisesse desenharmos o relógio a desaparecer.

Distribuição do espaço: No respeitante à distribuição do espaço, a aluna usou essencialmente a parte inferior da folha, quando um aluno desenha na parte inferior da folha encontra-se diretamente relacionada com as necessidades físicas e os materiais que a criança possa ter.

Cores: as cores utilizadas por esta aluna são o laranja e o castanho. O uso do laranja denota que quem usa esta cor aprecia novidade e coisas feitas com rapidez, aquilo que podemos verificar no desenho, porque a aluna pintou os índios apenas de laranja, é ainda sinal de que esta aluna prefere jogos em grupo, tem espírito de equipa e de competição essencialmente se lhe for dado poder de liderança. Pode ainda se tratar de uma criança agitada, impaciente e extrovertida.

Proporcionalidade: No respeitante à proporcionalidade, este aluno desenhou as figuras num tamanho adequado, é sinal de que esta se encontra bem-adaptado ao seu meio.

Relativamente à visualização da sessão de videomapping, o aluno desenhou a lenda do Caramuru, ou seja, o momento em que o caramuru deu um tiro ao ar e o devido edifício onde a sessão foi reproduzida.



Desenho 8 (figura 51, anexo 34)

Desenhista: M.P. menino com 7 anos de idade

Impressão geral: confusão, agressividade e tristeza

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: O aluno M.P desenhou o desenho com traços contínuos. É um desenho em que não se consegue verificar pormenores.

Distribuição do espaço: Relativamente à distribuição do espaço, este aluno usou a parte central da folha, isto é sinal que, este aluno se encontra aberto a tudo o que o rodeia e no momento em que o aluno realizou o desenho, não havia grandes tensões tanto quando o aluno pensa no passado como no futuro.

Cores: Na realização deste desenho, o aluno não utilizou as cores correspondentes à realidade. Usou o amarelo e o castanho. O amarelo quando utilizado é sinal de alegria de viver, uma criança com atividade e muito expressiva é ainda otimista, exigente, consigo e com os outros e muito ambicioso, tem facilidade em atingir os objetivos isto porque, tem potencial. O uso do castanho transmite conforto e segurança, uma criança estável, rigorosa, paciente e lenta a reagir.

Proporcionalidade: No que diz respeito a este ponto, o aluno desenhou as figuras num tamanho adequado à sessão de videomapping, é sinal que se encontra bem-adaptado ao seu meio.

Com base no que o aluno M.P. observou na sessão de videomapping o aluno desenhou um momento que foi muito trágico para Viana do Castelo, ou seja, o momento em que a peste negra aparece na cidade.



Desenho 9 (figura 52, anexo 35)

Desenhista: R.F. menino com 6 anos de idade

Impressão geral: Harmonia

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: O aluno M.P desenhou o desenho com traços contínuos, quando um desenho é realizado em traço contínuo é sinal de espírito dócil e sereno. É um desenho em que não se consegue verificar muitos pormenores.

Distribuição do espaço: No que diz respeito à distribuição do espaço, este aluno utilizou a folha quase na sua totalidade, isto é sinal de extroversão e energia

Cores: Relativamente às cores este aluno também não utilizou as cores correspondentes à realidade, exceto na cor do fogo da tocha, no resto do desenho usou o roxo, o amarelo e o azul. A utilização do roxo, a cor principal do desenho, significa momentos de entusiasmo, adapta-se a diversas situações adotando diferentes posturas, tanto pode se introvertido como extrovertido, o uso do amarelo, é sinal de alegria de viver, trata-se de uma criança muito expressiva, otimista, exigente consigo mesmo e com os outros e muito ambiciosa.

Tem facilidade em atingir objetivos porque tem potencial, o uso do azul, esta cor é símbolo de paz, harmonia, tranquilidade, sinal de introversão e pessimismo, significa ainda que esta criança gosta de fazer as coisas ao seu ritmo e não gosta de pressa.

Proporcionalidade: No que diz respeito a este ponto, o aluno desenhou as figuras num tamanho adequado à sessão de videomapping, é sinal que se encontra bem-adaptado ao seu meio.

Com base no que o aluno R.T. visualizou na sessão de videomapping desenhou o senhor com a tocha na mão.

12.3 Análise da 2ª aula de investigação “À descoberta de Viana do Castelo”

Nesta sessão foram realizados 24 desenhos, ou seja, cada aluno realizou 1 desenho sobre o jogo realizado na biblioteca da escola. O aluno A.E. desenhou o navio Gil Eannes, o menino que estava a jogar, ele a jogar, outro colega a jogar e a biblioteca (anexo 36), o aluno B.R. desenhou o computador dele com o jogo, a aluna C.S. desenhou o “espírito”, o colega M.V., ele e o colega A.E a jogar (anexo 37). O aluno D.T. desenhou o navio Gil Eannes, onde o jogo “À descoberta de Viana do Castelo” se realizou (anexo 38), a aluna D.R. desenhou o computador dela a jogar, o da L.C. e do J.P a jogarem (anexo 39), o aluno E.Q. desenhou o jogo, o menino, os euros, o hospital velho, o euro gigante e o navio Gil Eannes (anexo 40), a aluna F.G. desenhou o navio Gil Eannes e o menino do jogo (anexo 41), o aluno G.R. desenhou o navio Gil Eannes, as moedas e o rapaz (anexo 42), a aluna H.S. desenhou os computadores do jogo (anexo 43), a aluna I.V. desenhou 3 meninas e 3 computadores (anexo 44), o aluno I.G. desenhou a biblioteca onde se realizou o jogo e os computadores com o jogo (anexo 45), o aluno J.P. desenhou os obstáculos do jogo (anexo 46), a aluna L.I. desenhou o computador, os obstáculos do jogo e as moedas (anexo 47), a aluna L.R. desenhou o menino no jogo (anexo 48), a aluna L.B. desenhou o rapaz do jogo a apanhar moedas (anexo 49), a aluna L.C. desenhou o menino a saltar (anexo 50), a aluna L.P. desenhou o menino e as moedas e o navio Gil Eannes (anexo 51), o aluno M.V. desenhou os 3 computadores, ela a jogar com a C.S e o A.E. (anexo 52), a aluna M.F.

desenhou os computadores com o jogo (anexo 53), o aluno M.C. desenhou o menino no jogo (anexo 54), o navio Gil Eannes e o Rio Lima (anexo 55), o aluno M.P. desenhou a igreja de Santa Luzia, o menino a correr e uma parte do navio Gil Eannes (anexo 56), o aluno P.M. desenhou o jogo (anexo 57), o aluno R.F. desenhou o computador e o jogo (anexo 58), o aluno T.B. desenhou o jogo (anexo 59).

Abaixo irão ser apresentados 5 dos desenhos seleccionados desta sessão.



Desenho 10 (figura 53, anexo 40)

Desenhista: E.Q. menino com 7 anos de idade

Impressão geral: Confusão

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: Este aluno desenhou o desenho com base em traços contínuos, quando em um desenho é utilizado este tipo de traço, é sinal de espírito dócil e sereno. É um desenho onde é possível observar diversos pormenores, como por exemplo, a moeda grande e a moeda pequena, o aluno tentou ainda retratar o que o cenário do jogo.

Distribuição do espaço: No que diz respeito à distribuição do espaço, este aluno utilizou a folha na sua totalidade, isto é sinal de extroversão e energia

Cores: No que diz respeito às cores o aluno utilizou as cores correspondentes à realidade.

Proporcionalidade: No que diz respeito a este ponto, o aluno desenhou as figuras num tamanho adequado, é sinal que se encontra bem-adaptado ao seu meio.

O aluno E.Q. desenhou o jogo, o menino do jogo, a moeda grande e a moeda pequena, o hospital velho e o navio Gil Eannes.



Desenho 11 (figura 54, anexo 46)

Desenhista: J.P. menino com 6 anos de idade

Impressão geral: Agitação

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: Este aluno desenhou o desenho com base em traços contínuos. Neste desenho é possível observar diversos pormenores, ou seja, os obstáculos do jogo, e a bandeira de Portugal.

Distribuição do espaço: No que diz respeito à distribuição do espaço, este aluno utilizou essencialmente a parte central da folha, o uso desta parte da folha mostra que o aluno se encontra aberto a tudo o que rodeia e no momento não existem grandes tensões em relação ao passado e ao futuro.

Cores: No que diz respeito às cores o aluno não utilizou as cores associadas à realidade, utilizou essencialmente o laranja, o uso desta cor é sinal que o aluno aprecia a novidade e coisas feitas com rapidez, prefere ainda jogos em grupo, tem espírito de equipa e de competição, essencialmente que lhe é dado o poder de liderança, é sinal de um aluno agitado, impaciente e extrovertido. O uso do azul é símbolo de paz, de harmonia tranquilidade, sinal de introversão e pessimismo. O uso de verde, quando utilizado muitas vezes é sinal de maturidade por parte da criança, compreende o que lhe explicam e gosta de experimentar coisas, o uso do rosa, a criança que usa esta cor procura doçura e ternura, gosta de conhecer e contactar com coisas agradáveis e fáceis, adapta-se facilmente, o uso do preto pode representar melancolia e angustia, pode ser sinal de confiança, mostrando não ter medo do futuro, o vermelho é uma cor comum de usar quando a criança tem menos de 6 anos de idade, indica energia e espírito desportivo, depois dos 6 anos de idade pode indicar agressividade e falta de controlo emocional.

Proporcionalidade: No que diz respeito a este ponto, o aluno desenhou as figuras grandes, é sinal de segurança, força. E usou essencialmente a parte central da folha.

O aluno J.P. desenhou os obstáculos do jogo.



Desenho 12 (figura 55, anexo 47)

Desenhista: L.I menino com 6 anos de idade

Impressão geral: alegria

Indicadores específicos/ Categorias:

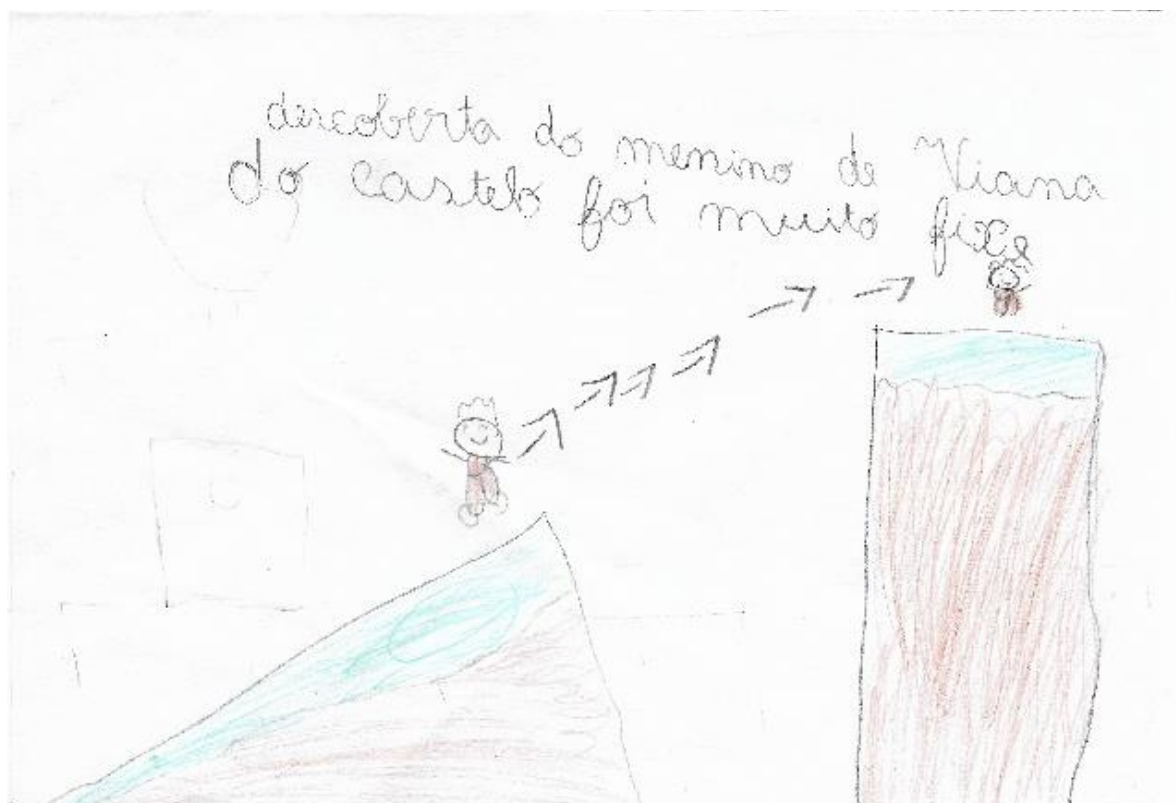
Traço: Este aluno desenhou o desenho com base em traços contínuos. Neste desenho é possível observar muitos pormenores o que nos dá a ideia que se trata de uma criança empenhada e perfeccionista.

Distribuição do espaço: No que diz respeito à distribuição do espaço, esta aluna usou quase toda a folha e essencialmente a parte central o que indica que a aluna se encontra aberta a tudo o que rodeia e no momento não existem grandes tensões em relação ao passado e ao futuro.

Cores: As cores utilizadas por esta aluna, são essencialmente as cores correspondentes à realidade do desenho.

Proporcionalidade: A aluna realizou o desenho na proporcionalidade adequada.

A aluna L.I. desenhou o computador, os obstáculos do jogo e as moedas.



Desenho 13 (figura 56, anexo 50)

Desenhista: L.C. menina com 6 anos de idade

Impressão geral: Alegria e animação

Indicadores específicos/ Categorias:

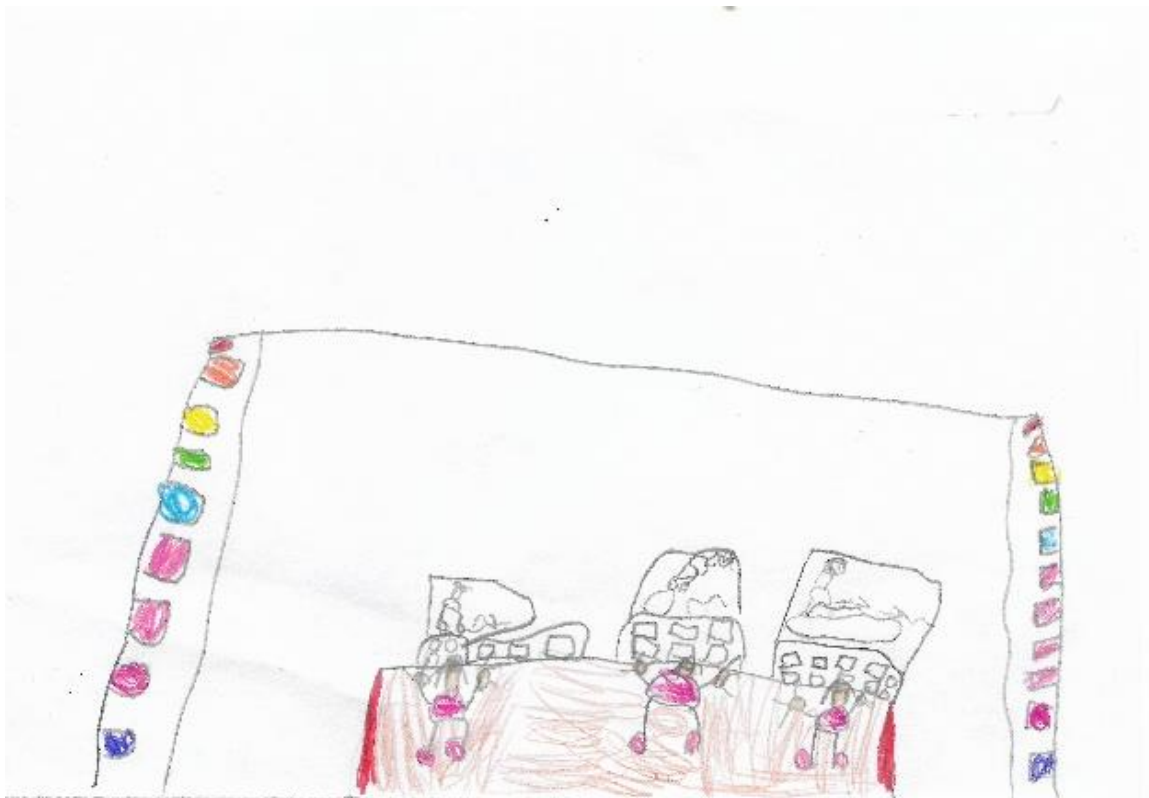
Traço: A aluna L.C. realizou o desenho com traços contínuos, no desenho a aluna não deu muita atenção aos pormenores, só desenhou mesmo a trajetória que o menino tinha de realizar para chegar ao outro ponto do jogo.

Distribuição do espaço: Relativamente à distribuição do espaço, a aluna utilizou essencialmente a parte inferior da folha, o uso desta parte da folha encontra-se relacionada com as necessidades físicas e os materiais que a criança tenha. É de salientar que este desenho se encontra com uma maior subcarga do lado direito, mas é essencial para uma representação da realidade do jogo.

Cores: As cores utilizadas por a aluna são o verde e o castanho, a aluna utiliza esta cor como a representação da realidade.

Proporcionalidade: O desenho encontra-se realizado na proporcionalidade certa.

A aluna L.C. desenhou o menino a saltar nos obstáculos do jogo.



Desenho 14 (figura 57, anexo 53)

Desenhista: M.F. menina com 6 anos de idade

Impressão geral: Alegria e animação

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: A aluna M.F. realizou o desenho com traços contínuos, neste desenho, a aluna teve em atenção desenhar os diversos pormenores do jogo e desenhar os livros da biblioteca, quando uma criança tem em atenção realizar os pormenores num jogo, estamos perante uma aluna empenhada e perfeccionista.

Distribuição do espaço: No que diz respeito à distribuição do espaço, a aluna utilizou essencialmente a parte inferior da folha, quando uma criança utiliza essencialmente esta parte da folha, encontra-se diretamente relacionada com as necessidades físicas e os materiais que a criança tenha.

Cores: As cores utilizadas por a aluna são essencialmente o rosa, a utilização desta cor procura doçura e ternura, gosta de contactar com coisas agradáveis e fáceis, adapta-se facilmente, outra cor que a aluna usa é o castanho, mas esta cor é utilizada como representação do real, usa também o vermelho, o uso desta cor é comum ser utilizada por crianças com idades inferiores a 6 anos de idade, é sinal de energia e espírito desportivo, depois dos 6 anos de idade pode ser sinal de agressividade e falta de controlo emocional, o roxo também se encontra presente no desenho, esta cor é sinal de momentos de entusiasmo, adapta-se a diversas situações, adotando diferentes posturas pode ainda ser sinal de introversão ou extroversão. O azul é símbolo de paz, harmonia, tranquilidade, sinal de introversão e pessimismo. Estamos perante uma criança que gosta de fazer as coisas ao seu ritmo e não gosta de pressa. O verde quando usado muitas vezes é sinal de maturidade e a criança compreende o que lhe é explicado, gosta ainda de experimentar coisas novas. O uso do amarelo é sinal de alegria de viver, de atividade, a criança é muito expressiva, otimista, exigente consigo e com os outros e muito ambiciosa. Tem ainda facilidade em atingir objetivos porque tem potencial. O branco é o branco da folha.

Proporcionalidade: O desenho encontra-se realizado na proporcionalidade certa.

A aluna M.F. desenhou os computadores com o jogo e o espaço onde o jogo foi realizado, ou seja, a biblioteca escolar.

12.4 Análise da 3ª aula de investigação

No final da 3ª aula de investigação, a professora investigadora pediu aos alunos que realizassem um desenho sobre a aula, ou seja, o monumento de Viana do Castelo que mais gostavam. O aluno A.E. desenhou o navio Gil Eannes (anexo 60), o aluno B.R. também desenhou o navio Gil Eannes (anexo 61), a aluna C.S. desenhou a ponte Eiffel, conhecida

por a aluna como a ponte velha (anexo 62), o aluno D.T. desenhou a igreja de Santa Luzia, a estátua da praça da liberdade e o símbolo da tradição marinheira (anexo 63), a aluna D.R. desenhou o Manel e a Maria, a estátua da liberdade, o navio Gil Eannes, a Ponte Eiffel e a igreja de santa Luzia (anexo 64), o aluno E.Q. desenhou a igreja de Santa Luzia (anexo 65), a aluna F.G. desenhou o Manel e a Maria (anexo 66), o aluno G.R. desenhou a ponte Eiffel (anexo 67), a aluna H.S. desenhou o Manel e a Maria, o Navio Gil Eannes e a Estátua de Liberdade (anexo 68), a aluna I.V. desenhou o navio Gil Eannes e o Manel e a Maria (anexo 69), o aluno I.G. desenhou a avenida da grande guerra e o Manel e a Maria (anexo 70), o aluno J.P. desenhou a igreja de Santa Luzia (anexo 71), a aluna L.I. desenhou o Manel e a Maria (anexo 72), a aluna L.R. desenhou o Manel e a Maria, o Navio Gil Eannes, a igreja de Santa Luzia, o Caramuru, a Estátua da Liberdade, e a Ponte Eiffel (anexo 73), a aluna L.B. desenhou o navio Gil Eannes (anexo 74), a aluna L.C. desenhou a Maria e o Manel e o navio Gil Eannes (anexo 75), a aluna L.P. desenhou o navio Gil Eannes (anexo 76), o aluno M.V. desenhou a ponte Eiffel (anexo 77), a aluna M.F. desenhou a igreja de Santa Luzia (anexo 78), o aluno M.C. desenhou a estátua da liberdade (anexo 79), o aluno M.P. desenhou o navio Gil Eannes (anexo 80), o aluno P.M. desenhou o navio Gil Eannes (anexo 81), o aluno R.F. desenhou a Ponte Velha (anexo 82), o aluno T.B. desenhou a igreja de Santa Luzia (anexo 83). Para a análise destes dados irão ser analisados 5 desenhos, os quais irão ser expostos abaixo.



Desenho 15 (figura 58, anexo 66)

Desenhista: F.G. menina com 6 anos de idade

Impressão geral: Alegria e animação

Indicadores específicos/ Categorias:

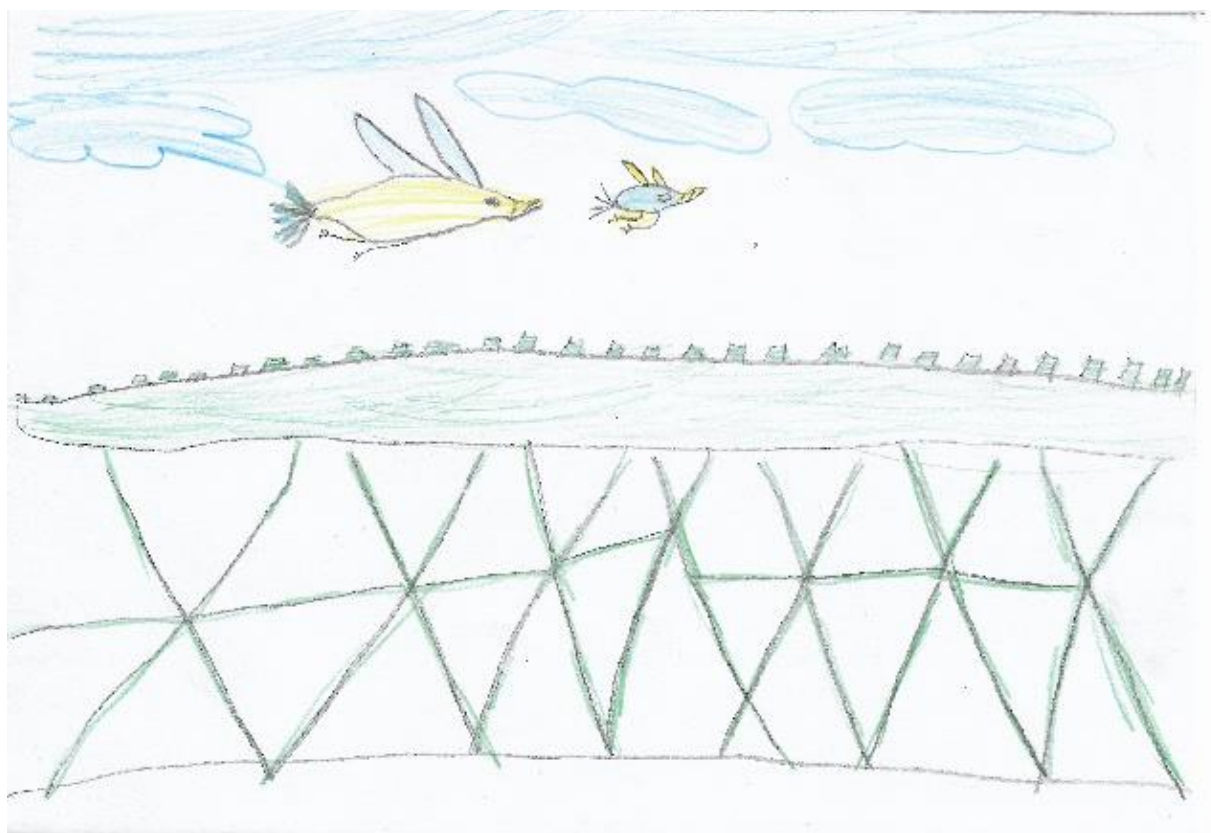
Traço: A aluna F.G. realizou o desenho com traços contínuos, neste desenho, a aluna desenhou os pormenores da saia da Maria e do avental, no Manel a aluna desenhou o pormenor dos botões, estamos perante uma aluna empenhada e perfeccionista.

Distribuição do espaço: No que diz respeito à distribuição do espaço, a aluna utilizou a parte inferior da folha, quando uma criança utiliza esta parte da folha, encontra-se diretamente relacionada com as necessidades físicas e os materiais que a criança tenha.

Cores: As cores utilizadas por a aluna, são as cores que representam a realidade.

Proporcionalidade: O desenho encontra-se realizado na proporcionalidade certa.

A aluna F.G. desenhou o Manel e a Maria.



Desenho 16 (figura 59, anexo 67)

Desenhista: G.R. menino com 7 anos de idade

Impressão geral: Harmonia

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: O traço com que o aluno G.R. realizou este desenho foi com traço contínuo, isto é sinal de que este aluno pode ter um espírito dócil e sereno.

Distribuição do espaço: Neste desenho o aluno utilizou a folha na sua totalidade, ou seja, os quatro quadrantes estão ocupados de forma equilibrada e coerente, com uma adequação da realidade, assim sendo, não se consegue retirar daqui nenhuma conclusão.

Cores: As cores aqui utilizadas são as cores correspondentes à realidade, pode é ser destacado o amarelo e o azul, o amarelo é significado de alegria de viver, de atividade e

uma criança muito expressiva, o azul da forma como foi utilizado é símbolo de paz, harmonia e tranquilidade.

Proporcionalidade: O desenho encontra-se realizado na proporcionalidade certa, sinal de que este aluno está bem-adaptado ao seu meio.

O aluno G.R. desenhou a ponte Eiffel.



Desenho 17 (figura 60, anexo 69)

Desenhista: I.V. menina com 6 anos de idade

Impressão geral: Alegria

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: O traço utilizado por a aluna I.V., foi um traço contínuo, isto é sinal de que este aluno pode ter um espírito dócil e sereno.

Distribuição do espaço: Neste desenho o aluno utilizou a folha na sua totalidade, dando mais ênfase ao centro, o uso do centro é sinal de que no momento em que o aluno realizou o desenho se encontrava aberto a tudo o que o rodeava e não havia grandes tensões na sua vida relativamente ao passado e ao futuro.

Cores: As cores utilizadas por esta aluna, são cores que na sua grande maioria não correspondem à realidade, as cores predominantes são o rosa e o roxo, o uso do roxo é sinal de que estamos perante uma aluna que procura doçura e ternura, gosta de conhecer e contactar com coisas agradáveis e fáceis e adapta-se facilmente. O uso do roxo é sinal de momentos de entusiasmo, adapta-se a diversas situações, adotando diferentes posturas, pode ser sinal de momentos de introversão ou extroversão.

Proporcionalidade: O desenho encontra-se realizado na proporcionalidade certa, sinal de que este aluno está bem-adaptado ao seu meio.

O aluno G.R. desenhou a ponte Eiffel.



Desenho 18 (figura 61, anexo 79)

Desenhista: M.C. menino com 6 anos de idade

Impressão geral: Tranquilidade e sentimento de bem-estar

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: O traço foi um traço contínuo, isto é sinal de que este aluno pode ter um espírito dócil e sereno.

Distribuição do espaço: Neste desenho o aluno utilizou a parte central da folha, é sinal de que no momento em que o aluno realizou o desenho se encontrava aberto a tudo o que o rodeava e não havia grandes tensões não sua vida relativamente ao passado e ao futuro.

Cores: A cor utilizada por o aluno é a cor correspondente à realidade.

Proporcionalidade: O desenho encontra-se realizado na proporcionalidade certa, sinal de que este aluno está bem-adaptado ao seu meio.

O aluno M.C. realizou a Estátua a Liberdade.



Desenho 19 (figura 62, anexo 81)

Desenhista: P.M. menino com 8 anos de idade

Impressão geral: Tranquilidade e sentimento de bem-estar

Indicadores específicos/ Categorias:

Traço: O traço foi um traço contínuo, isto é sinal de que este aluno pode ter um espírito dócil e sereno.

Distribuição do espaço: Neste desenho o aluno utilizou a parte central da folha, é sinal de que no momento em que o aluno realizou o desenho se encontrava aberto a tudo o que o rodeava e não havia grandes tensões na sua vida relativamente ao passado e ao futuro. E a parte superior da folha que significa imaginação, criatividade, procura do saber e criatividade.

Cores: As cores utilizadas por este aluno foram o vermelho, o laranja e o azul. O vermelho quando utilizado quando usado por alunos com menos de 6 anos é normal, esta cor é ainda sinal de energia, e espírito desportivo, a utilização desta cor depois dos 6 anos de idade pode ser sinal de agressividade e falta de controlo emocional. O uso do laranja aprecia novidade e coisas feitas com rapidez, prefere jogos em grupo, tem espírito de equipa e de competição, essencialmente se lhe for dado poder de liderança. Pode ainda ser uma criança impaciente, agitada e extrovertida. O uso do azul é símbolo de paz e de Harmonia, tranquilidade, sinal de introversão, e pessimismo. É uma criança que gosta de fazer as coisas ao seu ritmo e não gosta de pressa.

Proporcionalidade: O desenho encontra-se realizado na proporcionalidade certa, sinal de que este aluno está bem-adaptado ao seu meio.

O aluno P.M desenhou o Navio Gil Eannes.

13. Entrevista à Professora Cooperante

Uma vez que é importante ter a opinião de todos os membros envolvidos no projeto achou-se pertinente saber a opinião da professora titular de turma perante o projeto

desenvolvido, o uso das novas tecnologias na aprendizagem do estudo do meio social. Para isso, foi realizada uma entrevista (anexo 84) que foi realizada por a investigadora à professora, uma vez que a entrevista foi realizada já no final do ano letivo e já havia pouco tempo, a professora investigadora e a professora cooperante acordaram que a entrevista seria respondida digitalmente (anexo 85) e de seguida a professora cooperante enviaria por email à professora/investigadora.

Através da entrevista conseguiu-se ter a percepção que já era uma professora com uma basta experiência no ramo de ensino, com formação em magistério primário mais complemento de formação.

13.1 Análise da entrevista

Através da recolha de dados obtida nesta entrevista, foi permitido à investigadora observar e analisar a opinião da professora cooperante relativamente às novas tecnologias.

No ponto de vista da docente, quando lhe perguntado a importância que a docente atribuía à aprendizagem que tem como base de apoio as tecnologias de informação e comunicação, ao que a docente respondeu: que considerava novas formas de aprender, mas nada que fosse em exagero, ou seja, a professora considerava que seria uma forma lúdica de aprender, o que pode gerar motivação ao aluno, isto porque, o alunos da atualidade rapidamente se saturam e assim é difícil arranjar atividades para os conseguir motivar. A professora achava essencial que as formas de ensino implementadas anteriormente, ou seja, os livros, a interpretação, a leitura e a escrita manual devem regressar as salas de aula, isto para ajudar os alunos no pensamento.

Relativamente à segunda pergunta, era perguntado se na escola onde lecionava achava que as TIC eram utilizadas em contexto pedagógico e de que forma, ao que a docente respondeu que as TIC eram utilizadas, mas de forma muito rudimentar e quem utilizava mais as novas tecnologias eram os professores mais novos, porque tinham uma maior formação que os professores mais velhos não tinham, a professora diziam usar o quadro interativo, o que não era sempre.

Na terceira pergunta, professora era questionada como avaliava o uso das TIC por os alunos, fora do contexto letivo, a professora cooperante respondeu, que da experiência que tinha com crianças os alunos apenas usavam as TIC como entretenimento e assim quando chegam à escola tem a ideia que tudo irá ser lúdico, o que não acontece, o que leva a uma fácil dispersão e em consequência é necessário que haja um esforço para aprender.

No que diz respeito à quarta questão a docente era questionada o que considerava como vantagens e desvantagens das TIC, ao que a professora respondeu, a docente respondeu que as novas tecnologias quando eram devidamente utilizadas, tende a existir uma maior motivação, seria uma forma de cativar os alunos e também uma forma de aprender. No que diz respeito às desvantagens, a professora defendia que lhe dava a sensação que tudo já aparecia feito, ou seja, o aluno não tem de escrever, não tem de pensar, daí ser prejudicial no desenvolvimento da escrita e do desenvolvimento.

Na última questão, era perguntado quais os reflexos obtidos através do uso das tecnologias, ao que a docente respondeu, a esta questão a docente respondeu que os resultados nem sempre foram positivos, isto porque, os alunos nem sempre aprenderam. A professora defendia que as crianças quando são usadas as novas tecnologias, os alunos gostam e participam, mas que rapidamente perdem a atenção e quando o professor pede a um aluno que explique o seu raciocínio, o aluno não consegue explicar, considera então que não há aprendizagem.

Em suma, a docente considera que as novas tecnologias não são essenciais numa sala de aula porque estas fazem com que os alunos dispersem muito facilmente e que os alunos veem as novas tecnologias apenas como algo lúdico.

14. Conclusões

Terminado o estudo é essencial refletir e salientar os aspetos mais importantes do estudo. Depois da interpretação dos dados recolhidos é essencial dar resposta às questões que foram a base para todo este projeto. Deste modo, neste tópico serão dadas as respostas às questões que orientaram o estudo.

Este estudo foi realizado num curto espaço de tempo, uma vez que só implementei durante 5 semanas e nessas 5 semanas não o podia fazer em todas as aulas. Este estudo tinha como objetivo compreender o que os alunos de uma turma do 1º ano, podiam aprender através de um jogo digital, isto é que conhecimentos históricos podiam retirar do jogo “À descoberta de Viana do Castelo”, bem como de uma projeção de *videomapping* realizada no centro histórico de Viana do Castelo e de outros recursos e estratégias usadas pela professora-investigadora.

O estudo regeu-se pelas seguintes questões de investigação:

1. Que perceções revelam as crianças sobre o Património Histórico Local?
2. Como perspectivam a aprendizagem de conteúdos relacionados com o passado do meio local recorrendo a novas tecnologias de informação e comunicação?
3. Existem mudanças entre as conceções iniciais e as finais, aquando da conclusão do presente estudo?

1) Que perceções revelam as crianças sobre o Património Histórico Local?

No decorrer da investigação foi possível verificar um grande desenvolvimento por parte dos alunos, ou seja, quando foram realizados os primeiros questionários, os alunos até conheciam alguns dos monumentos e sabiam onde se situava, mas não sabiam era o nome deles. A seguir ao questionário, foi realizado o quiz e aqui era notório que a grande maioria dos alunos já sabia o nome da grande maioria dos monumentos apresentados e assim sucessivamente ao longo das diversas atividades.

No primeiro questionário, a grande maioria dos alunos não conseguiu identificar os monumentos, alguns que não sabiam mesmo, outros porque apenas não se lembravam dos nomes e em alguns casos até sabiam onde se situavam.

O grupo em questão era um grupo interessado por o património e quando não sabiam procuravam sempre saber a resposta, ou seja, era um grupo interessado por o património que os rodeia. Como nos diz a perspetiva construtivista “O sujeito constrói seu conhecimento na interação com o meio tanto físico como social.” (Becker, 2009).

O grupo, mostrou-se sempre muito envolvido no projeto, isto porque, a temática lhes interessava. Como nos diz Santacana, a emoção dá-se no momento em que contactamos com lugares que nos fazem lembrar histórias, objetos, pessoas. “se admitirmos que existe uma relação entre emoção e motivação é claro que, dada a relação que existe entre motivação e aprendizagem, há ensino” (Santacana, 2015, p.23). Este projeto considera-se que foi uma mais valia tanto para o grupo de alunos, como para a professora/investigadora, isto porque, houve uma grande envolvimento da parte de todos, e os alunos passaram ainda a gostar mais da sua cidade e dos seus sentimentos, isto porque, já conheciam um bocadinho mais da sua cidade e do património tanto material como imaterial que da cidade faz parte.

No que diz respeito às atividades desenvolvidas foram uma mais valia para o grupo, isto porque, era atividades lúdicas, que captavam facilmente a atenção dos alunos e os envolvia, nestas atividades foi sempre tido em atenção o modelo apresentado por Barca, o modelo aula oficina, ou seja, neste modelo a aula é dada consoante as aptidões e sabedoria dos alunos.

Em suma, este projeto foi uma mais valia para os alunos, uma vez que estes da realização do estudo conseguiram adquirir muito conhecimento e em consequência de adquirirem conhecimento tiveram a possibilidade de conhecer curiosidades sobre viana que não conheciam, como por exemplo, a lenda de Viana do Castelo, a lenda do Caramuru.

2. Como perspetivam a aprendizagem de conteúdos relacionados com o passado do meio local recorrendo a novas tecnologias de informação e comunicação?

Um outro ponto de interesse para os alunos no projeto foi o facto de ser um jogo digital. O grupo era um grupo misto no que diz respeito às novas tecnologias, isto porque, apesar de todos ele terem nascido na era da tecnologia, todos eles serem nativos digitais, nem todos tinham a mesma aptidão nas tecnologias, nem todos tinham a mesma à-vontade, os alunos com mais destreza no jogo digital, eram aqueles que em casa jogava e desta forma se sentiam mais familiarizados.

Inicialmente o grande grupo achava que através de jogos e das novas tecnologias não era possível aprender, uma ideia que os alunos logo na primeira sessão desmistificarão, isto porque, logo na atividade do quiz, os alunos verificaram que adquiriram conhecimento, e de forma muito mais lúdica e consequentemente mais facilitada.

No decorrer das atividades, os alunos sentiam-se motivados não só por o assunto do estudo ser o património vianense, como também por ser um jogo digital, onde os alunos podiam aprender na base da descontração, os alunos podiam se divertir enquanto aprendiam e isso fascinava-os. Nestas atividades, até os alunos mais tímidos e mais preguiçosos queriam participar, isto porque, era algo diferente, era uma coisa que não acontecia no dia a dia e as crianças gostam de ser surpreendidas, gostam do diferente.

Em suma, foi possível verificar que o grupo de alunos consoante iam passando as atividades iam ficando mais conscientes do património e da sua importância. O que muitos dos alunos achavam não ser capaz, este estudo os fez mudar de ideia, foi, inicialmente os alunos achavam não ser possível aprender através de jogos e através das novas tecnologias. Dois dos alunos defendiam até ser prejudicial porque afetavam a visão, mas posteriormente conseguiram ter a percepção que através de jogos digitais é possível de aprender até mais divertido.

3. Existem mudanças entre as concepções iniciais e as finais, aquando da conclusão do presente estudo?

Como já dito anteriormente, os alunos ao longo das aulas de estudo foram adquirindo diversos conhecimentos sobre o património vianense quer património material como imaterial. Como nos diz Marques sobre a infância, “Percebe-se - e sente-se nos diálogos que

vão mantendo com o Educador que, se interrogados acerca da sua família, costumes e tradições, as crianças vão desenvolvendo um raciocínio consistente que abarca aspectos relacionados com o passado do meio local...” (Marques, 2016). Esta perceção foi evidente na análise das diferentes atividades implementadas, isto porque, os alunos em geral referiam que conheciam os monumentos, porque os seus familiares lhes tinham ensinado, ou até mesmo porque já tinham visitado os monumentos em família. No que diz respeito aos jogos digitais, as crianças sempre que era implementada uma atividade eles adoravam, porque era uma atividade diferente, era uma atividade a que não estavam habituados.

Explorar o património quer material como imaterial de Viana do Castelo através das novas tecnologias, foi um motor de motivação para os alunos, o que foi demonstrado ao longo das diversas atividades. Começou-se por o quiz, em que apareciam imagens que se movimentavam (gifts), também aqui foi introduzido som, os alunos gostaram muito da atividade, mas na atividade seguinte “À descoberta de Viana do Castelo”, os alunos ainda se sentiam mais empolgados/entusiasmados, isto porque, era um jogo em que eles podiam mexer, ou seja, podiam jogar. Na última atividade, as explorações da história de banda desenhada de Inês Madeira as crianças também se mostravam muito motivadas e mesmo o facto de ser reproduzida a música “Havemos de ir a Viana”, da fadista Amália Rodrigues fez com que os alunos ficassem ainda mais motivados para a realização do desenho.

O património cultural é um tema que ao início parecia demasiado complicado para o estudo, isto porque, era uma turma de 1º ano de escolaridade e o património começa apenas a ser estudado no final do 3º de escolaridade, parecia demasiado complexo e não iriam ser alcançados os resultados esperados, ou seja, que os alunos passassem a saber mais sobre o património. Todavia a turma surpreendeu de forma positiva, isto porque, conseguiram adquirir os conhecimentos suficientes.

Em suma, este projeto superou as expectativas que nele eram depositadas, uma vez que não se esperava que crianças em tão tenra idade se fossem interessar tanto por o património e mesmo que fosse assimilar tanto conhecimento. Quando aceitei o desafio, aceitei com um pouco de receio e nunca achei que tomasse as proporções que tomou.

14.1 Limitações do estudo e recomendações para futuras intervenções

No decorrer da investigação foram aparecendo algumas limitações ao estudo, as quais são importantes realçar. Uma primeira limitação a surgir foi relacionada com a PES, ou seja, o tempo que era muito reduzido e depois no tempo reduzido de 5 semanas de implementação ainda havia a questão de o programa ter de ser cumprido e deste modo o tempo e as aulas relacionadas com o estudo tinham de ser muito bem planeadas. Assim sendo, numa investigação deste cariz o tempo de investigação deveria ser mais alargado, assim podiam ser realizadas mais atividades e em consequência de um maior número de atividades, os instrumentos de recolha de dados seriam muitos mais. E mesmo os alunos poderiam aprender muito mais.

Uma segunda limitação encontrada, foi o facto de o património cultural só ser tratado no 3º ano de escolaridade e aqui ter sido explorado com uma turma do 1º de escolaridade. Mas os alunos compreenderem o que estava a ser ensinado e conseguirem adquirir conhecimento, acabando por não ser uma limitação.

Considera-se importante que este estudo pudesse também ter sido desenvolvido com alunos do 3º e 4º ano de escolaridade, isto porque, aqui os alunos já teriam uma maior consciencialização histórica e assim já podiam ser abordados outros temas mais complexos.

15. CAPÍTULO III- REFLEXÃO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

15.1 Reflexão final da PES

O último capítulo é destinado à reflexão final da PES, quer em contexto de vivências e práticas de ensino quer em Educação Pré-Escolar, como no 1º Ciclo do Ensino Básico.

“Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar.”

(Esopo)

Terminada uma fase de grande experiência e muito sacrifício é essencial refletir sobre um ano tão benéfico tanto para o meu crescimento como futura professora e educadora, como para o meu crescimento como pessoa, é um misto de sentimentos e as palavras por vezes começam a escassear. Foi um ano de desafios, um ano em que achei muitas vezes achei que não ia conseguir, mas a verdade é que foi à luta e venci, eu consegui. No decorrer dos 5 anos de faculdade aprendi que quando queremos muito uma coisa temos de ir à luta até conseguir, não importa os obstáculos, o que realmente importa é os objetivos que queremos atingir. Desde muito cedo que o meu grande sonho era este, ser professora, assim sendo muitas das minhas brincadeiras de criança passavam por ser professora e “corrigir trabalhos”, os anos foram passando e felizmente tive a sorte de ter professores maravilhosos no ensino básico que fomentaram ainda mais o meu gosto, ou seja, um dia queria ser como eles, queria ter a minha turma e tratar os “meus” alunos com todo o amor, carinho e respeito que um ser humano merece.

Os momentos vivenciados na PES, foram contextos distintos, ou seja, inicialmente no 1º semestre tive a possibilidade de implementar com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos de idade, em contexto pré-escolar, no 2º semestre implementei com um grupo de crianças entre os 6 e os 8 anos de idade, em contexto de 1º ciclo, numa turma do 1º ano de escolaridade. Estas duas experiências foram muito distintas, embora as idades das crianças fossem similares. Nas implementações destes 2 contextos tentei ser sempre aquilo que os meus professores foram para mim, pois queria que os alunos me lembrassem tal como eu lembro os meus professores. Destes dois contextos foi-me possível retirar muitos ensinamentos, ou seja, como lidar com diferentes situações e como contornar o problema, sendo isto uma mais valia para um dia que eu tenha a minha própria turma e possa utilizar estas estratégias com os alunos, se bem que

cada caso é um caso, e uma coisa que aconteceu agora, pode não voltar a acontecer nem parecido. O professor/educador tem de possuir um jogo de cintura muito grande, de forma a conseguir alcançar todos os alunos.

O 1º semestre foi passado numa sala de pré-escolar, numa turma muito afetuosa. Ali percebi que estava no local onde sempre quis estar, aquela era a profissão que eu queria para o meu futuro, “era com abraçinhos, beijinhos e miminhos”, que eu queria ser recebida. Apesar do medo de falhar sentia que eu tinha muito a dar aquelas crianças, mas tinha muito mais a receber, ou seja, o amor e carinho delas.

Nas semanas de observação consegui compreender que a educadora cooperante tinha uma forma muito própria de trabalhar, sendo esta forma de trabalho muito benéfica para os alunos, ou seja, a educadora lecionava as diferentes temáticas com base nos interesses dos alunos, o que acabava por os motivar e envolver nas diversas atividades propostas.

Quando foi a minha vez de implementar tentei ter em atenção a forma como a educadora cooperante trabalhava, para que os alunos não sentissem uma grande discrepância. Assim sendo, tentei sempre ouvir as crianças, as suas ideias, os seus interesses e necessidades, uma vez que quando ia planificar tentava ter tudo em conta, de modo a conseguir entusiasmar o meu público alvo, ou seja, o grupo de crianças.

Para que uma implementação corra bem, é essencial planificar bem e explicar a atividade ao pormenor, isto porque na hora de implementar vai ser muito mais fácil. “planejar implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo” (Ministério da Educação, 1997, p. 26). No momento em que estamos a implementar, nem sempre conseguimos seguir a planificação na sua totalidade, isto porque, muitas das vezes surgem contratempos, as questões e necessidades dos alunos podem mudar totalmente o rumo que tinha sido anteriormente planeado, cabendo aqui ao educador ter jogo de cintura, para encaminhar a atividade da melhor forma. Deste modo o educador/professor tem de estar sempre pronto para eventuais contratempos que possam acontecer.

É também extremamente importante que o professor/ educador tire partido da interdisciplinaridade, isto porque, não devemos ver as coisas como áreas isoladas, mas sim para as diferentes áreas, por exemplo, através de um desenho, podemos explorar a plástica, a matemática através das formas, das cores..., o português como por exemplo na criação de um texto e com base na criação desse texto podemos ainda trabalhar a dramática, cabe ao educador/ professor ser criativo. O que nem sempre é fácil de fazer, mas com a experiência cada vez se vai tornando mais fácil, enquanto educadora e professora e educadora foi sempre tentando tirar partido da interdisciplinariedade, para assim conseguir cativar melhor os alunos, como disse anteriormente, nem sempre foi fácil, mas com o decorrer do tempo e das implementações foi se tornando mais fácil.

Em contexto de Pré-escolar, o educador tem uma maior liberdade para investir na área que deseja, ou até mesmo que os alunos têm uma maior dificuldade durante o tempo que assim entender, enquanto que em contexto de 1º ciclo, o professor não pode investir o tempo que deseja, isto porque à um programa que tem que ser cumprido e as avaliações dos alunos. No contexto de 1º ciclo apesar de ter contactado com uma turma de 1º ano de escolaridade, já havia a preocupação que o programa tinha de ser cumprido, as avaliações dos alunos tinham de ser feitas e no final do ano letivo os alunos tinham de saber ler, escrever e os números até 100.

Tanto em contexto de Pré-Escolar, como em 1º ciclo nem sempre foi fácil acalmar as crianças, uma vez que era turma muito barulhentas e irrequietas, o que dificultava no momento de planear uma atividade, ou seja, tinha de ser planeada uma atividade que os cativasse de modo a os conseguir manter atentos e calmos. Em contexto de 1º ciclo tentei sempre que possível levar atividades que não fossem meramente as do manual, de modo a cativar os alunos, mas nem sempre era possível, uma vez que nos era imposto que o manual fosse feito.

Uma outra preocupação era o desenvolvimento dos alunos perante a matéria lecionada, ou seja, se estavam a adquirir conhecimentos ou não, isto porque, para mim o que realmente importa não são os números de aprovações que aparecem na pauta, mas sim a qualidade que essas aprovações tem, não vamos passar só as crianças porque não é

aconselhável as reprovar. Para mim é de extrema importância ter em atenção os cidadãos que estamos a formar, porque são eles que vão governar o país. No 1º ciclo, os pais preocupavam-se com o aproveitamento escolar dos filhos, enquanto que no Pré-escolar, ainda não se notava uma preocupação notória por parte dos pais, isto também porque como Eduardo Sá nos diz, “o pré escolar não é para aprender a ler nem a escrever, mas sim para aprender a brincar”, é aqui que eles devem brincar, adquirir as regras básicas de socialização, aquilo que mais preocupava os pais.

No que diz respeito à interação da professor/educadora com a família, foi muito mais notória em contexto de Pré-escolar, isto porque, aqui os pais iam levar os filhos à entrada da sala, enquanto no 1º ciclo isso não acontecia no meu ponto de vista é muito importante a educadora/professora ter uma boa relação com os pais/encarregados de educação, isto porque facilita a adaptação das crianças, tal como, os pais se envolvem nos diversos projetos. O envolvimento dos encarregados de educação nos diferentes projetos escolares é muito importante, isto porque, os próprios filhos se vão sentir motivados em os realizar porque os pais estão lá, os pais estão a ajudar. No 1º ciclo do ensino básico, os pais deixavam os seus filhos no portão da escola e iam embora, só iam falar mesmo com a professor cooperante quando necessário ou em momentos para saberem as avaliações a nível quantitativo, como por exemplo o resultado das fichas de avaliação, no pré-escolar, havia mais por parte dos pais a preocupação de como a criança se estava a adaptar e como a criança fica depois de o pai ou a mãe ir embora. O professor/educador deve tentar cativar a presença dos pais na escola, ou seja, marcando reuniões pontualmente, ou mesmo criando atividades para os pais participarem.

Em contexto de pré-escolar tive ainda a possibilidade de participar num projeto de empreendedorismo, aqui foi visível como as ideias das crianças podem atingir resultados fantásticos, cabe ao professor encaminhar estas ideias da melhor forma e saber aproveitar cada, pormenor por mais estranho que parece. Assim aconteceu com a máquina de pequenar, quando o menino falou numa máquina de pequenar, todos ficamos a olhar para ele de modo a tentar perceber o que ele queria, depois de questionar o aluno verificamos que de facto era um projeto viável e deste modo o conseguíamos pôr em prática. Quando

o outro menino falou no filme, foi questionado o aluno, como ele pensou que podia interligar com a máquina de pequenar e o aluno explicou.

Um outro facto que o professor/educador deve ter em atenção quando vão implementar ou fazer alguma atividade, é o facto do meio social de onde a criança é oriunda, isto porque, um aluno da cidade tem vivências muito diferentes de um aluno do campo ou até mesmo das periferias da cidade, isto porque, um aluno que seja do campo está muito mais familiarizado com a natureza, de onde vem determinados produtos, como por exemplo o leite, as batatas, etc. enquanto que alguns dos alunos da cidade já podem ser capazes de responder que o leite vem do frigorífico ou do supermercado. Assim sendo o professor deve refletir muito bem sobre o seu público alvo. O mesmo acontece com o uso das novas tecnologias, o professor pode e deve tirar o maior partido destas, o professor caso não saiba utilizar deve aprender, isto porque o ensino está em constante mudança e se o professor estagnar, as aulas serão monótonas e sem qualquer interesse para os alunos. Através das novas tecnologias é possível ensinar os alunos, através das novas tecnologias é possível obter muito bons resultados a nível quantitativo. A prova disso foi o projeto desenvolvido, através de 2 jogos digitais os alunos passaram a saber o património material e imaterial de Viana do Castelo. É essencial o professor estar constantemente a inovar, é essencial levar novidades para a sala de aula.

16. Bibliografia

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo* (1ª). Universidade Aberta.
- Alves, L. R. G. (2008). Games e educação : a construção de novos significados Autor (es): Publicado por : URL persistente : DOI : Accessed : Alves , Lynn Rosalina Gama URI : <http://hdl.handle.net/10316.2/4671> DOI : http://dx.doi.org/10.14195/1647-8614_42-2_12. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 225–236.
- Amado, J. (2014). *pombalina.uc.pt digitalis.uc.pt* (2ª). Coimbra.
- Barca, Isabel, Alves, L. A. M. (2016). *Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional (XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)*. Porto.
- Barca, Isabel; Solé, Glória; Facal, Ramón Lopez; Gil, Tânia Martinez; Sabaté, M. (2015). *Educação histórica e educação patrimonial- novos desafios*. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/53131>
- Bardin, L. (2007). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta.
- Becker, F. (2009). *O QUE É CONSTRUTIVISMO ?* 1–8.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, A. A. (2013). *Aprender através dos recursos online*. 5–30.
- Castells, M. (2004). *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian.
- Castells, M., & Cardoso, G. (2006). *A Sociedade em Rede Luc Soete «Inovação, Tecnologia e Produtividade: porque se atrasou a Europa face* (1012466th ed.; G. Castells, Manuel. Cardoso, Ed.). Retrieved from http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf
- Coelho, P. M. F., Costa, M. R. M., & Mattar Neto, J. A. (2018). Saber Digital e suas Urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. *Educação & Realidade*, 43(3), 1077–

1094. <https://doi.org/10.1590/2175-623674528>

Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.

Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.

Estrela, A. (2008). *Teoria e prática de observação de classes - uma estratégia de formação de professores*. (4.^a ed.). Porto: Porto Editora.

Fosnot, C. T. (1996). *Construtivismo e Educação: Teoria, Perspectivas e Prática*. (M. J. Reis, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget.

Ghiglione, R.; Matalon, B. (2001). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Goodnow, J. (1992). *Desenho de Crianças*. Lisboa: Edições Salamandra

Gonçalves, A. R. C. (2012). *O papel das TIC na escola, na aprendizagem e na educação* (ISCTE Instituto Universitário de Lisboa). Retrieved from <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5146>

Ludke, M.; André, M. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Maximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.

Manso, D. (2017). *Relatório de Prática de Ensino Supervisionada Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico*.

Menino, H. L., & Correia, S. O. (n.d.). *Concepções alternativas : ideias das crianças acerca do sistema reprodutor humano e reprodução* Introdução As ideias das crianças e a aprendizagem das. 97–117.

Ministério da Educação. (2017). *Perfil Dos Alunos À Saída Perfil Dos Alunos*. 1–30. Retrieved from http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Oliveira, I. R., & Barros, C. (2010). *Videojogos e aprendizagens matemáticas na educação*

- pré-escolar: um estudo de caso. *Educação, Formação & Tecnologias* - ISSN 1646-933X, 3(2), 95–113. Retrieved from <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/164>
- Papuzza, E., Marzotti, M. E., Medici, A. R., & Russo, M. (2011). *Educação e os Novos Media - Um Guia para os Pais*. Retrieved from https://www.seguranet.pt/sites/default/files/um_guia_para_os_pais_-_educacao_e_os_novos_media_0.pdf
- Passarinha, J. (2012). *O desenho como suporte de aprendizagem no contexto de jardim de infância Relatório de Estágio*. Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Pereira, S. (2000). Teaching the Media (1985:24),. “*Cadernos Do Noroeste. Série de Comunicação*”. 14:1-2: Pt. 1 (2000) 669-674., 1–6.
- Pinto, M. H. M. N. F. (2011). *Educação Histórica e Patrimonial: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. Universidade do Minho, Braga.
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants Part I. *On the Horizon*, 9(5), 1–6.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (4.ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, I. R. F. (2015). *O Desenho como Expressão de Sentimentos das Crianças*.
- Reis, H. de A. (2008). *Evolução da estrutura urbana de Viana do Castelo - Factores de transformação e elementos de continuidade*
- Santacana, J. (2015). El patrimonio, la educación y el factor emocional. *II Seminário Internacional de Educação Patrimonial: Contributos para a construção* (pp. 19-32). Braga: Centro de investigação em educação (CIED),.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, C. I. F. (2016). *Jogos Tradicionais: uma perspectiva didática construtivista de conhecimento e aprendizagem*.
- Salvat, B. G. (2001). *Nuevos Medios Para Nuevas Formas De Aprendizaje: El Uso De Los Videojuegos en la Enseñanza*.
- Santos, M. dos, Scarabotto, S. do C. dos A., & Matos, E. L. M. (2011). Imigrantes e Nativos

Digitais: Um dilema ou desafio na educação? *X Congresso Nacional De Educação-Educere*, 15841–15851.

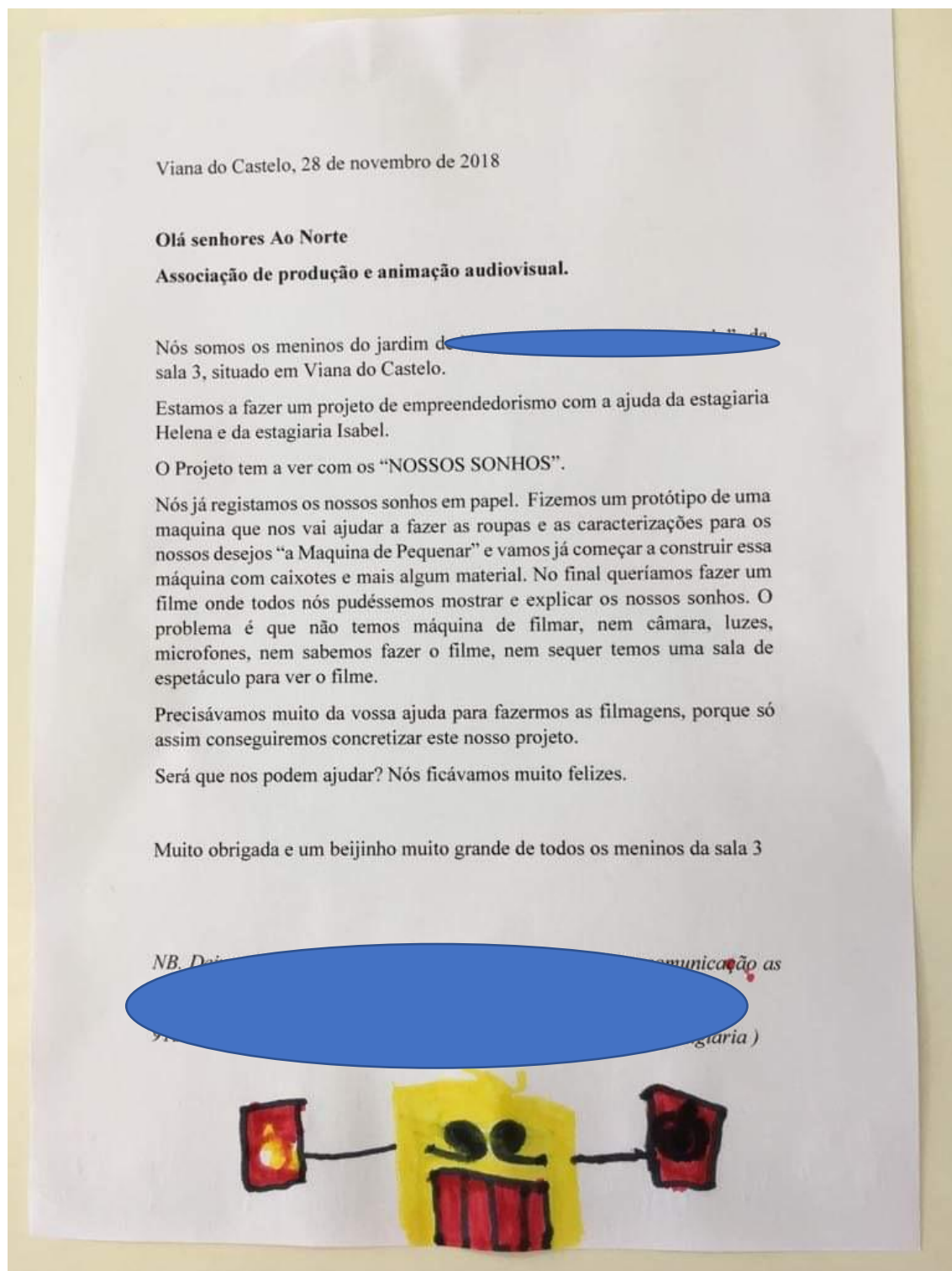
Solé, G. (2017). CAPÍTULO 8 EDUCAÇÃO HISTÓRICA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL : In *EDUCAÇÃO HISTÓRICA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: DESAFIOS DA INVESTIGAÇÃO EM PORTUGAL* (pp. 145–166). Retrieved from <http://hdl.handle.net/1822/47922>

Vigotsky, L. S. (2012). *La Imginación y el arte en la infancia*. <https://doi.org/978-84-460-2083-7>
[https://sicnoticias.pt/pais/2018-11-21-Menos-de-1-dos-professores-nas-escolas-publicas-tem-menos-de-30-anos?fbclid=IwAR11tXH2PxOQ_qUa7HsV7P1c9J5eU1kU4mspkdExU-](https://sicnoticias.pt/pais/2018-11-21-Menos-de-1-dos-professores-nas-escolas-publicas-tem-menos-de-30-anos?fbclid=IwAR11tXH2PxOQ_qUa7HsV7P1c9J5eU1kU4mspkdExU-ie5479mJAI387uDPg)
ie5479mJAI387uDPg visualizado a 27 de junho de 2019

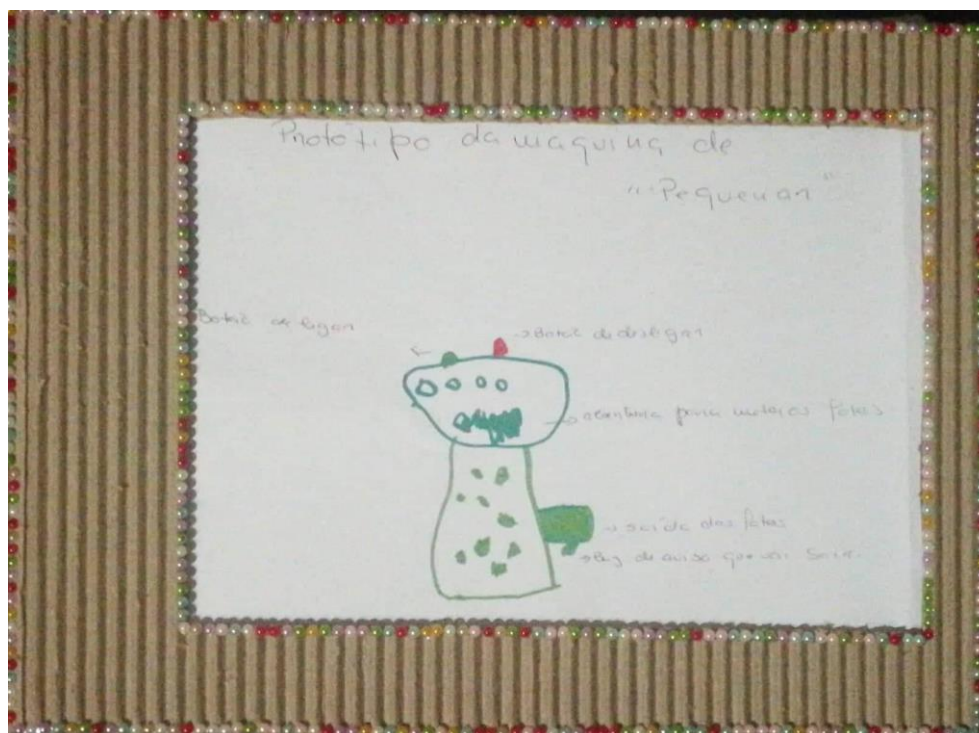
<https://www.noticiasaminuto.com/tech/1214285/fundador-da-internet-apela-a-esforco-para-fazer-da-web-uma-forca-do-bem> visualizado a 27 de junho de 2019


17. Anexos

17.1 Anexo 1- Carta à AO NORTE



17.2 Anexo 2- livro



Olá, eu sou o , a minha comida favorita é linguíça e carne. O meu sonho era ser um pikachu, porque queria dar choques de trovão em todo o mundo, mas choques de brincar.

Cuidado pessoal, agora que sou um pikachu à seria já posso dar choques.





Olá, eu sou a **Carla**, a minha cor favorita é o rosa. O meu sonho é ver um cavalo, porque são os meus animais favoritos.

Agora que já tenho o bilhete vou até ao zoo.



Olá, eu sou o **Tom**, gosto muito de comer sopa. Já viram um unicórnio? Eu quero ser um.

Sou um unicórnio, um cavalo colorido com esta crista que parece um corninho.





Olá, eu sou o , gosto de camiões e carros muito grande. O meu sonho é ser um cavalo, para galopar pelos campos com os cavalos do meu avô.

Agora que sou um cavalo, agora vou para o campo saltar mais alto que os cavalos do meu avô. Beijinhos



Olá, eu sou o , a minha cor favorita é o preto. O meu sonho é ser o Batman, porque é um dos meus super-heróis favoritos.

Agora que sou um Batman vou salvar as pessoas do mundo.





Olá, eu sou o [nome], sou muito maroto,
a minha comida preferida é batatas
fritas e adoro jogar futebol. O meu
sonho é ser uma aranha, porque gosto
de ver as aranhas nas teias.

Agora que a máquina me deu uma
máscara vou ter com as minhas
amigas aranhas para subir às
teias.



Olá, eu sou a [nome] adoro todos os
lugares do mundo que tem praia. O meu
sonho é ter uma casa com piscina,
porque gosto de nadar na piscina.

Agora que a máquina me deu estes
tijolos vou construir a minha casa.





Olá, eu sou o [nome], o meu sonho é ser um leão para comer salsichas, cebolas e chouriças.

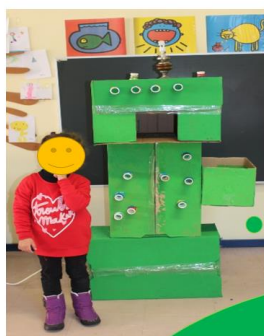
Sou um grande leão, vejam que linda é a minha juba. Tenho garras afiadas que saem e vão para dentro. Onde estará a minha salsicha?



Olá, eu sou a [nome], gosto de arroz e frango. O meu sonho é ser uma sereia porque assim podia andar nas águas profundas do oceano.

Sou uma sereia. A mais bela sereia, vou até ao fundo do oceano.





Olá, eu sou a [nome] adoro brincar com a minnie, o meu sonho é ser uma princesa porque queria cantar como elas.

Agora que já sou uma princesa vou cantar pelo mundo.



Olá, eu sou o [nome], o meu boneco favorito é o homem aranha, adoro brincar com ele e ver os seus filmes. O meu sonho é ser o homem aranha, porque gosto de o ver a subir os prédios.

Agora que já sou um verdadeiro homem aranha vou escalar os prédios.





Olá, eu sou a [nome], adoro cantar. O meu sonho é ser uma sereia, porque gostava de conseguir nadar nas águas mais profundas dos oceanos e encantar os marinheiros.

Agora que sou uma bela sereia vou até alto mar encantar os marinheiros com a minha voz.



Olá, eu sou a [nome], adoro desenhar. O meu sonho é ver uma fada porque gosto da magia que elas fazem.

Agora que já vi uma fada, já me sinto muito feliz. Beijinhos





Olá, eu sou o [nome], adoro brincar com os meus brinquedos. O meu sonho é que me caia um dente, para a fada dos dentes me dar uma moeda para comprar uma espingarda de brincar para partir pratos a jogar tiro ao alvo.

Agora que a máquina de pequenar me deu um dente vou o meter debaixo da almofada e dormir para ver se a fada dos dentes me dá uma moeda.



Olá, eu sou o [nome] adoro jogar à bola e comer puré. Vou meter este fato preto na máquina para fazer o meu sonho. O meu sonho é ser um morcego e comer uma aranha e uma teia.

Boa sou um morcego. Ainda não sei voar, mas já posso comer uma aranha. Que gostosa.





Olá, eu sou a [nome]. As minhas cores favoritas são o rosa e roxo. Sonho ser uma fada, é o meu sonho favorito.

Agora que já sou uma fada vou pelo mundo espalhar magia e sonhos felizes.



Olá, eu sou [nome], a minha comida favorita é sopa, gelatina e framboesas. O meu sonho é ser uma bailarina porque gosto de as ver rodopiar.

Agora que já sou uma bailarina vou bailar por esses palcos do mundo.





Olá, sou o [] gosto de comer no McDonald's, coisas boas e muitas batatas fritas e doces. Muitos doces porque quero que me caia um dente.....assim a fadinha dos dentes dava-me uma prenda.

Fixe, já tenho um dente para a fadinha. Vou comprar uma almofada gigante para este dente.



Olá, eu sou a [] a minha cor favorita é o azul. O meu sonho era ser um cão porque gosto de os ver a apanhar ossos.

Vejam que linda candelinha eu sou, vou por aí fazer novos amigos.





Olá, eu sou o adoro brincar às corridas. O meu sonho é ser um grande crocodilo, porque é o meu animal favorito e tem cerca de 80 dentes.

lupi estou muito feliz, com esta máscara consigo ser um crocodilo, vou nadar para o rio. Beijinhos



Olá, eu sou a , gosto muito da minha avó. Quando dou cambalhotas tenho muita vontade de rir.

Sou uma princesa com saia voadora. Vou voar, adeus.





Olá, eu sou o [nome]. Sou do Brasil, mas o meu país favorito é Portugal. O meu sonho era ser um morcego, porque gosto das suas membranas e gostava de voar.

Agora que a máquina me deu estes dentes e membranas vou voar.




Olá, eu sou o [nome], a minha brincadeira favorita é jogar futebol. O meu sonho é ser um tubarão, porque gostava de nadar no mar e ter uma família de tubarões.

Agora com esta barbatana já sou um tubarão, vou conseguir nadar no mar e conseguir respirar debaixo de água. Adeus amiguinhos o oceano espera-me.





Olá, eu sou o , gosto muito de ser youtuber. O meu sonho é ser um anjo, porque os anjos concedem desejos e podem voar.

Agora que já sou um anjo e sei falar várias línguas tipo "ok" vou voar pelo mundo e conceder desejos. Maltinha não se esqueçam de por like no meu canal,



Adereços



Pikachu-



Bilhete Zoo-



Unicórnio-



Cavalo-



Batman-



Aranha-



Tijolo-



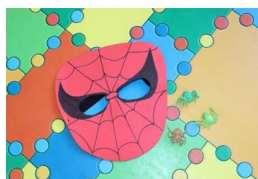
Leão-



Sereia-



Princesa-



Homem aranha-



Sereia-



Fada-



Dente-



Morcego-



Fada-



Bailarina-



Dente



Cão



Crocodilo-



Saia Voadora-



Morcego-



Tubarão



Anjo-



Tartaruga

- Trabalho realizado no âmbito do projeto de Empreendedorismo “Os nossos sonhos- A máquina de pequenar” dinamizado pelas educadoras estagiárias Ana Isabel Marques e Helena Mesquita, na [redacted] do jardim de infância [redacted] no ano letivo 2018/2019.
- A educadora cooperante [redacted]

17.3 Anexo 3: autorização encarregados de educação

AUTORIZAÇÃO

Estimados Encarregados de Educação,

No âmbito da realização do meu Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, no Instituto Politécnico de Viana do Castelo e também no âmbito do projeto internacional de investigação “Novos Media ao Serviço do Património Cultural do Alto Minho”, peço a sua autorização para recolher evidências do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula, com a participação do(a) seu(sua) educando(a), para melhor documentar e fundamentar o presente estudo e projeto de investigação. Para a sua concretização será necessário proceder à recolha de dados através de registos fotográficos, áudio e vídeo das diversas atividades referentes ao estudo a realizar. Todos os dados serão devidamente codificados garantindo, assim, o anonimato das fontes quando publicados. Estarei ao seu dispor para prestar esclarecimentos que considere pertinentes. Em meu nome pessoal e do IPVC, a nossa Gratidão e Saudações Académicas, solicito que assine a autorização abaixo e devolva.

Viana do Castelo, 23 de abril de 2019

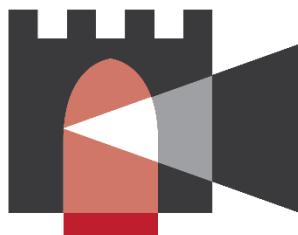
A mestrandia,

Helena Mesquita

Eu, _____, encarregado(a) de educação do(a) aluno(a) _____, da turma _____ do _____º ano, declaro que autorizo/não autorizo (riscar o que não interessa) a participação do meu educando no estudo acima referidos e recolha de dados necessária à sua concretização.

Data: ____/____/____ Assinatura: _____

17.4 Anexo 4: questionário uso das tecnologias educativas em contexto (s) pedagógico (s)



ALTO MINHO CULTURAL HERITAGE
SUPPORTED BY NEW MEDIA



NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

QUESTIONÁRIO nº 1

Uso das tecnologias educativas em contexto(s) pedagógico(s)

No âmbito do Projeto “Novos Media ao Serviço do Património Cultural do Alto Minho”⁴, que está a ser desenvolvido pelo IPVC, com apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) – referência: NORTE-01-0145-FEDER-024177 – gostaríamos de saber qual a tua relação e grau de familiaridade com as tecnologias de informação e comunicação no apoio direto ao teu estudo e atividades de aprendizagem

Idade: ____ Género: M __ F __ Escola: _____

Identifica (com um **X**) os materiais tecnológicos existentes na tua escola:

Quadro interativo __ Computadores __ Tablets __

Outro: qual? _____

Costumas desenvolver atividades na Escola usando estes materiais? Sim __ Não __

Esclarece a tua resposta: _____

⁴ Podes saber mais informações sobre este nosso projeto aqui: <http://nmsspcam.ipvc.pt/>

Qual dos seguintes dispositivos tecnológicos tens em casa (assinala com **X**)?

Computador ___ Tablet ___ Smartphone ___

Outro: qual? _____

Diz-nos o uso que fazes destas tecnologias em casa: _____

Consideras importante o uso dos novos media e das tecnologias na aprendizagem?

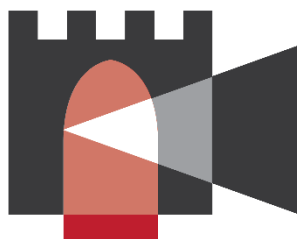
Sim ___ Não ___

Justifica a tua resposta: _____

Agradecemos muito a tua colaboração!

A Equipa do Projeto

17.5 Anexo 5: O que sabes sobre o Património Cultural?



ALTO MINHO CULTURAL HERITAGE
SUPPORTED BY NEW MEDIA



QUESTIONÁRIO nº 2

O que sabes sobre o nosso Património Cultural?

No âmbito do Projeto “Novos Media ao Serviço do Património Cultural do Alto Minho”⁵, que está a ser desenvolvido pelo IPVC, com apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) – referência: NORTE-01-0145-FEDER-024177 – gostaríamos de saber o que sabes e já conheces sobre os monumentos e elementos do Património Cultural de Viana do Castelo

Idade: _____ Género: M ___ F ___ Escola: _____

Identifica cada um dos seguintes monumentos de Viana do Castelo:



⁵ Podes saber mais informações sobre este nosso projeto aqui: <http://nmspcam.ipvc.pt/>





Podes referir outros monumentos de Viana do Castelo que conheças?

Conheces lendas associadas a Viana do Castelo? Quais?

Achas que é importante conhecer e valorizar o nosso Património? Porquê?

17.6 Anexo 6: Literacia Patrimonial Local e os Novos Media



QUESTIONÁRIO nº 3

Literacia Patrimonial Local e os Novos Media

No âmbito do Projeto “Novos Media ao Serviço do Património Cultural do Alto Minho”⁶, que está a ser desenvolvido pelo IPVC, com apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) – referência: NORTE-01-0145-FEDER-024177 – gostaríamos de saber como avalia a importância de aprender conteúdos sobre a história e cultural de Viana do Castelo e do Alto Minho através dos novos media

Idade: _____ Género: M ___ F ___ Escola: _____

Coloca, por favor, um X na(s) resposta(s) adequada(s)

Os conhecimentos que possuis sobre a história e o património cultural de Viana do Castelo e do Alto Minho foram obtidos através de que fontes de informação?

Livros ___ Visita a museus e espaços culturais ___ Internet ___
Bibliotecas ___ Visitas de estudo ___ Informação da Família ___
Informação do(a) Professor(a) ___ Interesse próprio na pesquisa ___

⁶ Podes saber mais informações sobre este nosso projeto aqui: <http://nmcam.ipvc.pt/>

Dentro destas fontes, gostaríamos agora de te perguntar, no que diz respeito aos novos media, quais deles mais utilizas para a tua aprendizagem histórica e patrimonial?

Youtube ___ Facebook ___ Instagram ___ Wikipedia ___ Khan Academy ___

Jogos ___ Aplicações ___ Outros sites ___ quais? _____

Já utilizaste algumas vez jogos digitais para a tua aprendizagem curricular?

Sim ___ Não ___

Esclarece a tua resposta: _____

Quem te falou no jogo digital? Amigo ___ Professor(a)___ Familiar ___ Viste na net ___

Que tipo de aprendizagens achas que um jogo digital pode proporcionar:

Gostas da disciplina de Estudo do Meio? Sim ___ Não ___

Porquê?

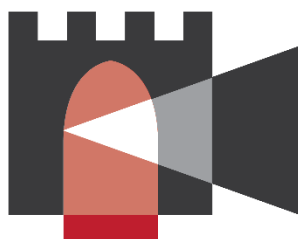
Achas que os jogos digitais sobre História e Património Local te fariam interessar mais pela aprendizagem da disciplina? Sim ___ Não ___

Justifica a tua resposta: _____

Agradecemos muito a tua colaboração!

A Equipa do Projeto

17.7 Anexo 7: Reflexos da aprendizagem usando novos media



ALTO MINHO CULTURAL HERITAGE
SUPPORTED BY NEW MEDIA



QUESTIONÁRIO nº 4

Reflexos da aprendizagem usando novos media

No âmbito do Projeto “Novos Media ao Serviço do Património Cultural do Alto Minho”⁷, que está a ser desenvolvido pelo IPVC, com apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) – referência: NORTE-01-0145-FEDER-024177 – gostaríamos de saber como avalias a importância de aprender interactivamente, usando os novos media

Idade: _____ Género: M __ F __ Escola: _____

Coloca, por favor, um X na(s) resposta(s) adequada(s)

Gostaste de utilizar este jogo como ferramenta de aprendizagem? Sim __ Não __

Justifica a tua resposta: _____

⁷ Podes saber mais informações sobre este nosso projeto aqui: <http://nmspcam.ipvc.pt/>

Que aprendizagens retiraste da tua experiência com o jogo?

Conhecimento do Património do Alto Minho ___ Experiência de viagem no tempo ___

Forma lúdica de aprender ___ Possibilidade de aquisição de novos conhecimentos ___

Consolidação de conhecimentos ___ Adrenalina ___ Desafio ___ Empatia histórica ___

Gostaste de assistir à projecção de videomapping? Sim ___ Não ___

Foi a primeira vez que assististe a algo assim? Sim ___ Não ___

Que novos conhecimentos e aprendizagens retiraste da projecção? _____

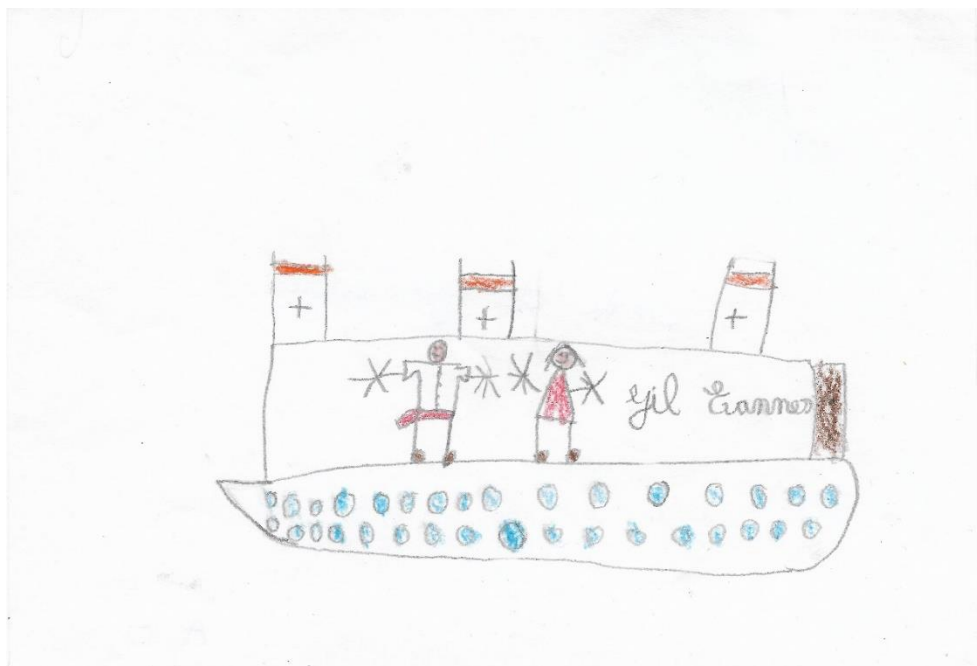
Achas que este tipo de atividades ajuda a gostar mais da história da nossa região?

Sim ___ Não ___ Justifica a tua resposta: _____

Agradecemos muito a tua colaboração!

A Equipa do Projeto

17.8 Anexo 8: Desenho aluno A.E



17.9 Anexo 9: Desenho aluno B.R



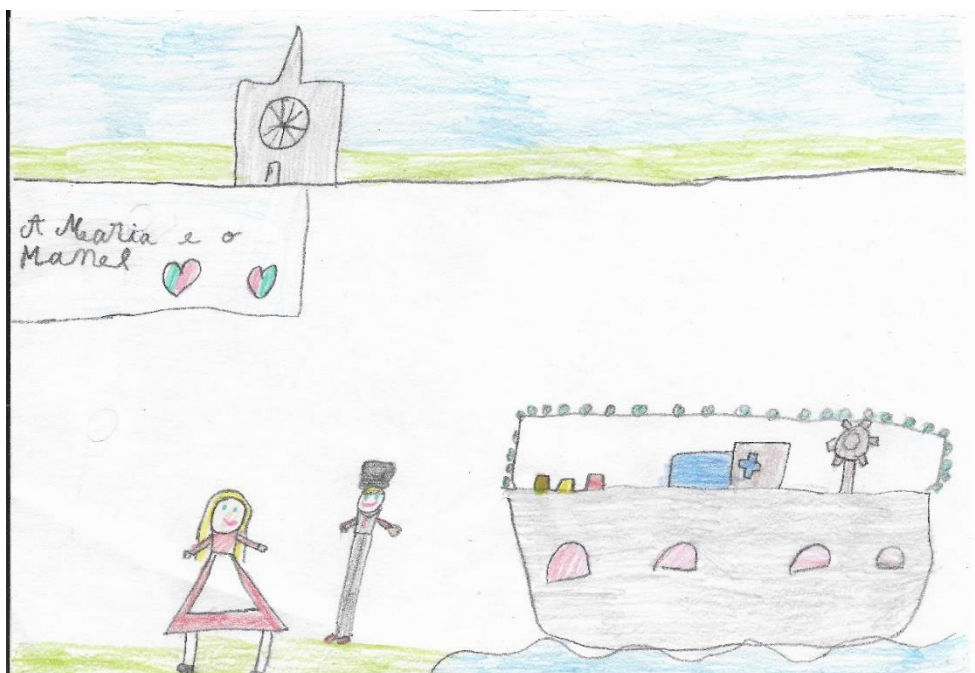
17.10 Anexo 10: Desenho da aluna C.S



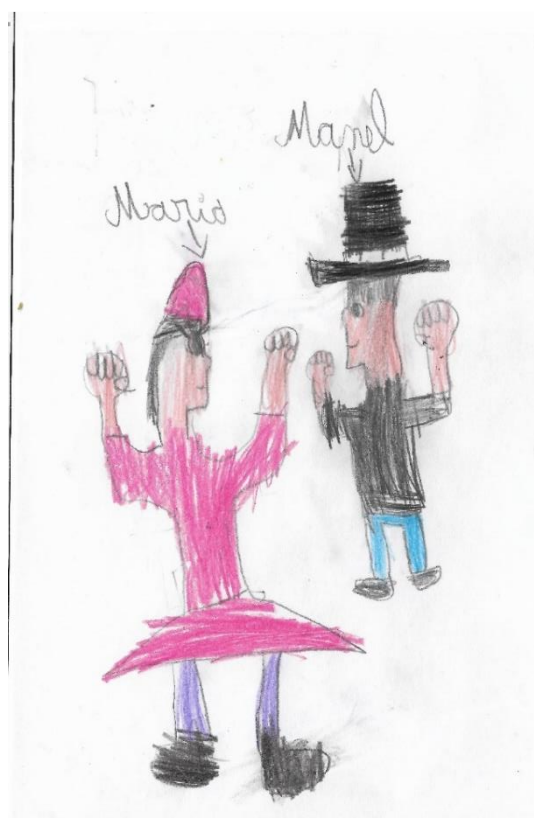
17.11 Anexo 11: Desenho aluno D.T



17.12 Anexo 12: Desenho do aluno D.R



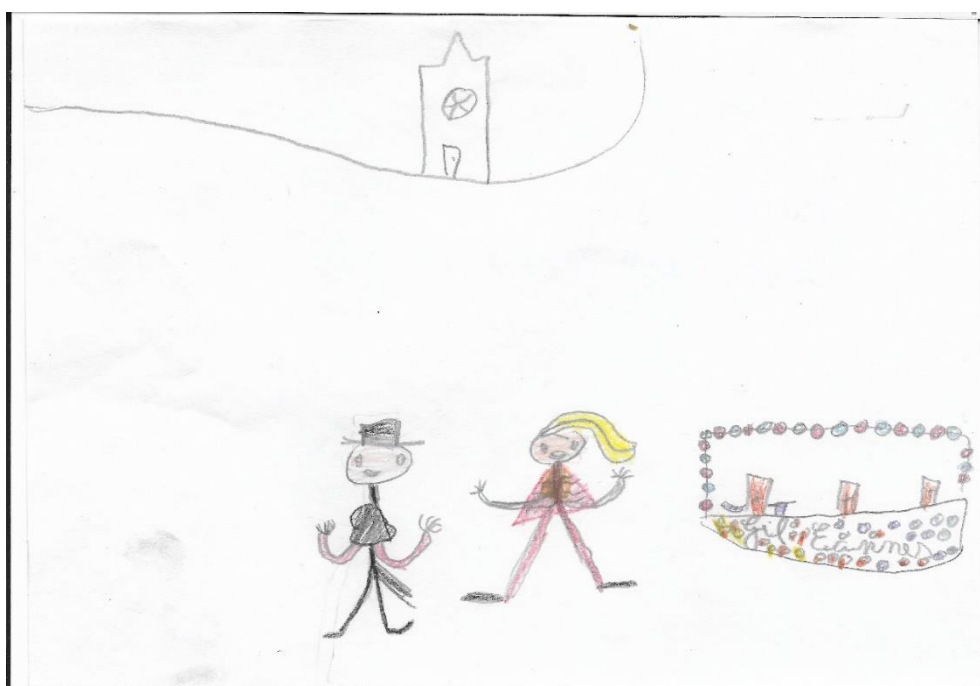
17.13 Anexo 13: Desenho aluno E.Q



17.14 Anexo 14: Desenho da aluna F.G



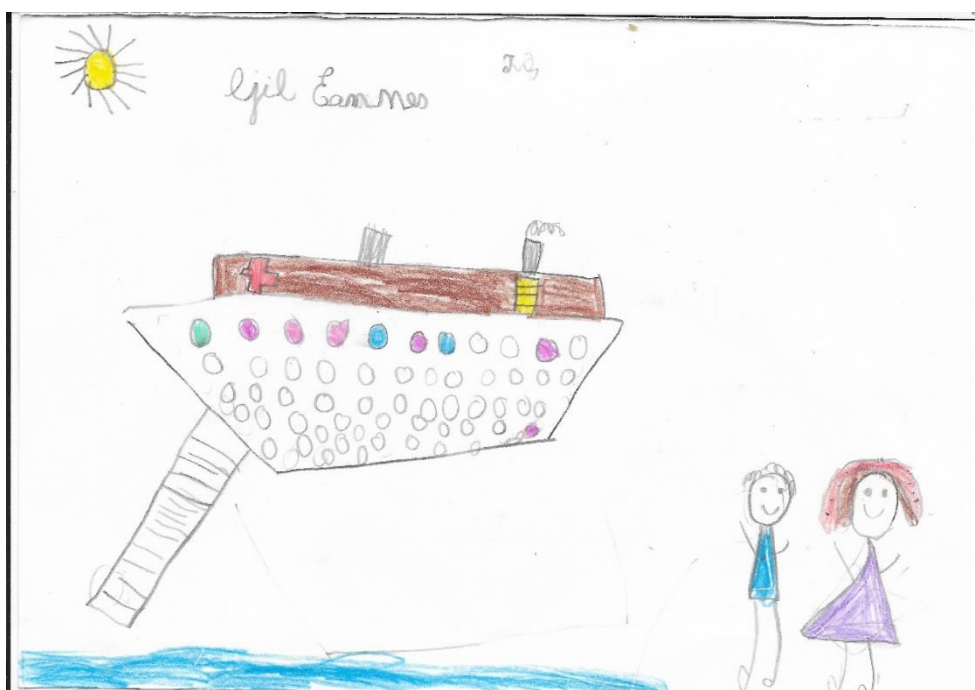
17.15 Anexo 15: Desenho do aluno G.R



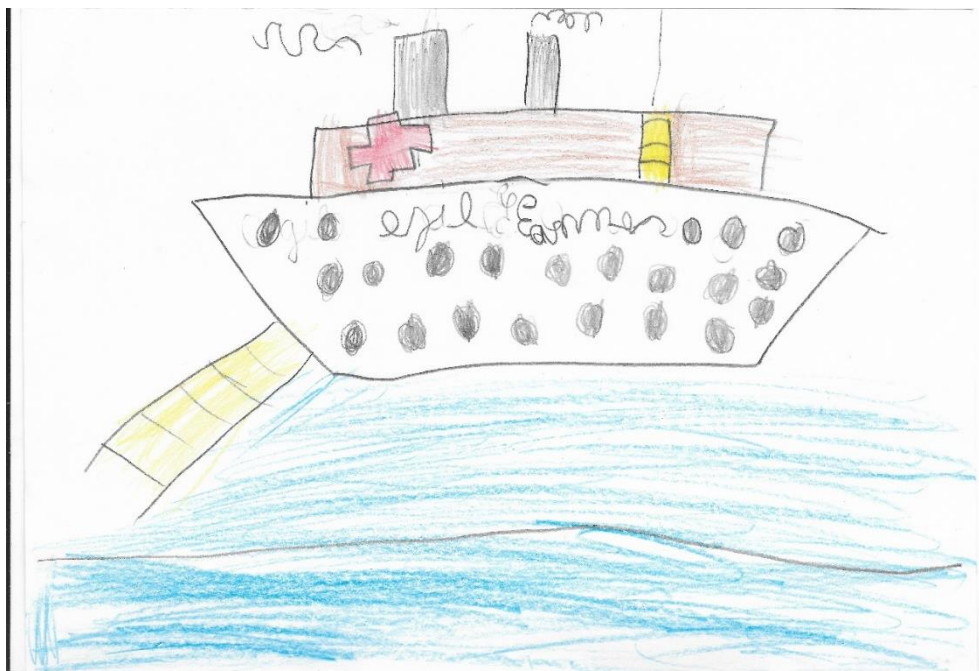
17.16 Anexo 16: Desenho do aluno H.S



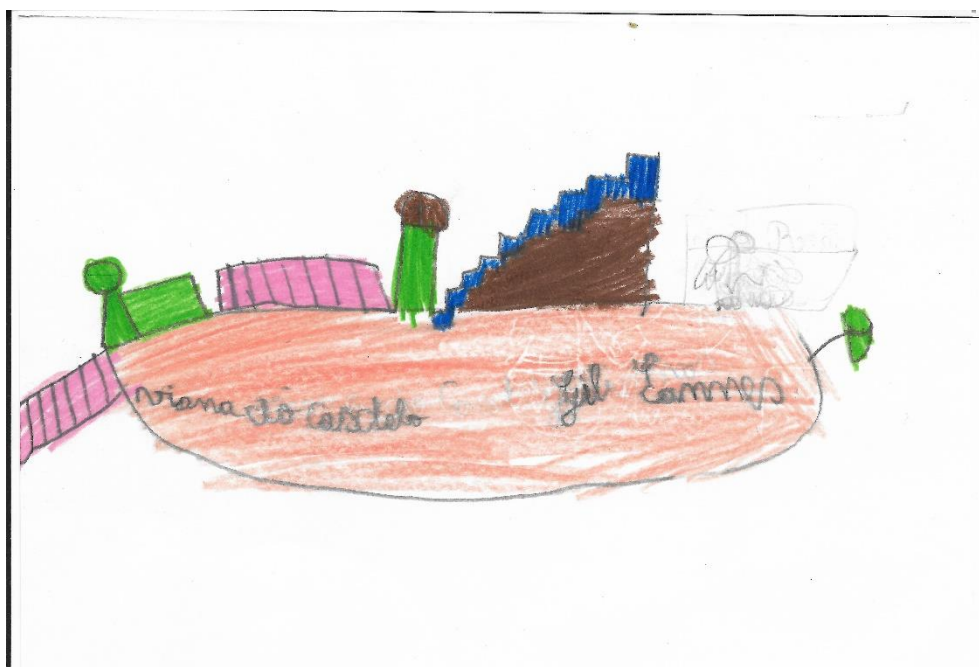
17.17 Anexo 17: Desenho da aluna I.V



17.18 Anexo 18: Desenho do aluno I.G



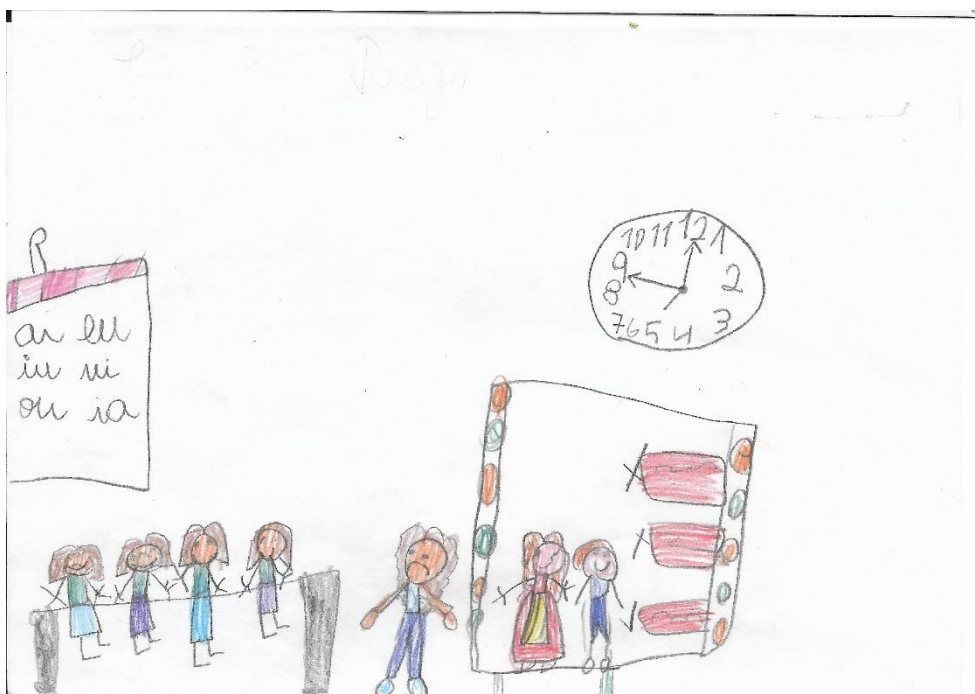
17.19 Anexo 19: Desenho do aluno J.P



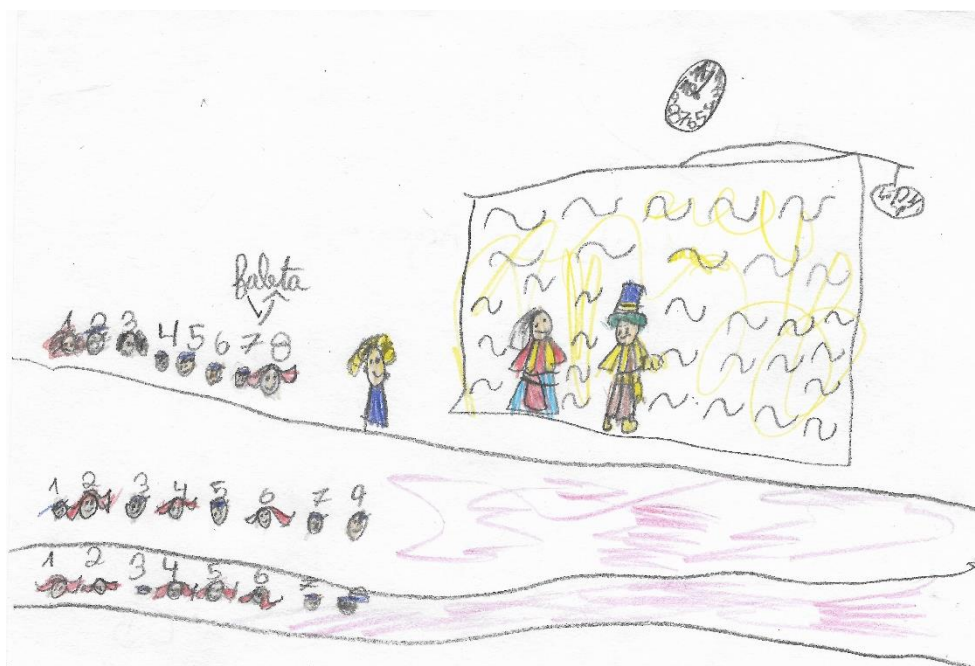
17.20 Anexo 20: Desenho da aluna L.I



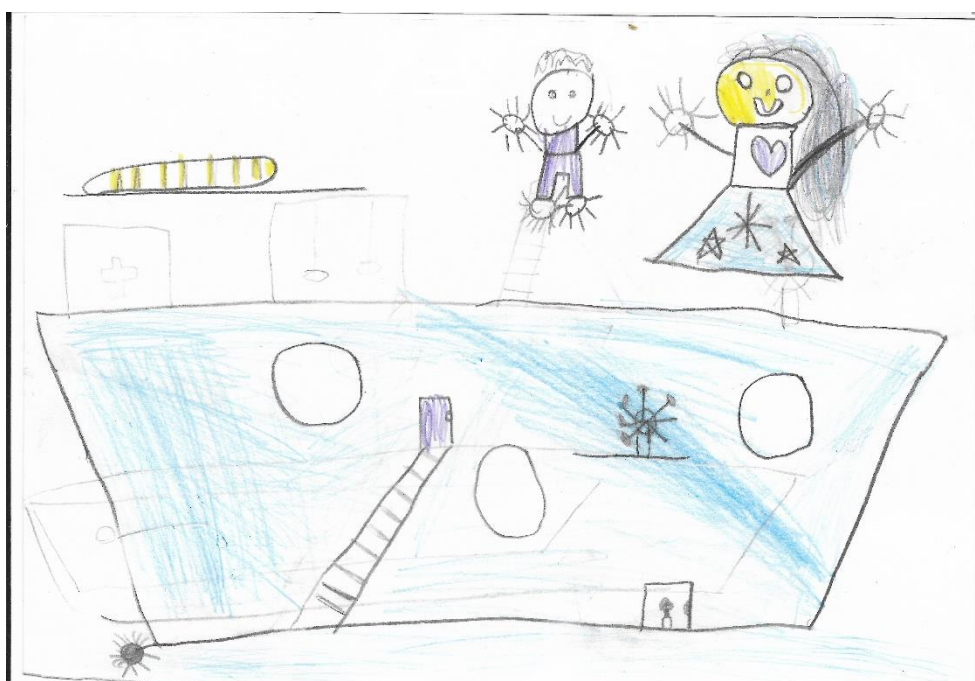
17.21 Anexo 21: Desenho da aluna L.R



17.22 Anexo 22: Desenho da aluna L.B



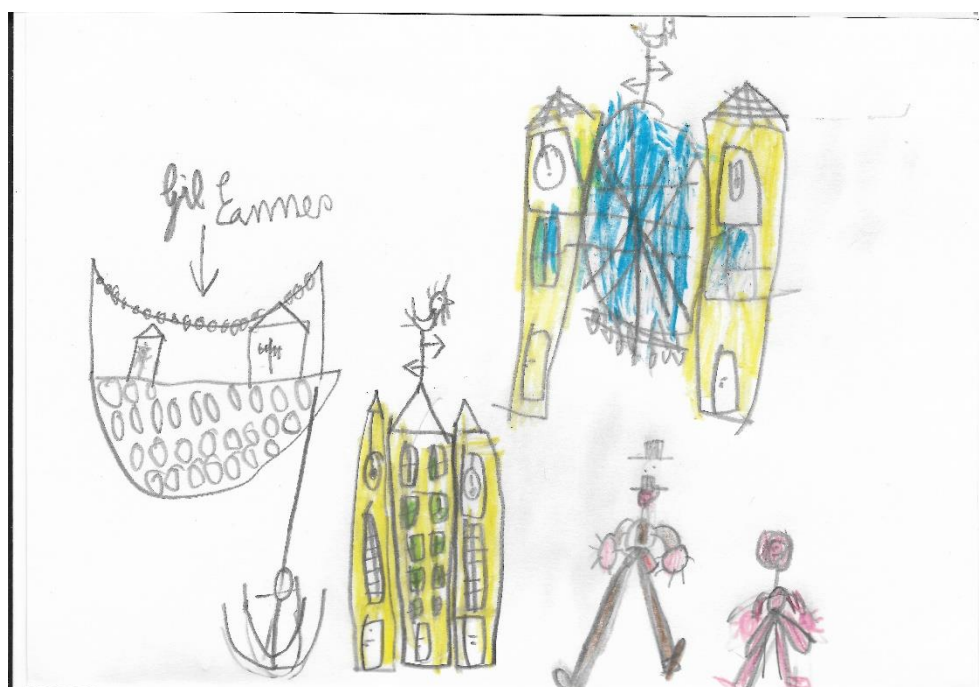
17.23 Anexo 23: Desenho da aluna L.C



17.24 Anexo 24: Desenho da aluna L.P



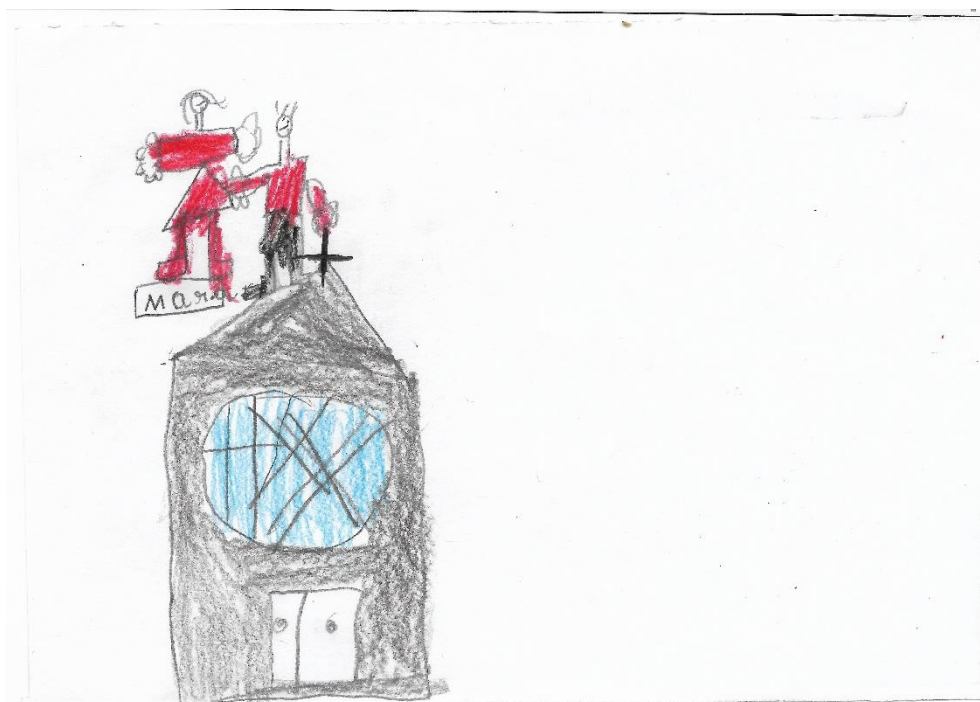
17.25 Anexo 25: Desenho do aluno M.V



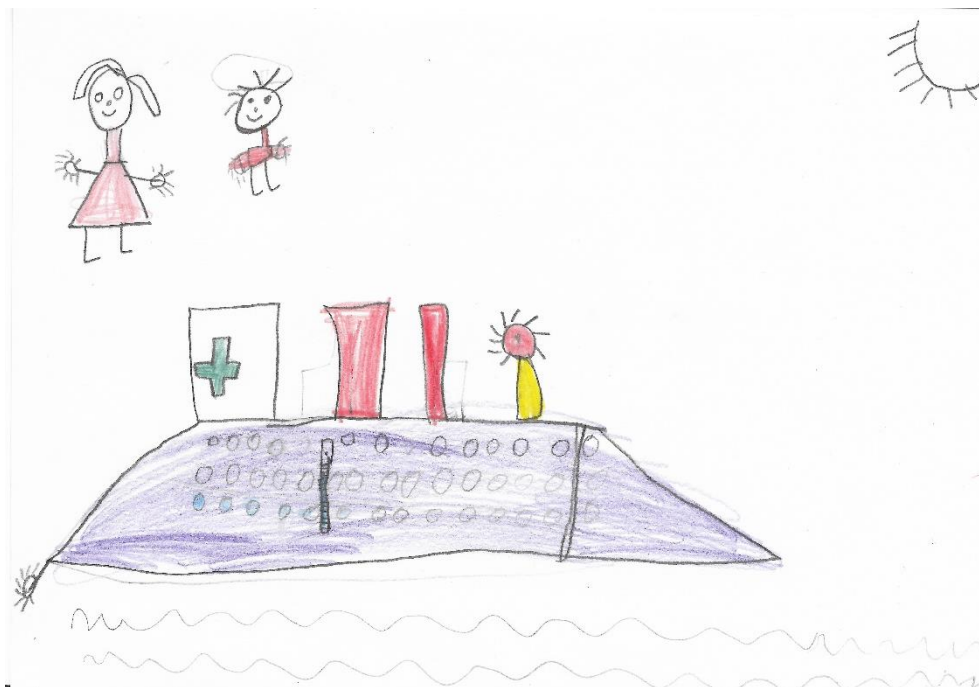
17.26 Anexo 26: Desenho da aluna M.F



17.27 Anexo 27: Desenho do aluno M.C



17.28 Anexo 28: Desenho do aluno M.P



17.29 Anexo 29: Desenho do aluno P.M



17.30 Anexo 30: Desenho do aluno R.F



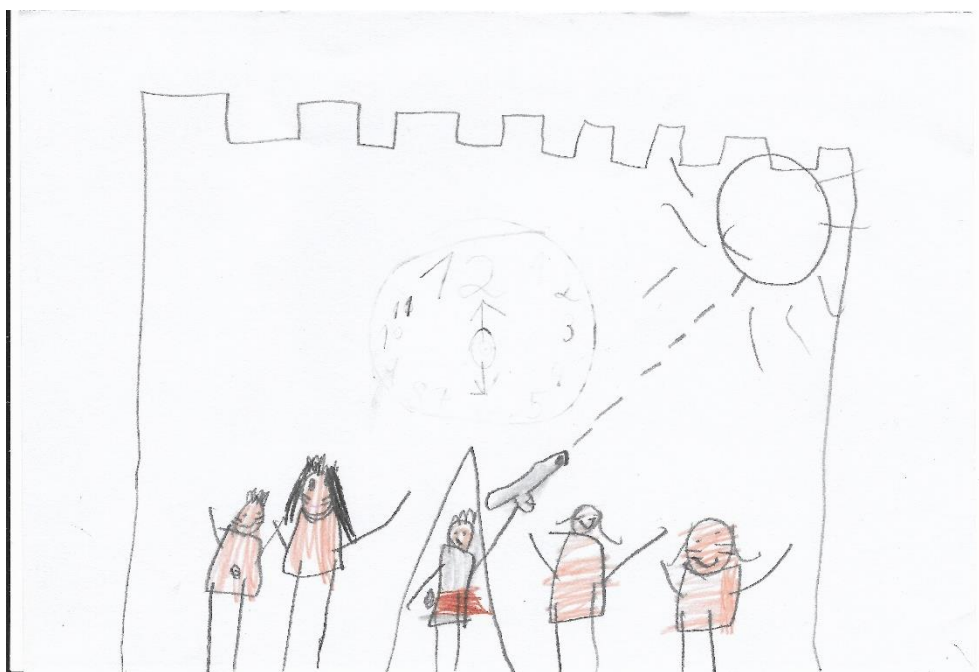
17.31 Anexo 31: Desenho do aluno T.B



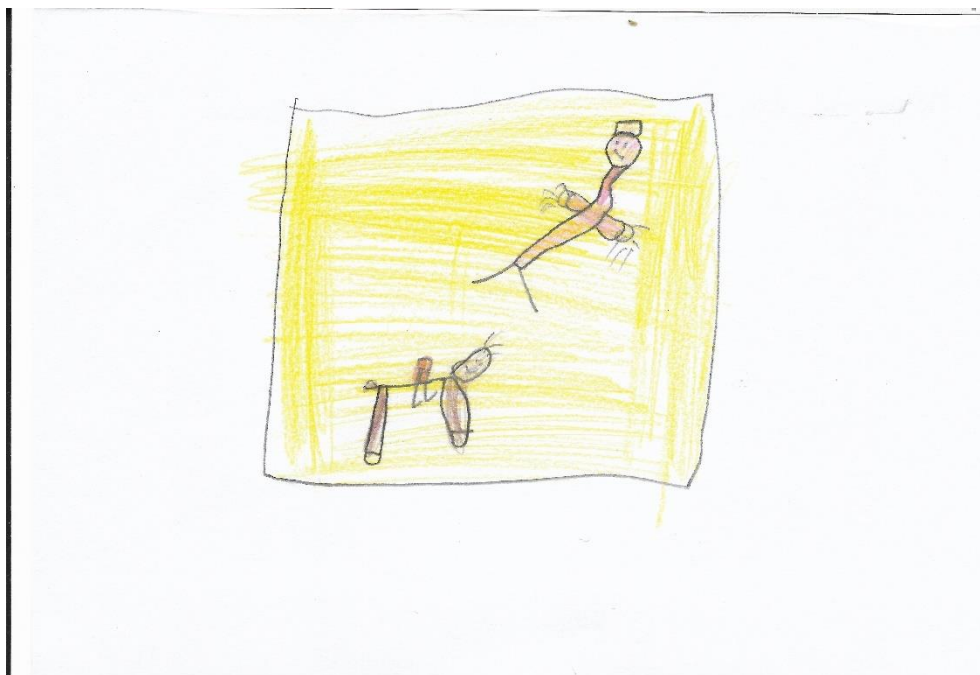
17.32 Anexo 32: Desenho do aluno D.T



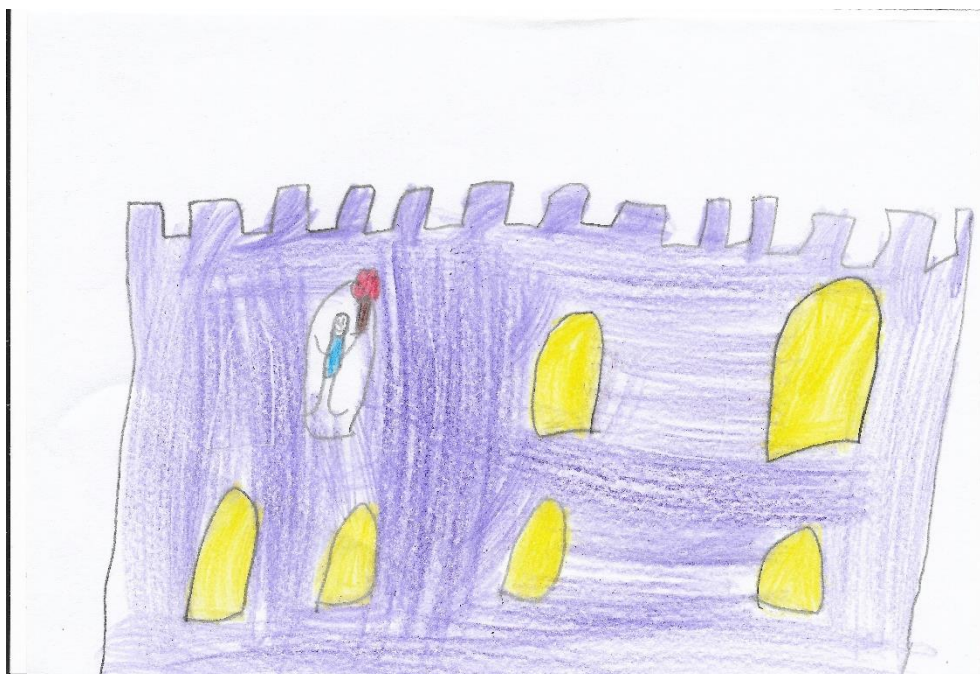
17.33 Anexo 33: Desenho do aluno L.I



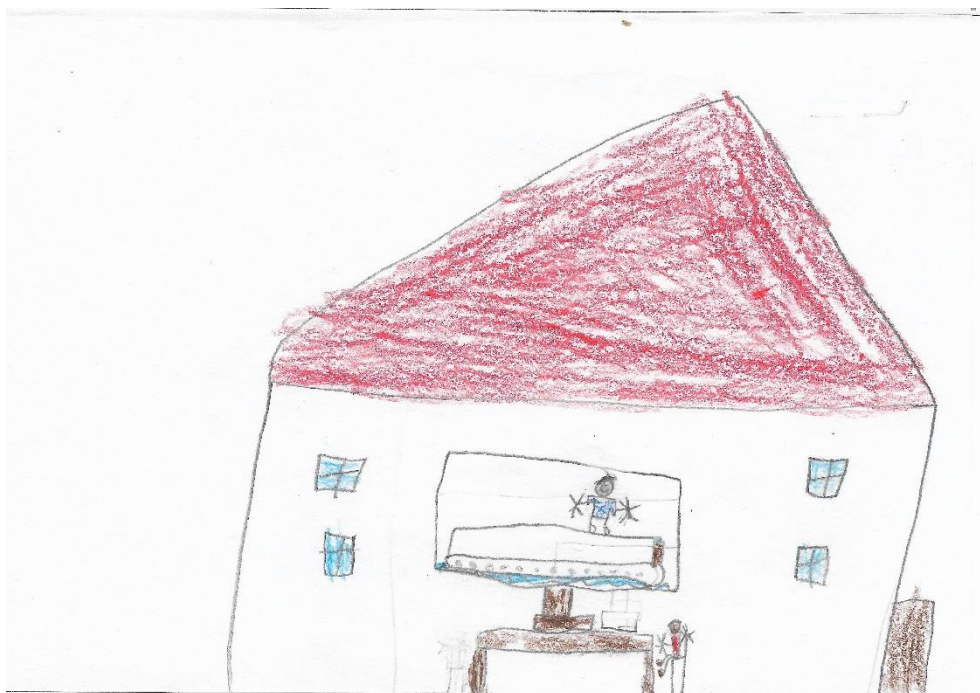
17.34 Anexo 34: Desenho do aluno M.P



17.35 Anexo 35: Desenho do aluno R.F



17.36 Anexo 36: Desenho do aluno A.E



17.37 Anexo 37: Desenho do aluno B.R



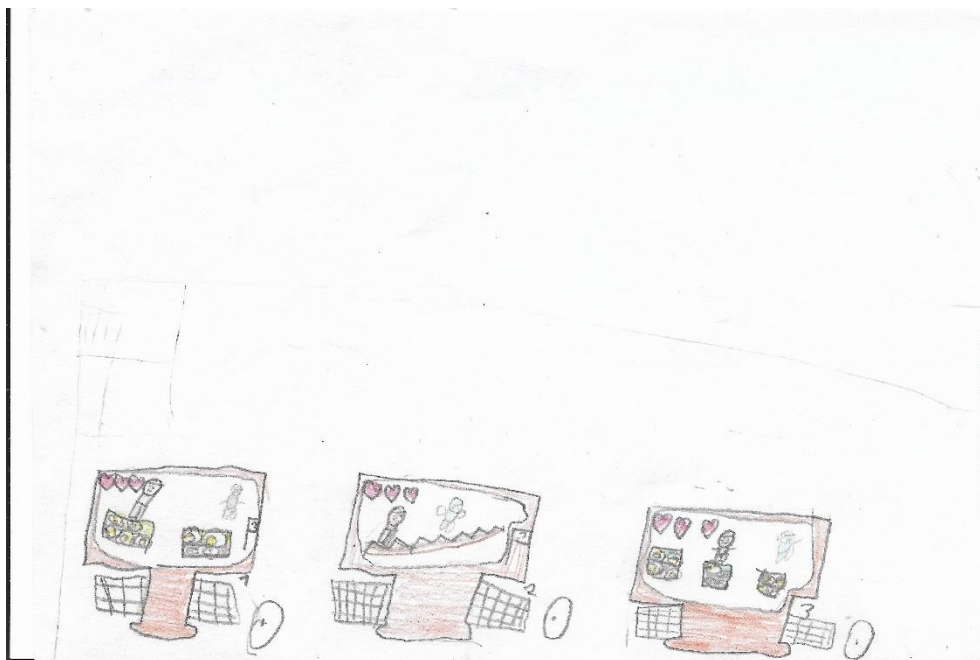
17.38 Anexo 38: Desenho da aluna C.S



17.39 Anexo 39: Desenho do aluno D.T



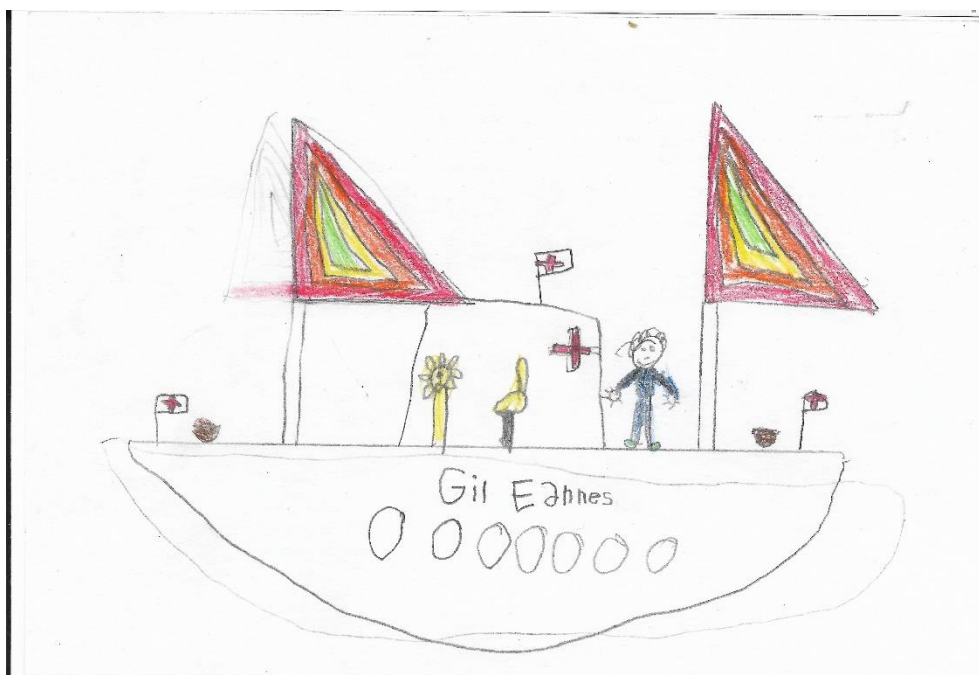
17.40 Anexo 40: Desenho da aluna D.R



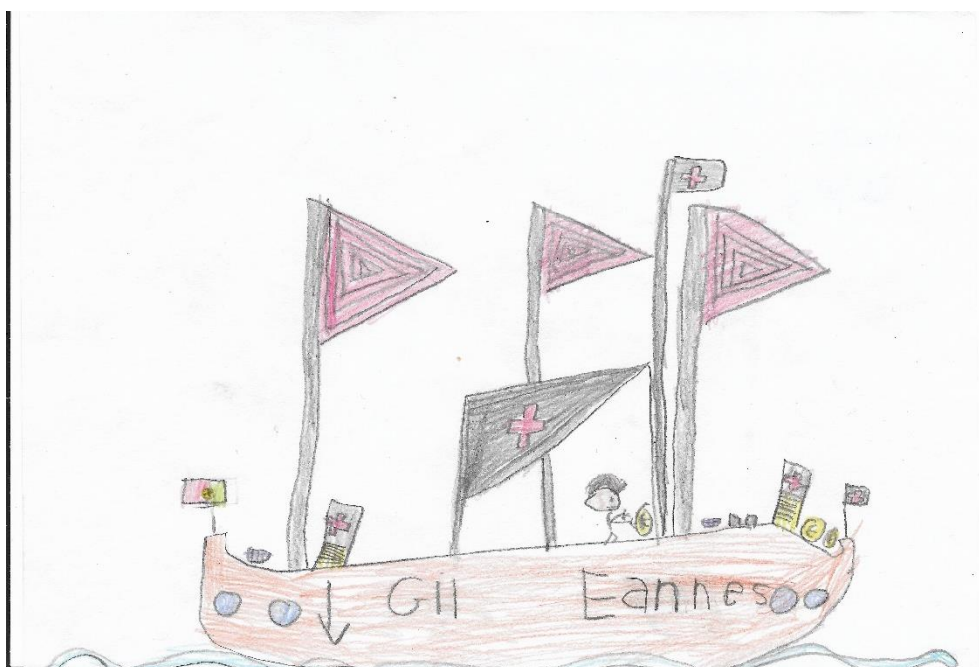
17.41 Anexo 41: Desenho do aluno E.Q



17.42 Anexo 42: Desenho da aluna F.G



17.43 Anexo 43: Desenho do aluno G.R



17.44 Anexo 44: Desenho da aluna H.S



17.45 Anexo 45: Desenho da aluna I.V



17.46 Anexo 46: Desenho do aluno I.G



17.47 Anexo 47. Desenho do aluno J.P



17.48 Anexo 48: Desenho da aluna L.I



17.49 Anexo 49: Desenho da aluna L.R



17.50 Anexo 50: Desenho da aluna L.B



17.51 Anexo 51: Desenho da aluna L.C



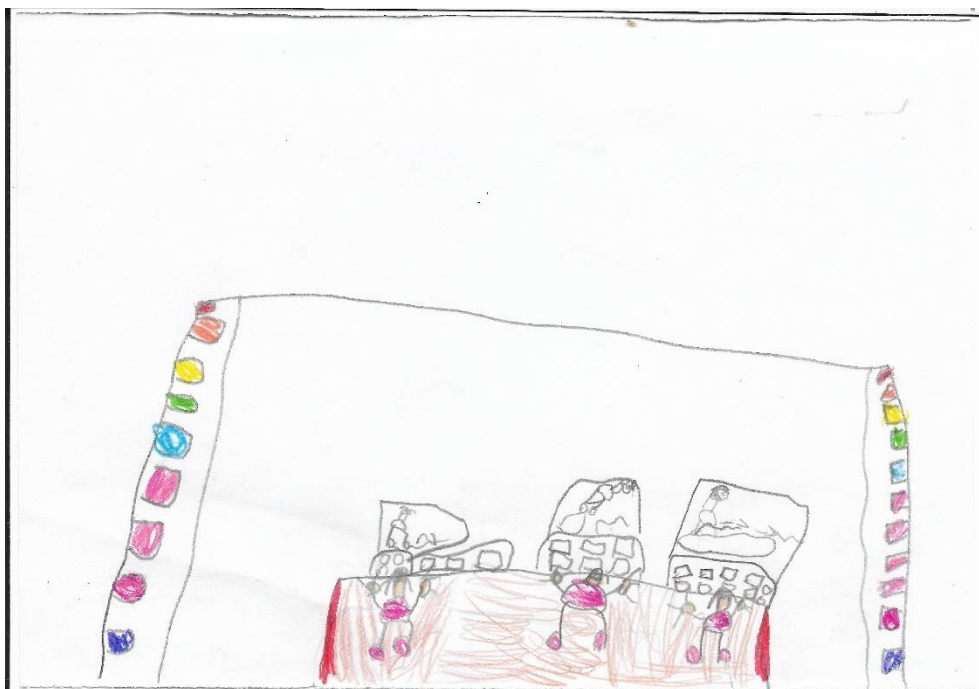
17.52 Anexo 52: Desenho da aluna L.P



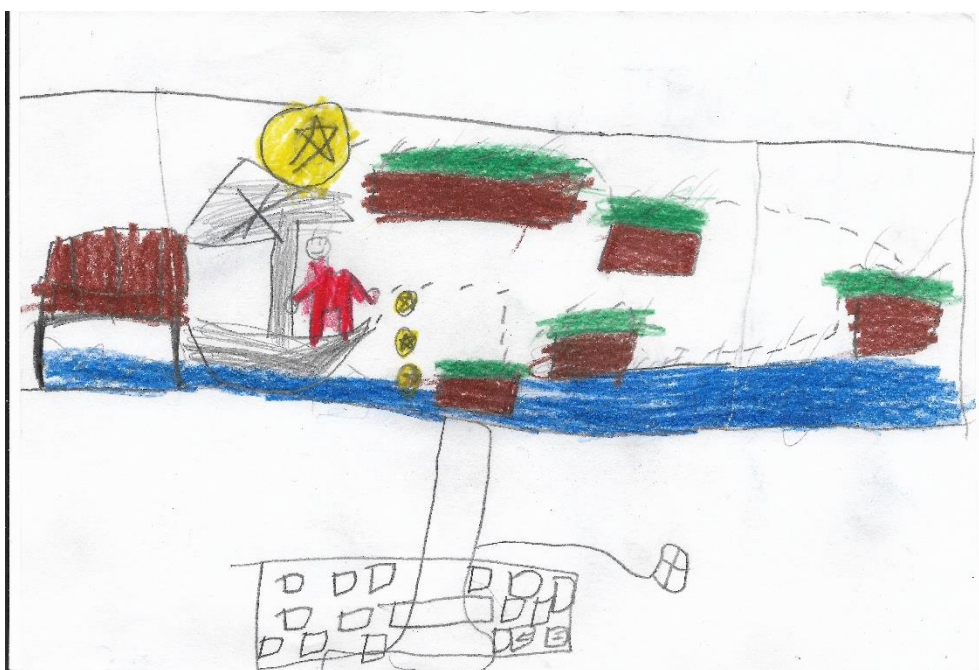
17.53 Anexo 53: Desenho do aluno M.V



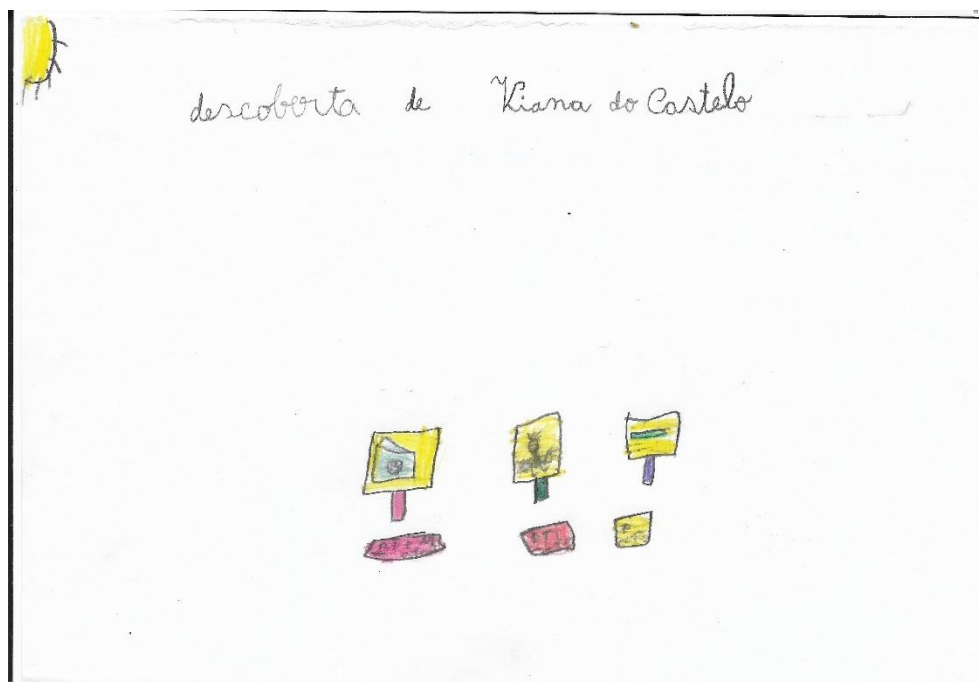
17.54 Anexo 54: Desenho da aluna M.F



17.55 Anexo 55: Desenho do aluno M.C



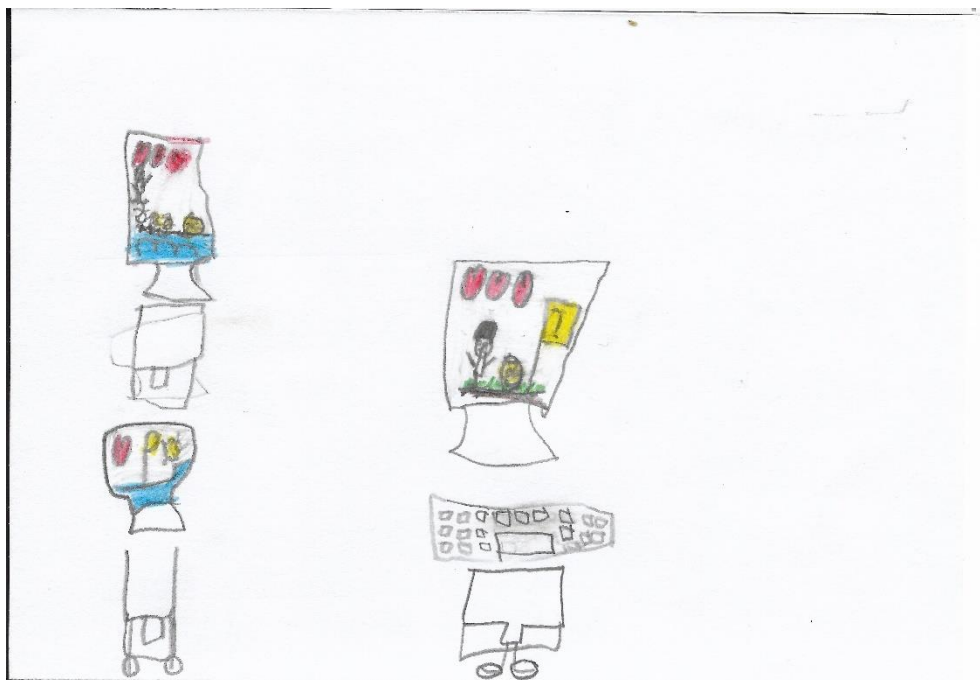
17.56 Anexo 56: Desenho do aluno M.P



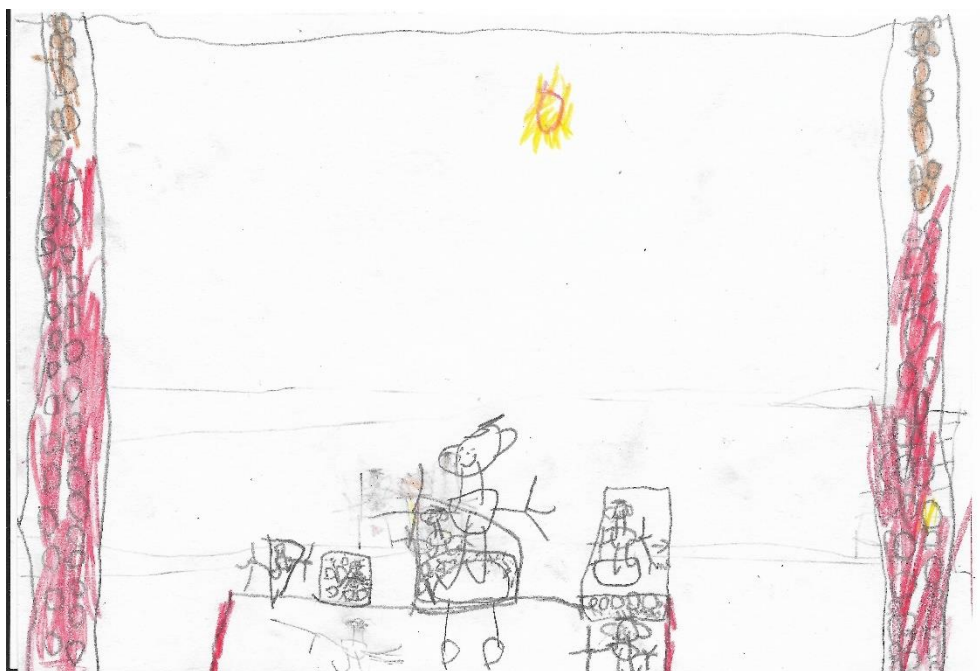
17.57 Anexo 57: Desenho do aluno P.M



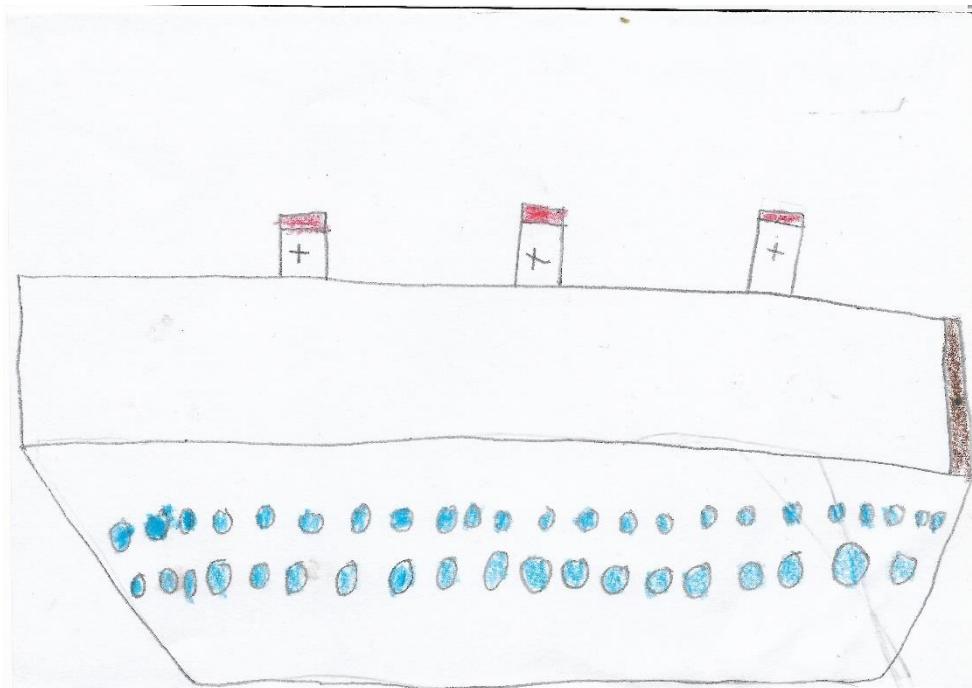
17.58 Anexo 58: Desenho do aluno R.F



17.59 Anexo 59: Desenho do aluno T.B



17.60 Anexo 60: Desenho do aluno A.E



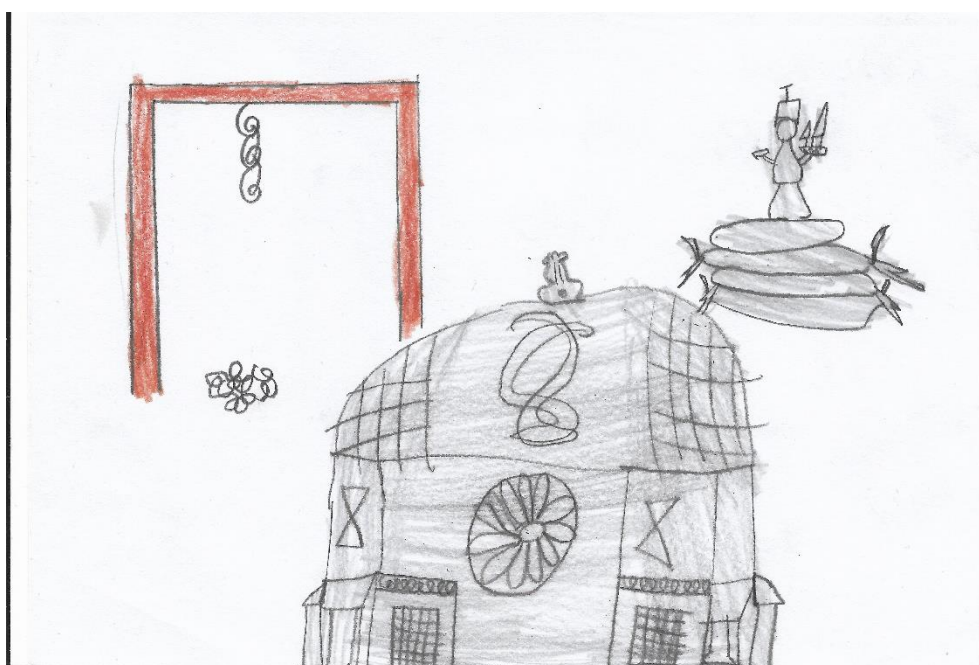
17.61 Anexo 61: Desenho do aluno B.R



17.62 Anexo 62: Desenho da aluna C.S



17.63 Anexo 63: Desenho do aluno D.T



17.64 Anexo 64: Desenho da aluna D.R



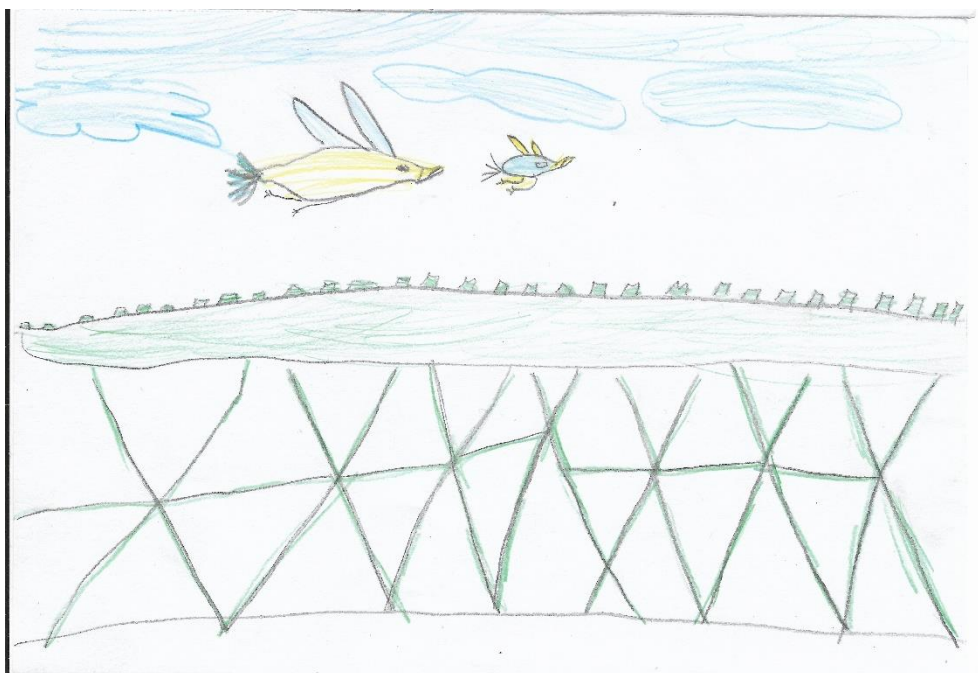
17.65 Anexo 65: Desenho do aluno E.Q



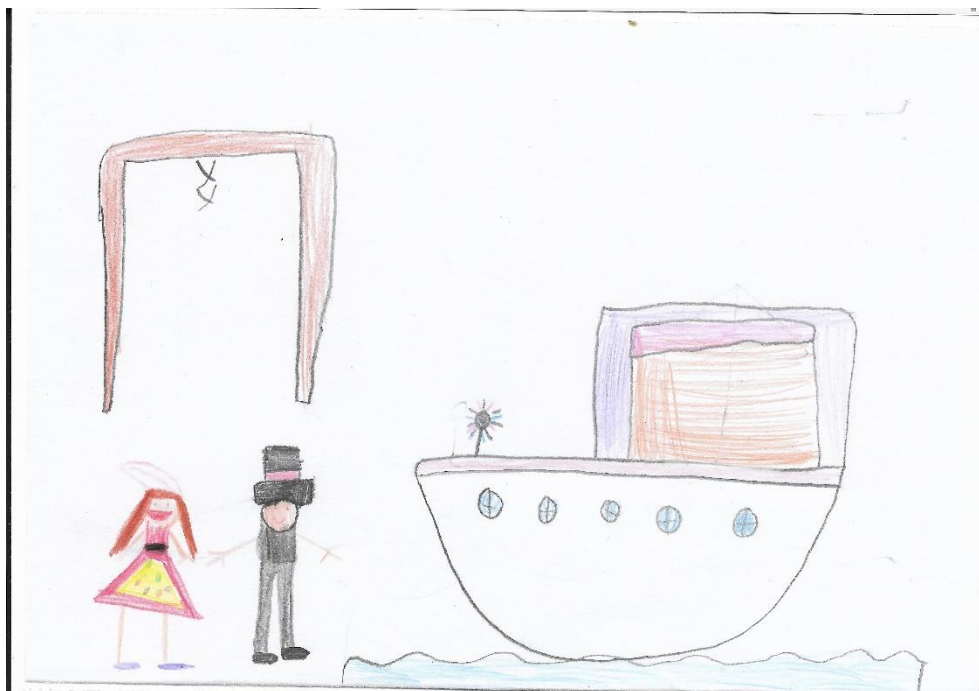
17.66 Anexo 66: Desenho da aluna F.G



17.67 Anexo 67: Desenho do aluno G.R



17.68 Anexo 68: Desenho da aluna H.S



17.69 Anexo 69: Desenho da aluna I.V



17.70 Anexo 70: Desenho do aluno I.G



17.71 Anexo 71: Desenho do aluno J.P



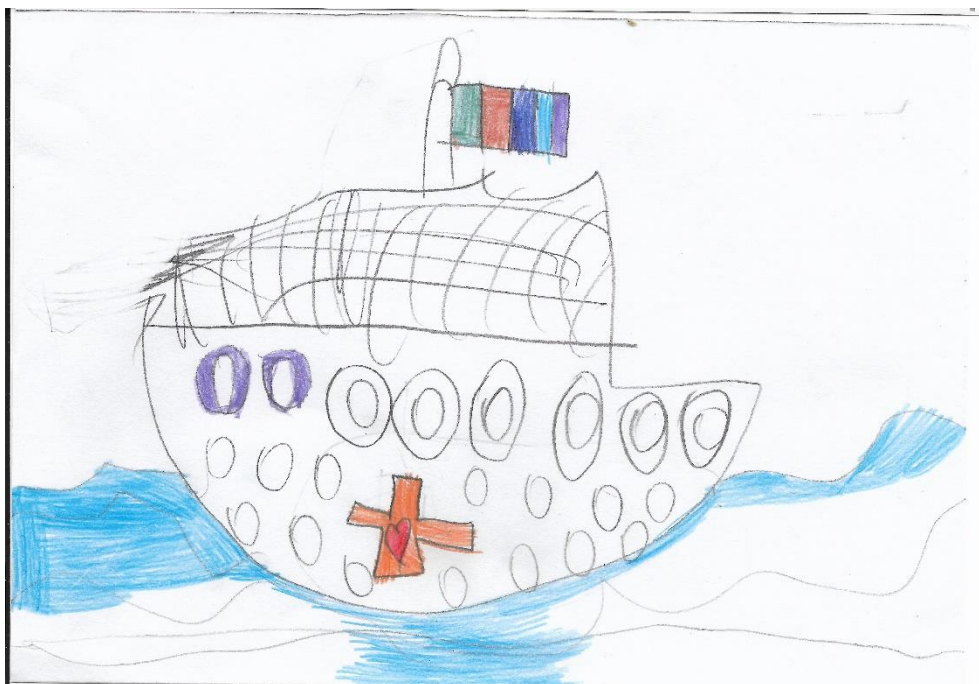
17.72 Anexo 72: Desenho da aluna L.I



17.73 Anexo 73: Desenho da aluna L.R



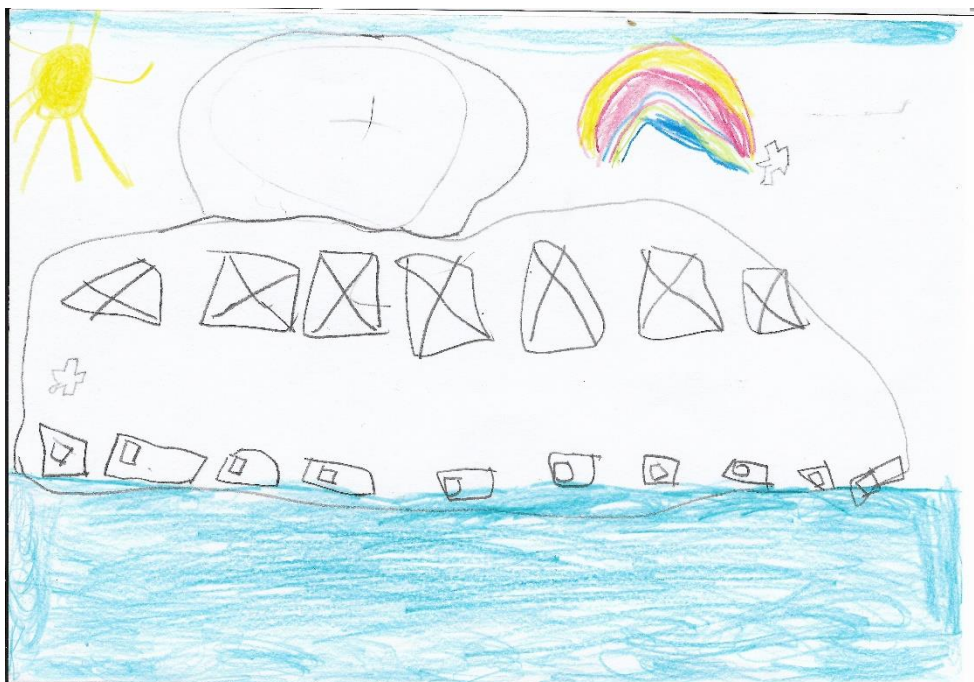
17.74 Anexo 74: Desenho da aluna L.B



17.75 Anexo 75: Desenho da aluna L.C



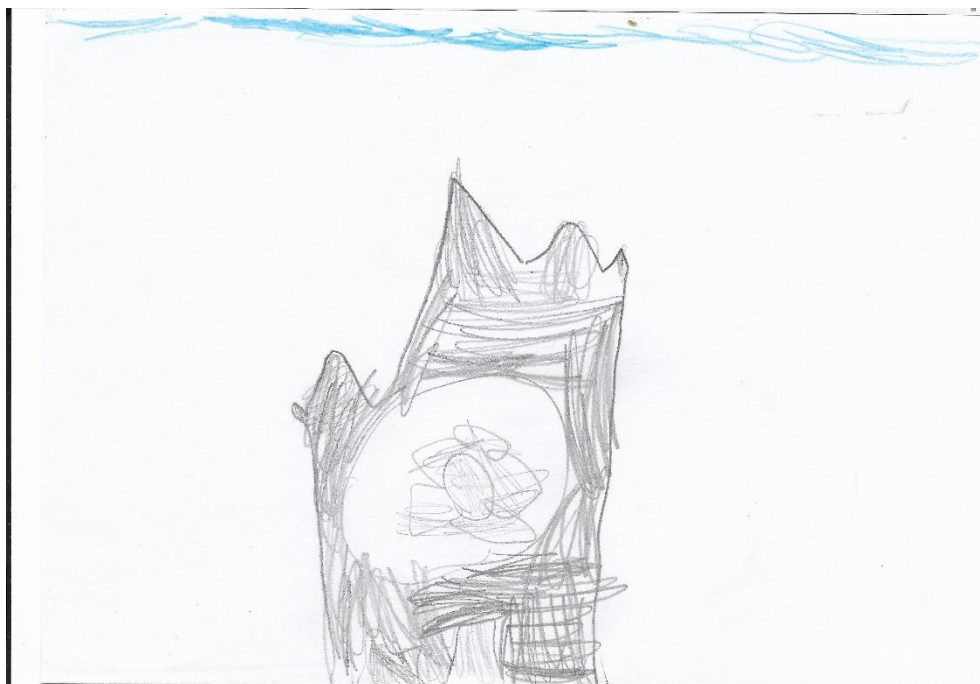
17.76 Anexo 76: Desenho da aluna L.P



17.77 Anexo 77: Desenho do aluno M.V



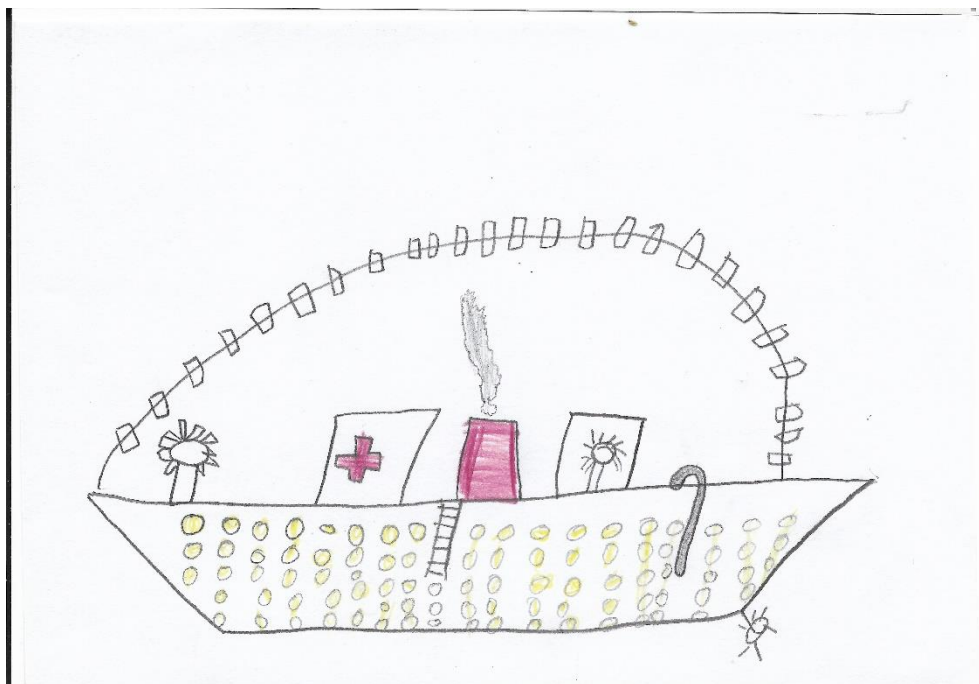
17.78 Anexo 78: Desenho da aluna M.F



17.79 Anexo 79: Desenho do aluno M.C



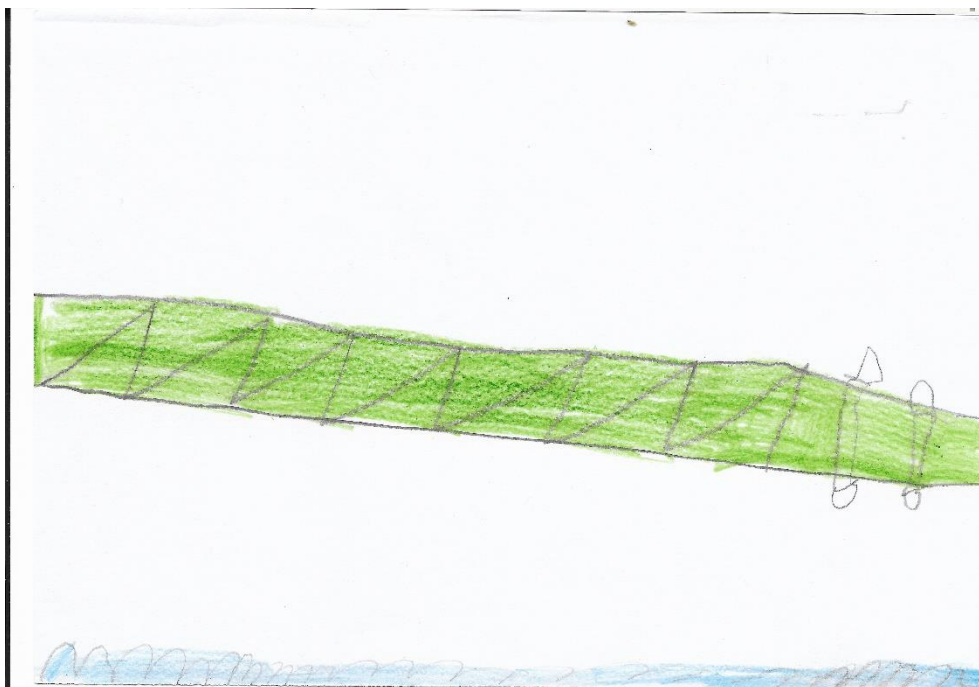
17.80 Anexo 80: Desenho do aluno M.P



17.81 Anexo 81: Desenho do aluno P.M



17.82 Anexo 82: Desenho do aluno R.F



17.83 Anexo 83: Desenho do aluno T.B



17.84 Anexo 84: Guião de entrevista à professora cooperante

Entrevista à professora cooperante

Idade:	Género: M __ F __	Curso: _____
--------	-------------------	--------------

- 1- Que importância atribui à aprendizagem que tem como base de apoio as tecnologias de informação e comunicação?
- 2- Na escola onde leciona acha que as TIC são usadas em contexto pedagógico? De que forma?
- 3- Como avalia o uso das TIC pelos alunos, fora do contexto letivo?
- 4- Quais as vantagens e desvantagens do uso da TIC?
- 5- Que reflexos tiveram, na construção de aprendizagens, o uso das tecnologias?

Questionário professora à professora cooperante

Idade: 54	Género: M ___ F ___ X_	Curso: Magistério primário + Complemento de Formação
-----------	------------------------	--

- 6- Que importância atribui à aprendizagem que tem como base de apoio as tecnologias de informação e comunicação?

São novas formas de aprender mas com “conta, peso e medida”.

São formas apelativas, que poderão servir de motivação. As crianças de hoje, saturam-se rapidamente, sedo difícil arranjar atividades que as motivem e façam permanecer na tarefa.

Considero que o livro, a leitura, a interpretação e a escrita manual devem regressar à escola como formas de auxiliar a pensar.

- 7- Na escola onde leciona acha que as TIC são usadas em contexto pedagógico? De que forma?

Sim, mas de uma forma muito básica. Os colegas mais novos socorrem-se mais das tecnologias, muito devido à formação que possuem a este nível e que os mais velhos não têm.

Pessoalmente uso o quadro interativo e nem sempre.

- 8- Como avalia o uso das TIC pelos alunos, fora do contexto letivo?

Na perceção que tenho do contacto com as crianças, fora do contexto letivo, os alunos utilizam as TIC de forma lúdica e não para aprendizagem. Desta forma, quando chegam à escola, acham que tudo será lúdico, o que não acontece, levando à dispersão imediata ao sentir que é necessário esforço para aprender.

- 9- Quais as vantagens e desvantagens do uso da TIC?

Se bem utilizadas as vantagens são várias: maior motivação, um modo de os cativar e fonte de aprendizagem.

No reverso, a principal desvantagem, no meu entender é a sensação de aparecer tudo feito, sem a intervenção do aluno o que poderá levar à indolência para escrever, com tudo o que isso traz de negativo.

10- Que reflexos tiveram, na construção de aprendizagens, o uso das tecnologias?

Nem sempre foi positivo, pois nem sempre houve efetivamente aprendizagem.

As crianças gostam e participam, mas rapidamente dispersam, quando são questionadas ou quando lhes é pedido eu explicitem raciocínios. Não raras vezes, não há apropriação por parte dos alunos, das mensagens transmitidas, não havendo por isso aprendizagem.

17.86 Anexo 96: Exemplo de planificação



Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino
do 1º ciclo do Ensino Básico- 2018/2019

Escola Básica da Igreja Meadela		Ano de escolaridade: 1º	Número de alunos: 24	Data: 27 / 05 / 2019		
Mestranda(s): Ana Isabel Marques e Helena Mesquita		Dia da semana: segunda-feira		Período: 3º		
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho		Materiais/recurs os/espacos físicos	Tempo	Avaliação
Português	Saber escutar para interagir com adequação ao contexto e a diversas finalidades;	Início das atividades (9h15min.)		Quadro; Giz; Caderno diário.	Das 9h15 min. às 10h45 min. (90 min.)	O aluno:
		Após o toque de entrada, os alunos dirigem-se para a sala de aula, sentando-se nos seus respetivos lugares. Uma vez que é segunda-feira, será perguntado às crianças como foi o seu fim de semana. Depois de todas as crianças responderem, a Professora Estagiária escreve no quadro o alfabeto em maiúsculo e minúsculo (anexo 1). Em seguida a PE diz aos alunos que coloquem os cinco pontos no caderno diário para escreverem a data, o dia da semana, o nome e o alfabeto em maiúsculo e minúsculo. Como são crianças com 6/7 anos de idade e ainda não tem bem a noção de espaço a PE irá passar por o lugar das crianças para verificar se estas colocaram os pontos no local correto.				Conta uma novidade sobre o fim de semana.
		A PE mostra uma imagem (anexo 2) aos alunos e questiona: “O que vamos aprender hoje?” Resposta esperada: “Vamos aprender an, en, in, on, un.”				Identifica o conteúdo que vai ser lecionado;
Oralidade		A PE questiona: “Conhecem palavras que tenham an, en, in, on, un?” a PE aguarda as respostas dos alunos e corrige-os se necessário. Após o diálogo a PE distribui pelos alunos a imagem mostrada anteriormente (anexo 2) mas em tamanho mais pequeno para os alunos colarem no seu caderno diário e dessa		Imagens; Cola;		Refere palavras com an, en, in, on, un;



MPréPri

LF – mod6 -maio.2019



Escrita	Representar por escrito os fonemas através dos respetivos grafemas e dígrafos, incluindo os casos que dependem de diferentes posições dos fonemas ou dos grafemas na palavra;	<p>forma ficarem com o registo dessas palavras.</p> <p>De seguida a PE mostra uma ficha (anexo 3) sobre o novo conteúdo lecionado. Nessa ficha os alunos têm várias palavras que contêm an, en, in, on, un. No exercício número 1 os alunos copiam as palavras apresentadas.</p> <p>No exercício número 2 os alunos circundam a vermelho an, en, in, on, un. Este exercício serve para os alunos identificarem an, en, in, on, un nas palavras.</p> <p>No exercício número 3 os alunos têm de colocar as palavras no sítio correto (exemplo: a palavra laranja fica por baixo do an).</p> <p>Nos exercícios 4 e 5 os alunos têm que formar frases com os dados propostos. À medida que os alunos realizam a ficha de trabalho os exercícios são corrigidos no quadro.</p>	Ficha de trabalho; Quadro; Giz;		<p>Copia corretament e as palavras;</p> <p>Identifica e circula an, en, in, on, un nas palavras propostas;</p> <p>Coloca as palavras no sítio correto mostrando que sabe identificar an, en, in, on, un nas palavras propostas;</p> <p>Constrói corretament e frases com as palavras propostas;</p> <p>Constrói</p>
---------	---	---	---------------------------------------	--	---



<p>Matemática</p> <p><u>Resolução de problemas</u></p> <p><u>Números e Operações (NO1)</u></p>	<p>Conceber e aplicar estratégias na resolução de problemas com números naturais, em contextos matemáticos e não matemáticos, e avaliar a plausibilidade dos resultados;</p>	<p>De seguida a PE, juntamente com os alunos, forma frases utilizando palavras que contenham an, en, in, on, un.</p> <p>As frases são escritas no quadro e copiadas pelos alunos para o caderno diário.</p> <p>Intervalo da manhã: 10h 45min. às 11h 15 min.</p> <p>A PE inicia a aula dizendo aos alunos que vão resolver problemas. Para isso a PE leva vários problemas (anexo 4) mas apenas distribui um de cada vez.</p> <p>Os alunos resolverão o problema e na sua correção explicarão como chegaram ao resultado. Alguns alunos são mais rápidos que outros e aos alunos mais rápidos a PE pede para resolverem o problema de uma forma diferente. Após a correção do primeiro problema a PE distribui o segundo problema e assim sucessivamente.</p> <p>Os problemas são colados no caderno diário e a sua resolução é feita no caderno diário.</p> <p>Almoço: 12h15 min. às 13h45min.</p> <p>Após o intervalo do almoço, os alunos dirigem-se à sala de aula e sentam-se no respetivo lugar. Posto isto, a PE distribui uma ficha de consolidação dos números até 80 (anexo 5). Depois de distribuir, a PE irá explicar a ficha aos alunos para que estes a façam. Depois dos alunos fazerem, a correção será feita no quadro.</p>	<p>Caderno diário;</p> <p>Problemas;</p> <p>Cola;</p> <p>Caderno diário;</p> <p>Quadro;</p> <p>Giz;</p> <p>Ficha de trabalho;</p>	<p>Das 11h15 min. às 12h 15 min. (60 min.)</p> <p>Das 13h45 min. às 14h45 min. (60 min.)</p>	<p>frases utilizando palavras que contenham an, en, in, on, un;</p> <p>Faz a ficha de consolidação;</p> <p>Corrige por o quadro se o exercício está correto.</p> <p>Faz a ficha de trabalho;</p> <p>Corrige a ficha de trabalho.</p>
	<p>3.6. Decompor um número natural inferior a 100 na soma das dezenas com as</p>				



	<p>unidades.</p> <p>3.8. Adicionar mentalmente um número de dois algarismos com um número de um algarismo e um número de dois algarismos com um número de dois algarismos terminado em 0, nos casos em que a soma é inferior a 100.</p>	<p>Aula de atletismo: 14h45min. às 15h45min. (aula lecionada por um professor contratado pelo município.</p> <p>Intervalo: 15h45m. às 16h30min.</p> <p>AEC 16h30min. às 17h30min.</p>		<p>Das 14h45 min. às 15h45 min.</p> <p>Das 16h30 min. às 17h30 min.</p>	
--	---	---	--	---	--





Escola Básica da Igreja Meadela		Ano de escolaridade: 1º	Número de alunos: 24	Data: 28 / 05 / 2019		
Mestranda(s): Ana Isabel Marques e Helena Mesquita		Dia da semana: terça-feira		Período: 3º		
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho		Materiais/recursos os/espacos fisicos	Tempo	Avaliação
Português <u>Oralidade</u> <u>(O1)</u>	4.1 Responder adequadamente a perguntas.	Início das atividades (9h 15 min.) Após o toque de entrada, os alunos dirigem-se para a sala de aula, sentando-se nos seus respetivos lugares. A Professora Estagiária inicia a aula por escrever no quadro a data e o alfabeto em maiúsculo e minúsculo (anexo 1). Em seguida a PE diz aos alunos que coloquem os cinco pontos no caderno diário para escreverem a data, o dia da semana, o nome e o alfabeto em maiúsculo e minúsculo. Como são crianças com 6/7 anos de idade e ainda não tem bem a noção de espaço a PE irá passar por o lugar das crianças para verificar se estas colocaram os pontos no local certo.		Quadro; Giz; Caderno diário.	Das 9h15 min. às 10h45 min. (90 min.)	Escreve a data, o dia da semana, o nome e as letras aprendidas
	<u>Leitura e escrita (LE1)</u> 5.3. Contar o número de sílabas numa palavra de 2, 3 ou 4 sílabas. 5.6. Indicar desenhos de objetos cujos nomes começam pelo mesmo fonema. 8.1. Ler pequenos	De forma a dar continuidade ao caso de leitura estudado no dia anterior, a PE inicia a aula pela correção do trabalho de casa (anexo 6), a correção do TPC, será feita no quadro, pelos alunos. Após a correção do trabalho de casa, a PE pede aos alunos que abram o manual na página 150 (anexo 7) e reproduz o texto no gravador áudio. Posto isto, a PE questiona aos alunos: “Sabiam que os grupos de palavras “an”, “en”, “in”, “on” “un” escrevem-se quase sempre no início ou no meio das palavras? Em algumas palavras são usados no fim, como por exemplo, nas palavras polén, Nelson. Posto isto, a PE explica a ficha que acompanha o texto (anexo 8) e é pedido aos alunos que a façam.		Ficha de trabalho; Quadro; Giz; Lápis; Borracha; Manual; CD; Gravador áudio; Retroprojektor.	(60 min.)	Faz a correção do trabalho de casa através do quadro; Responde às perguntas feitas pela PE. Faz as fichas do manual; Verifica por o quadro se as suas respostas estão



	textos narrativos, informativos e descritivos; poemas e banda desenhada.				corretas.
<u>Iniciação à Educação Literária (IEL1)</u>	13.5. Elaborar e escrever uma frase simples, respeitando as regras de correspondência fonema – grafema. 16.1. Ouvir ler e ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.				
Educação Artística-Artes visuais	Descobrir progressivamente a intencionalidade das suas experiências plásticas.	Depois da aula de português a PE irá distribuir pelos alunos um desenho (anexo 9) sobre o dia mundial da criança, o qual se irá festejar na próxima sexta-feira. Intervalo da manhã: 10h45 min. às 11h 15 min.	Desenho; Lápis de cor.	(30 min.)	Pinta o desenho;
Estudo do meio					
<u>Os aspetos</u>	2.2 A noite e o dia	Depois do toque do intervalo os alunos dirigem-se à sala de aula e	História; Modelo do	Das 11h	Responde às perguntas





<u>físicos do meio local</u>	(comparar a duração do dia e da noite ao longo do ano...)	<p>sentam-se nos seus lugares. A PE inicia a aula por ler aos alunos uma história (anexo 10). Depois de ler a história questiona os alunos: “Alguns de vocês me sabe dizer o porquê de haver noite e haver dia?”</p> <p>Resposta Esperada: Não “Vamos então observar”</p> <p>A PE começa então por explicar que a Terra é redonda e que o sol não consegue iluminar todo o planeta de uma só vez. Então quando numa parte da Terra é dia, porque o sol está a incidir nessa parte, na outra parte do planeta é noite porque o sol não está a incidir nessa parte. De modo a que os alunos compreendam mais facilmente, a PE leva para a sala de aula um modelo do planeta Terra (anexo 11), o modelo é feito a partir de uma caixa de cartão aberta num só lado e um planeta. Num dos lados da caixa terá uma lanterna para que os alunos possam observar o porquê de o sol não conseguir iluminar toda a Terra ao mesmo tempo.</p> <p style="text-align: center;">Almoço: 12h15 min. às 13h45min.</p> <p>Após o toque do intervalo do almoço, os alunos dirigem-se à sala de aula e sentam-se nos respetivos lugares. Posto isto a PE distribui por os alunos um problema (anexo 12) explica o problema e pede que os alunos façam, depois de os alunos fazerem, a PE irá chamar um aluno ao quadro para que explique como fez. Depois de o aluno explicar e fazer no quadro a PE vai pedir aos alunos que colem no caderno diário. De seguida a PE irá distribuir mais 2 problemas (anexo 13), sendo que o procedimento irá ser igual ao procedimento anterior.</p>	planeta; Lanterna; Caixa de cartão; Bola de esferovite; Pau de espetada; Tintas; Cola.	15 min. às 12h 15 min. (60 min.)	da PE.
Matemática					
<u>Números e Operações (NO1)</u>	<p>3.6. Decompor um número natural inferior a 100 na soma das dezenas com as unidades.</p> <p>3.8. Adicionar mentalmente um número de dois algarismos com um número de um algarismo e um</p>		Problemas; Caderno diário; Quadro; Lápis; Borracha; Giz.	Das 13h 45 min. às 14h 15min (30 min.)	<p>Faz os problemas;</p> <p>Verifica se os problemas estão corretos;</p> <p>Faz a ficha de trabalho. Verifica por o quadro se</p>





<p>(Atividade relatório) Estudo do Meio</p> <p><u>À descoberta dos outros e instituições</u></p> <p><u>Reconhecer símbolos locais (bandeira e brasões)</u></p>	<p>número de dois algarismos com um número de dois algarismos terminado em 0, nos casos em que a soma é inferior a 100.</p> <p>5.2 Do concelho</p>	<p>De forma a consolidar a história de Viana do Castelo, a PE leva para a sala de aula uma banda desenhada sobre a história da cidade “ViAna História de Viana do Castelo em Banda Desenhada” (anexo 14) de Inês Madeira. Enquanto a PE lê a história de banda desenhada, vai projetando as imagens do livro, de forma a que os alunos consigam ver as ilustrações mais facilmente e deste modo compreender a história.</p> <p>Após a PE ler a história de banda desenhada questiona os alunos se já visitaram todos os monumentos Vianenses que fala na banda desenhada. A PE irá dizer o nome dos monumentos e pede que quem já visitou coloque o dedo no ar. Depois de questionar os alunos sobre os monumentos visitados, a PE pede aos alunos que façam uma ilustração sobre o desenho que mais gostaram, de seguida a PE questiona cada aluno se esse monumento fazia parte do jogo que jogaram.</p> <p>Para finalizar a aula a PE coloca a música “Havemos de ir a Viana”, (anexo 15) de Amália Rodrigues para que os alunos oiçam, depois dos alunos ouvirem, a PE coloca a música a reproduzir e pede aos alunos que a cantem.</p> <p>Intervalo: 15h45m. às 16h30min.</p>	<p>História de banda desenhada; Imagens do livro; Quadro interativo; Folhas; Lápis de cor; Canção havemos de ir a Viana.</p>	<p>Das 14h15 min às 15h45 min. (90 min.)</p>	<p>a sua ficha está correta.</p> <p>Reconhece os monumentos vianenses;</p> <p>Diz quais os monumentos que já visitou;</p> <p>Faz o desenho sobre o monumento Vianense que mais gosta;</p> <p>Diz se esse</p>
---	--	--	--	--	--





		AEC 16h30min. às 17h30min.		Das 16h 30 min às 17h 30 min. (60 min.)	monumento fazia parte do jogo ou não; Canta a canção “Havemos de ir a Viana”
--	--	----------------------------	--	---	--





Escola Básica da Igreja Meadela		Ano de escolaridade: 1º	Número de alunos: 24	Data: 29 / 05 / 2019		
Mestranda(s): Ana Isabel Marques e Helena Mesquita		Dia da semana: quarta-feira		Período: 3º		
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho		Materiais/recursos/ espaços físicos	Tempo	Avaliação
Matemática <u>Números e Operações</u> <u>(NO1)</u>	1.2 Saber de memória a sequência dos nomes dos números naturais até vinte e utilizar corretamente os numerais do sistema decimal para os representar.	Início das atividades (9h15min.) Após o toque de entrada, os alunos dirigem-se para a sala de aula, sentando-se nos seus respetivos lugares. A Professora Estagiária inicia a aula por escrever no quadro a data e o alfabeto em maiúsculo e minúsculo (anexo 1). Em seguida a PE diz aos alunos que coloquem os cinco pontos no caderno diário para escreverem a data, o dia da semana, o nome e o alfabeto em maiúsculo e minúsculo. Como são crianças com 6/7 anos de idade e ainda não tem bem a noção de espaço a PE irá passar por o lugar das crianças para verificar se estas colocaram os pontos no local certo.		Quadro; Giz; Caderno diário.	Das 9h15 min. às 10h45 min. (90 min.)	Fala sobre o seu fim de semana. Escreve a data, o dia da semana, o nome e as letras aprendidas
		Depois do toque da entrada, os alunos dirigem-se à sala de aula e sentam-se nos respetivos lugares. Uma vez que a aula é de revisões, porque os alunos estão com alguma dificuldade em realizar cálculos, a PE pede aos alunos que abram o manual nas páginas 96 (anexo 16) para a correção do trabalho de casa. Após fazerem o trabalho de casa, a PE diz aos alunos que façam a ficha das páginas 97 e 98 (anexo 17), a PE irá explicar aos alunos o que é pedido na ficha e pede-lhes que façam autonomamente. Depois de estes os fazerem a correção dos mesmos será feita no quadro.				





<u>Geometria e medidas</u> <u>(GM1)</u>	<p>2.1 Designar dez unidades por uma dezena e reconhecer que na representação «10» o algarismo «1» se encontra numa nova posição marcada pela colocação do «0».</p> <p>5.2 Utilizar corretamente o símbolo «-» e os termos «aditivo», «subtrativo» e «diferença».</p> <p>5.1 Utilizar corretamente o vocabulário próprio das relações temporais.</p> <p>5.2 Reconhecer o carácter cíclico de determinados fenómenos naturais e utilizá-</p>				
--	---	--	--	--	--





<p>Português Oralidade (O1)</p> <p>Leitura e Escrita (LE1)</p>	<p>los para contar o tempo.</p> <p>5.3 Utilizar e relacionar corretamente os termos «dia», «semana», «mês» e «ano».</p> <p>5.4 Conhecer o nome dos dias da semana e dos meses do ano.</p> <p>4.1. Responder adequadamente a perguntas.</p> <p>5.3 Contar o número de sílabas numa palavra de 2, 3 ou 4 sílabas.</p> <p>8.1 Ler pequenos textos narrativos, informativos e descritivos; poemas e banda desenhada.</p>	<p>Intervalo da manhã: 10h 45min. às 11h 15 min.</p> <p>Após o toque do intervalo da manhã, os alunos dirigem-se à sala de aula e sentam-se no respetivo lugar. Para introduzir o caso de leitura “am”, “em”, “im”, “om” e “um” a PE pede aos alunos para abrirem o manual na página 152 (anexo 18). A PE reproduz o texto no gravador áudio e projeta no quadro interativo. Posto isto, a PE questiona os alunos sobre o texto: “O que acontecia no coreto do jardim?” Resposta Esperada: “No coreto do jardim, a banda do pinguim ensaiava para o concerto da tarde.” “Quando é que se iria realizar o concerto?” Resposta Esperada: “O concerto realizava-se à tarde.” “Quem é que comandava a banda?” Resposta Esperada: “Quem comandava a banda era o pinguim.” “Que mudança inesperada é que houve no tempo?” Resposta Esperada: “De repente chegaram as nuvens e a trovoadas”</p>	<p>Manual; Gravador áudio; Quadro interativo;</p>	<p>Das 11h15 min. às 12h 15 min. (60 min.)</p>	<p>Responde às perguntas da PE;</p>
--	--	--	---	--	-------------------------------------





<p><u>Gramática</u> (G1)</p>	<p>21.2 Formar singulares e plurais de nomes e adjetivos que seguem a regra geral (acrescentar -s ao singular), incluindo os que terminam em -m e fazem o plural em -ns.</p>	<p>“Do que é que o pinguim e o atum tiveram receio?” Resposta Esperada: “O pinguim e o atum tiveram medo que fosse um fiasco.” “O que comentavam as pessoas que assistiam ao concerto?” Resposta Esperada: “As pessoas comentavam que os músicos eram bons e que gostavam do tom.” “Como se sentiam os músicos no final do concerto?” Resposta Esperada: “No fim os músicos estavam delirantes.” “Como é que a banda festejou o seu sucesso?” Resposta Esperada: “A banda festejou o seu sucesso a brindar com o rum e comeram pudim.” Posto isto, a PE explica aos alunos que o caso de leitura “am”, “em”, “im”, “om” e “um” escrevem-se no final das palavras e antes das letras p ou b. Estes sons são nasais. Depois dos alunos serem questionados, a PE explica a ficha de trabalho que acompanha o texto (anexo 19) e pede aos alunos que façam autonomamente, depois dos alunos fazerem, a PE pede aos alunos para irem ao quadro, para fazer a correção da ficha de trabalho. Posto isto, a PE explica que para formar o plural das palavras terminadas em “m”, substituímos a letra “m” pelas letras “ns”. Para terminar a aula a PE apresenta um ppt (anexo 20) com adivinhas.</p> <p style="text-align: center;">Almoço: 12h15 min. às 13h45min.</p> <p>Depois do intervalo do almoço, os alunos dirigem-se à sala de aula e sentam-se nos seus lugares, posto isto, a PE pede aos alunos que abram o caderno de fichas na ficha 41 (anexo 21) e façam a ficha de trabalho. A PE começa por explicar a ficha de trabalho e pede aos alunos que a façam autonomamente, depois dos alunos fazerem a PE chama alunos ao quadro para fazerem a respetiva correção.</p>	<p>Ficha de trabalho; Lápis; Borracha; Quadro; Giz. Caderno de fichas; Power point</p>	<p>Das 13h45 min. às 14h15 min. (30 min.)</p>	<p>Faz a ficha do manual; Corrige por o quadro; Faz a ficha do caderno de fichas; Corrige por o quadro se a sua ficha está correta.</p>
----------------------------------	--	---	--	---	--





<p>Estudo do Meio</p> <p><u>Os aspetos físicos do meio local</u></p>	<p>2.2 A noite e o dia (comparar a duração do dia e da noite ao longo do ano...)</p>	<p>Para iniciar a aula de estudo do meio, a PE começa por colocar no quadro interativo a atividade “O tempo e as estações do ano”. Depois de os alunos visualizarem, a PE mostra imagens das diversas estações do ano (anexo 22) e questiona os alunos:</p> <p>“esta imagem corresponde a que estação do ano?”</p> <p>Resposta Esperada: “Pertence à estação do ano do inverno”</p> <p>“E esta?”</p> <p>Resposta Esperada: “À primavera”</p> <p>“E esta?”</p> <p>Resposta Esperada: “Ao verão”</p> <p>“E esta?”</p> <p>Resposta Esperada: “Ao outono”</p> <p>“Muito bem, e nas diferentes estações do ano quais são as diferenças que podemos observar no clima?”</p> <p>Resposta Esperada: “No inverno fica mais frio, na primavera começa a ficar mais quente, no verão fica muito calor e no outono volta a ficar o tempo mais fresco.”</p> <p>“Sabem me dizer o que acontece às plantas?”</p> <p>Resposta Esperada: “Na primavera as árvores e as plantas começam a florir, no verão as árvores dão frutos, no outono as folhas das árvores começam a cair e no inverno as árvores ficam sem folhas.”</p> <p>“E que roupas usamos?”</p> <p>Resposta Esperada: No inverno usamos roupas quentes, na primavera começamos a usar roupas mais frescas, no verão usamos roupas frescas e no outono voltamos a usar roupas mais quentes.</p> <p>Posto isto, a PE pede aos alunos para abrir o manual na página 96 (anexo</p>		<p>Das 14h15 min. às 15h45 min. (90 min.)</p>	<p>Responde às perguntas da PE.</p> <p>Diz quais são as estações do ano;</p> <p>Diz o que acontece às plantas nas diferentes estações do ano;</p> <p>Diz que roupas usar nas diferentes estações do ano;</p> <p>Faz a ficha do manual;</p> <p>Corrige por o quadro a ficha de trabalho.</p>
---	--	--	--	---	---





		<p>23). A PE explica a ficha e pede aos alunos que façam, depois dos alunos a PE chama um aluno ao quadro e pede aos alunos que façam e que corrijam por o quadro.</p> <p>Intervalo: 15h45m. às 16h30min.</p> <p>AEC 16h30min. às 17h30min.</p>		Das 16h30 min. às 17h30 min.	
--	--	---	--	--	--



Escola Básica da Igreja Meadela		Ano de escolaridade: 1º	Número de alunos: 24	Data: 30 / 05 / 2019		
Mestranda(s): Ana Isabel Marques e Helena Mesquita		Dia da semana: quinta-feira		Período: 3º		
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho		Materiais/recursos/ espaços físicos	Tempo	Avaliação
Português <u>Leitura e escrita (LE1)</u>		Início das atividades (9h15min.) Após o toque de entrada, os alunos dirigem-se para a sala de aula, sentando-se nos seus respetivos lugares. A Professora Estagiária inicia a aula por escrever no quadro a data e o alfabeto em maiúsculo e minúsculo (anexo 1). Em seguida a PE diz aos alunos que coloquem os cinco pontos no caderno diário para escreverem a data, o dia da semana, o nome e o alfabeto em maiúsculo e minúsculo. Como são crianças com 6/7 anos de idade e ainda não tem bem a noção de espaço a PE irá passar por o lugar das crianças para verificar se estas colocaram os pontos no local certo.		Quadro; Giz; Caderno diário.	Das 9h15 min. às 10h45 min. (90 min.)	
	5.3. Contar o número de sílabas numa palavra de 2, 3 ou 4 sílabas. 5.6. Indicar desenhos de objetos cujos nomes começam pelo mesmo fonema. 8.1. Ler	Após o toque para a entrada, os alunos dirigem-se à sala de aula e sentam-se no respetivo lugar. Para dar início à aula de português, a PE pede aos alunos que abram o caderno de fichas na página 58 e 59 para a correção do trabalho de casa (anexo 24) para fazer a devida correção. A correção será feita no quadro por os alunos.				





<u>Iniciação à Educação Literária (IEL1)</u> Matemática <u>Números e Operações (NO1)</u>	pequenos textos narrativos, informativos e descritivos; poemas e banda desenhada. 13.5. Elaborar e escrever uma frase simples, respeitando as regras de correspondência fonema – grafema. 16.1. Ouvir ler e ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.				
	1.2 Saber de memória a sequência dos nomes dos	Intervalo da manhã: 10h 45min. às 11h 15 min. Após o toque para a entrada, os alunos dirigem-se à sala de aula e sentam-se nos respetivos lugares. De forma a dar continuidade às revisões, a PE pede aos alunos que abram o manual na página 99 (anexo 25), a PE explica o que é para fazer nesta página e pede aos alunos que a façam autonomamente, após os	Manual; Lápis; Borracha; Quadro;	Das 11h15 min. às 12h 15 min.	Faz as fichas do manual; Verifica se





números naturais até vinte e utilizar corretamente os numerais do sistema decimal para os representar.	alunos fazerem a correção da mesma será feita no quadro. Posto isto, a PE apresenta um problema (anexo 26). Posto isto, a PE explica as páginas 100 e 101 (anexo 27) do manual pede aos alunos que façam. Depois de os alunos fazerem autonomamente são chamados alunos ao quadro para resolver os exercícios.	Giz. Problema.	(60 min.)	o que fez está correto.
2.1 Designar dez unidades por uma dezena e reconhecer que na representação «10» o algarismo «1» se encontra numa nova posição marcada pela colocação do «0».	Almoço: 12h15 min. às 13h45min. Após o toque para a entrada os alunos dirigem-se à sala de aula e sentam-se nos seus lugares. A PE pede aos alunos que abram o manual de matemática na página 113(anexo 28), depois de abrirem, a PE explica os problemas um a um e explica para que os alunos façam autonomamente. Depois dos alunos resolverem, a PE pede a um aluno que venha ao quadro resolver e explique como pensou. Após a resolução dos problemas, a PE pede aos alunos que abram o manual na página 115 (anexo 29), a PE explica o exercício e pede aos alunos que façam autonomamente, depois destes fazerem a correção será feita no quadro.	Manual; Lápis; Borracha; Quadro; Giz.	Das 13h45 min. às 14h45 min. (60 min.)	Faz as fichas de trabalho; Verifica se o que fez está correto.
3.5 Adicionar fluentemente dois números de um algarismo.	Aula de educação musical (lecionada por um professor contratado por o município)		Das 14h45 min. às 15h45 min.	
4.1 Resolver	Intervalo: 15h45m. às 16h30min. AEC 16h30min. às 17h30min.		Das 16h30 min. às 17h30 min.	





<u>Geometria e medida</u> <u>(GM1)</u>	<p>problemas de um passo envolvendo situações de juntar ou acrescentar.</p> <p>5.2 Utilizar corretamente o símbolo «-» e os termos «aditivo», «subtrativo» e «diferença».</p> <p>5.3 Utilizar e relacionar corretamente os termos «dia», «semana», «mês» e «ano».</p> <p>5.4. Conhecer o nome dos dias da semana e dos meses do ano.</p>				
---	--	--	--	--	--





Escola Básica da Igreja Meadela		Ano de escolaridade: 1º	Número de alunos: 24	Data: 31 / 05 / 2019		
Mestranda(s): Ana Isabel Marques e Helena Mesquita		Dia da semana: sexta-feira		Período: 3º		
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho		Materiais/recurs os/espacos físicos	Tempo	Avaliação
Estudo do meio <u>Os aspetos físicos do meio local</u>	2.3 Reconhecer diferentes formas sob as quais a água se encontra na natureza (rios, ribeiros, poços...).	Início das atividades (9h15min.) Atividades de comemoração do dia mundial da criança na ACEP. Almoço: 12h15 min. às 13h45min. Após o toque de entrada, os alunos dirigem-se para a sala de aula, sentando-se nos seus respetivos lugares. A Professora Estagiária inicia a aula por escrever no quadro a data e o alfabeto em maiúsculo e minúsculo (anexo 1). Em seguida a PE diz aos alunos que coloquem os cinco pontos no caderno diário para escreverem a data, o dia da semana, o nome e o alfabeto em maiúsculo e minúsculo. Como são crianças com 6/7 anos de idade e ainda não tem bem a noção de espaço a PE irá passar por o lugar das crianças para verificar se estas colocaram os pontos no local certo.		Quadro; Giz; Lápis; Borracha; Caderno diário.	Das 9h15 min. às 12h15 min. Das 13h45 min. às 15h15 min. (90 min.)	Responde às perguntas da PE; Faz as fichas de trabalho; Corrige por o quadro a
		Para iniciar a aula de estudo do meio, a PE começa por questionar os alunos: “Onde acham que podem encontrar água na natureza?” Resposta Esperada: “Nos lagos, nos rios, no mar, nos poços e nas fontes”. Posto isto, a PE explica a página 97 do manual (anexo 30) e pede aos alunos que a façam, depois dos alunos fazerem a correção será feita no quadro. Depois dos alunos fazerem, a PE pede que peguem no livro de fichas na ficha 9(anexo 31), a PE explica a ficha e pede que os alunos façam. Depois de estes fazerem a correção será feita no quadro.				





Educação Artística-Artes Visuais.	Descobrir progressivamente a intencionalidade e das suas experiências plásticas.	Depois da aula de estudo do meio é pedido aos alunos que façam um desenho sobre a sua manhã na ACEP, o que mais gostaram. Intervalo: 15h45m. às 16h30min. AEC 16h30min. às 17h30min.	Lápis; Borracha; Lápis de colorir; Folhas.	Das 15h15 min. às 15h45 min. (30 min.) Das 16h30 min. às 17h30 min.	fichas de trabalho.
-----------------------------------	--	--	---	--	---------------------

Anexo 1:

